

DEL

Escritoras
do Brasil

AVENTURAS
DE DIÓFANES

de
THERESA MARGARIDA
DA SILVA E ORTA

SENADO FEDERAL



AVENTURAS DE DIÓFANES, de Theresa Margarida da Silva e Orta, faz-se presente na *Coleção Escritoras do Brasil* como marco inaugural do romance em língua portuguesa de autoria feminina. O livro foi publicado em 1752, em Lisboa, sob o pseudônimo de Dorothea Engrassia Tavadeda Dalmira, anagrama perfeito do nome da autora (Dona Theresa Margarida da Silva e Orta).

A narrativa ambienta-se na Grécia da Antiguidade Clássica. O romance conta as aventuras e desventuras da família real de Tebas, que, em viagem para Delos, é atacada por inimigos. O rei, a rainha e a princesa são vendidos separadamente como escravos. Cada um dos três, sem saber do paradeiro dos demais, protagoniza situações desafiadoras em meio a sofrimentos e humilhações. A princesa, que, em fuga, assume identidade masculina, empreende a busca por seus pais. No reencontro, os personagens não se reconhecem em seus disfarces, reservando-se para o fim da aventura a retomada de suas identidades e condições.

Aventuras de Diófanes alegoriza a corte de João V, ao estilo de *roman à clef*. Theresa Margarida, por meio desta obra, aborda questões como a educação da mulher, o direito de escolher seu marido e sua participação ativa na vida social e política. No campo político, a obra critica o absolutismo, propõe eleições para governantes e posiciona-se como abolicionista.

Theresa Margarida da Silva e Orta nasceu no período colonial, entre 1711 e 1712, na cidade de São Paulo. Seu pai enriqueceu com a mineração no Brasil. Em Lisboa, era um dos homens mais ricos do Reino, tendo exercido a função de provedor da Casa da Moeda.

Theresa, acompanhando a família, mudou-se ainda menina para Lisboa, onde, na corte de João V, revelou-se uma intelectual que não se sujeitou aos ditames patriarcais. Uma mulher do Novo e do Velho Mundo: brasileira por nascimento; portuguesa por formação; universal por vocação. Theresa Margarida viveu quase a inteireza do século XVIII, foi súdita de três monarcas: João V, José I e Maria I. Desfrutou da amizade do diplomata Alexandre de Gusmão. Viu a ascensão e o declínio do Marquês de Pombal. Viveu sob a vigilância férrea da Inquisição portuguesa. Presenciou a tragédia do terremoto de 1755, em Lisboa. Morreu quatro anos após a Revolução Francesa. A sua obra *Aventuras de Diófanes* reflete este tempo.

O primeiro registro biobibliográfico de Theresa Margarida ocorre na *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (1682-1772), em que ela assim como seu irmão Mathias Ayres são mencionados no tomo IV, publicado em 1759. Este registro, feito sete anos após o lançamento da primeira edição de *Aventuras de Diófanes*, ficou esquecido nos estudos literários lusófonos. A escritora “ornada de sublime engenho e agudo entendimento” permaneceria desconhecida por quase dois séculos.

**AVENTURAS
DE DIÓFANES**

Senado Federal
Mesa Diretora
Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco
PRESIDENTE
Senador Veneziano Vital do Rêgo
1º VICE-PRESIDENTE
Senador Rodrigo Cunha
2º VICE-PRESIDENTE
Senador Rogério Carvalho
1º SECRETÁRIO
Senador Weverton
2º SECRETÁRIO
Senador Chico Rodrigues
3º SECRETÁRIO
Senador Styvenson Valentim
4º SECRETÁRIO

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli
1ª SUPLENTE
Senadora Ivete da Silveira
2ª SUPLENTE
Senador Dr. Hiran
3º SUPLENTE
Senador Mecias de Jesus
4º SUPLENTE
Ilana Trombka
DIRETORA-GERAL
Gustavo A. Sabóia Vieira
SECRETÁRIO-GERAL DA MESA

Conselho Editorial
Senador *Randolfe Rodrigues*
PRESIDENTE

Secretaria de Editoração e Publicações
Rafael André Chervenski da Silva
DIRETOR

Secretaria de Gestão da Informação e Documentação
Daliane Aparecida Silvério de Sousa
DIRETORA

Coleção Escritoras do Brasil, Volume XI

DONA THERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA
(DOROTHEA ENGRASSIA TAVAREDA DALMIRA)

AVENTURAS DE DIÓFANES

Apresentação

Ceila Maria Martins

Posfácio

Vera Lamanno-Adamo

Notas

Osmar Carmo Arouck Ferreira

Mariana Sanmartin de Mello

Brasília – 2024

SENADO FEDERAL



COLEÇÃO ESCRITORAS DO BRASIL

Coordenação: Biblioteca do Senado Federal – COBIB/SGIDOC

Comissão editorial: Alessandra Marinho da Silva, André Luiz Lopes de Alcântara, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares

Revisão e atualização ortográfica: Mariana Sanmartin de Mello (Secretaria de Edição e Publicações – SEGRAF)

Projeto Gráfico: Serviço de Formatação/SEGRAF

VOLUME 11 – Aventuras de Diófanos / Theresa Margarida da Silva e Orta

Supervisão editorial: Alessandra Marinho da Silva, André Luiz Lopes de Alcântara, Maria Helena de Almeida Freitas, Mônica Almeida Rizzo Soares, Osmar Carmo Arouck Ferreira e Stella Maria Vaz Santos Valadares.

Capa: Rodrigo Corrêa Ribeiro

Imagem de capa: Naturam Minerva perficit (A ciência aperfeiçoa a natureza), painel de azulejos, c. 1752, de Bartolomeu Antunes de Jesus. Claustro do Convento de São Francisco, Salvador, Bahia. Fotografia de Percival Tirapeli. Acervo digital da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

A produção literária de Theresa Margarida da Silva e Orta está em domínio público, conforme a Lei nº 9.610/1998. A obra *Aventuras de Diófanos* foi publicada originalmente na Officina de Miguel Manescal da Costa (Lisboa, Portugal) em 1752, sob o pseudônimo de Dorothea Engrassia Távareda Dalmira. O original desta obra faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Portugal.

Orta, Teresa Margarida da Silva e, 1711-1793.

Aventuras de Diófanos / Dona Theresa Margarida da Silva e Orta, (Dorothea Engrassia Távareda Dalmira) [pseud.] ; apresentação Ceila Maria Martins ; posfácio Vera Lamanno-Adamo ; notas Osmar Carmo Arouck Ferreira, Mariana Sanmartin de Mello. -- Brasília : Senado Federal, 2024.

256 p. -- (Coleção escritoras do Brasil ; v. 11)

Inclui notas explicativas, bibliográficas e bibliografia.

ISBN: 978-65-5676-482-5

1. Romance, Brasil. 2. Literatura, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD B869.3

Ficha elaborada por Cláudia Coimbra Diniz CRB-1 1179

Senado Federal

Praça dos Três Poderes

Brasília – DF

CEP 70165-900

<http://livraria.senado.leg.br>

SUMÁRIO

Nota dos Editores	7
Apresentação	11
Aventuras de Diófanes.....	23
Dedicatória	25
Prólogo	27
Livro I	31
Livro II.....	53
Livro III	63
Livro IV.....	90
Livro V.....	133
Livro VI.....	168
Protestação.....	215
Licenças	217
Licenças do Santo Ofício.....	219
Licença do Ordinário.....	223
Licença do Paço.....	226
Posfácio	229
Bibliografia sobre a autora e sua obra	241
Fontes consultadas.....	249

NOTA DOS EDITORES

Com o propósito de garantir a boa leitura e a integridade desta obra, escrita no século XVIII, observaram-se alguns procedimentos de caráter editorial tanto na revisão do texto como na inserção de notas elucidativas.

Para a elaboração desta edição, utilizou-se a 1ª edição (1752) e a 2ª edição (1777). Destaca-se que a edição de 1752 é a única que contém as censuras¹ e uma errata, aqui dispostas após o romance. A presente edição utilizou as correções indicadas na errata da 1ª edição. A obra é dividida em livros. Na edição de 1777, houve alteração na distribuição dos capítulos, passando de quatro para seis, alteração recepcionada.

Na 1ª edição, a autora adotou o pseudônimo ‘Dorothea Engrassia Taveda Dalmira’. Identificou-se, posteriormente, tratar-se do anagrama perfeito do nome da autora, incluindo o pronome de tratamento (Bloem, 1945, p. 315):

Dona Theresa Margarida da Silva e Orta

Dorothea Engrassia Taveda Dalmira

A pontuação foi mantida, tanto quanto possível, conforme a 1ª edição, de 1752. Houve alguns ajustes, especialmente no tocante a vírgulas, para adequar o texto à prática atual (pontuação geralmente baseada no critério sintático, não no prosódico ou retórico). Buscou-se, assim, aumentar a fluidez da leitura e mitigar um possível estranhamento do leitor moderno.

¹ As licenças e censuras constam apenas na 1ª edição, de 1752. A censura é o direito de revisão e exame de publicações para controle de conteúdo que pudesse ser considerado nocivo ao Estado (censura civil) ou à Igreja (censura eclesiástica). As licenças do Santo Ofício e do Ordinário são censuras eclesiásticas, e a licença do Paço é de natureza civil.

Na mesma linha, adotou-se a marcação dos diálogos de acordo com a prática editorial brasileira em voga, isto é: o início da fala de uma personagem coincidindo com abertura de parágrafo e travessão. Caso a fala seja muito extensa, desdobrando-se em vários parágrafos, cada um deles se inicia com aspas duplas, mas somente o último é encerrado com elas. Se a personagem cita outros diálogos dentro de sua fala, estes são marcados com aspas simples. Essas alterações se fizeram necessárias pois o texto original, assim como grande parte das obras dos séculos XVIII e XIX, foi produzido numa época em que não existia ainda a devida normalização e padronização editorial. Conforme destaca Othon M. Garcia em *Comunicação em Prosa Moderna*, no passado era mais comum cercar-se a oração do verbo *dicendi* – isto é, a fala do narrador intercalada nos diálogos – por meio de vírgulas. Atualmente, isso é feito mediante o uso de travessões, “para evitar, como acontece com frequência, que se confundam as palavras do autor com as da personagem” (Garcia, 2010, p. 149).

Percebeu-se que a autora, ao variar o uso dos pronomes *tu* e *vós*, algumas vezes utilizou forma verbal que não concordava com o pronome. Nessas ocorrências, optou-se por adequar o verbo ao pronome a que se referia, para manter a coerência do texto.

Também cabe destacar que a autora usa o verbo “haver” – que, pela tradição normativa, é impessoal no sentido de “existir” – no plural quando se refere a mais de uma pessoa ou objeto. Considerando que esse uso pode parecer incorreto para a maioria dos falantes cultos (apesar de alguns estudos apontarem que o emprego do plural nessas situações é relativamente comum, mesmo entre eles), adotou-se a forma singular em tais ocorrências.

O enredo de *Aventuras de Diófanes* desenvolve-se na Grécia Clássica. A autora faz uso de diversas citações da mitologia e da história gregas. Na análise de grafias e versões dos mitos citados na obra, pode-se supor que uma das fontes utilizadas pela autora tenha sido *Theatro de los dioses de la gentilidad*, de Frei Baltasar de Vitoria, publicado em 1620 e 1623. Para a elaboração de notas sobre os entes mitológicos foram utilizados os trabalhos de Junito Brandão (1986, 1993), Grimal (1992), Kury (2003) e Guimarães (2022). Segue-se, para a grafia refe-

rente à mitologia grega, aquela adotada por Junito Brandão. As notas referentes a antropônimos, topônimos e eventos foram elaboradas a partir da consulta à bibliografia referenciada no final deste livro.

A revisão do texto observou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Para as palavras arcaicas e obsoletas consultou-se o dicionário de Bluteau e Silva (1789), o Elucidário de Viterbo (1962) e o Dicionário etimológico de Machado Filho (2013); outros léxicos consultados estão relacionados na bibliografia.

Aventuras de Diófnanes possui um grande número de signos do hermetismo, e elementos do arcadismo, conforme observa Maria de Santa-Cruz (2002b).

Considerando que o uso de maiúsculas em certas palavras, nas primeiras edições, teria função própria para o entendimento cifrado do texto, em alguns casos, mantiveram-se as maiúsculas em termos que, pela lógica do texto, podem ter um significado particular.

Incluíram-se notas sobre fontes de citação ou menção de obras de outras autorias, quando foi possível identificar e localizar. Há citações explícitas, facilmente identificáveis, cuja fonte foi apontada em notas; há também citações implícitas sem indicação de autor ou obra. Essa pesquisa fica para estudos futuros.

APRESENTAÇÃO

Ceila Maria Ferreira Batista¹

O título, que oportunamente, neste ano de 2024, ganha nova edição, pela Coleção Escritoras do Brasil, da Biblioteca do Senado e do Senado Federal, é um marco da prosa literária em língua portuguesa. E fizemos questão de dizer oportunamente, por duas razões: a primeira é que em 2023, no dia 20 de outubro, fez 270 anos que faleceu Theresa Margarida da Silva e Orta. Ou seja, esta edição é uma comemoração do nome e da obra dessa autora. A segunda razão é que a importância da obra de Theresa Margarida não condiz com a pouca divulgação de seu nome, embora saibamos que o apagamento que ocorreu com sua obra e com seu nome é frequente em relação à produção literária escrita por mulheres (e não somente por mulheres).

Já alertava Walter Benjamin, em 1940, durante os horrores da Segunda Guerra Mundial, nas páginas de *Sobre o Conceito da História*, a respeito da importância e da necessidade de “escovar a história a contrapelo” (Benjamin, 2012, p. 245). E nós ainda sofremos os efeitos de um sistema centrado em desigualdades, como, por exemplo, as potencializadas pelo patriarcado.

Vale aqui destacar a importância da Coleção Escritoras do Brasil, pois tal Coleção vem contribuindo para que obras de autoria de mulheres escritoras voltem a circular e a ter possibilidade de serem lidas por um público leitor mais amplo, inclusive de críticas e de crí-

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal Fluminense. Escritora. Participa do Coletivo Narcisa Amália do Mulherio Rio das Letras. Pesquisadora do CNPq. E-mail: ceilaferreira@id.uff.br.

ticos literários da atualidade, além de serem transmitidas para novas e futuras gerações.

Podemos então afirmar que esta publicação é mais do que oportuna. É necessária.

Como já mencionamos, *Aventuras de Diófnanes ou Máximas de Virtude e Formosura* é um marco da prosa literária em língua portuguesa.

É muito provavelmente o primeiro romance escrito por uma mulher em língua portuguesa. Se não bastasse isto, para ser lembrado, apresenta um Prólogo que é verdadeira *Ars Poética* da prosa literária do século XVIII, podendo também contribuir para a discussão sobre *mimesis*, por exemplo. Além disso, faz menção a algumas das mulheres que, algum dia, tiveram reconhecimento público, mas que hoje são pouco lembradas. Ademais, ainda no capítulo de abertura, faz referências a dificuldades que um ser humano do sexo feminino enfrenta(va) para escrever e publicar uma obra. Uma obra que tem, como uma de suas protagonistas, uma mulher, Hemirena, que em determinado momento da narrativa se veste de homem. Tal atitude de Hemirena dialoga com a de Diadorim, de *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (1956). Esse autor, talvez, tenha lido o romance de Theresa Margarida na edição publicada, em 1945, pelo Instituto Nacional do Livro, com introdução de Rui Bloem, e, talvez, Hemirena tenha sido uma inspiração para a construção da famosa personagem roseana, assim como a tradição da donzela que vai à guerra, citada, por exemplo, por Saulo Gomes Thimóteo (2017).²

Ainda sobre Hemirena, tal personagem, disfarçada de homem, tem o nome alterado para Belino, embora o público leitor receba a informação de que se trata de Hemirena. E Hemirena/Belino é provida(o) de considerável força física, pois, entre outras ações, chega a salvar a vida de mais de uma pessoa em um naufrágio. Essa característica, ter força física, presente na personagem Hemirena, foi um tanto quanto eclipsada nas personagens que representam mulheres na literatura do século XIX, assim como na do século XX.

² Segundo Maria de Santa-Cruz (1990, p. 449), eram muito difundidas, nas chácaras do Brasil, narrativas sobre a donzela que vai à guerra.

Na própria personagem Hemirena/Belino há, na representação de Belino como homem e na de Hemirena como mulher, a convivência entre características que comumente somos levadas(os) a classificar, de maneira estanque, como masculinas ou como femininas.

Hemirena/Belino nos coloca diante de algumas perguntas centrais e necessárias, ainda neste século XXI, para, inclusive, construirmos uma sociedade inclusiva. O que é ser mulher? O que é ser homem? O que é feminino? O que é masculino? Quem é feminina(o)? Quem é masculina(o)?

Perguntas que foram e são encaradas, embora em perspectivas diferentes, por exemplo, em *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949), no recente *Feminismo em Comum: para todas, todes e todos*, de Márcia Tiburi, publicado em 2018, e em *Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade*, de Judith Butler.³

Outra questão importante, que pode ser suscitada com a leitura do romance de Theresa Margarida, é a da problematização do preconceito em relação ao diferente, seja ele humano ou não. Tal questão é enfrentada, por exemplo, em *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector (1964).⁴

Além de todas essas questões, o romance de autoria de Theresa Margarida nos ajuda a desenvolver um olhar filológico, crítico textual, porque nos coloca diante da necessidade de entendermos termos que estão um tanto quanto esquecidos, como o de estrangeirada(o), que denomina pessoas que teriam influência do pensamento iluminista francês, como Bartolomeu de Gusmão; seu irmão, Alexandre de Gusmão e a própria Theresa Margarida da Silva e Orta, todos eles nascidos no Brasil. E aí, somos levados(as) a uma outra interrogação: já havia

³ A edição da obra aqui citada de Judith Butler é a de 2018, da Civilização Brasileira, com tradução de Renato Aguiar e revisão técnica de Joel Birman. Pelas informações contidas na página que se segue à folha de rosto, da edição que citamos, podemos dizer que ela foi publicada pela primeira vez – e em inglês – em 1990 e, em português, pela Civilização Brasileira, no ano de 2003.

⁴ Em *Aventuras de Diófanes ou Máximas de Virtude e Formosura* tal discussão é transpassada pela preocupação em combater a intolerância, numa interlocução com o ideário iluminista. Para maiores informações sobre o Iluminismo na obra de Theresa Margarida ver Martins (2002).

uma espécie de sentido de brasilidade na altura em que foi escrito e publicado *Aventuras de Diófanes ou Máximas de Virtude e Formosura*? Muito provavelmente sim, mas essa também é uma ampla discussão.⁵

Podemos afirmar que a obra esteve presente no Brasil do século XVIII.

Segundo Jorge de Souza Araújo, em sua instigante tese de doutoramento, “Perfil do Leitor Colonial”, defendida em 1988, *Aventuras de Diófanes ou Máximas de Virtude e Formosura* esteve presente em muitas livrarias do Brasil de Setecentos.

Conforme Maria de Santa-Cruz, em seu vigoroso trabalho final de doutorado, há influência da obra de Theresa Margarida em *Statira*, e *Zoroastes*, de Lucas José D’Alvarenga (Santa-Cruz, 1990, p. 85). Vale salientar que a obra citada há pouco é, muito provavelmente, a primeira novela publicada no Brasil.⁶

Portanto, a prosa literária de Theresa Margarida, embora não citada em *Formação da Literatura Brasileira*, participa (participou?) do que Antonio Candido chamou de sistema literário, o qual articula, segundo Candido, autor-obra-público (Candido, 1993, p. 16).

Até hoje se discute se a obra de Theresa Margarida é parte da Literatura Brasileira ou da Literatura Portuguesa, e tal discussão também contribuiu e contribui para o silenciamento do nome dessa autora e para o apagamento de sua obra.

Em nossa tese de doutorado, defendida em 2002, na FFLCH-USP, afirmamos que Theresa Margarida é parte tanto da Literatura Brasileira como da Literatura Portuguesa e que sua obra em prosa literária é escrita com a pena da dualidade, num momento de transição: “Estava surgindo uma nova maneira de ver o mundo e de fazer literatura” (Martins, 2002, p. 34).

Theresa Margarida está sepultada na Igreja de Nossa Senhora da Misericórdia de Belas, Sintra, Portugal, mas, pelo que sabemos,

⁵ Conceição Flores (2006) afirma que sim em *As Aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta, em terras de Brasil e Portugal*.

⁶ Há uma edição e estudo de *Statira*, e *Zoroastes*, novela de Lucas José D’Alvarenga, por Gracinea Imaculada Oliveira. É uma tese de doutorado e foi orientada por Jacyntho Lins Brandão (UFMG).

não há, até o momento, placa que indique a presença de seus restos mortais naquela localidade. Contudo, nasceu no final de 1711 ou no início de 1712, na cidade de São Paulo, e foi ainda pequena, por volta dos cinco, seis anos, com a família, para Portugal.

Sua mãe, D. Catarina D’Orta, era também nascida em São Paulo, e seu pai, José Ramos da Silva, português, acumulou riqueza com a mineração, no Brasil, e chegou a ser provedor da Casa da Moeda de Lisboa.

Theresa Margarida, facultada pela situação financeira de sua família, teve, segundo Barbosa Machado (1759), esmerada educação, a qual a possibilitou escrever uma obra de erudição, de caráter didático e de preocupação com a educação das meninas, das mulheres.

Seu romance teve várias edições no século XVIII: duas em 1752; uma, com duas tiragens, em 1777; e pelo menos duas em 1790.

A primeira vez que veio a público, pelo menos da forma impressa, foi em 1752. Recebeu duas materializações: uma com gravuras de Debrie e outra com gravuras produzidas, provavelmente, com moldes de madeira.

A com gravuras de Debrie não traz todas as licenças necessárias para a obra circular, nem a errata, nem os “Pode Correr”.

A com figuras provavelmente produzidas com moldes de madeira traz todas as licenças necessárias para a obra circular na altura (a do Ordinário, a do Paço e a do Santo Ofício), a errata e os “Pode Correr”.

Tais edições, publicadas em 1752, trazem, na folha de rosto, o título de: *Maximas de Virtude e Formosura, com que Diofanes, Clymeneia, e Hemirena, Principes de Thebas, vencêrão os mais apertados lances da desgraça.*

A obra é oferecida à princesa D. Maria, futura rainha Maria I, e é publicada com o nome da autora encoberto pelo pseudônimo: Dorothea Engrassia Távareda Dalmira.

Ambas as edições de 1752 trazem o nome da Oficina de Miguel Manescal da Costa, Impressor do Santo Ofício, na folha de rosto.

Em 1777, após a autora passar nove anos presa no Mosteiro de Ferreira e Aves, sob a acusação de haver mentido ao rei, sai uma nova edição da obra, a qual recebeu uma segunda tiragem.

A primeira tiragem recebeu o título de *Aventuras de Diófanes, Imitando o Sapiientissimo Fenelon na Sua Viagem de Telemaco*, e manteve o pseudônimo, que encobre o nome da autora.

Já na segunda tiragem, na folha de rosto, foi acrescido o título que constava nas edições de 1752 e retirado o subtítulo que consta da primeira tiragem de 1777. Foi mantido o pseudônimo da autora e suprimida a dedicatória à princesa D. Maria, pois ela, em 1777, é a rainha D. Maria I.

Ainda conforme a história da transmissão da obra em questão, que aqui resumimos, em 1790, saem pelo menos duas de suas edições, que preservam o título da primeira tiragem de 1777. Contudo, apesar de também manterem o pseudônimo Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira, informam, na própria folha de rosto, que o verdadeiro autor da obra é Alexandre de Gusmão.

Não se conhece documento em que Theresa Margarida tenha reivindicado a autoria de *Aventuras de Diófanes ou Máximas de Virtude e Formosura*. Contudo, Theresa Margarida já havia passado pelo cárcere em Ferreira e Aves e estava com avançada idade, pelo menos para a época. Contava, em 1790, com 78 ou 79 anos.

Sobre a questão de autoria da obra, Barbosa Machado, contemporâneo de Theresa Margarida da Silva e Orta e de Alexandre de Gusmão, atribui, na famosa Biblioteca Lusitana (1759), a obra a Theresa Margarida.

Muito provavelmente, as mudanças de título e a atribuição de autoria a Alexandre de Gusmão, além de uma edição que saiu em 1818 com outro título – *Historia de Diofanes, Clymeneia e Hemirena, Principes de Thebas (História Moral)* –, sem menção ao pseudônimo da autora ou ao nome de Alexandre de Gusmão, e sim com a informação de que fora escrita por uma senhora portuguesa, além de ter sido publicada com apenas dois dos cinco capítulos de 1752, o que mutilou a obra e prejudicou e muito sua divulgação.⁷

Contudo, a obra, que defendemos ser de Theresa Margarida, teve edições, com bases diferentes, nos séculos XX (a de 1790) e XXI (a de

⁷ As edições de *Aventuras de Diófanes* de 1777 e 1790 apresentam seis capítulos, pois o quarto capítulo, das edições de 1752, foi dividido em dois.

1790 e a de 1752) e tem uma fortuna crítica que precisa ser resgatada do esquecimento.

Esperançamos, como diria Paulo Freire, que este número 11 da Coleção Escritoras do Brasil seja abraçado pelo público leitor e que possamos dizer, sobre *Aventuras de Diófanes ou Máximas de Virtude e Formosura*, o que escreveu a autora, com o pseudônimo Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira, nas páginas da obra que, neste volume, volta a ser transmitida: “É tempo para que as tuas máximas, que estiveram tão desconhecidas, venham a ter exercício entre a estimação das gentes [...]” (Martins, 2002, p. 6).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. 1988. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. 2 ed. Ilhéus: EDITUS, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. 2 v.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 241-262. (Obras escolhidas, 1).

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. v. 1.

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavadra [Theresa Margarida da Silva e Orta]. *Maximas de virtude, e formosura, com que Diofanes, Clyme-*

nea, e Hemirena, principes de Thebas, vencêrão os mais apertados lances da desgraça. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1752.

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavareda [Theresa Margarida da Silva e Orta]. *Aventuras de Diofanes, imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem de Telemaco*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1790. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38930>. Acesso em: 4 dez. 2023.

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavareda [Theresa Margarida da Silva e Orta]. *Aventuras de Diofanes, ou maximas de virtude, e formosura, com que Diofanes, Clymenea, e Hemirena, principes de Thebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38929>. Acesso em: 4 dez. 2023.

FLORES, Conceição. *As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal*. Natal: Opção Gráfica, 2006.

GARRETT, Almeida. A donzela que vai à guerra. In: THIMÓTEO, Saulo Gomes. *Um professor lê*. Campus Realeza, PR, 22 out. 2017. Disponível em: <https://umprofessorle.com.br/2017/10/22/donzela-que-vai-guerra/>. Acesso em: 20 set. 2023.

HISTORIA de Diofanes, Clymenea, e Hemirena, principes de Thebas: historia moral escrita por huma senhora portugueza. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1818. Com licença da meza do desembargo do Paço. Vende-se em casa editor F. B. O. de M. Mechas, no largo Caes de Sodré, nº R. A.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G. H.* Madrid: ALLCA XX, 1997. (Colección Archivos).

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759. t. 4 e 7.

MARTINS, Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues. *Entre as luzes e as sombras do iluminismo: uma edição crítica de aventuras de Diófanes ou máximas de virtude e formosura de Teresa Margarida da Silva*

e Orta. 2002. 401 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Gracinea Imaculada. *Edição e estudo da novela Statira, e Zoroastes, de Lucas Jose D’Alvarenga*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-AHXM9W>. Acesso em: 21 set. 2023.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanes*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. (Biblioteca popular brasileira, 17).

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

SANTA-CRUZ, Maria de. *Crítica e confluência em aventuras de Diófanes, 1752*. 1990. 690 f. Tese (Doutoramento) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1990.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

Margues
MAXIMAS
DE
VIRTUDE,
E
FORMOSURA,

1027/1 Com que Diofanes, Clymenea, e Hemirena, Principes de Thebas, vencêrão os mais apertados lances da desgraça,

OFFERECIDAS A'

PRINCEZA

NOSSA SENHORA

A SENHORA D. MARIA

FRANCISCA ISABEL JOSEFA ANTONIA

GERTRUDES RITA JOANNA

POR

DOROTHEA ENGRASSIA

TAVAREDA DALMIRA.



LISBOA

Na Officina de MIGUEL MANESCAL DE COSTA
Impressor do Santo Officio.

Anno M. DCC. LII.

Com todas as licenças necessarias



B. 8.245

AVENTURAS DE DIÓFANES



Dona Theresa Margarida da Silva e Orta
(Dorothea Engrassia Tavadeda Dalmira)

DEDICATÓRIA

Senhora.

Aos pés de V. Alteza¹ sobe, e reverente se prostra, aquela vontade que, há muito tempo elevada pelo mais bem-nascido afeto, aspira a tão sublime lugar para as oblações do respeito onde, pela benignidade soberana de V. Alteza, se me permite o repetir assim humildes votos da minha fidelíssima escravidão, quando o buscar na presença de V. Alteza a melhor luz a um espelho da verdadeira formosura, me anima a oferecer-lhe este pequeno livro, pois V. Alteza, para universal admiração, nasceu herdando as virtudes, a melhor formosura e o domínio dos ânimos; e, para que eu não chegue a padecer um Icário² arrojo, tropeçando no atrevimento e caindo em um mar de impossíveis, diga o assombro o que contempla o respeito e só cabe no silêncio. Nos triunfos e festas que os antigos dirigiam a Juno, Marte, Mercúrio, Júpiter, Berecíntia³ e Vênus, os festivos estrondos não produziam aplausos enquanto não se faziam grandes mercês; e das que V. Alteza fizer a esta obra, dando-lhe a luz de bem-vista, só podem nascer os aplausos para eu cantar a vitória; pois tão incontrastáveis são as forças do respeito que não temo armas contrárias quando a mais alta proteção me ampara. Bem reconheço a culpa da minha confiança; mas como esta, em sua defesa, oferece por documento a mesma obra, ainda que lhe é parte a ousadia, livra como menor, tendo fugido às prisões da ociosidade; e,

¹ A destinatária é D. Maria (1734-1816), princesa do Brasil, filha primogênita de D. José I, sua herdeira presuntiva. No frontispício da 1ª edição (1752) encontra-se a seguinte formulação: “oferecidas à princesa nossa senhora, a Senhora D. Maria Francisca Isabel Josefa Antônia Gertrudes Rita Joana”.

² Mit. gr.: refere-se a Ícaro, filho de Dédalo, cuja tentativa de voar com asas instaladas em seu corpo culminou com sua queda e consequente morte.

³ Mit. gr.: epíteto de Cibele, mãe dos deuses.

para que o meu arrojo não sinta o rigor da pena, lembre-se V. Alteza que quanto é maior a culpa tanto é o perdão mais glorioso, porque este foi sempre não só efeito, mas o maior atributo da grandeza. Deus guarde a V. Alteza tantos e tão felices⁴ anos como lhe roga a esperança desta Monarquia, para que em V. Alteza se vejam reproduzidas vitórias e aumentos de Portugal para glória maior de toda a Hespanha.⁵

De V. Alteza
fidelíssima escrava

Dorothea Engrassia Taveda Dalmira

⁴ Variação de “felizes”.

⁵ No sentido de Península Ibérica.

PRÓLOGO

Leitor prudente, bem sei que dirás ser o melhor método não dar satisfações, mas tenho razão particular que me obriga a dizer-te que não culpes a confiança, de que me revisto, para representar a figura dos doutos no teatro deste livro, pois nele basta que o natural instinto observe os preceitos da razão para satisfazer ao ardente desejo com que procuro infundir, nos ânimos daqueles por quem devo responder, o amor da honra, o horror da culpa, a inclinação às ciências, o perdoar a inimigos, a compaixão da pobreza e a constância nos trabalhos, porque foi só este o fim que me obrigou a desprezar as vozes com que o receio me advertia a própria incapacidade. E, como em toda a matéria pertence aos sábios advertir imperfeições, quando reparares em erros que desfigurem esta obra, lembre-te que é de mulher, que nas tristes sombras da ignorância suspira por advertir a algumas a gravidade de Estratônica, a constância de Zenóbia, a castidade de Hipona, a fidelidade de Políxena e a ciência de Cornélia.⁶ Também é certo que, para pintar Majestades, me faltam os pincéis de Apeles⁷ e não tenho a pena de Homero;⁸ mas, como sou estrangeira, tenho visto bastante para poder contemplar soberanas propriedades, assentando em que não há vapores tão elevados que possam formar sombras na grandeza do Olimpo.⁹ Se esta empresa não produzir efeito correspondente ao meu desejo, já me tem pago o trabalho, pois a tomei como remédio

⁶ Estratônica da Síria (c. 320 a.C.-254 a.C.), rainha do Império Selêucida. Zenóbia (séc. III), rainha de Palmira. Hipona, mulher da Grécia Antiga que, para fugir da violência sexual de piratas, atirou-se ao mar. Políxena, na mitologia grega, princesa troiana, filha de Hécuba e Príamo. Cornélia Metela (séc. I a.C.), esposa de Pompeu.

⁷ Apeles de Kos, pintor grego do séc. IV a.C.

⁸ Poeta da Grécia Antiga, a quem se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*.

⁹ Mit. gr.: morada dos deuses.

para divertir cuidados que principiavam a debilitar-me o sofrimento com todo o gênero de contratempos; pelo que foi preciso que a memória contradissesse a vontade, que de melancólicas apreensões se alimentava, e, seguindo cegamente o partido da confiança, chegou a entrar em alheios domínios: e assim, se neste pequeno livro achares cousa que te contente, não entendas que são adoções, pois confesso que da pequena esfera deste entendimento só nasce o inútil e, quando mais, o indiferente; e, ainda que me lembre de que, pelo muito que Fálaris¹⁰ considerou no ajustado das suas cartas, não as pode escurecer a sua maldade, pois tinham estimação em todo o mundo, eu me não embaraço em considerar ser mal desempenhada a imitação dos que dão à estampa os seus escritos, pois não tenho mais tempo que para refletir no alívio que recebo, percorrendo em trabalhos que aos meus excedem, quando se me representa a maior grandeza na grandeza abatida; a formosura sem indecentes adornos, adornada de virtudes; o sábio virtuoso, que entre os inimigos da verdade não se lhe apoucam as luzes que conduzem para a glória das Majestades; o prazer dos pais que chegam a ver bem sazoados¹¹ os frutos da boa educação; o horror com que os justos sabem ver o indigno aspecto da lisonja; e as mudanças do tempo, que sempre vêm a dar o seu a seu dono. Para ser sofrível o meu atrevimento, adverte que a morte me há de separar dos meus e que (só assim), ainda depois de me haver reduzido a alheios desenganos, lhes ficarei advertindo o que lhes convém; e tenho tão disposto o ânimo para sofrer os inimigos desta obra que já espero a crítica, assim como os valerosos¹² que têm por maior o trabalho de fugir que o de esperar, pois me anima o sólido prazer de que sobre as minhas ignorâncias se formem polidos edifícios com acertadas medidas para se praticarem científicas doutrinas. Acham-se as gentes tão dominadas de paixões particulares que muitas vezes só se estimam as obras para maltratarem os seus Autores, porque não advertem que empregar as forças do engenho e subtileza em destruir as da razão não é vencer os esplendores da verdade. Eu não tenho mais armas que o meu bom ânimo e verdadeira

¹⁰ Tirano de Agrigento, na Sicília, séc. VI a.C., notório por sua crueldade extrema.

¹¹ Prontos para serem colhidos; maduros.

¹² Que têm forças, esforçados, animosos; o mesmo que valerosos.

sinceridade, e com o maior prazer sofrerei que me repreendam os sábios; mas, para tolerar néscios¹³ mal-intencionados, será preciso refletir que com instrumentos grosseiros também se apuram os sofrimentos. Mais cruel foi a guerra dos Romanos com os Penos¹⁴ que a dos Gregos com os Troianos,¹⁵ porque estes pelejaram pela injúria de Helena¹⁶ e os outros sobre qual ficaria com o senhorio do mundo; porque faz maior estrago a inimizade que nasce de paixões desordenadas que aquelas a que as ofensas dão causa, porque estas cura o temor de Deus com o tempo, e a vil emulação raras vezes se descuida. Um dos defeitos que alguns acharão nesta obra será a ideia fantástica, podendo aplicar-se o mesmo tempo à história verdadeira; ao que respondo que me persuadiram os Espanhóis, Franceses e Italianos, que entendem ser este método o que produz melhor efeito; e, como de Grego não sei cousa alguma e as mais línguas pouco melhor as entendo, por não mendigar notícias antigas nem me arriscar a mentir errando, me resolvi a seguir o caminho desta ideia em que são os eventos e objetos fantásticos, mas não o essencial, que conduz para o melhor fim; pelo que não me achaquem mais culpas que o consentir na tentação de uma demasiada curiosidade, porque, ainda que a minha debilidade, engolfando-se em tristezas, resistia a aplicações divertidas, desprezei o descanso que me afligia, lembrando-me de ser incomparavelmente melhor sofrer o mal que ter ideias para o fazer; e, ainda que o justo receio e o próprio conhecimento me persuadiam a que estes produtos do meu divertimento fossem (como outros) reduzidos a cinzas, o sentir os influxos de uma benigna Estrela, a quem sempre seguirá a minha escravidão e reverente afeto, me anima a dar ao prelo estas *Aventuras de Diófanés*. Não estranhes que em uma serrana coubessem os soberanos pensamentos, pois sabes que em uma Aldeia nasceu Pirro,¹⁷ que venceu os

¹³ Pessoas desprovidas de conhecimento; ignorantes.

¹⁴ Refere-se às Guerras Púnicas, entre romanos e cartagineses (*poenus*), ocorridas de 264 a 146 a.C.

¹⁵ Refere-se à mítica Guerra de Troia, narrada por Homero na *Ilíada*.

¹⁶ Na mitologia grega, filha de Zeus e de Leda. Esposa do rei Menelau de Esparta. Fugiu com Páris para Troia.

¹⁷ Militar, rei de Epiro e da Macedônia, 319-272 a.C.

Epirotas; em outra, Cipião,¹⁸ que venceu os Africanos;¹⁹ em outra, Otávio,²⁰ que venceu os Germanos; e em outra, Tito,²¹ que venceu os Palestinos;²² mas, no caso que a enchente das críticas engrossar tanto que cheguem a sátiras, nem assim creias que me chegarão à notícia, porque vivo na minha choupana vizinha da Serra da Estrela,²³ aonde não chegam novidades da Corte; mas, se houver quem se resolva a maltratar-me, eu lhe respondo com Demétrio,²⁴ quando lhe perguntou Lâmia²⁵ por que estava triste e não falava, dizendo: Deixa-me, que eu faço tão bem o meu ofício calando como tu o teu, falando; e, se a discrição degenerar, sendo ingrata às intenções desta obra, a infâmia de ser tal terei por satisfação do meu agravo.

¹⁸ Cipião Africano, militar, político e estadista romano, séc. III e II a.C.

¹⁹ Refere-se à Batalha de Zama (202 a.C.), quando o exército romano, liderado por Cipião Africano, derrotou as forças de Cartago, lideradas por Aníbal Barca, pondo fim à Segunda Guerra Púnica.

²⁰ Otávio Augusto, primeiro imperador romano, séc. I a.C., venceu as tribos germânicas em várias campanhas militares.

²¹ Comandante militar, depois imperador romano, séc. I a.C.

²² Refere-se à primeira guerra judaico-romana, em 67-70 a.C.

²³ Cadeia montanhosa na Região das Beiras, em Portugal.

²⁴ Demétrio I da Macedônia (c. 336-283 a.C.)

²⁵ Lâmia de Atenas (séc. III a.C.), cortesã, amante de Demétrio I da Macedônia.

LIVRO I

Sumário

Embarcando os Reis de Tebas, Diófanes e Climeneia, com seus filhos Almeno e Hemirena, que se achava desposada com Arnesto, Príncipe de Delos, que, pela ocasião dos Jogos públicos, a que devia assistir, os esperava na mesma Ilha com prevenidos festejos para celebrarem as bodas, uma tormenta desbaratou a esquadra que acompanhava a Diófanes, e o entregou aos de Argos, seus inimigos, que no combate mataram a Almeno e venderam Diófanes para Corinto; Climeneia e Hemirena ficaram em Argos, ainda que muito distantes; e, depois de três anos da mais cruel escravidão, venderam Hemirena para Atenas, donde fugiu às estimações e grandezas por não desprezar os preceitos do decoro.

Determinava²⁶ Diófanes achar-se na Ilha de Delos²⁷ para assistir à função dos Jogos públicos, que ali se faziam em reverência de Apolo,²⁸ em cujo templo se devia contrair o himeneu²⁹ de Arnesto, Príncipe da mesma Ilha, com a Princesa Hemirena, funções para que haviam concorrido muitos Príncipes Estrangeiros. Embarcou Diófanes, Climeneia, sua mulher, e seus dois filhos, Almeno e Hemirena, levando uma esquadra em sua guarda, conforme pedia a decência. Em uma enganosa madrugada, se despediram de Tebas,³⁰ entregando as velas ao

²⁶ Neste contexto, no sentido de tomar uma resolução; resolver; planejar.

²⁷ Ilha da Grécia, integrante das Cíclades, no norte do Mar Egeu. Local onde nasceu Apolo.

²⁸ Mit. gr.: filho de Zeus e de Leto. Irmão gêmeo de Ártemis.

²⁹ Casamento.

³⁰ Cidade-estado da Grécia Antiga localizada na região da Beócia, na região central da Grécia.

benigno Zéfiro,³¹ que aos matizados galhardetes animava com alegres movimentos. Soavam os instrumentos no mar ao compasso em que as vozes repetiam em terra os vivas daqueles Soberanos, que em grande extremo eram amados dos vassalos, porque em seus Domínios davam leis a justiça e a clemência, e o seu exemplo, a melhor direção para os costumes; e, ainda que se entendia seguiriam o rumo das felicidades, e não seria dilatada a sua ausência, era grande a tristeza de seus vassalos, que só resignados nas vontades daqueles Príncipes queriam mostrar, com cânticos, que as lágrimas eram nascidas do júbilo; mas na despedida se declararam filhas da saudade, a qual consolavam com o Príncipe Bireno, a quem os poucos anos dispensava a assistência daqueles Jogos.

Apenas perderam de vista as saudosas praias quando, ensobrecendo-se as ondas, parecia que ameaçavam aos navegantes, indo a encontrar-se com eles. Pouco a pouco se foi cobrindo de feias nuvens o Céu e se trocou o dia em noite, mostrando-se no furioso vento a formidável imagem da morte. Já aos Marinheiros, esquecidos das grinaldas de flores com que haviam saído de Tebas, se representava que Netuno,³² apertando o soberbo tridente, vinha contra eles irado; pelo que, dando vozes, queriam mover a sua compaixão. Diófanes, com sossego, animava a gente e enxugava as lágrimas da filha, ao mesmo tempo que a prudente consorte, não obstante a gravidade do perigo, havia mandado o querido filho a tomar parte na fadiga, lembrando-se de que assim se faz aos servos menos pesado o trabalho e que parece que os elementos respeitam os Príncipes que não temem os contratempos nem se negam aos seus rigores. Quando cessou a borrasca,³³ descansou a maior parte da gente, porque não advertiam que a desgraça faz maior emprego por andar vigilante nos descuidos; e, depois de se haverem rendido a Morfeu,³⁴ se acharam vencidos de duas naus³⁵

³¹ Personificação mitológica do vento oeste.

³² Mit. rom.: deus dos mares (gr.: Posídon).

³³ Forte temporal repentino com chuva e vento muito intensos.

³⁴ Adormeceram. Morfeu, na mitologia grega, era um dos mil filhos de Hipno (o Sono) e apresentava-se em forma humana nos sonhos dos mortais.

³⁵ Navios de grande porte.

Argolinas;³⁶ que, como aqueles Soberanos estavam destinados para os mais raros trabalhos, não foi muito que se desbaratassem as da sua esquadra, indo arribar³⁷ a Tebas, onde com inexplicável sentimento choravam, persuadidos de que as ondas tragariam a seus amados Senhores; e, como havia sido mais atrevida a desgraça, quando estes se viram em mãos inimigas, querendo defender-se, foi inútil toda a diligência pela vantagem que já lhes haviam ganhado. Climeneia, com igual valor que piedade, animava os que pelejavam e acudia aos feridos, não bastando a morte do amado filho, que acabara à vista de seus olhos, para dar mais lugar à mágoa que à fortaleza, e com perda de muita gente os cativaram.

Passados dous dias da sua desgraça, chegaram os bárbaros ao seu porto, para onde o rigor da desventura havia conduzido a Diófanes e sua desconsolada família, que, tendo lugar para os magoados desaforços, choravam a morte de Almeno, suspiravam pela liberdade e não perdiam a lembrança dos cuidados e amantes delírios de Arnesto, que, com finíssimos extremos, havia pretendido a bela Hemirena. Não se ouviam naquele desembarque mais que os lastimosos clamores ao Céu, com que uns se lembravam dos que haviam deixado e outros choravam sua triste escravidão. Diófanes e Climeneia (a quem mais magoava a filha, que levavam) com inexplicável conformidade a dispunham para trocar os descansos pelas fadigas; e Hemirena, discretamente aflita, animava a magoada mãe, dizendo:

– Suspendei, Senhora, as correntes do amargo pranto, se acaso mais vos afligem a meu respeito os pesados grillhões da escravidão; nem seja cruel despertador do vosso cuidado a perigosa idade em que me vedes, que eu juro aos deuses, que me sustentam, fazer sempre ações dignas de quem teve lugar nas vossas entranhas.

A este tempo, em que as lágrimas e suspiros mais vivamente expressavam o sentimento, se repartiram os escravos, negando a filha aos olhos da mãe; e Diófanes, por chegar malferido, o venderam para

³⁶ Oriundas de Argos, cidade do Peloponeso, capital da Argólia. Na 3ª edição (1790) ocorreu a grafia “argelinas”, provavelmente por erro de composição tipográfica.

³⁷ Termo náutico: alcançar o porto; aportar.

Corinto³⁸ por preço muito limitado, entendendo teria poucos dias de vida; e, como via chegar o tempo da sua separação:

– Amada filha – disse –, já que a tão miserável estado te reduziu a minha cruel fortuna, conserva sem desmaios³⁹ as sólidas doutrinas da tua educação, o exercício das virtudes e a lembrança da distinção com que nasceste, para sempre serem nobres as tuas ações; teme os Deuses, ama constante o decoro, despreza o ócio e serve o teu destino.

Ao que Hemirena só respondia com o pranto. E, voltando Diófanes os tristes olhos para Climeneia:

– Consorte amada – lhe disse –, vive e conserva na fortaleza do ânimo o melhor instrumento para as vitórias e resiste, fiel, aos assaltos da desventura.

A estas palavras respondeu a aflita Climeneia, apertando em seus braços ora a Diófanes, ora a Hemirena:

– Consorte amado, querida filha, filha das minhas entranhas, eu vos deixo; mas não eu, que o fado⁴⁰ adverso de vós me aparta. Ai de mim! Vivo, morro, sonho, ou que sinto? Ó Deuses benignos, o vosso poder me ampare.

Chegava suavemente o rosto ora a um, ora a outro, que reciprocamente em lágrimas se banhavam, quando já aqueles tiranos, enfadados de tão larga despedida, os separaram; e, deixando a Hemirena desmaiada, levaram Climeneia, que, enquanto o permitiu a distância, voltava, em contínuos soluços, buscando com os olhos o seu último alívio. Diófanes se recolheu a uma pequena casa, onde determinaram se lhe curassem as feridas; Hemirena, mal restituída aos sentidos, foi levada a casa de Hortélio, capitão de uma das naus.

Os pesares apostavam ver-lhe extinto o sofrimento, porque também lhe faltava a saúde; e, quando a principiava a conciliar, entrou a cruel inveja no coração de Anquísia, filha de Hortélio, que, como de cada vez via resplandecer mais a sua formosura na agradável moderação com que padecia os desprezos, os castigos e a fome, excogitava, com

³⁸ Cidade da Grécia Antiga, na região do Peloponeso.

³⁹ Enfraquecimento, esmorecimento.

⁴⁰ Destino; sorte.

a sua ferocidade, os meios que podia haver para quebrantar tanta formosura e tão amável como constante virtude. A compaixão com que Hortélio observava as belas qualidades de Hemirena lhe reforçava os tormentos, pelos novos trabalhos que lhe causava a abominável inveja: e, como os parentes daqueles bárbaros, e mais pessoas que a viam, admiravam a sua beleza e grata severidade, tomou Anquísia o acordo de a mandar trabalhar para o campo, recomendando aos rigores do tempo os desmaios da formosura.

Túrnio, Pastor dos rebanhos de Carmino, irmão de Anquísia, namorado de Hemirena, pediu a Anquísia quisesse consentir que lhe desse a mão de esposa, e lhe disse:

– Sabei, Senhora, que o amor, que nem perdoa aos Pastores, me traz à vossa presença para que me concedais para esposa a bela Hemirena; pelo que me ofereço em seu lugar para vosso escravo; porque, depois que eu a vi, as ovelhas come de noite o lobo, os cordeirinhos morrem, faltando-lhes o leite, as cabras fogem e os carneiros se me furtam, porque só me lembro de Hemirena.

Anquísia, que com enfado o estava ouvindo, lhe perguntou qual era a causa de tanto excesso, pois havia mais belas Pastoras, e Hemirena era soberba? Ao que lhe respondeu com verdadeira sinceridade:

– Ah, senhora, que vós não a vistes como eu a vejo, ou creio que estais zombando, pois todos no campo dizem o mesmo, e que sois tirana em o mal que a tratais. A primeira vez que eu a vi, estava falando a um homem que dizia ser seu pai, que aqui perto se curara das feridas que havia recebido no combate, e que no dia seguinte havia de fazer jornada com seus senhores; e, ainda que as meninas dos olhos de Hemirena se estavam lavando em lágrimas, ela estava tão formosa que ninguém a via que a não amasse; e vosso irmão Carmino então mesmo dizia: “Aquela beleza sem afetação nem enfeites, aquela natural e agradável modéstia e aquela prudência discreta em cada palavra das poucas que diz parece que dilata o seu império nos corações”. E isto dizia ele lá a um da Cidade; mas eu tomei sentido e não me esquece. Ah, que se vós a vísseis no trabalho, sem levantar os olhos; e quando o vento e a chuva sem compaixão a perseguem, fazendo inveja às açucenas; ou sendo a injúria das rosas, quando o Sol e o trabalho a

cansam! Enfim vós me haveis de valer, porque eu morro sem remédio; e, ainda que ela não me atende, e por lá todos a querem, eu lhe quero mais que todos: e Carmino, que sabe quanto eu a estimo, não há de ser contra mim.

– Vai-te, que já me cansa o sofrer-te – lhe respondeu Anquísia –, tu falas como rústico⁴¹ e Carmino como néscio.

Dizendo estas palavras se retirou, deixando desconsoladíssimo o pobre Pastor, em que a sinceridade competia com o afeto; pelo que, determinada, buscava quem lhe tirasse a vida. À noite, em se recolhendo Hemirena para casa, aflita, e de cada vez mais cansada, achou Anquísia em tal extremo colérica que, tratando-a mal, a fez recolher a uma casa onde determinava que a matasse a fome. Chegando pouco depois Carmino, e lembrando-lhe o que ouvira a Túrnio, quis falar a Hemirena; e, sabendo da cruel sentença que ela tinha ouvido, originou tal desordem que a todos fazia horror ouvir as palavras desconcertadas e os desordenados gritos que produziam a raiva e ódio (disformes partos da inveja). Foi Hemirena tirada do cárcere privado em que esteve três dias; e, vendo a desunião que ela sem culpa ocasionara, se lançou aos pés de Anquísia, a quem, com muitas lágrimas, disse:

– Castigai-me, senhora, conforme vos ditar a minha inutilidade. Eu vejo que não tenho sabido servir-vos, pelo que é bem justificado o vosso aborrecimento. Eu amo o vosso rigor, pois que o mereço, quanto me aflige que vosso irmão queira valer-me; e, se tendes humanos sentimentos, por compaixão me tirai a vida, antes que os Deuses soberanos deixem de fortalecer-me.

Ouvindo estas palavras, Anquísia gritou mais alto de confusa, dizendo:

– Vai-te da minha presença, pois que não sou insensível como tu; e sabe que já nem quero dar-te a morte, porque nem assim descanses; e, para que os teus olhos não dilatam o seu império em os corações, eu tos saberei tirar.

E, investindo furiosa, como a tirar-lhos, Carmino a deteve; e, depois de um largo trabalho, consentiu que se vendesse para fora do

⁴¹ Camponês, indivíduo que vive no meio rural.

Reino, por lhe ser oculto que a pretendiam uns estrangeiros que por sua beleza a desejavam oferecer a Beraniza, Princesa de Atenas.⁴² Em o dia seguinte se celebrou a venda, indo Hemirena para outro domínio novamente, aflita e assustada.

Túrnio, sabendo aquela novidade, e antevendo acabar a sua esperança, se queixava de sua desgraça, dizendo:

– Ai de mim! Que nome terá este mal, de que eu acabo a vida? Já não vejo a estrela da alva, os rios já correm turbos.⁴³ Ditosos cordeirinhos, que não sentis o que eu padeço! Onde está a formosura, que fazia o dia mais claro? Eu me queixava pelo que via, agora vejo o de que morro. Não quero guardar os rebanhos, nem já me guardarei a mim, a ver se me matam os lobos. Onde estou? Não sei que faço. Hemirena, Hemirena.

A este tempo, ouvindo o eco, em mais delírios dizia, desconfiado:

– Mas ai que estão zombando de mim outros Pastores! Zombem embora, que eu de todos me hei de rir, quando morrer. Mas que digo? Eu estou louco? Pois não me falam, e eu ouço vozes? Não sei onde está Hemirena, mas eu a sinto comigo: e assim louco ou perdido vou correndo a buscá-la.

Chegando o pobre Pastor a casa, e sabendo que fora para os estrangeiros a inocente causa de seus desatinos, caminhou depressa, tomando o acordo de se não separar da porta daquela casa para onde Hemirena se havia recolhido; e, perdendo de todo a pequena parte que, àquele tempo, tinha de entendimento, ora tocava na flauta pastoril tão fortemente que parecia querer perder o alento, ora cantava canções com que, quando guardava os rebanhos, lhe dizia o seu amor; mas tudo correndo-lhe as lágrimas, e era tal a força com que cantava que, pela muita distância em que se ouvia, ninguém crera que era uma só voz se se não visse, e o sucesso o não acreditara. Em o quinto dia de seu lacrimoso canto, se calou, rendendo o alento nas mãos da morte, sem que até ali pessoa alguma pudesse dele conseguir o tirar-se daquele lugar, ou que deixasse aquele exercício que a sua amante loucura havia empreendido; pois, não crendo na ausência de Hemirena, dizia

⁴² Cidade-estado da Grécia Antiga localizada na península Ática.

⁴³ Forma arcaica de “turbos”.

que a escondiam e queria que, onde quer que ela estava, ouvisse que ele se não esquecia, nem queria mais descanso que em buscar a sua compaixão, a qual esperava que a obrigasse a falar-lhe: e isto mesmo respondia cantando, por que nem perdesse aquele tempo.

Hemirena, que logo havia partido para Atenas, ignorando os efeitos de sua cândida beleza, chegou a ser oferecida a Beraniza, que, mostrando-se agradecida a Artemisto, a aceitou com mostras de contentamento e ordenou se lhe desse bom aposento e fosse bem tratada; e, como naquele dia estava para sair à caça, mandou fosse a descansar e que no seguinte tornasse à sua presença, pois queria saber os costumes do seu país. Logo foram vê-la as servas de Beraniza, que com agrado a cumprimentaram e proveram do preciso, pois não tinha mais que o bom vestido com que fora oferecida. No dia seguinte foi levada à presença das Princesas Beraniza e Argeneia e, com aquele agasalho e urbanidade com que as Majestades fazem docemente escravos os seus vassallos, lhe perguntaram os sucessos da viagem em que a cativaram, a que logo responderam as lágrimas de Hemirena, que com a melhor retórica faziam a narração de seus infortúnios; e, como quem sabe mandar não ignora a arte de obedecer, lhes disse:

– Nasci em Tebas; e, indo ver uns Jogos públicos de país estranho, uma tormenta me negou o porto que buscava e conduziu às mãos de bárbaros inimigos; e, quando eu descansava, sonhando com a bonança, me despertou a desgraça, para chorar com acordo, que os trabalhos duram sempre, e é falso qualquer pequeno descanso. Os que podiam manear as armas as tomaram, jurando não largá-las enquanto lhes durasse a vida, o que sucedeu à maior parte da gente; mas não tiveram todos tanta fortuna, que não fôssemos cativos. Não se ouviam mais que os tristes clamores dos que pedíamos socorro aos Céus, sem que se movessem de nossas vozes, ou para que com horrendos trabalhos nos fizéssemos dignos de felicidades, ou porque não as gozásssemos sem os méritos que nas fadigas se alcançam.

– De que viviam teus pais? – lhe perguntou Beraniza, parecendo-lhe que, sabendo Hemirena explicar-se tão agradavelmente, não seria mulher ordinária. Ao que respondeu, depois de um pequeno intervalo em que mostrou a renitência que tinha em dizê-lo:

– Duvido, Senhora, se meus pais me ordenaram que o não revelasse, e assim espero que a vossa grandeza me dispense de responder-vos.

– Basta – lhe disse. – Continua a tua história. Mas dize-me: como consentiram separarem-se de ti os que haviam sido origem de tanta beleza e discrição?

– Muito pediram aos bárbaros – lhe respondeu – que nos não dividissem: mas não quiseram deixar de fazer o primeiro ensaio da sua tirania, ou talvez deveriam fazer assim a cruel partilha. A meus pais, naquele triste caso, parecia se chegava o último transe, pois na precisa despedida mostravam as mais vivas representações da morte. Desejava eu perder ali os últimos alentos da vida, para diminuir a primeira causa de seu justo cuidado. Ambos, com trêmulas vozes, mostravam quererem dizer-me Adeus, mas sem acabarem de despedir-se. Nesta incrível consternação, vendo também que os bárbaros nos maltratavam, enfadados de tão larga despedida, perdi os sentidos. Tornando à inteira restituição deles, me vi em uma casa, sem pai, mãe ou pessoa alguma de minha nação, e com repetido pranto e mal articuladas palavras perguntava pelos meus, sem que eu de alguém fosse entendida. Eram contínuos os clamores com que se explicava a minha sem igual saudade; e, sem alívio, consolação ou esperança, perdi o amor da vida, porque só me lisonjeavam as recordações da morte. A luz do dia sempre me pareceu escura, e muito breves as sombras da noite, que me retiravam de ver uns racionais, que temia como brutos⁴⁴ ferozes. Muitos dias passei, servindo-me só de alimento a água que bebia; e, principiando a experimentar uma desgraçada melhora, me pareceu se faria imenso o meu mal.

“Os dias passavam em contínuas lágrimas e suspiros; as noites, em mil sonhos, que com falsas alegrias me enganavam, crendo, umas vezes, que me via na suspirada pátria e, outras, que encontrava a meus carinhosos pais, a quem, dando logo os braços, dizia com incrível alvoroço: ‘Chegou, enfim, a ser ditosa a minha esperança, pois alcanço a felicidade de ver-vos.’ E, como o coração, onde são domésticos os pesares, nem consente nas sombras de alegria, logo me advertia o receio serem seus espíritos bem-aventurados que, havendo compaixão a

⁴⁴ Animais selvagens.

tantos infortúnios, talvez viessem a fortalecer-me dos campos ditosos onde, entre sólidos prazeres, estão as almas gozando de suas virtudes: e, com um mar de lágrimas, se me fingia no desacordo voltar os olhos aos Céus, dizendo: ‘Vós, que sabeis qual é a consolação que recebo em vê-los, não consentais que eu deles me aparte.’ É inexplicável a alegria que eu assim estava recebendo, a qual não era como as que dão os divertimentos, de que sempre ouvi dizer que se envenenavam as gentes e se geravam os inquietos remordimentos; que, como esta era a mais bem-nascida filha da Razão, tudo era aquela feliz tranquilidade que mais arrebatava quanto mais a ela nos entregamos. Nestas suaves considerações, acordava, tornando novamente a chorar o terem sido mais ditosas aquelas que estas lágrimas; e então, mais vivamente voltando para os benignos Deuses, lhes dizia: ‘Antes me entregai ao poder das Fúrias⁴⁵ que naufraguem no turbo Lete⁴⁶ os avisos de meus bons progenitores.’ Oh, quanto são felices os que chegam a ver todas as luzes da virtude e lhe sabem dar o verdadeiro culto, deixando de perturbar a paz dos que a amam!”

– Foste bem tratada nessa casa? – lhe perguntou Argeneia.

– Os primeiros meses – respondeu Hemirena –, como a minha larga moléstia me não dava alento para servi-los, me assistia uma velha caritativa: e ali iam todos ver-me, como se fosse bicho de feitiço estranho trazido dos mais remotos confins do mundo; e, como Hortélio, antes de ir continuar o seu curso, deixou recomendado a seus filhos Carmindo e Anquísia que, se eu tivesse inteira melhora, me conduzissem à sua mesa, porque, ainda que ignoravam quem eu era, deviam ter atenção à compaixão e amparo que se devem aos desgraçados, nos primeiros dias me chamava Anquísia sem repugnância; mas, como me principiou a tomar aversão, já não sofria ver-me naquele lugar. Pouco a pouco se foi introduzindo o veneno que a atormentava, até que chegou a um excesso de braveza formidável, em que, furiosa,

⁴⁵ Mit. rom.: deusas violentas do mundo infernal. Guardiãs das leis da natureza e da ordem das coisas. Vingadoras dos crimes, sobretudo do sangue parental derramado (gr.: Erínias).

⁴⁶ Mit. gr.: um dos rios do Hades, chamado o rio do esquecimento. Os mortos bebiam das águas deste rio para esquecerem suas vidas na Terra.

parecia que dominavam nela as filhas de Aqueronte,⁴⁷ sem mais razão para a sua loucura que a compaixão que Carmino dizia ter de mim, julgando-me com prendas que eu jamais havia em mim conhecido.

“Franésia, que também ali vivia por ser mulher de Gilarco, irmão de Carmino, pelo mesmo estilo se perturbava. Principiavam entre si a desunir-se sobre questão que altercavam; e, continuando a disputa, se iam enfurecendo, de sorte que a família, nos primeiros dias, acudia com susto aos gritos e, nos subsequentes, como a buscar um divertimento: uns se compadeciam do triste estado em que me viam; outros se retiravam a buscar o desafoço do riso e tornavam a ver o fim daquela desordem, na qual ordinariamente sucedia que, com a exasperação das fúrias, as duas irmãs, mordendo-se e arrancando cabelos, faziam encolerizar tanto a Gilarco e Carmino que, com demonstrações da sua intolerância, me deixavam entregue ao poder da sem-razão. Deixo à vossa prudência o ajuizar os trabalhos que àqueles se me seguiriam.”

– Mas qual era a causa de tanta inquietação? – lhe perguntou Argeneia, que, de admirada, parecia que imóvel a tinha estado ouvindo.

– Quando eu pude entender bem as frases grosseiras com que se explicavam – lhe respondeu –, soube que em uma obravam zelos indiscretos e, em outra, inveja dos louvores que de mim se lhe diziam (vícios horrorosos bem costumados a alimentarem-se dos corações que cegamente se deixam possuir deles). Mas eu nunca pude crer que só esta fosse a causa, porque, para fundamento de zelos, não havia nem o mais leve motivo; e, para inveja (além da vileza que comunica a quem lhe dá entrada), nunca soube que em mim houvesse virtudes para invejar; porque a formosura e mais prendas, se são sujeitas ao tempo, que multiplica os invejosos, ele cura o mal que os atormenta.

“Em os primeiros tempos, não me podendo capacitar do que entendia, reparava que uns se riam muito, outros com cautela, e que Anquísia e Franésia investiam comigo; e, nesta aflição, levantava os olhos ao Céu, dizendo: ‘Ó Deuses tiranos, que novo gênero de martírio é este? Como me havíeis destinado a um tormento sem igual? Se

⁴⁷ Refere-se às Erínias, da mitologia grega; ou Fúrias, na mitologia romana. A autora segue a versão na qual essas deidades seriam filhas da Noite e de Aqueronte, um dos rios pelos quais atravessam as almas, na barca de Caronte, para chegar ao Hades.

eu não sei em que erro, para o que soffro?⁴⁸ Inspirai-me vós os acertos.’ Tornava outra vez à mesa, e não comia, porque não me deixava o medo e porque temia ser aquela bulha porque eu havia comido, então me parecia que mais se acendiam (se pode ser). Outras vezes, comia mais do preciso, procurando com esta experiência o acertar na causa do que experimentava; mas, de toda a sorte, via quase sempre iguais efeitos; e lembrando-me de que os Céus queriam tirar a mais legal prova do meu sofrimento: ‘Deuses poderosos’, tornava a dizer, ‘que fostes convidados para o banquete de Tântalo,⁴⁹ não precipiteis a estas no abismo das penas, a provarem da fome e sede de que eu padeço; e, se não quereis tirar-me a vida nem livrar-me da sua crueldade, a vossa grandeza me assista.’ Não se animavam aquelas duas irmãs a saírem de casa pelos desprezos que por aquela causa experimentavam; porque uns as tratavam mal de palavras, outros buscavam o modo de persuadi-las a que conhecessem a sua sem-razão, e outros lhes fugiam, dizendo haverem enlouquecido e estarem furiosas. Roguei à velha caritativa, que me havia assistido, que lhes pedisse me não admittissem à sua mesa, com o pretexto de evitar o reparo público: o que vim a conseguir depois de prolongados tormentos, ficando bastante causa para o meu cuidado na comiserção que me mostravam os homens, e, banhada em lágrimas, me parecia ouvir no coração as últimas palavras de meu prudente pai, que, retumbando dentro da triste esfera de meu peito, recomendavam ao meu cuidado os resguardos do decoro. Ouvia juntamente as primeiras e sólidas instruções de minha discreta mãe, que não menos me lembravam os indispensáveis preceitos da modéstia; e, depois de tão penosas considerações, dizia, aflita:

“Ai de mim! Ó fado tirano, que ordenaste o desamparo em que padeço, executa os estragos da tua impiedade, que, ou me queiras conservar a vida para emprego de teus golpes, ou com ela queiras lisonjear

⁴⁸ Na 1ª edição, constava “para que o soffro”, corrigido por meio de errata da mesma edição.

⁴⁹ Mit. gr.: Tântalo era extremamente rico e amado pelos deuses do Olimpo, sendo admitido em seus festins. O banquete de Tântalo refere-se ao episódio em que ele teria matado o próprio filho Pélope e servido em banquete aos deuses, sem informar que se tratava de carne humana. Ao ser descoberto, Tântalo foi punido por Zeus e Pélope retornou à vida.

os da Parca,⁵⁰ nunca poderás conseguir que me falte fortaleza para defender-me dos inimigos da virtude; e assim me entrega às violências do ódio, mas não me renderá o teu poder às crueldades do amor.”

– Suspensa e já aflita estou – lhe disse Beraniza – de considerar-te entre Cila e Caribdes.⁵¹ E não te davam, nesse tempo, ocupação em que empregar-te?

– Nos primeiros meses – lhe respondeu –, em os empregos de servir a casa, de que eu não tinha nem a mais leve notícia, padeci inexplicáveis contratempos, porque haviam sido outros os meus exercícios, e não sabia servir em o que ali me mandavam.

– Que prendas tens? – lhe perguntaram.

– Fui, Senhoras, instruída – lhes respondeu – em Música, Poesia e alguma parte da Astronomia; mas quem renasce em novo ser tão desgraçado, perdendo de vista o gosto, se conserva as prendas na memória, é obrigada a vontade a desprezá-las como ruínas do tempo.

– Tornaste a ver teus pais? – lhe perguntou Argeneia. Ao que respondeu Hemirena:

– Sim, Senhora; porque, como nos empregos que em casa me dava Anquísia eu não sabia servi-la, ordenou que eu, com outras escravas e mais gente do campo, fôssemos aprender a cultivar as terras; o que ou seria porque a minha desgraça lhe dispôs o ânimo para aborrecer-me, ou porque a minha inutilidade não soube granjear o seu afeto, pois não têm lugar as melhores artes entre os rústicos, eu a servia onde me não maltratava a chuva ou o frio, não me afligia o calor do Sol, nem me fatigava o trabalho, porque só me oprimia o ver-me entre homens rústicos, abatida até ao último grau da desventura. Enquanto me não costumei a ouvi-los, me atemorizavam as grandes e descompostas risadas que davam, vendo-me no campo trabalhar entre eles; e, como a melhor resposta sempre foi o negar-lhes a atenção, eu me empregava em meu trabalho, não só como quem os não entendia, mas como se também os não ouvisse; e, se acaso com dissimulação os observava, os via fazer gestos e ações tão ridículas que, ou fossem

⁵⁰ As Parcas, na mitologia romana, são as divindades do destino humano. A autora usa sempre no singular, tomando o seu uso figurado em referência à morte.

⁵¹ Mit. gr.: monstros marinhos vorazes que ficavam no estreito de Messina.

explicativas do seu brutal afeto ou demonstradoras da sua admiração, eram dignas de riso a quem não vivesse tão cheia de pesares como eu.

“Assim iam passando os cansados dias do princípio da minha peregrinação, quando, em uma tarde, vi que um homem com pressa me buscava; e, chegando-se a mim, conheci ser meu pai, que, sabendo que eu estava naquela vizinhança, e determinando os que o compraram fazerem no dia seguinte a sua jornada para Corinto, lhe concederam licença para que fosse a despedir-se de mim. Com muitas lágrimas de consolação e alegria passamos aquele brevíssimo tempo; e, perguntando-lhe por minha extremosa mãe, me disse não lhe havia sido possível saber como se achava, por ser muito distante o para onde tinha ido. E, assim percorrendo, as que haviam sido lágrimas de consolação e alegria se transformaram em nova dor e mais viva saudade; e, como desejava conciliar-lhe algum gênero de alívio, lhe ocultei os meus pesares, bastando para grave causa da sua mágoa o estado abatido em que me viu; e, repetindo as suas acertadas recomendações, me deixou tão fortalecida quanto novamente magoada.

“Cansava já a minha desventura pelas contínuas aflições em que estavam Anquísia e Frenésia, pois, não se atrevendo a tolerarem aquele mal, a que só elas davam causa, assentaram em vender-me a Artemisto. O pobre Pastor Túrnio, a quem enganava a fantasia, propondo-lhe em mim um objeto amável (que eu nunca fui), com os maiores excessos creu que poderia conseguir que eu lhe desse a mão de esposa: e, vendo que achava o ânimo de Anquísia indisposto para favorecê-lo, buscava quem o comprasse, dizendo que ele venderia a sua liberdade para comprar a minha. Por aquele inocente sacrifício do rústico sincero se ordenou a sua morte; mas os Deuses, que não quiseram consentir em tão grande crueldade, me destinaram para servir-vos, para que se não executasse a bárbara sentença: e assim, deixando o abismo de tantas penas e cuidados, chego feliz aos vossos pés, pois tiveram os Céus compaixão de tão horrorosas fadigas.

“Apenas entrei nos vossos Domínios, tive pelo melhor anúncio ver os campos férteis, as gentes compassivas, sendo as mulheres modestas e os homens atentos: nas aves se me representava só a que nestes Domínios podia anunciar-me o triunfar dos trabalhos na vossa presença.”

– Na verdade – lhe respondeu Beraniza – que me compadeço de ouvir os teus infortúnios; e sabe que o nosso afeto se move a favorecer-te, pois este é o mais preciso efeito da grandeza. Dize-me se alguma coisa desejas no estado em que te vejo, que, no que couber nos limites do possível, serás satisfeita.

– Eu, Senhora, não desejo a liberdade – lhe respondeu Hemirena –, porque esta perde o preço quando a servidão é tão ditosa. Não apeteço riquezas, porque os Céus, que sabem dispor melhor o que nos convém, me afastaram de todas, talvez por me ser mais útil o servir-vos que o possuí-las; nem que seja restituído aos meus olhos aquele a quem a esperança do consórcio havia unido o mais sincero amor, porque, onde este é mais constante, quase sempre é a fortuna contrária: se pudera conseguir a liberdade de meus pais, só essa empresa faria feliz os meus infortúnios, ainda que eu de todo perdesse a esperança de vê-los; mas, como não estão em Domínios do Rei vosso pai, nem posso enganar-me com a esperança que a vossa grandeza podia animar.

– Como não queres nomeá-los – disse Beraniza –, não se pode intentar a sua liberdade. Descansa agora na minha proteção, que muito pode vencer o tempo.

Hemirena, pedindo-lhe licença, se retirou ao seu aposento.

No dia seguinte ordenaram as Princesas que as acompanhasse à caça, divertimento de que usavam em muitos e subsequentes dias. Beraniza se servia com excessivo gosto das gentis prendas de Hemirena, a quem não só folgava de ouvir como também imitava, sábia, instruindo-se, gostosa. Passados alguns anos, disse Beraniza a Hemirena que, havendo inteiro conhecimento das suas singularidades, já era tempo para lhe dizer quem eram seus pais; e, como Hemirena continuamente suspirava, sem que bastasse todo o tempo para curar-lhe tão viva chaga, se determinou a dizer-lhe:

– Sabei, Senhora, que sou filha dos Reis Diófanes e Climeneia; e que eu era levada a Delos, para se celebrarem os meus desposórios com o Príncipe Arnesto, que, devendo assistir aos Jogos públicos (para o que também os meus concorreriam), partiu de Delos a esperar-nos; mas, como os Numes⁵² não consentem, muitas vezes, nas felicidades

⁵² Seres ou potências divinas; divindades.

dos mortais, para que, purificando-se entre fadigas, se acrisolem⁵³ para os descansos, eu não quero mais que este bem que estou gozando; mas os trabalhos de meus pais nunca me deixam enxugar o pranto; e assim, quando parece que descanso, eu lhes assisto e estou vendo a Arnesto morto ou louco e perdido, supondo que nas cavernas do mar nos daria Netuno a sepultura; e muitas vezes, depois de tristes representações, em mil delírios digo:

“Como, ó sorte ingrata, me conservas em tão duvidoso estado? Como é possível que com tão molestos cuidados se conserve uma vida frágil? Ó estrela cruel, que não foras tão adversa a ter-me criado entre as feras!’ E logo, entrando em mim, torno a dizer: ‘Mas, se estes pesares qualificam o meu sofrimento, triunfe a constância, pois a resignação é princípio de felicidade. Se Arnesto já rendeu o magnânimo espírito, mais breves foram os seus cuidados que os meus; e, se vive, conserva com o alento a vida da esperança. Se meus amados progenitores são falecidos, descansam; e, se vivem, trabalham para descansarem. Deixa-me, pois, ó memória cruel, que sempre intentas destruir as obras do entendimento.”

– Agora vejo – lhe disse Beraniza – que a tua beleza e nobres sentimentos são ilustrados de tão grandes princípios. Teus pais serão logo buscados com os sinais que deres; e, se forem achados, virão com a ostentação que merecem, para te acompanharem.

– Não quero dever – respondeu Hemirena – à vossa compaixão benefício mais estimável que serem restituídos aos seus Estados, ainda que eu de todo perca a esperança de tornar a vê-los; e bem considero o muito que é difícil encontrá-los; mas aos Soberanos não se atrevem as dificuldades, quando as ações são generosas.

Beraniza, cheia da admiração que lhe causava o saber quem na verdade era Hemirena, se recolheu a falar a seu pai para as distinções e grandeza com que dali em diante se devia tratar, e juntamente dar-se providência à liberdade daqueles Soberanos; porque, suposto que Arnesto e os Tebanos os haviam buscado com a maior vigilância e prometido prêmios importantíssimos a quem desse alguma notícia digna de crédito, como os piratas usaram da prevenção de pôr o fogo à nau, contentando-se com os cativos e a presa do precioso com

⁵³ Purifiquem-se moralmente por meio de provas, dores, sofrimento.

que se costumam servir tão altos sujeitos; e estes entre si tomaram o acordo de ocultarem quem eram, não só mudando os nomes, mas ordenando aos seus (dos poucos que haviam escapado do combate) que em nenhum caso os descobrissem, ainda que naquela Corte se havia também sentido a desgraça que sucedera a Diófanes, por aquelas mesmas cautelas todos entendiam que a sua embarcação fora a pique.

Com imenso prazer recebeu o Rei aquela notícia, e logo determinou que um dos melhores quartos do palácio fosse ricamente paramentado para assistência de Hemirena; e se lhe nomearam as pessoas de quem se devia servir, conforme ao trato decente que merecia. Tudo agradeceu e recusou; e, ainda que se lhe conservou tudo no mesmo estado, sempre dizia que, enquanto seus pais viviam peregrinando pelo mundo como escravos, ela também como escrava devia conservar-se.

Passados alguns tempos, quando as inferências a faziam crer que seus pais seriam restituídos à sua pátria com a ostentação e grandeza que mereciam, como se havia determinado, mandou o Príncipe Ibério propor-lhe por Miquilenia, Dama das mais graves que se haviam destinado para servir a Hemirena, que ele desejava contrair com ela o mais feliz himeneu; e que, por se não embarçarem com dúvidas, que poderiam ocorrer, o fariam secretamente, sem que se participasse esta notícia a Beraniza. Ao que respondeu Hemirena:

– Dize ao Príncipe que uma escrava não pode servir-lhe para esposa: que eu não declarei a minha origem para dar a mão encoberta; e que antes quero perder a vida que mudar de estado sem que os meus o determinem; assim como o afeto e amizade que na alma me imprimiu Beraniza não consentem que eu admita nem a mais leve insinuação de seus intentos; pois faltarão nos Céus estrelas e no campo flores primeiro que Hemirena a ser grata, fiel e soberana.

Com esta desabrida resposta, deixou confusa a mensageira e o Príncipe sem esperança.

Continuava Beraniza as suas aplicações, que muito moderara a discreta indústria⁵⁴ de Hemirena, pois temia que a delicada Princesa perdesse a saúde, como já com reverente afeto e verdadeiro zelo lhe

⁵⁴ Habilidade ou aptidão para realizar algo.

havia ponderado. Passados quatro anos, achando-se Beraniza gravemente enferma, principiava a desconsolação de Hemirena a anunciar a sua ruína; e, vendo Beraniza que a sua vida não seria dilatada, disse:

– Amabilíssima Hemirena, não apaguem as tuas lágrimas a luz brilhante de teus belos olhos, temendo desamparos, pois ficas bem recomendada pelas tuas amáveis qualidades: não temas que a minha falta diminua na estimação de tuas prendas singulares, que as mulheres que com virtudes adquirem o domínio das vontades, assim como à sua beleza se não atreve o tempo, também as respeitam os duros golpes da Parca, porque se imortalizam, não os sentindo na memória e estimação das gentes, porque o espírito gentil, que não acaba, em cada ano lhes aviva, com os méritos, a formosura; mas, pelo grande afeto que mereces, é preciso que eu deixe padrões⁵⁵ para a tua memória, ordenando que te sejam entregues as minhas joias; e, como tão fielmente me tens acompanhado, será razão que a minha falta te descanse, para o que também deixo recomendado a Ibério que te faça conduzir à tua pátria com aquele esplendor que é decente à tua pessoa.

– Crede, Senhora – lhe respondeu Hemirena –, que mais me oprime o que vos ouço que a separação daqueles por quem choro: e terei, sem dúvida, por mais severo o castigo da vossa falta que os que tolerei nos contrastes da fortuna. Os Céus compassivos para mais esse pesar me não resguardem, porque do mal que passou só se conservam na memória os vestígios; e para o que ameaça a vossa desconfiança já desmaia a minha fortaleza; e assim vede, Senhora, que, sendo momentânea a vida que logramos, esta se dilata quando esperamos com ânimo constante que os Deuses sobre nós determinem; porque é certo que as suas resoluções só são pesadas a quem não sabe discernir entre o bem e o mal. O mandarem-me restituir à minha pátria, onde pelas cautelas da vossa grandeza creio que meus pais já descansam, é joia de tanto preço que nas que me oferece a vossa generosidade aceitarei, por não ser ingrata, despertadores para a minha mágoa, ainda que os

⁵⁵ Pedra ou coluna com armas, ou inscrição para memória de algum sucesso.

Deuses benignos espero que vos dilatem a vida tantos e tão prósperos anos como já viveu Nestor.⁵⁶

As muitas lágrimas, negando-lhe os termos, a obrigaram a retirar-se, por que também não aumentassem a moléstia de Beraniza.

Passados alguns dias, acabou nos braços de Hemirena, que, chegando-a estreitamente ao aflito peito, dizia com infinitas lágrimas:

– Quem será bastante a consolar-me neste mal, que todo é meu? Se tudo perco, quando tu me deixas, onde verei agradável a formosura se no teu grato aspecto já não vejo mais que a pálida imagem da morte? Se haverá quem ponha a sua alegria em vida limitada? Se haverá quem deixe de conhecer os enganos de um mundo inconstante, vendo que tão pouco dura a grandeza, o poder, o soberano e a formosura? Como é possível que à tua vista se possa dar preço a uma vida frágil? Ó Parca ingrata, como vivo eu, se acabou Beraniza? Ai de mim! Que estrela cruel é a que me segue e me conduziu ao descanso para me ser mais violento o desvelo? Que fado mudável me negou à escravidão tirana e me trouxe a ver-te, para experimentar, em desconto dos alívios que me deste, o trabalho mais sensível em o golpe cruel da tua falta? Imprimam-se meus tristes lábios nesta nevada e generosa mão, prêmio bem merecido por te não haverem nunca lisonjeado. Oh, quanto te eram agradáveis os resplendores da verdade, conhecendo discretamente que fuge dos Soberanos pelos aduladores que os servem! E, como não podem as minhas lágrimas animar a tua formosura, eu me aparto de ti a sentir na tua ausência de cada vez mais perto a minha morte! Mas que digo? Eu, deixar-te? Ai de mim! Ó Céus compassivos! Ó bárbara Parca! Adeus, Beraniza adorada. Adeus, minha perdida esperança.

Os circunstantes, no desacordo da sua pena, davam lugar ao largo desafio de Hemirena; e, como ali se achava Ibério, em quem já Cupido havia empregado as suas setas, temendo que Hemirena rendesse o espírito nas mãos da mágoa, lhe disse:

– É tempo de te separares de Beraniza, pois que já não a podem negar à morte os estragos da tua vida.

⁵⁶ Mit. gr.: filho de Neleu e de Clóris. Rei de Pilos. Teve vida longa por especial dom de Apolo.

E logo a fez retirar ao seu aposento, em que o semblante cadavérico era o melhor indício do quanto estava gravada no coração aquela dor intensa.

Ibério, não podendo reprimir os violentos impulsos do seu afeto, foi vê-la, para moderar o seu justo sentimento:

– Amabilíssima Hemirena – lhe disse –, se o teu entendimento domina em a minha vontade, como é possível que não resista ao que discorre a tua memória? Eu te juro fé, pois com o mais firme rendimento confesso que te adoro; e não pretendo de ti mais que a boa aceitação de meus sacrifícios. Não temas agora novas adversidades, pois te servirá um Príncipe rendido, em quem os teus merecimentos têm o maior império.

– Não temo adversidades – lhe respondeu Hemirena –, porque só receio as prosperidades que me prometes; e, se queres dar fim a meus infelices dias, continua com as expressões do teu rendimento; mas sabe que, enquanto me durar a vida, não será menor o meu pranto, nem haverá tempo que baste para as demonstrações do meu sentimento.

– Adverte – replicou Ibério –, ó bela ingrata, que, quando a paixão está próxima, só convida com a mágoa a que não poderia resistir o peito humano se, em cada dia que passa, não experimentara o benefício do tempo. Não desprezes uma vontade fiel que não quer mais que diminuir-te uma causa para o cuidado; e não creias que eu queira deslustrar a tua estimável modéstia, que isso fora desmentir o soberano; nem te persuadas que, no afeto que te confesso, espero ver finezas agradecidas, porque estas regularmente são desprezadas; mas sabe que para as tuas especiais virtudes só o coração é lugar decente. Vive e conserva a tua varonil constância; porém, não temas os contrastes da fortuna.

Com estas palavras deixou Hemirena, a quem duplicou os cuidados, principiando já a experimentar a falta de Beraniza. Toda aquela noite passou vacilando entre horrores da morte e crueldades do amor, considerando-se vizinha aos perigos; porque via em Ibério prendas estimáveis e discrição tão poderosa que, temendo passar da estimação das boas qualidades a algum desordenado afeto e refletindo em que as forças do amor só pode vencer quem lhe sabe fugir, determinou

ausentar-se em a noite seguinte para dever amparo às sombras, antes que lhe faltassem as luzes; e, sem esperar que lhe fossem entregues as joias, se dispunha para a fuga. Tornou Ibério a vê-la, pois o não deixava descansar um tirano cuidado. Hemirena logo atalhou as suas expressões, dizendo:

– Não sei, Senhor, como te agradeça os excessos com que me fazes mercê, diminuindo na tua grandeza; porque, assim como os não sei merecer, também os não sei estimar; e é tão adversa a minha estrela que, quando me seguras os descansos, tenho na tua proteção o maior despertador para as fadigas, pois, desde que a pesada mão de Átropos cortou o fio que sustinha o meu amparo, principiei a combater com a desgraça no improporcionado favor com que intentas lisonjear-me; e, ultimamente, digo que, se coubesse em mim maior pesar que serem os meus braços triste ocaso de Beraniza, só o seriam os teus rendimentos, pois é certo que estes em seu mesmo excesso naufragam e que nunca jamais serão pagos; porque as mulheres como eu nem chegam a agradecer sem que lhes fiquem escrúpulos no decoro. Se não queres ver-me consternada, deixa-me viver em paz ou correr com a tormenta do meu destino, que, nas prisões de escrava ou de mim fugindo pelo mundo, qual pobre peregrina, conservarei sempre na alma a glória de vencer entre tão novos trabalhos os assaltos do meu fado.

– É sem igual – lhe respondeu Ibério – a admiração que me causa o ouvir-te; porque, quando não é outro o meu desígnio mais que render cultos à tua formosura, a tua isenção me maltrata. Pois sabe que às tuas prendas sempre tributarei adorações, sem que espere mais ditoso prêmio que permitires-me o ver-te, porque ao teu decoro levantarei padrões para lhe gravares letras que imortalizem o teu severo rigor.

– Bem sei, Senhor – tornou a dizer Hemirena –, que a tua descrição é capaz de conquistar impérios mais poderosos e que os preceitos da modéstia não dispensam inteiramente as obrigações de agradecida; mas, como nasci para trabalhos, não estranhes que eu me negue às estimações e descansos que me segura a tua proteção. Se não queres acumular-me aflições, deixa-me agora descansar, porque a presença dos Soberanos é como a luz que por demasiada também cega; e, se queres

fazer-me a mercê que só desejo, não tornes a este pequeno aposento, onde não cabes sem que se oprima a tua grandeza.

– Não pode a força da tua desatenção – disse Ibério – conseguir que eu te não veja e deixe de amar-te; e, como no teu sossego interesseo quanto arrisco em a tua ausência, eu me retiro, cedendo o meu gosto só a favor do teu alívio.

Com estas palavras se retirou Ibério, deixando Hemirena com o maior empenho no cuidado da sua peregrinação, a que deu princípio em a noite seguinte, em que, lavando com lágrimas aquela fúnebre assistência, recomendando ao silêncio da noite o livrá-la dos tumultos da Corte, saiu com vestido de homem, disposta, com aquele fingimento, a vencer os maiores assaltos de sua cruel fortuna.

FIM DO PRIMEIRO LIVRO

LIVRO II

Sumário

Com o suposto nome de Belino principiou a fugir Hemirena dos perigos com que o amor ameaça a formosura, e chegou a admirar as cristalinas correntes de um rio que resguardava um bellissimo arvoredor; na sua margem achou um velho cego e leproso, cuja asquerosa figura lhe ocultou a Diófanes debaixo do nome de Antionor, o qual lhe conta parte de seus trabalhos; e Hemirena se retira, temendo ser conhecida.

Caminhando de noite e descansando de dia, continuava Hemirena a sua derrota, sem que se passasse algum em que os seus olhos não pagassem tributo às memórias de Beraniza. Já àquele tempo não chorava a infelicidade de Climeneia e Diófanes, porque se havia persuadido que descansavam em Tebas.

Ibério, sabendo da sua fuga, falou frenético a seu pai, descobrindo-lhe as chamas em que ardia, para que se mandassem fazer diligências que aos seus olhos restituíssem a Hemirena; e, como o Rei lhe respondeu que não se devia perseguir aquela discreta resolução, e que em nenhum tempo sofreria que lhe desse a mão para esposa a que havia sido escrava de Artemisto, porque, se na sua escravidão respirava a grandeza, no seu consórcio deslustraria a majestade. Ibério, ouvindo estes últimos desenganos, deixou a Corte; e, desprezando a esperança do trono, que renunciou a favor de Argeneia, tão amante como resignado aos preceitos de seu pai, determinou retirar-se para uma casa de campo a esperar ali a morte, fazendo constantes sacrifícios às soberanas virtudes de Hemirena, que, como Belino, com o maior

cuidado e susto,⁵⁷ continuava em fugir; porque, onde periga o decoro, equivocam-se as cautelas com os indícios do delito.

Chegando a Corinto, determinou ir com menos incômodos pelos sustos, medos e horrores que padecia, caminhando de noite. Em uma fresca tarde, já cansado, se recolhia em o oco de uma grande árvore, quando ouviu uma voz suave que docemente cantava; e, saindo a buscar a causa de tão suave canto, ouviu o brando sussurro de um rio que vagaroso se espalhava pela relva; continuou a segui-lo e, por baixo de um frondoso arvoredor, foi buscando os pertos daquela voz, que, suposto ouvia melhor, parecendo-lhe ali sobrenatural, desconfiava de encontrar a sua origem. Assentou-se a descansar, vendo a glória da causa das maravilhas que observava; e, reparando nos líquidos cristais, dizia:

– Oh, quanto és agradável, belíssima ribeira, que com majestosos movimentos despedes as cristalinas correntes que prendem e guardam este ditoso bosque! E vós, aves inocentes, fragrantas flores e fugitivos desperdícios, gozai do solitário sossego deste ameno bosque. Oh, quem pudera trocar convosco a sorte!

Aumentando os regatos, corriam de seus belos olhos inumeráveis lágrimas, quando, sendo já quase noite, tornou a ouvir aquela suavíssima voz; e, indo em seu seguimento, viu de longe um vulto que principiava a temer, não podendo bem distinguir se era humano; e, vendo que daquele corpo é que saía a doce voz, foi devagar chegando para aquela parte e observou que tinha figura de homem e que estava da cintura para cima sem vestidura alguma; o resto do corpo se cobria com uma pele de urso; tudo quanto tinha descoberto era vestido de chagas; a barba crespa e encanecida chegava a cobrir o peito; os olhos, que pareciam sem luz, eram cobertos de carne, a cabeça calva e da mesma sorte chagada, e as mãos ensanguentadas pela violência com que coçava as feias feridas; sentado sobre uma pedra junto à maior corrente do rio, cantava, enquanto descansava de coçar-se. Suspenso Belino de ver o gosto com que aquele em tão miserável estado se achava com o asqueroso semblante sumamente alegre, chegou a falar-lhe e lhe disse:

– Homem ditoso, que estás gozando desta amável soledade, como cantas tão alegremente se te falta a vista para lograres o mimo destas

⁵⁷ Sensação de ameaça, falta de tranquilidade.

sombras? Como pode em ti haver alegria, se estás atormentado desse mal que te consome? Que fazes aqui, distante de todo o remédio para o que padeces? Se aqui te deixou o engano ou a tirania das gentes, eu te servirei, pois das gentes fujo.

A estas palavras, rindo com sossego, lhe respondeu:

– Se me chamas ditoso, porque estou gozando desta amável solidade, como reparas na minha alegria? Canto, porque já não posso ver as sombras e só me disponho para as luzes. Como deixarei de estar alegre, se está para acabar o padecer deste mal que me consome? E quando o que se consome acaba, e estou onde a distância dos remédios é o remédio do meu mal? Não me trouxe aqui o engano, porque aborrece as solidões e é ocupado nas Cortes. Não me deixou a tirania das gentes, porque eu me resolvi a deixá-la. Quando muito me atormenta o rigor do que padeço, a fresca e doce corrente me refrigera. Não quero mais cama que a que me prepara a verde relva, nem mais saborosos manjares que as ervas, para que me convida a fome. Quando os Pastores destes bosques vêm a socorrer-me, o leite, com que me regala a sua compassiva singeleza, me parece mais saboroso que o suave néctar dos Deuses. Mas dize-me: Como te não fiz horror e te atreveste a falar-me?

– A justa admiração – lhe respondeu Belino – que me causou o achar-se uma tão nobre alegria em tão lastimosa figura me obrigou a falar-te, para ver se aos meus males podia também achar remédio. Eu padeço mais que tu, pois é interno o meu mal; e, como o fugir das gentes é hoje o que mais me convém, consente-me na tua companhia, que a aspereza da vida, que aqui fazes, mais me agrada que os regalos de que fujo.

– Se te não é asquerosa – lhe respondeu – a figura que em mim vês, repartirei contigo o maior bem na tranquilidade que logro.

E, como a noite já estava adiantada, se acomodou Belino para descansar, encostando a cabeça sobre as raízes de um tronco; e, para a outra parte, o bom velho, que, quando o despertavam as dores, principiava a cantar louvores a Júpiter;⁵⁸ e invocava os Semideuses

⁵⁸ Mit. rom.: deus que governa a Terra e os Céus, bem como todos os seres vivos. É o mestre dos outros deuses. Filho de Saturno e Cibele (gr.: Zeus).

dos bosques, para que não consentissem que Esculápio,⁵⁹ filho de Apolo, fosse ali a curá-lo, pois desejava que tivesse mais exercício a sua paciência.

Em amanhecendo, vieram uns Pastores que, vendo o belo mancebo que em Belino se lhes representava, o levaram a ver a sua Aldeia, donde voltou obrigado à sinceridade com que o trataram; e, desejando saber quem era o velho enfermo, lhe disse:

– Já a esta hora terás entendido que em mim se não oculta algum inimigo teu, e quisera que me confiasses o teu nome e a causa que para aqui te conduziu.

– Chamam-me Antionor – lhe respondeu. – Os meus infortúnios não cabem nem ainda em larguíssimos discursos, porque têm sido muitos e os maiores que até aqui puderam lembrar ao rigor da desventura; mas serás satisfeito com alguma parte deles. Antes que Anfiarau empunhasse o cetro de Corinto, vivia eu entre camponeses em um agradável retiro de Aganimedes, seu pai, que lhe cedeu o governo por se achar adiantado em anos e falto de forças, pois conhecia as que eram precisas para reger a Monarquia. Quando deixou o governo, lhe recomendou que conservasse o conveniente e reformasse o pernicioso; e também lhe advertiu que me ouvisse, pois era Filósofo e tinha notícia das melhores leis e costumes das outras nações. Com este motivo fui levado a uma casa de campo, à presença de Anfiarau, que determinou tiranizar assim a minha tranquilidade, pois a perde quem é destinado para os empregos da Corte. Eu lhe disse, logo que ele me dispôs a deixar o campo: “Permiti, Senhor, que eu continue em guardar os vossos rebanhos e escusai-me das estimações de valido.”⁶⁰ Principiaram no Mundo as guerras por haver muitos Deuses, muitas leis e muitos Reis; e, antes de as haver, moravam os homens em os campos, comiam frutas, dormiam em covas, andavam descalços e viviam do comum; eu quero só servir-vos, como até agora, acompanhando os vossos rebanhos no campo, sustentar-me das frutas silvestres e reparar-me dos rigores do Inverno debaixo dos rochedos, já que o determinam os Deuses; porque, guardando a melhor lei, pobre e descalço viverei em

⁵⁹ Mit. rom.: herói-deus da medicina e da cura (gr.: Asclépio).

⁶⁰ Valido é uma pessoa que está sob a proteção de alguém mais poderoso; protegido.

paz, que esta sempre se altera nas inquietações da Corte. Oh, quanto é melhor ouvir o que lá se passa que o viver nela! Porque os que não podem valer estão esquecidos; os que muito valem são perseguidos; os pobres não têm que comam; os ricos, porque o são, não os deixam comer sem susto; são muitos os queixosos e poucos os contentes; fazem muitos o que querem e poucos o que devem; enfim, todos murmuram e quase todos seguem os mesmos erros que condenam. Bem sei eu que os que procuram introduzir-se para validos nem merecem ver a Majestade, pois estudam só lisonjeá-la para fazer o partido de suas dependências; e que os Soberanos não podem, com os olhos, descobrir todas as luzes da verdade, porque trabalham em escurecê-la os que com zelo aparente tratam de seus interesses, fingindo que amam os acertos de seu Rei, quando é certo que só estimam as suas grandezas. Se estes se castigassem com o silêncio eterno em pena do mal que falam (visto se habilitarem para traidores os que mentem ao seu Rei, concorrendo para que seja injusto ou em faltar à justiça, ou em exceder a clemência), não sofreria enganos a Majestade, nem os vassalos descréditos; que, ainda que se não descuidam as luzes do Sol em mostrar o que teve oculto a noite, são tão atrevidas as nuvens que se opõem à verdade que de seus horríveis defeitos nasce o muito que temo o vosso preceito. Estas são as razões por que espero dever à vossa compaixão o sepultares-me no esquecimento.” Não foram admitidas as minhas escusas, e fui obrigado a fazer jornada no dia seguinte, dando mais um motivo para estímulo da desgraça. Antes que deixasse aquele amável sossego, chamei os rústicos com quem vivia contente, despedi-me dos filhos, que comigo principiavam a observar os movimentos dos Planetas desse luzido Firmamento; de outros que com mais adiantado conhecimento já iam colhendo os doces frutos de suas aplicações; e de outros que, como seus pais, aplicando-se à cultura dos campos, se recolhiam fatigados só para descansarem; e, cantando em seu trabalho, esperavam a precursora do Sol, sem que lhes ficasse tempo para as murmurações ou inquietações dos vizinhos, e com saudosas lágrimas lhes disse:

“Eu sou obrigado, ó filhos, a deixar-vos, indo viver onde uns se alimentam do mal de outros; e, já que os Céus vos têm mimosos, conservando-vos felizmente neste amável sossego, aumentai, para

glória do meu trabalho, o bom exemplo com que vos hei dito, que os pais deveis persuadir os filhos a bem obrar: fazei que se não esqueçam do que lhes ensinei; e que uns admitam os outros em se aplicarem ao que lhes pedir a inclinação; e que os outros continuem seus trabalhos, temam o ócio e todos exercitem as virtudes. Rogai aos Deuses que me não neguem as luzes com que se amam os inimigos; que possa defender os amigos, amparar a pobreza e tolerar os contratempos.’

“Logo que cheguei à Corte, fui à presença de Anfiarau, que com muitas honras me recebeu; e, perguntando-me donde era, lhe respondi: ‘Não poderei dizer-vos se sou da grande Tebas, nem da Licaônia,⁶¹ nem da famosa Atenas, como respondeu um grande Tebano;⁶² e como ao sacerdote Arquitas vos respondo que não sou de Tebas, como Tesifonte, nem de Atenas, como Agesilau, nem de Licaônia, como Platão,⁶³ nem de Lacedemônia,⁶⁴ como Licurgo;⁶⁵ nasci em o mundo e sou natural de todo o mundo.’⁶⁶ Como Anfiarau conheceu que tinha repugnância em dizer a minha pátria, não fez maior instância para o saber.

“Toda aquela tarde passamos em conversação delicadíssima, pela gostosa matéria que se tratou; e, quando foram horas, me conduziram a um aposento dentro em palácio, onde achei tudo com a polidez que pedia o lugar e fui servido com especiais distinções. No dia seguinte, tornei à presença de Anfiarau, e se continuaram os discursos do que já se havia praticado no antecedente.”

– Quisera dever-te – lhe disse Belino – que ao menos tocasses a matéria em que se fundaram esses discursos, pois me seguras foram de gosto e delicadeza.

⁶¹ Região no sul da Ásia Menor.

⁶² Refere-se a Hércules (Héracles), conforme Plutarco, em sua obra *Do exílio*.

⁶³ Filósofo grego, séc. IV a.C.

⁶⁴ Antiga cidade dos aqueus; passou a designar o conjunto dos territórios dominados pelas conquistas dos espartanos. O termo é usado na obra como equivalente a Esparta.

⁶⁵ Lendário legislador espartano.

⁶⁶ Nesta resposta há referência à obra *Do exílio*, de Plutarco, citada em *Epístolas familiares*, de Antonio de Guevara (c. 1481-1545), na carta “*Letra para don Pedro Girón quando estaba desterrado en Orán*”, de 16 de abril de 1524.

– Discorremos – lhe respondeu – nas almas ditosas que nos Elísios⁶⁷ bem-aventurados gozam felizmente a paz, que não interrompe o receio de perdê-la. Nos espíritos desgraçados, que em contínuas penas se banham no triste rio do esquecimento. Na glória que adquirem nas heroicidades, quando se lhes não opõe a vaidade que as deslustra. Na suave Poesia, e sua origem. Nas felicidades do século dourado e admiráveis efeitos da razão.

“Passados os primeiros dias, já não queria só divertir-se, mas que em a nossa conversação também se tratasse da utilidade pública; e que, havendo-lhe satisfeito a curiosas perguntas, queria lhe dissesse em que consistia o melhor governo e obrigações do Soberano. Ao que respondi conforme os Céus me inspiraram. E logo me ordenou que observasse como iam os costumes dos vassalos, se se guardava a melhor ordem para o bem público; e se se administrava verdadeira justiça. Eu lhe pedi que me comutasse aquele trabalho em outro, ainda que mais cansado fosse; e não foi possível que os meus rogos o conseguissem; e, como saber mandar é mais difícil que saber obedecer, sujeitando-me a tão pesados encargos, lhe roguei que ouvisse a todos e cresse a poucos; e que estes fossem introduzidos mais pelo merecimento que pela confiança, porque assim se evitaria que aos comerciantes dos enganos servisse de escudo o seu agrado; e não haveria quem se atrevesse a ofuscar a glória e candor de suas ações; e aprenderiam as gentes qual era a verdadeira felicidade do melhor Príncipe.

“Cantavam aqueles povos desoprimidos, florescendo as artes e o bem público; mas, ainda assim, criei infinitos inimigos, ou porque a inveja não sofre alheios louvores, ou porque dos benefícios se gera a ingratidão, pois nasce com os homens, como caráter que recebem de seu nome, sendo neles gênio antigo entregar as dívidas ao esquecimento. Dentro em palácio me acometeram alguns, de quem me defendi com honra; e, quando caí ferido, se retiraram, talvez pensando que me deixavam morto. Fui visitado de Anfiarau, que com ânsia quis saber se eu havia conhecido os que se atreveram àquele insulto, o que de mim não consegui, lembrando-me os padrões de imortal glória

⁶⁷ Mit. gr.: lugar onde heróis e pessoas virtuosas saboreiam o descanso após a morte.

que o Etrusco vinculou à posteridade quando perdoou a Múcio,⁶⁸ que o buscava para lhe tirar a vida. Em o largo tempo de minha doença concorriam as gentes, sentindo mais que eu as próprias feridas; e dizendo uns, no seu pranto, que renasceriam as antigas maldades; outros, que se enfraqueceriam as virtudes e a justiça; e outros, que seriam reduzidos às antigas opressões. Neste tempo o tiveram os malévols para cultivarem o Real agrado; e, com o falso zelo com que os vassalos indignos traçam o engano de seu Rei, fingiram ter grande parte no sentimento do que me haviam feito; em um dia lhe traziam à memória os perigos a que eu me havia exposto; em outro, lhe pediam (como obrigados da amizade que eu merecia) que acudisse com algum reparo para os inimigos, pois estes nasciam do bem que eu o havia servido; e, discorrendo sobre a providência que a isso se havia de dar, dizia cada um daqueles o seu parecer, e vinham todos a concordar que Anfiarau desse a entender que aquele tempo da minha ausência me havia apartado de seu coração, e me não admitisse na sua presença para se mitigar o ardor da inveja, do ódio e do ciúme.

“Acabada a cura das minhas feridas, me achei coberto de lepra, porque os Deuses benignos, que não se esqueciam de amparar os meus desejos, me faziam mimos com repetidas experiências da minha constância; e, na esperança de que, conhecendo a minha debilidade, me permitiriam algum descanso, mandei pedir a Anfiarau que me concedesse licença para ir respirar para uma pequena casa de campo que verias nessa Aldeia, a qual deixei, tanto que pude caminhar para este solitário retiro; e ainda aqui não se me dispensam as inquietações da Corte, pois há poucos dias que fui consultado para negócio em que a minha infelicidade fazia novo esforço para combater o meu sossego: e é tal a força da minha desgraça que, podendo de todo ausentar-me, tendo o tácito consentimento de Anfiarau, o deplorável estado em que me vês não permite fazer maior caminho, valendo-me assim da companhia destes inocentes Pastores. Não repito algumas circunstâncias que na mesma ocasião foram dignas de reparo, porque o mesmo

⁶⁸ Caio Múcio Cévola, herói lendário da Roma Antiga que, durante a guerra contra os etruscos, colocou a mão no fogo para provar sua coragem diante do rei inimigo Porsena.

falar me fatiga, que nem um pequeno desafogo consente o fado aos perseguidos.”

– Pois sabe que os meus infortúnios – lhe disse Belino – me obrigavam a acompanhar-te neste ameno bosque, tendo por certo que estarias livre dos que vêm feridos do contágio que há nas Cortes; e, como com horror tenho ouvido o veneno que ocultam os corações, que ainda te não deixam, eu me resolvo a continuar a minha triste peregrinação cheio de exemplos que seguir e documentos⁶⁹ para publicar.

– Como sou quase insensível para os alívios – lhe respondeu Antionor –, não te persuado a que me acompanhes, mas sim que te retires dos que podem inficionar-te com seus vícios, se o teu ânimo é tão sincero como se me representa nas tuas palavras.

– Oh! quanto – lhe disse Belino – é perseguida a virtude e peregrina a verdade que ocultam aos Soberanos, pois vejo resplandecer em ti o espírito gentil que se despreza!

– Não te admires do que ouves – lhe respondeu –, repara no que vês, para que te não enganem a gentileza e estimações, pois são sujeitas às misérias que padeço. Vai, ó ditoso e gentil mancebo, que estás em estado de buscar um lugar que te contente e descanse. Roga aos Céus que me assistam; que infundam em Anfiarau os acertos, o conhecimento da lisonja, a pureza da justiça, o aumento das virtudes e ciências e o resguardar o respeito do trono sem perseguir a inocentes; e, juntamente, lhe inspirem o amar sempre os vassalos, para ser deles amado.

– Adeus, ó feliz Antionor – lhe disse Belino –, que, como praça cheia do melhor socorro, não temes o sítio nem as forças dos inimigos de fora. Os teus rogos mais depressa hão de chegar aos Deuses; e lhes pede que animem o meu desalento, que encaminhem os meus passos e que antes me entreguem à mais cruel morte que deixe a honra de reger as minhas ações.

Com esta admirável despedida tornou Belino, triste e aflito, a continuar o seu caminho e trabalhos, sem mais esperança ou compa-

⁶⁹ Máxima, princípio, preceito doutrinal ou moral. Recomendação feita a outrem; conselhos.

nhia que a razão e o decoro que o encaminhavam a temer justamente os homens e seus venenosos enganos.

FIM DO SEGUNDO LIVRO

LIVRO III

Sumário

Continuando Hemirena, como Belino, a caminhar para Argos, fugindo das povoações, entrou em uma brenha para descansar e achou nela a Climeia, que não conheceu; e, tendo-a por Delmetra, a persuadiu a deixar tão áspera vida. Foram dar a uma aldeia, onde se conservaram quatro anos servindo aos Pastores. O disfarce de Hemirena deu causa ao rendimento de Atília, que, procurando-a para seu esposo, as obrigou a deixarem as inocentes Pastoras e continuarem a sua peregrinação.

Em uma fresca tarde, quando as aves, cantando saudosas, se despediam das luzes de Febo,⁷⁰ saía Belino de Corinto e entrava em Argos,⁷¹ onde determinava descansar dos trabalhos com que havia caminhado desde que saíra de Atenas; e, guardando a ordem de fugir ao porto em que naquele Reino desembarcara cativo, por não ser conhecido, procurava ocultar a liberdade nas duras prisões do temor. Chegou à boca de uma brenha, que se compunha de grandíssimos penedos, pelo que, fazendo-lhe horror a negra sombra, estava imóvel; e, vendo que um vulto vinha de dentro como a buscá-lo, lembrando-lhe que podia ser alguma fera, o natural receio o inclinava a que temesse, e a recordação de sua pouca fortuna o aconselhava a que não fugisse. Quando ouviu uma voz que dizia:

– Quem és, o que duvidas entrar no frio centro deste rochedo que eu habito? Não temas, nem fujas: se és racional, chega a consolar

⁷⁰ Mít. gr.: um dos epítetos e muitas vezes o nome de Apolo.

⁷¹ Cidade grega, na região do Peloponeso.

a quem nesta sepultura paga tributo à desgraça. Não seja maior em ti o efeito da covardia que o da compaixão que merece uma infeliz.

A estas palavras, entrou Belino naquela horrenda cova e viu uma mulher que mostrava no rosto quebrantado alguns vestígios de formosura, sumamente agradável, e parecia ter mais de setenta anos. Chegou a Belino e, apertando-o entre seus braços, lhe disse:

– Qual seria o astro benigno que te conduziu à minha escura habitação? Talvez, compadecendo-se já das minhas adversidades, encaminhasse para aqui os teus passos, porque nem sempre consentem que o fado triunfe dos mortais; aqui tenho vivido retirada das gentes e só na sombra das pedras achei o melhor amparo.

E, ficando suspensa e pensativa por algum tempo, lhe disse Belino:

– Confia-me o teu nome, continuando no desafoço dos teus pesares; porque, quando se repartem comunicados, fazem menos violento o seu efeito; e porque a um infeliz, a quem atropela a desgraça, sempre servem de alívio os lastimosos ecos dos que também se queixam da fortuna.

– Bem quisera servir-me da ocasião para os desafoços – lhe respondeu –, mas como poderei dizer-te quem sou se da minha origem parece que nem as memórias conservo? Que, como apostou o destino a minha ruína, não me lembro da que sou e me aborreço tanto quanto da que fui vivo distante: mas eu te satisfaço dizendo que me chamo Delmetra, a quem a desgraça roubou da pompa esclarecida e arrojou a um abismo de misérias; e, reduzindo-me ao mais vil estado, fui entregue a contínuos infortúnios. As gentes me aniquilaram, desprezaram-me os alívios, os descansos me desconhecaram e me desampararam as riquezas; mas, como é mais poderoso o ânimo constante que formidável todo o poder do fado, os trabalhos me vivificam para resistir aos seus assaltos. Separei-me das gentes e busquei entre as feras o amparo que me negavam os racionais; e debaixo destes penedos tenho procurado, com lágrimas contínuas, abrandar a ira dos Céus. Nos primeiros dias, parece que me alimentou o pranto; e, nos horrores das noites, o grande pavor e inexplicáveis sustos me representavam todo o furor do Inferno: nem sei dizer-te o medo que me causavam os tigres, quando vinham

abrigar-se dos rigores do Sol. Todo o cuidado era pouco para me fazer imóvel, temendo a sua ferocidade: quando os via junto a mim, em qualquer dos seus movimentos se me figuravam os últimos instantes de minha vida; e, ainda que de noite não assistiam aqui, não era menor o horror que me causava o alarido de diversas vozes e canto de aves noturnas; sem mais abrigo, consolação, luz ou companhia que a das lágrimas que produzia a minha desgraça. Assim me lembrava dos meus e o estado a que seriam reduzidos, e com vivíssima saudade tinha o desafogo de arrancar do peito magoadíssimos suspiros; e, quando cansava o triste espírito, adormecia, ou vencida de cuidados ou quebrantada de tristeza; quando as feras se recolhiam, saía eu, com fome tão feia que me serviam de alimento as frutas e ervas amargosíssimas; e, como, pelo receio de que viesse alguém, me recolhia logo, não tinha sossego fora desta brenha, esperando dever mais compaixão aos brutos que a habitavam que aos racionais de quem eu fugia; e, ainda que estou em sítio muito solitário e distante da povoação, era tal o medo que muitas vezes dei grandes carreiras fugindo, por se me representar que via ao longe algumas pessoas que se encaminhavam para aquela parte. Passava todo o dia e noite seguinte em contínuo susto; e, quando chegava a sair com muito vagar e temor, escondendo-me com as árvores e com os montes, reparava para aquele lugar e via que a algumas pedras tinha dado alheio corpo a minha fantasia, e movimento o meu inexplicável medo; como aqueles culpados que em parte nenhuma estão seguros, pois levam no delito o instrumento de seu castigo, porque se levantam as mesmas pedras a persegui-los; assim me via eu atormentada; mas não era o remorso o que me condenava a tão contínuo desassossego, mas sim a crueldade dos bárbaros, a quem eu temia, sem haver cometido mais culpas para o seu ódio que o entregar-me nas suas mãos o meu tirano destino. O decurso do tempo gastou em mim o horror da sepultura em que vivo, o temor dos viventes que me acompanham e o receio dos que me perseguiam: a fome, o frio, a crueza dos alimentos e a aspereza da cama já tolero sem trabalho; porém, nunca se diminuiu em mim a força da viva saudade com que todos os dias lamento a ausência dos meus; e, rompendo em tristes ais as entranhas deste rochedo, parece que ao lastimoso som de meus inflamados suspiros brotam lágrimas cristalinas que fugitivas correm, murmurando de

meus tristes desvarios. Há seis anos que conservo aqui a vida para castigo de meus desacertos, que já a morte em tal estado fora mimo da fortuna; a rusticidade do país e o estado brutal em que me vês já me não são violentos, porque o costume faz natureza; mas é sem igual o tormento que me fabrica a memória, pois ainda o mesmo temor das gentes gastou o tempo, e não sei se a constância, com que sofri o rigor da tirania entre os homens, hoje degenera em obstinação entre os brutos; porque, sendo já insensível para os males e atormentando-me só a força de inocentes afetos, tenho feito tão domésticos os pesares que nem me lembro de buscar alívios. Não me atemorizou tanto o ver-te quanto me perturbaram as pedras quando principiei a sair desta triste sepultura; e assim te digo que, se me buscas, eu já te peço a morte, pois me não lisonjeia a vida; se me és contrário, eu me não nego ao ódio, nem te resisto, pois que chego a apetecer os estragos; e, se acaso te persegue a fortuna, conta-me qual foi a tempestade que te arrojou a estas desertas brenhas, para que eu principie a louvar os justos Deuses que te trouxeram para consolar-me.

– Não venho a buscar-te – lhe respondeu Belino – nem te sou contrário, mas antes sinto que o teu mal se me comunica; venho atropelado da fortuna e buscava no seio destas brenhas um lugar em que sem susto descansasse; e, se fossem mais antigos os teus males e talvez menos os teus anos, poderia suceder que dos teus trabalhos nascessem os meus; e, como a jornada que ultimamente fiz me obriga a confessar-te o meu cansaço, dá-me licença para que me encoste a descansar.

Delmetra o conduziu para a parte mais côncava da brenha; e logo lhe advertiu que, entrando as feras para aquele lugar, não falasse nem se movesse enquanto se não costumassem a vê-lo; e, deixando-o acomodado como pôde, saiu a buscar algumas frutas silvestres para ter mimoso o seu hóspede. Em despertando Belino, lhe apresentou aqueles asperíssimos regalos, que aceitou com mostras de verdadeiro agradecimento. Enquanto se recolheram os ferozes primeiros possuidores daquela agreste casa, esteve com atenção Delmetra, reparando na agradável presença daquele mancebo; e o muito que mudamente um olhava para o outro não lhes causava riso, como ordinariamente sucede, porque, principiando Delmetra a banhar-se em lágrimas,

Belino lhe correspondeu com outras tantas, e se explicavam assim os tristes olhos com as vozes mais claras, que podiam exprimir o que um e outro coração sentia. Belino, pela grande novidade que lhe fazia o ver-se tão perto daqueles animais, nem se resolvia a enxugar as lágrimas que, correndo por suas belas faces, paravam em seus lábios de nácar e apostavam competir com seus claros e bem ordenados dentes. Quando de novo entrava mais alguma fera, ou davam aquelas alguns passos, era tal o susto que lhe parecia perder os sentidos; e, quando principiaram a sair a pastar, respirou aquele oprimido coração; e, escolhendo o continuar a sua derrota:

– É tempo, Senhora – disse a Delmetra –, para que me permitas continuar o meu caminho, tão admirado de ver-te quanto agradecido à tua bondade; e, ainda que te deixo, será inseparável da minha lembrança o teu agrado, pois na alma o levo impresso, e os prodigiosos efeitos da virtude e temor dos maus, pois fazes tão boa sociedade com as feras, que te respeitam, quando temes os racionais, em quem as iniquidades agravam tanto aos bons quanto me confundem os sobrenaturais efeitos que publicam nos desertos os prodígios dos Céus.

– Como tão apressadamente queres deixar-me – lhe respondeu Delmetra –, sem que te mova a compaixão de uma triste que, debaixo destas pedras, esconde a sua maldade?

E, como acompanhavam a estas palavras muitos milhares de lágrimas, não pôde Belino resistir à ternura e determinou demorar-se ali mais alguns dias. No seguinte lhe pediu Delmetra quisesse comunicar-lhe seus infortúnios, ainda que mais lhe parecia transformação admirável ordenada pela sabedoria de Minerva⁷² para a confortar que criatura mortal, porque nas suas ações e palavras admirava acertos superiores.

– Não é a minha lastimosa história para divertir-te – lhe respondeu Belino –, porque meus repetidos trabalhos só poderão aumentar tristezas; mas, como queres ouvi-los, direi parte deles para satisfazer-te.

“Nasci em um país muito distante deste: fui socorrido de bens, bem visto entre as estimações e assistido pelos melhores; mas, como

⁷² Mit. rom.: deusa da sabedoria e da estratégia em batalha (gr.: Atena).

os justos Deuses não quiseram que eu colhesse os frutos dos regalos, porque quase sempre são venenosos, quando eu principiava a conhecê-los fui reduzido a todo o gênero de trabalhos; e, moderando-se o rigor deles, tomei forças para as maiores fadigas. Os precipícios a que me intentava encaminhar a violência de uma paixão me obrigaram a fugir, vendo de longe os perigos; e, como devo dirigir os meus passos a buscar a pátria, espero que não os queiras divertir; e, se te agrada ir correndo igual fortuna, deixa a sociedade das feras e acompanha-me, que ao rigor dos infortúnios só modera o achar neles companhia. Irás recomendada ao mesmo retiro e segredo de que pende a minha vida.”

– Em acompanhar-te – respondeu Delmetra – buscarei o meu remédio, pois tu me hás renovado o mal com que já não pode o ânimo enfraquecido; mas vou certa que pelos Deuses imortais juras acompanhar-me, como eu também a ti; e, se na verdade tens humanos sentimentos, ou és aqui mandado por segredo da eterna sabedoria, espero que as tuas obras sejam iguais ao que influi o teu amável semblante.

– Nunca saberei deixar-te – lhe respondeu Belino –, nem temas que perigue a fidelidade, atenção e abrigo que devem os bem-nascidos às mulheres a quem persegue a fortuna; porque consiste a maior honra em ser abrigo de honrados; e, quando juras seres de mim inseparável, eu juntamente o servir-te; e, se não há cousa alguma que te embarace, é preciso que nos determinemos a deixar já estes rochedos, antes que a minha vida experimente a ira das feras.

– Vamos – lhe respondeu Delmetra –, e te agradeço, ó brenha compassiva, o amparo de tantos anos, de que saudosa me ausento, pois achei em ti o lugar que me negaram os corações humanos; corram agora de ti, ó bela penha, os líquidos cristais, sem que os perturbe o ardor que me refrigeravam. De ti me aparto, ó bosque sombrio, pardo monte e florescente prado. Aves inocentes, cantai sonoras, que já vos não interromperão meus tristes ais; e ficai, ditosos brotinhos, que do ódio o mal não conheceis, nem do amor o cruel efeito.

Saíram pouco antes da noite, sentindo uma tal consolação que julgavam triunfarem dos passados trabalhos pela alegria e resignação com que, ora caindo, ora tropeçando, foram parte da noite; e, ainda que algumas vezes iam com susto e cuidado pelas vozes de estranhos

brutos que parecia pastavam por aqueles fragosos montes, contudo iam tão fortalecidos com a companhia que tudo lhes era suave. Delmetra, pelo costume de dar poucos passos, fazia o seu caminho com grande trabalho; assim foram, sem mais guia que o conhecimento que Belino tinha das estrelas; chegaram a uma Aldeia onde as serranas eram formosas e agradáveis; e, como estavam fora de Argos e já na campanha de Micenas,⁷³ se ofereceram ao serviço daqueles rústicos e foram admitidos em casa de Leda, que, vestindo a Delmetra, lhe encarregou a assistência de uma velha enferma e entregou seus rebanhos a Belino; e, suposto que da sua memória resultavam sempre saudosos efeitos, pois se lhe não separavam as causas, suspirando ausente da sua pátria, lembrando-lhe seus amados progenitores e os últimos suspiros de Beraniza, entre a mágoa e saudade lhe parecia não poder conseguir maior felicidade que o sossego de ânimo em que então se via. Quando apascentava o gado, cantava suavemente, fazendo que renascessem com a maior glória os antigos varões de quem repetia os mais cadentes versos. À noite, se recolhia, ou molhado a se reparar ao fogo, ou a descansar com Delmetra; e, naquela tranquilidade de espírito, considerava mais rica e suntuosa a choupana que os palácios que havia deixado em Tebas; nem desejava mais que aquele maior bem de seus males, tendo por mui difícil chegar à suspirada pátria; que sempre os trabalhos fazem agigantado qualquer pequeno descanso. Delmetra, que era tida por mãe de Belino, consolando-se com tão boa companhia e ignorando as obrigações que lhe cresciam para esse fim, esperava acabar naquela Aldeia os poucos anos que lhe restassem de vida. As Pastoras, querendo imitar o canto de Belino, se exercitavam em seus inocentes festejos. Delmetra, juntamente, animava aqueles divertimentos, tomando à sua conta o instruí-las: com o que viviam todos contentes, tornando-se os recreios em escolas de civilidade, economia e recato.

Celebravam-se as bodas de Learco, pastor velho, com a bela pastora Olímpia; e, como havia causado a todos admiração a cega obediência com que Olímpia se conformara com a vontade de seus pais,

⁷³ Cidade localizada no Peloponeso. Foi um dos maiores centros da civilização grega e uma potência militar que dominou a maior parte do sul da Grécia.

determinaram festejar três dias aos desposados. As Pastoras, vestidas da finíssima lã de seus cordeirinhos, levando-lhe nas inocentes ofertas os repetidos votos da mais pura amizade, a conduziram para uma fresca fonte que, guarnecida de arvoredos, convidava com a deliciosa sombra. Sobre a verde relva se assentaram, os homens a uma parte e as mulheres a outra, menos os dous desposados, que no melhor lugar estavam juntos. Amatrice, irmã de Learco, saiu do seu lugar, desafiando para o baile, depois do qual lhe cantaram galantíssimas canções, tudo sem mais arte ou adorno que o da agradável singeleza, e assim continuaram, alternativamente; acabavam uns recomendando aos Deuses o constante amor e feliz conservação dos desposados; outros, a pureza de suas obras e aumento das virtudes; outros, que se contemplassem, para que conservassem com alegria o gosto dos primeiros anos; e outros, com muitas graças, elogiando a inocente beleza de Olímpia e zombando das cãs de Learco, lhe diziam que servisse em boa paz a Olímpia para agradecer tão feliz consórcio.

Passadas estas primeiras disposições do festejo, quiseram ouvir a Belino, que lhes repetiu as cadências métricas em que recomendava o esplendor dos noivos a Aglaia, o prazer a Talia, e a Eufrosina a formosura⁷⁴ de Olímpia, para que a defendesse da desgraça que ordinariamente se lhe atreve. Também quiseram que Delmetra concorresse para a função com alguma cousa útil e lhes desse daquele novo gosto que ali lhes havia levado; e assentaram proporem-lhe dúvidas e fazerem curiosas perguntas, ao que deu princípio Learco, pois era o mais ancião e respeitado em tal dia; e, erguendo-se, disse:

– Qual é a cousa que o homem deve mais amar e o que mais o aflige?

– Mais deve amar – lhe respondeu – a consorte bela e virtuosa que ele não merecia; e o que mais o aflige é a separação do que ama e o perder por desgraça o que adquiriu o desvelo.

Com muito riso aplaudiram todos estas respostas e lhe rogaram que não só respondesse, mas que continuasse a discorrer sobre as questões ou perguntas, conforme lhe ocorresse.

⁷⁴ Na mitologia grega, Aglaia, Talia e Eufrosina são as três cárites (graças), filhas de Zeus e Eurínome, ou de Hera. Junto com as Musas, formam o coro divino do Olimpo.

– Em que consiste a verdadeira amizade? – perguntou Pachina, irmã de Olímpia.

– Em sentirem dous sujeitos as adversidades um do outro – lhe respondeu – e se alegrarem igualmente com as prosperidades; e, como é difícil achar-se uma com as qualidades de verdadeira, é preciso que a prudência faça a escolha para serem bem satisfeitos os preceitos da fidelidade. Não pode sempre desempenhar a boa amizade o sujeito que não for discreto e entendido, pois se devem acompanhar com o conselho nas adversidades e reparar dos golpes da inveja nas prosperidades; pelo que não há cousa de que mais careça o coração humano, pois na presença adverte o afeto os desacertos e, na ausência, costuma a lealdade defender dos inimigos. Também a prudência e segredo são condições precisas em quem deve satisfazer aos encargos da amizade; porque, assim como o néscio não é capaz de aconselhar, também o falador arruína quando menos o deseja. Há muitos a quem se pode fiar a pessoa, a vida e o dinheiro; mas o segredo só aos que com antiga experiência acreditam a amizade, a qual não só é obrigada a calar o que se lhe confia, mas guardar o que vir e, algumas vezes, o que ouvir aos estranhos, pelo que só assenta bem nos sujeitos que cuidam bem o que fazem e sabem o que dizem. A pessoa que mais ama se conhece em ajudar com as forças, aconselhar com afeto e estranhar com prudência, não esperando que a busquem para o socorro nos trabalhos, nem que as finezas se agradeçam; porque a amizade naturalmente é generosa e não quer mais interesse que o prazer de cumprir com o que deve; e é sempre desaire da generosidade o esperar agradecimento.

“Também reparei, ó serranos, que nem todos os conhecidos são capazes para amigos; porque os que não forem honestos e benquistos, será melhor estimá-los, se em alguma cousa o merecerem, que conservá-los particularmente; não só pelo mal que podem obrar mas também pelo que os maliciosos suspeitam dos maus; e porque vos não enganem os que adiantam muito os passos da amizade para chegarem à conversação particular, o que muitas vezes sucede com os moços mal procedidos e ociosos. Esta cautela é muito mais precisa na Corte, onde há muitos que merecem estimação e muito poucos que mereçam se lhes confiarem os sentimentos internos. Em toda a parte

é o afeto da boa amizade mais permanente que o amor da sanguinidade, porque a cordialidade dos parentes poucas vezes dura e o afeto da amizade rara vez acaba; as suas leis prometem muitos guardar e as sabem guardar muito poucos, pois são indispensáveis os preceitos de prestar, defender e acompanhar; pelo que é infelicidade o não ter uma e grande o trabalho de ter muitas; e as que são verdadeiras ou falsas só se conhecem quando a fortuna se retira, porque a esta sempre servem os mais, assim como à virtude os melhores.”

Concluiu Delmetra este discurso, em que lhe deram os vivas com grande alegria.

– Qual é o pior trabalho das mulheres da Corte? – perguntou Barnélia.

– A eleição das cores com que pintam a formosura – respondeu Delmetra –, pois gastam a maior parte do dia em contínuas transformações, sem chegarem a conhecer que o natural lhes está melhor; e assim passam de desejo em desejo, querem e não querem, mancham-se e desmancham-se, fazendo-se aborrecer de perto as que se fizeram amar de longe; e, sem parecerem de manhã as que são à tarde, não têm mais constante estado que em conservarem aquela indiscreta opinião. Este mal inveterado se acha nas mulheres que tomam lições no seminário da vaidade, onde se aprendem mil erros, são contínuos os bailes, recreios e conversações em que na chusma desentoadada falam muitas ao mesmo tempo; umas, em dilatados cumprimentos, outras, repetindo histórias mal aplicadas, com as quais pretendem os créditos de entendidas; outras se fingem sábias, falando nos Escritores e dando a arte aos Poetas; e outras que, como estátuas da vaidade na contemplação da sua beleza e bizarria,⁷⁵ se estão revendo em si mesmas e exercitando-se em visagens e melindres; porque muitas ignoram que a formosura do rosto, apenas nasce, tem mil contrários que a arruínam; e que só faz cara ao tempo e aos trabalhos a que consiste em um espírito aprazível e modesto, que com suavidade as faz amáveis e tão poderosas que confundem a ousadia, tiram as armas ao atrevimento e triunfam dos rendidos, sem mais trabalho que recomendarem-se ao silêncio, que costuma alegar a seu favor; e que, em degenerando

⁷⁵ Modos elegantes; fidalguia.

esta suavidade de espírito, perdem o preço para com os que lhes são superiores, se fazem enfadonhas aos iguais, insofríveis aos inferiores e aborrecidas de todos; e, quando preparam para outrem o veneno, bebem a maior parte.

“Mais quisera que elas se divertissem na conversação do mesmo sexo que admitirem os homens, porque são grandes os danos da ocasião; e ainda entre as mulheres se devem escolher as que forem graves e comedidas, porque àquelas que não têm estas circunstâncias sucede algumas vezes serem mais prejudiciais que os homens, pois se não guardam dos inimigos domésticos. As casadas devem sempre acautelar-se na presença das donzelas, pelo que do exemplo se pode relear; assim como é em todas conveniente uma discreta elevação com que não estimem as liberalidades nem queiram mais grandezas que o desprezá-las; porque as que desejam mais que o que lhes permite a sua esfera, estado e possibilidade têm mais um inimigo para vencer o seu coração. O amor em algumas procede mais da vaidade do espírito que da fragilidade, porque se pagam do aplauso dos que só as estimam por seus interesses, sendo certo que as mais das vezes se não louvam aquelas formosuras com prodigalidade tão nobre que não esperem o prêmio de tais louvores; a vaidade e o amor-próprio, que concorrem para serem, com muita leveza, crédulas, também as obriga a trazerem na conversação os rendidos que desprezaram, sendo isto grave descuido da modéstia e desaire do próprio respeito; mas assim persuadem que são dignas de serem amadas: alegram-se de os verem prostrados, especialmente se têm qualidades para terem a estimação das gentes; recebem uma glória esquisita em terem escravos que mais estimam as prisões que desejam a liberdade; e, se por graça lhes principiam a aceitar os sacrifícios, as ofertas, as lisonjas, os protestos e as finezas, muitas vezes deveras se acham vencidas; porque as discretas submissões, súplicas repetidas e bem ornadas poesias costumam abalar os montes, pois, se de assalto as não vencem, o recomendam a uma constância importuna; nem há muralha que resista a este fim, se se não teme ao princípio. Há mulheres na Corte que, em oitenta anos que viveram, nunca tiveram mais aplicação que a dos seus enfeites; e é cousa lastimosa que deixemos de enriquecer-nos dos conhecimentos necessários com a leitura de bons livros, que são companheiros sábios de honesta

conversação. Nós não temos a profissão das ciências nem obrigação de sermos sábias, mas também não fizemos voto de sermos ignorantes. Há mulheres que, em acabando os primeiros cumprimentos, já não querem mais que dizer mal e falar em enfeites e outras semelhantes ninharias; estas fora melhor que aprendessem a calar, se não sabem tratar o conveniente; não digo que sejam sábias como as Musas⁷⁶ e sibilas,⁷⁷ mas que, conforme sua esfera e possibilidade, se apliquem às ciências e ao que sirva para a boa direção dos costumes, que, como não são animais que tirem das flores veneno, não podem abusar da celestial ambrosia⁷⁸ que nos livros se acha; porque o ignorar a gravidade da culpa e os preceitos da modéstia conduzem para o tropeço. Nem digo que seja útil o lerem toda a casta de livros, pois são perniciosos os que tratam das paixões que, insensivelmente, costumam introduzir-se nos ânimos; porque, ainda que se pintem com agradáveis cores, elevado estilo e invenções honestas, nem assim nos convém lê-los, e basta que nos apliquemos aos que nos encham de documentos admiráveis e fazem temer os efeitos do ócio. A paixão, que se exercita em alguma boa obra, diverte as mais, que podem inquietar o espírito, e na gostosa fadiga dos estudos tem a maior glória o entendimento, vendo pela memória desterradas as trevas da ociosidade e ignorância, tirando os melhores exemplos de perfeição. Oh quanto será feliz a que guardar no coração estas ponderações! Pois só as desprezam as que, como aves noturnas, não podem ver as luzes; estas são as que deixam o honesto e generoso de nossos costumes, com o que nos tiram o crédito, pois vivem entre os deleites e a inveja, que as negam às venerações e lhes arruínam a alegria.

“Vós, as serranas, que não podeis instruir as filhas nas ciências, basta que não as deixeis viver ociosas, pois é tão preciso o costumá-las com o trabalho quotidiano, como ao lavrador o arado e ao militar as armas. A natureza dotou os homens de mais forças e as mulheres de mais sutileza de espírito; e às que se servem dela entregues ao ócio

⁷⁶ Mit. gr.: as nove filhas de Zeus e Mnemósina. Conduzidas por Apolo, cantam e dançam nas festas do Olimpo. Têm o atributo de inspirar a criação artística e científica.

⁷⁷ Na Grécia Antiga, sacerdotisas encarregadas de dar a conhecer os oráculos de Apolo. Por extensão, mulheres a quem se atribuíam o dom da profecia e o conhecimento do futuro.

⁷⁸ Mit. gr.: manjar dos Deuses do Olimpo.

incita paixões ardentes que arruínam o entendimento; que, assim como não há cousa mais amável que a bondade, não a há tão segura como uma inocente e dócil sinceridade, aplicando-se esta em repreender os Poetas, desmentir as fábulas e vencer a ignorância e a maldade que nos têm por inimigas do sossego público; e persuadamo-nos de que é só bela e admirável a que se adorna de prudente moderação em todas as suas ações e palavras, e só malquistas entre a gente civil as que com a ociosidade e aspereza de gênios a todos fazem horror, sem que jamais lhes lembre que o viver é trabalhar; nem que houve povos que puseram fora dos seus muros os mesmos Deuses que não assistiam ao trabalho; nem que não deixam de padecer ultrajes as mulheres que só exercitam o inútil.”

Assim concluiu Delmetra com inexplicável aplauso; e coube a Aminta o continuar o divertimento, que o fez perguntando com graça:

– Quantas são as qualidades com que os homens dizem mal de nós?

– Ignorância, maldade e loucura – lhe respondeu Delmetra. – A primeira se acha em uma certa casta de néscios que, para se difamarem por novo estilo, dão a entender que têm grande experiência e já crescido enfado; e, como as frases dos satíricos sempre são aplaudidas (porque é grande o número dos ignorantes mal morigerados), fazem a conversação alegre, talvez porque nunca foram bem-vistos; e, gavando-se⁷⁹ de favores que eles dizem que receberam, fazem a vileza contagiosa, pois perdem as regalias de honrados os que ouvem e celebram aquelas graças, indignas de que as sofram os bem-nascidos. E, se os que tomam essa empresa têm tintura de Filósofos ou Poetas, são as sátiras tão feias como os louvores suspeitos. A estes é o mais grave castigo o negar-lhes a atenção, porque as obras, que deixam ler no sobrescrito alguma desordem de paixões, é mais nobre a bizarria de as desprezar que o empenho de lhes responder.

“A segunda qualidade se acha nos homens que, entregues aos vícios, não podem digerir alguns trabalhos que buscaram com a vaidade de queridos ou com as diligências do atrevimento. Estes são os cães que, mordidos por aqueles com quem foram entender, correm mordendo

⁷⁹ O mesmo que “gabando-se”.

a todos os que encontram; e como os que, enganados de um pequeno alívio, coçam a chaga que acrescentam. Eu quero supor que alguma vez haja algum (se pode ser) a quem a dor tire, com razão, o sofrimento; mas nunca o pode ter em fazer geral o vitupério⁸⁰ pelo erro particular.”

“A terceira ordem destes nossos inimigos são uns melancólicos furiosos, que têm pior afeto que a loucura, porque, apenas declaram guerra a uma pessoa do nosso sexo, logo a intimam a toda a natureza, que nos defende no silêncio. Estes vendem a vingança como doutrina e procuram persuadir a todos que o menor espírito de todos os homens que há no Mundo tem melhores qualidades que os das mulheres mais capazes de todo o Universo. Eu não intento louvá-las contra justiça, pois tem sido o meu empenho advertir-lhes os defeitos que em muito poucas se acham; mas não haverá quem lhes negue a glória de que a mais rude está em mais alto grau que todos eles só em conservar a moderação e constância em desprezá-los. Para os desmentir basta saber-se que as suas presumidas quimeras têm a origem na loucura e amor-próprio, como elementos proporcionados. Estes discursivos, se não dizem que as almas têm sexo, para que forjam distinções que não têm mais subsistência que na sua corrupta imaginação, pois foram igualmente criadas, e a disposição dos órgãos (de que, dizem, provém a bondade do espírito) é tão vantajosa nas mulheres como nos homens? Alguns há tão faltos de espírito e capacidade que, se lhes tirassem um só grau, não lhes faltaria nada para brutos; assim como são inumeráveis as heroínas que se têm visto tão inteligentes que umas têm parecido milagre nas artes e outras têm dado a entender que eles julgam ignorância o que são efeitos da modéstia. Não resplandece em todas a luz brilhante das ciências, porque eles ocupam as aulas em que não teriam lugar se elas as frequentassem, pois temos igualdade de almas e o mesmo direito aos conhecimentos necessários; e o dizerem que as nossas potências são o refugio das suas, porque não sabemos entender, ajuizar, aprender, e queremos sempre o pior, é sobra de maldade e insofrível sem-razão, porque há sempre neles mais que repreender e nas mulheres muito que louvar, menos naquelas que muito os atendem, porque eles as arruínam. Enfim, digam o que quiserem, e faizei vós

⁸⁰ Ofensa à dignidade ou à honra de alguém. Afronta, insulto.

o que deveis; que as que souberdes encher as vossas obrigações não achareis entre os bons algum, por mais insensato que seja, que vos negue a veneração; que eu só estou mal com as camponesas que não cuidam mais que em comer, dormir e falar; porque ainda às grandes senhoras não perdoa a nota que façam vida de se não ocuparem em cousa alguma, porque são incuráveis os males que produzem pensamentos levianos e momentos ociosos.”

Acabando este discurso, que foi igualmente aplaudido, disse Belino:

– Qual é a pena condigna à culpa dos que, voluntários, se metem pelas setas de Cupido?

– Os zelos – lhe respondeu –, voraz incêndio que abrasa toda a região do peito: é uma ira furiosa, um penetrante punhal que de toda a sorte corta nas entranhas; é uma dor insofrível, com que desmaia a mais acreditada prudência; é um furor incitado, que mata sem remédio; é um frenesi sem melhora, que tira de si aos mais sábios; é uma desesperação sem alívio, e é um inferno de penas onde as suspeitas fabricam sempre os tormentos, onde as desconfianças, apreendendo evidências, alimentam as chamas de juízos temerários, onde se fabricam vinganças e forjam mortes ímpias; é um mar de perigos, inquietações e naufrágios, em que a razão não governa, a amizade não consola, nem a experiência alivia, porque tudo é confusão e pesares, com que os zelos buscam o que não querem achar. Esta infelicíssima paixão, que forma a fantasia, veste-se de suspeitas, aviva-se com sombras, sustenta-se da curiosidade levada de enganos pela murmuração: deslustra castas amizades, rompe alianças, engendra monstros, alimenta furores, comendo a si mesma depois de haver atormentado a todos. Se os vossos maridos caírem nesta perigosa doença, por compaixão deles lhes tirai toda a ocasião que possa alterar as suas imaginações; porque quanto é mais ardente o amor tanto é maior a dor que conduz para os delírios. O recato é o remédio que só pode moderar tanto mal, porque os indícios costumam perturbar a razão, ainda aos mais nobres sujeitos; e reparaí que nem Júpiter roubara a Europa⁸¹ se ela se negara aos seus olhos; e

⁸¹ Mit. gr.: filha de Agenor e de Telefassa. Foi raptada por Zeus, que se metamorfoseara em touro, levando-a para Creta.

cuidai em não cair naquela enfermidade, em a qual vos achareis sem mais companhia que o verdugo⁸² formidável que nas entranhas se emprega; e quando para tão grande mal tendes causa conhecida, não vos queixéis com indiscretos excessos, porque o silêncio, a prudência e o sofrimento costumam repreender severamente aos culpados, e a indústria e discrição vos devem revestir de agrado; com o que vereis ou animar-se o amor, ou infundirdes respeito; porque o desafio das palavras não é mais que faltar de água na força da seza, que não só não a cura, mas a aumenta.

Assim determinava Delmetra acabar a tarde, mas com aplauso maior a obrigaram a continuar aquele saudável divertimento; e, levantando-se um célebre velho chamado Anduvino, o qual era prezado de mais sábio que os outros, e fazendo visagens,⁸³ como que se preparava para propor questão embaraçada, disse:

– Qual é a cousa que mais insensivelmente atormenta aos que vivem na Corte, e em que se conhece mais o Rei prudente?

– Atormenta insensivelmente – lhe respondeu – o quererem imitar os grandes a magnificência do Soberano; aos grandes, os que se lhe seguem, e todos os mais trabalharem para o mesmo fim e para fazerem mais bulha do que podem. Os ricos se cansam para gozarem com demasiado fasto as suas riquezas; os que o não são se envergonham de o não parecerem. Os prudentes não se animam a estranhar os excessos, deixando de segui-los porque se não acham com forças para destruírem os costumes bem aceitos e introduzidos; ainda que bem conhecem que assim se arruinam as Repúblicas,⁸⁴ e é mais conveniente o serem peritos nas artes, hábeis para os empregos e amantes da virtude; e que as delicadezas são tão fúteis quanto é digno de glória o que se habilita para ganhar batalhas, libertar a pátria e fazer honrar aos Deuses; mas, seguindo todos o mesmo erro, os pobres tratam-se como ricos; gastam os ricos mais do que têm, todos usam de artifícios

⁸² Carrasco, algoz. Oficial responsável pela execução da pena de morte ou de outros castigos corporais.

⁸³ Trejeitos faciais, expressões com o rosto.

⁸⁴ O termo república é usado na obra no sentido mais restrito – o que pertence e respeita ao público de qualquer estado (cf. Oliveira, 2019, p. 128).

e enganos para sustentarem aquela vã ostentação, porque se costuma todo um povo a entender serem precisas para a vida humana as cousas supérfluas. Todos os dias inventam novidades com que fazem crescer as suas opressões, e àquele excesso chamam bom gosto, perfeição da arte e polidez da nação; sendo este o mal que chega a inficionar até os mais ínfimos da plebe. E quem haverá que possa emendar aqueles erros, se não for o exemplo de um Rei prudente, que com a sua moderação e sabedoria repreenda as demasias, animando aos que desejam usar de temperança?

Assim respondeu Delmetra; e, continuando a receber iguais demonstrações de estimação, disse Olímpia:

– Qual é o maior trabalho das casadas?

– Os maridos imprudentes – lhe respondeu –, e é tão grande a infelicidade das mulheres que, se por sorte o que lhes cabe é néscio, colérico ou zeloso, não só lhes é preciso todo o sofrimento para os ouvir, mas também muito para os ver; advertindo que se entristecem com todas as sem-razões, ou os querem satisfazer em todas as queixas, para tão grande trabalho não bastam em uma todas as forças que a natureza pelas outras repartiu, porque, se são néscios, não os convencem ajustadas razões, antes os põem em pior estado. Se são coléricos e os não emenda a discricção com que os sofrem, nunca se emendam do que se lhes diz. Se são zelosos, ainda que conheçam que, pelo caminho de as guardar, as levam a desesperar, correm com a sua tormenta, sem que se lembrem de que o melhor modo de as ensinar a serem honestas é fazendo delas inteira confiança.

“Também eles aqui se queixam de trabalhos menores, dizendo de algumas que são preguiçosas, desgovernadas, pouco limpas, desconfiadas, faladoras e bravas; e ouço a algumas que os maridos são tão arrebatados que nem os vizinhos podem sofrê-los; porque de coléricos passam a furiosos que, quando vêm para casa, dão nos filhos, gritam com as mulheres, descompondo-as de feias e mal procedidas; outros, que desprezam o amor e cuidado com que os tratam, e que só as vizinhas buscam alegres, servem cuidadosos e festejam com gosto, e se aproveitam das mulheres próprias para lhes fazerem o comer, criar os filhos e guardar a casa. Destas e outras muitas cousas os casados se

queixam nesta Aldeia, e quisera saber qual foi o remédio que deram a estes trabalhos as vizinhas com quem se não fala em outra cousa; pois é grande leveza de juízo comunicá-los a quem os não pode remediar. Sofram-se os casados alternativamente, que, se o silêncio não curar moléstias interiores, só a morte as acaba; porque, assim como só ao coração toca o sentir os efeitos dos que devemos amar, também a ele pertence o ocultá-los; e só àqueles que nos têm verdadeiro afeto se podem confiar interioridades, porque remedeiam o que podem e nos ajudam a chorar e a acertar, advertindo que entre os casados alcança os maiores créditos o que em silêncio mais sofre. As mulheres se fazem conhecer faladoras, com o que confiam a um descuido da prudência, a que chamam desaforo, e os homens dão lugar aos confiados, para que se atrevam a falar-lhes mal de suas mulheres, devendo severamente repreender (senão castigar) aos que a isso se atrevem; porque a quase todos anima o interesse de se introduzirem com o simples, que os ouve. Também há alguns tão indignos maridos que mais as querem ver brincando que fiando, por se livrarem de lhes darem o preciso; mas nunca a pobreza deve fazer tão violento efeito no sofrimento das mulheres que hajam de obrar ação indigna; porque o mal da pobreza remedeiam os bons, e o descrédito nem a emenda o cura; a mulher discreta não deve querer mais que o que permitirem as posses do marido, ensiná-lo a ser moderado, sofrendo com galantaria as suas incivildades, calar o que suspeitar e dissimular o que souber. Eles vieram primeiro ao Mundo, fizeram as leis e tomaram para si as regalias; e, já que são mais velhos, não há mais remédio que fazer gala da sujeição, viver com eles e ter paciência; porque, se advertirem que não são isentos de naufragarem na Estígia,⁸⁵ ordenarão bem as suas ações; e as mulheres que desempenharem as obrigações de seu estado irão a descansar nas odoríferas sombras dos Elísios.”

Acabando este discurso com muitos vivas, tornou a dizer Olímpia (pela obrigarem a acabar o divertimento com outras perguntas suas, pois era seu aquele dia):

⁸⁵ Mit. gr.: referente a Estige, rio feminino do inferno. Era em seu nome que os deuses proferiam os seus juramentos.

– Qual é a ciência que exercitam os serranos? Qual é o homem mais néscio? E a perfeição dos casados?

– A ciência que exercitam os serranos – respondeu Delmetra – é a experiência; porque a experimental faz inteira demonstração de todas as cousas e desterra a ignorância que impede os êxitos favoráveis, ensina a verdade e acautela erros futuros, porque é mãe dos acertos.

“O homem mais néscio é o que mais casado vive com o próprio juízo; pois, quando intenta sustentar o que uma vez disse, querendo desmentir-se de ignorante, acrescenta os delírios por capricho e vive com aquela sombra que lhe impede o mais reto conhecimento; e, se aprende que o Sol não é o maior astro e tem limitadíssima circunferência, o sustenta com teimas e futilidades em que não diz coisa alguma e cuida que deu a entender que sabia muito.

“A perfeição dos casados consiste naquela generosa paixão de amor decente que, com sua boa ordem, esmalta as virtudes e alegremente conserva a felicidade dos matrimônios, porque o gosto dá sempre asas ao amor. Disto se não lembram os pais que, cegos pela avareza e encantados pela suavidade de seus interesses, casam as filhas, dotadas de vivacidade e mais graças do Céu, com maridos cheios de vícios e achaques. Estas merecem que o aplauso universal lhes laureie o sofrimento, pois desde a sua tenra idade se reservaram para amar um monstro, quando a lei da natureza permite desejarem bons maridos e as do matrimônio exortam a sofrê-los: se os amam pelos Deuses, que o determinaram, facilmente o conseguem; mas se por si mesmas querem amá-los, parece moralmente impossível. Têm-se visto donzelas inconsideradamente entregues pelos seus maiores a maridos tão asquerosos que fora melhor conduzi-los ao leito que encaminhá-los ao tálamo;⁸⁶ porque em seus muitos anos e mal ordenados costumes só se exercitaram em tudo o que destrói a saúde; mas nem assim deixam as prudentes consortes de lhes assistir, amá-los e curá-los, sendo este um dos milagres do nosso sexo; e, para evitar o trabalho da desunião que entre estes é mais ordinária, não há remédio melhor que o de abraçarem os gênios dos maridos, que, em lhes ganhando uma vez os corações, não se verá que resistam às vontades das mulheres;

⁸⁶ Leito conjugal. Por extensão, o casamento.

e com esta indústria haverá entre eles aquela obediência que é como a liga admirável que entrelaça tão estreitamente, que há trabalho em discernir o que obedece, ou o que manda.”

A estas palavras se ergueram todos, vendo que Delmetra concluía o seu último discurso: e é inexplicável a atenção e gosto com que a tinham ouvido, pois lhes havia mesclado as veras com as graças; e, dando-lhe as serranas mil agradecimentos, a tomavam entre os braços, parecendo que assim a queriam conduzir a casa. Atília, Pastora bela, inclinada ao gentil Belino, toda aquela tarde, insensivelmente, não podia apartar dele os seus olhos; e, esperando-o no dia seguinte na mesma fonte dos festejos, lhe disse:

– Sabe, amado Belino, que, desde o primeiro dia em que te vi, não sei quando sou triste ou contente, porque na tua ausência sinto um não sei quê que me aflige; e, quando te vejo, o mesmo excesso de prazer me consome. Perdi o gosto de meus lindos cordeirinhos, as flores já não me alegram, nem folgo de ouvir as aves, porque choro quando as ouço. Se em o teu nome se fala, eu sinto repetir em o meu peito o eco. Alegro-me quando te vejo, mas o coração sempre palpita; e, se este mal que eu padeço é o bem de que falam todos, quem pudera não o ter, pois é mal que tanto atormenta! Quando deixo de te ver, muito me lembra para dizer-te; mas parece que querem as Fadas más que, em te vendo, tudo me esquece e passa o tempo tão depressa que nunca tenho lugar nem para dizer o que sinto, e fico tão doente como antes. Ó desgraçadas Pastoras, se a este mal são arriscadas! Quem pudera dizer a todas o tormento que eu padeço, para que se acautelem antes de cair doentes! Que isto é morte que dura sempre, agonia que não acaba, dor que de cada vez mais cresce e a desgraça maior que todas. Onde irei que não leve comigo a pena que me acompanha? Pelo que eu me resolvo a dar-te a mão de esposa, a ver se me farto de estar contigo.

– Belíssima Atília – lhe respondeu Belino –, eu vos amo com tal extremo que já de antemão tenho pago o vosso afeto; mas não é para mim a ventura para que me destinais, porque não só fora erro mui grosseiro, porém execranda culpa o servir-me do que a vossa bondade me oferece, porque sempre é réu infame o criado que nas ações do rendimento se acusa de atrevido. Em me escusar a tanta felicidade

sabei que mais nobremente vos sou agradecido; porque tão altos favores mais me advertem o respeitar-vos; e assim perderei as maiores fortunas, para que não decline a vossa estimação. Bem sei que o afeto que me tendes é filho de uma inocente simpatia; mas quem a este dá entrada com excessos poderá passar a extremos viciosos. É certo que naturalmente nos amamos e desejamos ser amados; mas é tão delicada a boa reputação das mulheres que, para se conservar o culto que merece a sua estimável modéstia, não só devem ocultar bem-nascidos pensamentos, mas nem confiá-los aos mesmos que muito estimam.

– Ah ingrato! – lhe respondeu Atília. – A quem, senão a ti, devia eu confiar o que sinto? Descansa-me ao menos, tirando-me a vida. Ó tristes mulheres, que se vos representam amáveis os homens, cheios de misérias e ingratidões, para ser o remédio a morte! Acaba já de matar-me, porque me estará mais mal o teu desprezo que o afeto inocente que te confesso; que nas rústicas choupanas o ser amo ou ser criado é mais fortuna que nobreza.

– Adverti, senhora – lhe disse Belino –, que é sempre o maior desluzimento⁸⁷ do decoro o deixar ver as chamas daquele incêndio em que é melhor reduzir a cinzas que mostrar as faíscas; porque, se o confessais no peito, acometeu os sentidos e sujeitou o entendimento; e assim se perde o rumo da razão e a remora⁸⁸ da modéstia, pelo que a amizade não se estima, nem se agradece o conselho.

– Se eu insensivelmente fui infeliz em amar-te – lhe respondeu Atília –, só é remédio o descanso de ser tua esposa, e não temas que Leda o embarace; porque ainda que à sua vontade só devo sujeitar a minha, ela conhece o teu raro merecimento e suspeita o que eu padeço; e, como agora vem gente, amanhã tornarei aqui para falar-te.

A este tempo chegavam duas Pastoras e se retirou Atília; e Belino, mais aflito, foi comunicar a Delmetra aquele impensado trabalho e, sem lhe descobrir o segredo de seu traje, determinaram retirarem-se, antes que a tirania do amor fizesse maiores progressos; e, não esperando a manhã, saíram a continuar a sua peregrinação.

⁸⁷ Descrédito, diminuição do valor.

⁸⁸ Embaraço que atrapalha a realização de alguma coisa; impedimento, obstáculo.

Com muito vagar e trabalhos, descansavam uma tarde em o alto de um monte, donde descobriram uma grande povoação. No dia seguinte, se determinaram a ir vê-la; e, entrando nela, souberam que estavam em a nobilíssima Esparta.⁸⁹ Andaram como renascidos em um novo Mundo, por haver muito tempo que se negavam aos seus olhos os danosos estrondos da opulência e os perniciosos luzimentos da ostentação, que mais folgavam de ver os estrangeiros. Foram a uns passeios e deliciosos jardins; e, como ali era estilo prender-se a gente ordinária que entrava em um deles, e alistar-se para servir nas campanhas, porque a multidão de povo, que a ele concorria, o tinha destruído e sempre embaraçado, sendo o que estava em melhor situação e mais abundante de água, Belino, que o ignorava, ao sair dele foi preso pelos guardas, que não davam ouvidos a dizerem-lhes que não sabia aquele costume; ao que só respondiam que, para exemplo e boa execução da lei, não havia caso algum excetuado. Delmetra, com mil lágrimas, lhes dizia não ter mais abrigo e companhia que seu filho Belino: ao que não davam atenção; e como pelo socorro que dali se mandava para Corinto sucedesse no dia seguinte embarcar soldadesca, em a qual foi também Belino, ficou Delmetra em casa de um Cabo que fazia aquelas expedições, onde fora a ver se com seus rogos o livrava de experimentar também os trabalhos da guerra; e, como via malsucedidas as suas súplicas, dando tristes suspiros se queixava da desgraça; pelo que lhe mandou dizer Almerina, dona da casa, que se não desconsolasse e que, enquanto quisesse ali estar, lhe não faltaria coisa alguma.

Reparavam aqueles domésticos que as palavras de Delmetra eram brandas e acertadas; e que suavemente chegava a si os meninos, que a ouviam com gosto e atenção. Assim se foi justificando tanto a sua capacidade que Almerina lhe encarregou a educação de três filhos que tinha e lhe disse:

– Vós sabeis, ó Delmetra, o cuidado que deve dar a boa educação dos filhos, porque nos meninos, como cera branda, tudo se lhes imprime; e que, se os maus costumes têm as raízes na educação, raríssima vez deixam de ser os frutos monstruosos. A má criação e o mau exemplo

⁸⁹ Cidade-estado da Grécia Antiga localizada na região da Lacônia.

apostam entre si fazerem-se conhecer toda a vida. Bem sei que este cuidado só deve tocar aos pais; mas, quando o estilo, disfarçado em fantástica decência, os retira de seus olhos a maior parte do dia, devem ter bem examinado o sujeito a quem os encarregam, porque dos maus costumes dos servos insensivelmente se revestem; e, como sei que é difícil achar tantas e tão preciosas circunstâncias em uns sujeitos que eu me contentava de que tivessem bastante prudência para se acautelarem, ocultando aos meninos as suas paixões dominantes, reconhecendo em vós a mais própria capacidade para tão importante emprego, pelas virtudes que em vós tenho observado, quero aproveitar-me do acaso que para aqui vos conduziu e colher este especialíssimo fruto de vos haver amparado sem interesse, só lembrando-me de que a compaixão com os perseguidos é indispensável obrigação do racional; mas agora vejo que o tempo afiança a fortuna dos que valem, porque vale muito a seu tempo.

“Eu vos entrego nos filhos o tesouro que mais desejo guardar e defender dos que intentam roubar-lhes a candidez e inocência. Bem sei que, quando é má a inclinação, não a vence a educação; mas é certo que, se de todo não a destrói, sempre a modera; e, quando não a vença nem a modere, eu satisfaço como devo em buscar-lhes os meios úteis e não consentir-lhes o pernicioso: quanto mais que o tempo que se gasta em mortificar-lhes o espírito bem paga o trabalho, não os deixando perder o equilíbrio, para que não caiam no abismo de vícios, em que se habitua os que correm com a liberdade e má inclinação. O amor-próprio, que quase sempre senhoreia os ânimos das mães, não é bastante para que eu desconheça as vossas singularidades, as mais próprias para tal emprego, pois sei quanto é pesada esta obrigação e que não consentir no que convém para a boa educação dos filhos é nascido de um aparente amor que produz efeitos de ódio; e juntamente não quererem mortificar-se, vendo, com inteireza e aparente sossego, castigar os filhos.”

– Como tendes tão claro conhecimento – lhe respondeu Delmeira – e seguis tão sólidas doutrinas, parece que, onde estais, sou inútil para esse fim; e bem haveis de saber que melhor efeito faz no ânimo de um filho o severo olhar de seus pais que muitas advertências de um bom criado.

– Bem reconheço – lhe respondeu Almerina – que, em parte, é assim o que dizeis; porém, não me deveis negar que há gênios em que faz melhor impressão o conselho do bom criado que muitas advertências dos pais; porque se as palavras do criado, que tem crédito, se ouvem com afeto, são mais bem-sucedidas que as dos pais, que se ouvem com tédio e horror. A maior parte destes vemos sempre entre dois extremos, de carinho indiscreto ou rigor demasiado: o muito carinho foi sempre a ruína do respeito; e o rigor demasiado nasce horror, cresce aborrecimento e quase sempre acaba em pouco caso ou com os delírios da exasperação.

– É certo, Senhora – lhe respondeu Delmetra –, que é difícil a arte da boa educação, porque por essas razões se não permite aprender errando.

“Os ternos sentimentos da mãe os não devem conhecer os filhos, e convém não brincar com eles desde muito pequeninos, porque desde então principia a obrar o respeito. Bem sabeis que o vosso maior cuidado se deve aplicar em que tremam, sendo ameaçados convosco, e que uma vossa palavra ou olhar severo sintam como o maior castigo; e, como há ocasiões que no falar pode ser grosseiro o cuidado, é preciso que o vosso enfado também dos olhos o entendam, e que com a maior vigilância os ensinem a temer a ira do Céu, a amar a honra, a verdade, a pobreza, as virtudes e as letras. Não consentais que lhes façam medos nem contem histórias ridículas; porque se pode aproveitar o tempo contando as generosas ações de Alexandre;⁹⁰ as que se fizeram de honra e valor, quando os Gregos foram contra os Troianos; aquela mais ilustre grandeza com que alguns Soberanos têm perdoado as ofensas; os honradíssimos créditos com que acaba o vassalo que expôs a vida defendendo a do seu Rei; o rigor com que a justiça costuma castigar os delitos; a nobreza com que os ofendidos procuram fazer bem a seus inimigos; e quais são as felicidades para que as boas obras conduzem etc. Este é o melhor modo de se lhes fazer amar e decorar as ações mais nobres, porque as ouvem com gosto e assim conservam na memória as melhores instruções e máximas

⁹⁰ Mit. gr.: Páris, também chamado Alexandre, príncipe troiano que raptou Helena, esposa do rei de Esparta, dando origem à Guerra de Troia.

convenientes. Bem sei que, de ordinário, não sabem de tais histórias as pessoas que lhes costumam contar as inúteis, de que toda a vida se lembram; mas, assim como os servos que entram de novo em uma casa, conforme a variedade que há entre elas, aprendem os costumes, aprendam também algumas histórias próprias para as repetirem aos meninos, como repetem as outras.

“Pelo que toca aos danos do mau exemplo, bastantemente discorrestes e com o costumado acerto. Ah que, se muitos pais soubessem conhecer quanto são prejudiciais as más companhias e o mau exemplo, não haveria famílias destruídas pelos vícios que herdaram uns dos outros! E não acabam de conhecer que o verdadeiro amor para com os filhos deve consistir em os não inabilitar para os aumentos, persuadindo-os, com o bom exemplo, a que procedam bem e amem os livros, dos quais se fazem os tesouros mais seguros; porque, se a inveja os intenta roubar, só dura a mentira enquanto a verdade não chega; são bens livres das penas dos delitos, morgados que se não empenham, e dinheiro que se transporta sem fadiga, quando uma desgraça obriga a mudar de uma para outra terra. Onde irá um sábio, que se não faça preciso? E esta melhor riqueza falta muitas vezes aos filhos, porque nunca seus pais, com o exemplo, lhes ensinaram a procurá-la. Há uma nação em que é costume repreender-se o filho-família pelo primeiro delito; pelo segundo, castigar-se com brandura; e, pelo terceiro, ser morto e o pai desterrado: e é certo que os que os consentem viciosos criam assim os seus piores inimigos, porque estes em muito tempo não matam, e em poucos dias acaba o pai, a quem o filho, com um desgosto, matou. Quando chegam aos quatorze anos, se encarregam, mais que ao cuidado da mãe, aos olhos do pai, que lhes deve mostrar agrado prudente para se animarem a falar na sua presença, para observar se falam demasiado, se são os seus discursos acertados, se se descompõem com ações e outras semelhantes miudezas, para os advertirem a que se hajam com modéstia e tenham civilidade; mas de modo tal que não tomem medo de falar na presença dos que os devem advertir. Vós vos sabeis portar com eles, discreta, prudente e varonil, e não careceis do que me tem ensinado a experiência, porém não entendeis que eu me escuso de servir-vos, porque o farei todo o tempo que me demorar ausente de Belino; pois já sabeis que tenho

determinado ir vê-lo; porque a saudade, que o trato das pessoas deixa nos corações, não tem mais corretivo que usar como remédio da causa do mesmo mal.”

– Como vejo – lhe respondeu – que é justa a vossa resolução, não posso deixar de consentir em algum tempo da vossa ausência, contanto que torneis à minha companhia; mas vede que os sucessos da guerra são duvidosos e talvez que vos seria mais conveniente esperar em descanso cantar a vitória.

– Conheço, Senhora – lhe respondeu Delmetra –, que ao melhor me aconselhai; mas, como a ação é indiferente e contínuo o meu cuidado, permiti que eu seja a mesma que castigue a minha impaciência, no caso que os meus olhos vão a ver o desengano da minha esperança.

– Se em vosso filho – lhe disse Almerina – resplandecem as vossas doutrinas, ide vê-lo; pois, sendo compêndio de virtudes, é digno acredor⁹¹ a tão grande saudade.

Com esta última resolução ficou Delmetra consolada e com forças para continuar na assistência dos meninos, o que exercitou enquanto não houve embarcação que a transportasse. Dominava de cada vez mais no ânimo de Almerina, vendo esta quão docemente infundia nos poucos anos o gosto da aplicação e o desejo de crescer em virtudes e ciências, vindo a conhecer que não são os muitos castigos os que dão a melhor doutrina aos meninos, se falta quem com prudência no trato familiar lhes infunda suavemente o que lhes convém; e, admirada do que em Delmetra observava, dizia:

– Como é possível que em uma mulher vil hajam tão iguais como ilustres sentimentos! Quem lhe disse como se deviam haver em tudo os que nascem de mais antiga origem? Mas, já que os Deuses poderosos quiseram confiar à minha admiração este prodígio das suas obras, não será razão que eu negue a Delmetra a assistência do filho,⁹² que, como estas são as joias mais importantes, que só se devem guardar nos olhos das prudentes mães, eu lha não fiei, porque nem das luzes da virtude me devo persuadir enquanto não as acreditam larguíssimas ex-

⁹¹ Credor. Que é digno, merecedor.

⁹² Na 1ª edição (1752), consta “da filha”, o que é inconsistente com o enredo, pois Almerina não sabe que Belino é, na verdade, Hemirena. Esse erro foi corrigido na 2ª edição (1777).

periências; e já as que me deixa querem segurar-me, senão um inteiro descanso (pois o não devo ter em matéria tão importante), ao menos o alívio de meu preciso cuidado, quando torne a servir-me. Delmetra se ausentou, deixando a todos saudosos, ainda que na esperança de que tornaria ao serviço de Almerina pelo muito que interessava no seu agrado, para o qual concorria o admirar tantas virtudes que eram filhas de tão ocultos como preclaros princípios, pois, se as ações a estes não correspondem, renunciam os bem-nascidos, em o próprio vitupério, toda a glória de seus antigos.

FIM DO TERCEIRO LIVRO

LIVRO IV

Sumário

Chegando Climeneia a Micenas, chorou a falsa notícia da morte de Hemi-rena, ou Belino; e, sendo obrigada a continuar a viagem, chegou a Corinto, onde achou Diófanes, que com o suposto nome de Antionor se lhe ocultou, não obstante o conhecê-la, pelo que lhe conta seus trabalhos.

Embarcou Delmetra em Esparta com tão excessivo prazer que este parecia querer descobrir-lhe o segredo pelo que amava a Belino; e, como quando o afeto suborna com a esperança de alívio não se temem os naufrágios, não a embaraçaram distâncias nem a demora que aquela nau poderia ter em Micenas, onde ia incorporar-se com outras que também transportavam aprestos de guerra para Corinto. Chegando a Micenas, onde não teve mais demora que dous dias, ouviu uma notícia que, pelos sinais, a persuadiu que Belino havia acabado em um encontro em que, diziam, foram mortos cinquenta soldados. Triste e magoada, chorava de contínuo aquela funesta novidade, já sentindo haver deixado a brenha, as feras e os montes. Chegaram com boa viagem a Corinto; e, quando desejava não fazer desembarque, esperando voltar para Esparta na mesma embarcação, foi obrigada a saltar em terra, onde nem se animava a perguntar por Belino, tendo por certo que era morto.

Um venerando ancião, que sobre a areia estava como observando o que se passava naquele porto, vendo as contínuas lágrimas de Delmetra, chegou a perguntar-lhe a causa de seu pranto e a consolou, segurando-lhe ser falsa a notícia que chorava, porque tal encontro não tinha havido; e a encaminhou a umas camponesas, onde lhe dariam

agasalho; e que ele mandaria fazer diligência por Belino e avisá-lo, para que fosse falar-lhe. As camponesas a receberam com agrado e repartiam com ela do pouco que tinham para se manterem.

Passados cinco dias, foi Belino falar-lhe, a quem com grandíssimo alvoroço disse:

– Não é crível, amado Belino, a consolação que recebo em verte; como é possível que aos meus olhos se restitua com vida o que eles tão deveras choraram morto? E são tão novos os meus pesares que, ainda que te estou vendo, tenho na alma impressa a mágoa da tua morte. E, se as más notícias ordinariamente são certas, ainda não creio que estou contigo.

Belino, que já não podia reprimir os impulsos de sua alegria, lhe respondeu com mostras de imenso prazer, afeto e agradecimento, sendo o seu gosto e alvoroço as testemunhas do quanto é ardente a saudade que justamente se imprime nos corações humanos; e, imaginando que algum novo trabalho a encaminhasse para ali, lhe pediu o tirasse daquele susto.

– Já sabes – lhe respondeu Delmetra – que fiquei na grande casa de Almerina, que com muita bondade me amparou quando eu só a havia buscado para que te livrasse daquele impensado trabalho, o que, segundo o estilo, era impraticável. Passado algum tempo, tivemos um larguíssimo discurso sobre a boa educação dos filhos, e me entregou três que tinha, determinando descansar no meu cuidado. Eu lhe não resisti àquele emprego, porque, ainda que se falta a prudência aos pais, é de nenhum ou mui pouco efeito a diligência e vigilante cuidado dos bons servos; Almerina desejava acertar e sabia sujeitar a vontade às resoluções do entendimento. Com grande repugnância ouvia falar no alívio da minha saudade, até que a venceram as minhas instâncias, e embarquei sem companhia conhecida, valendo-me do privilégio dos meus anos; porque, ainda que estes não dispensam na modéstia das mulheres, é certo que os mordazes não as consideram arriscadas quando o respeito da ancianidade as defende. Chegamos a Micenas, e, ouvindo contar de um encontro que diziam ter havido, eu me persuadi, por alguns indícios, que tu havias ficado morto; e, lamentando novamente o meu desamparo e tua infelicidade, rompia

em delírios, pedindo aos Céus que me dispensassem de padecer, e com magoadas vozes dizia: “Ó brenha compassiva, que me escondias a este novo gênero de penas; ó feras cruéis, para isto me respeitou a vossa ferocidade? Aves inocentes, fontes cristalinas, quem pudera trocar o triste estado, assim porque cantais no ameno prado, festejando o caçador que vos dá a morte, como porque alimentais e refrigerais aos que gozam a tranquila soledade dos montes”; e logo, vencendo aquele primeiro assalto, dizia: “Mas que indiscreto sentimento é este, que me usurpa a liberdade? O afeto que em mim produziram as virtudes de Belino não é possível que me arraste a tanto excesso de pesar; a sua vida não foi estrago das feras e acabou como os que renascem de ações de honra e valor, aos quais a posteridade resguarda as glórias de seus nomes; nem deve ser bastante aquela morte para enfraquecer a minha constância. Foi à guerra, não viu o triunfo, mas deu por ele a vida, que os que morrem na batalha sempre vencem, como vítimas da vitória; e poderá ser que fosse melhor acabar a vida, porque, para os homens que respiram com o alento que lhes infunde o ilustre ardor de seus honrados créditos, é glória o acabarem no combate em que os seus ficam vencidos. Mas aí”, tornava a dizer aflita, “que pouco me confortam as razões do meu alívio! Como é possível que o amor Platônico, livre de interesse e cheio de benevolência, me arraste a um sentimento invencível? Se eu amava as virtudes de Belino, como me não alegram as notícias de que posso inferir o seu eterno descanso?”

“Assim, triste e confusa, passei os dias da minha viagem; e, sentindo havê-la intentado, já se me representava agradável a brenha que eu havia regado com lágrimas, conhecendo o bem que de todo o mal se pode tirar, e mais vivamente recordava os primeiros infortúnios como origem de tão repetidos contratempos, vendo se podia assim divertir o rigor da minha mágoa; mas eram inúteis as reflexões, porque sempre sentia mais viva a minha dor e saudade. Cheguei a desembarcar com igual desconolação; um venerando velho, reparando em minhas lágrimas, me perguntou a causa delas e me seguiu ser falsa aquela notícia, porque não houvera encontro algum. Ele me conduziu a esta casa, onde muito me obriga a bondade com que me favorecem. Agora, dize-me, como tens vivido em terra estranha e com gentes de

diversos gênios e costumes, porque em tais circunstâncias se exercita a prudência, se acrisola a virtude e acredita o entendimento.”

– Desde o primeiro dia – lhe respondeu Belino – que nos separou o acaso e a tirania do meu cruel destino, assistindo-te o meu cuidado, quis a providência que se me tirasse da memória tudo o mais que podia atingir-me, porque um corpo não tivesse duas penas. O tempo não dá lugar a que eu conte meus primeiros cuidados e as aflições que, nos primeiros dias, me negaram toda a alegria e esperança de alívio. O nosso exército se acha acampado não muito longe daqui; e não tem havido encontros ou avançadas, porque, antes de fazermos algum movimento, propôs o inimigo a paz. Ontem se falou, na tenda do Generalíssimo,⁹³ que destacaria um grande corpo de tropas para as fronteiras, onde se acha o Rei; e que a paz, que se propunha, era injuriosa. Não sei se eu serei mandado; e, como a ocasião me não dá tempo para demorar-me contigo, é preciso (já que os Céus assim o querem) que eu vá acudir à obrigação para que me destinou a minha cruel fortuna; e roga aos Deuses que antes me entreguem ao rigor das lanças que me falte o valor em que influi a honra; e tornarei a ver-te quando tiver licença para demorar-me algum tempo mais em tua companhia.

Com estas apressadas palavras se retirou Belino, deixando a Delmetra em tanto sossego como se fosse restituída a seu primeiro estado.

Passados alguns dias, veio o venerando velho a visitá-la; e, festejando-se reciprocamente, perguntou Delmetra se se ajustaria a paz; e lhe respondeu que não: e entendia que com dissimulação se fazia novo esforço para irem de assalto sobre o inimigo. Reparava Delmetra na afabilidade e grato estilo com que se explicava; e, estando-lhe obrigada pela compaixão que lhe deveram as suas lágrimas, lhe disse desejava saber a quem devia tão repetidas atenções.

– Não duvidara dizer-vos quem sou – lhe respondeu – se se não estribara a minha consolação em que me desconheçam as gentes. Eu vos conheço; e que são ilustres...

Aqui se adiantou Delmetra assustada, dizendo:

– Vós não podeis conhecer-me, e alguma equivocação vos engana.

⁹³ Comandante supremo de um exército.

– Não vos perturbe – tornou a dizer-lhe – que eu saiba a vossa origem, pois só digo que conheço ser ilustre o vosso agradecido ânimo, que este sempre ostenta o mais nobre coração, assim como as ações e o semblante contêm a mais bem acreditada genealogia. Os Príncipes em toda a parte se distinguem, não em a formatura do corpo, nem na especial imortalidade da alma, porque a natureza os organiza e anima iguais aos outros homens, mas sim nas ações generosas, nas empresas de glória, em honrarem as gentes, no desejo de mostrarem o poder, em amarem a justiça, ampararem os pobres e serem exemplo de virtudes; e, quando se encontra sujeito em que são as boas qualidades independentes da sua origem, pela raridade se lhes multiplicam os quilates da estimação. Eu observo em vós o respeitável semblante e palavras de brio igual ao mais bem-nascido agrado; e, como vejo que são poucas as mulheres que cabem nas choupanas, sabendo guardar a boa ordem de seus costumes, creio que sois ilustrada pela alta sabedoria dos Deuses. Não quero ainda assim dizer-vos nisto que por estas vizinhanças costumem todas desprezar o decoro, pois este devem zelar tanto as ilustres como as Pastoras.

– Não sigo o vosso parecer – lhe respondeu Delmetra –, porque as que nascem em superior hierarquia devem também nos créditos especificamente distinguir-se das de inferior nascimento; porque os encargos da nobreza mais gravemente lhes recomendam a honra, docilidade e moderação, com o que se fazem distintas, e pelo que só lhes é permitida a vanglória de darem exemplos às inferiores; pois, pela decência senhoril com que mais se negam aos olhos dos homens, as advertem de que o veneno, ainda que se disfarce em açúcar, sempre mata, se a quantidade não é pouca.

– Se a culpa, a natureza e as paixões são iguais – lhe respondeu –, também deve ser igual a glória do recato e a pena da indecência; porque a murmuração pública não considera que haja quem possa dispensar os preceitos da modéstia a nenhuma casta de mulheres; ainda que nas bem-nascidas um descuido é culpa grave e nas humildes uma culpa é só descuido, porque a boa educação das senhoras tira o lugar à ignorância que às outras desculpa: e é tão sublime o decoro que as humildes com ele se enobrecem; e as distintas se fazem vis quando

o desprezam: e assim umas o devem conservar pelo que arriscam e outras igualmente pelo que alcançam. Oh quanto são inadvertidas as que perdem o algarismo do preço inestimável da modéstia! que não só têm no ódio das gentes o seu castigo, mas o tempo lhes mostra que os mesmos que causaram a sua abominável ruína as escarnecem, vituperam e desprezam; e, quando se demoram em não conhecer o seu enfado, se explicam com demonstrações de inteiro aborrecimento e ódio.

“Algumas mulheres encontro que, vendo-se adiantadas em anos, deixam de ser comedidas nas palavras: o que será por entenderem que o riso dos ouvintes é efeito da sua graça; ou porque se persuadem que a soltura é privilégio da ancianidade, sem que advirtam que, enquanto os delírios da velhice não as desobriga de comedidas, se lhes multiplicam as causas para a prudência, pois não têm a desculpa dos poucos anos, que conduz para errar os termos; ainda que estudar os acertos em tenra idade é merecer cultos e adiantar estimações, assim como o respeito que se deve aos velhos é dívida contraída entre a falta de experiência e o bom exemplo e documentos que devem dar aos moços.

“Também vejo que as moças ou conversam demasiadamente, ou, em vendo gente, fogem, como se fossem animais de outra espécie, sem que haja quem lhes diga que o fugir ou é incivil grosseria, ou é tentar a curiosidade; e que a muita demora em tais conversações ou as faz ter por levianas, ou ociosas; e que, em deixarem de responder a quanto se lhes diz, cabe o melhor conceito da discrição; porque o muito falar ou descobre toda a capacidade, ou publica a indiscrição que estava oculta; e que o estranharem os próprios elogios e lisonjas com mudança de cor é avivar os merecimentos da formosura; e que o abaixarem gravemente os olhos, negando-se à atenção dos rendimentos, é conquistar os ânimos e vencer impérios na veneração das gentes. Estas e outras muitas obrigações, que nas donzelas resplandecem tanto quanto as deslutra qualquer pequeno descuido, vós melhor que eu as sabereis e tereis ouvido que a muitas aqui esquecem.”

Delmetra, admirada de ouvir palavras tão cheias de acerto e desejando que continuasse o discurso, lhe disse:

– São tão infelizes as mulheres que, bastando que os homens sejam bons, elas não basta que o sejam, porque é preciso que também o pareçam. Não devem aceitar, por não agradecerem; nem muito falar, por se não exporem a errar, e porque não digam que a que folga de ouvir, dizer e se deixar servir não teme ou não conhece o perigo, porque a algumas graças costumam os vizinhos chamar desgraça: e, como a malícia humana já se adianta a adivinhar pensamentos, nem na conversação e carinho de tratar os parentes deve deixar de haver cautela. Oh quanto é feliz a que melhor conhece o muito que arrisca e o pouco que eles perdem!

“Muitas vezes sucede que os pais têm toda a culpa nas inadvertências das filhas, pela muita delicadeza e descuido com que as criam; e são as suas deidades, em cujos semblantes vem a sua tormenta ou bonança. A esta criação se segue o multiplicarem-se as loucuras, com o que se prende a razão, as paixões tomam forças, os desejos não têm medida, nem a vontade tem freio; e como um raio despedido vão do pátrio poder para a companhia dos maridos; e, se alguma vez concordam com as suas vontades, é apoucando-lhes a autoridade, pois se não assemelham as qualidades do Sol com as da Lua, senão quando o tem eclipsado: pelo que vos ouço estranhar estes costumes, creio não será esta a vossa pátria, e talvez que (como eu) vos trouxessem aqui alguns contratemplos.”

– A minha pátria – lhe respondeu – é esse excelso Olimpo; não há dúvida que eu deixei o meu país constrangido, sendo recomendado aos mais duros grilhões, nos quais trabalhava de dia e suspirava de noite pelos que de mim separou o fado adverso. Os anos que assim passei não bastaram para se moderar o pranto que todos os dias consagrava às suas memórias, que as grandezas, fasto e estimações insensivelmente perde quem sabe conhecer o pouco que duram; e me consolava a consideração de ser menor o trabalho do pobre em buscar de que viva que o do rico em reparar o que lhe sobra; porque é só um o que cuida em guardar e são muitos os que pensam em o roubar; e também vendo que a riqueza e autoridade quebrantam o juízo, pelo que é maior o trabalho de sustentar a loucura nas demasias do luzimento, poder e respeito que o que tenho em haver perdido tudo; pois as sobras

do dinheiro e o poder convidam para os vícios; mas os vínculos que uniram à alma os preceitos do consórcio, se nem os pode aniquilar a Parca, não haverá quem os extinga da lembrança.

Delmetra lhe rogou quisesse continuar a contar-lhe seus infortúnios; e, vendo semelhantes aos seus as disposições daqueles trabalhos, lhe perguntou como se chamava.

– Antionor – lhe respondeu –, e não tenho dificuldade em dizer-vos os passos que me encaminharam a este lugar.

“Depois de haver sofrido impensados contratempos, guardava nos campos os rebanhos do Rei Aganimedes, a quem por sábio me havia oferecido Pafo, que se não animou a tirar-me a vida, conforme havia ajustado com o primeiro que me vendeu, o qual, por certas razões, lhe oferecia grande soma de dinheiro para executar aquela tirania. Ali gozava eu da saudável tranquilidade que ensinou aos Pastores o que guardou os rebanhos de Admeto;⁹⁴ quando, tendo notícia de uns escravos desconhecidos que se achavam naquela vizinhança, lembrando-me que podiam ser alguns dos meus patrícios, para os ir ver pedi licença a Aldino, que tinha a incumbência de administrar aquela Aldeia, o qual ma concedeu acompanhada de cavilosos conselhos. Quando à noite me recolhi, me puseram em uma escura masmorra com ordem sua para se me não dar alimento algum, dizendo que fora avisado de que eu procurava ajustar com os meus compatriotas a sua e minha fuga. Mas, não consentindo os Numes nesta falsidade, quiseram que fosse o Rei àquela casa de campo por ocasião de montaria e lhe lembrasse que o escravo, que por Filósofo lhe ofereceram, ali vivia: pelo que ordenou que eu fosse à sua presença. Disseram-lhe aquele delito que se me havia imputado; estranhou que se procedesse com tanto rigor, sem ser a prova suficiente. Logo fui solto; mas, como fosse achado nos braços da morte, não tive alento para falar-lhe. Pouco a pouco fui restituindo-me, porque para lances mais trabalhosos me resguardavam os Céus. Assim passava, sofrendo ultrajes e tiranias. Uma noite, em que a recordação da minha infelicidade reforçava o meu tormento, vi que a casa se ia enchendo de fumo. Temendo algum incêndio, saí daquele

⁹⁴ Mit. gr.: refere-se ao deus Apolo, que, como punição pela morte dos ciclopes, serviu como pastor na corte de Admeto.

pobre aposento; e, reparando que de outro, que estava místico,⁹⁵ saíam horrendas lavaredas, chamei gente, para que se apagasse; e, ouvindo que todos se magoavam por Aldino, por ser o fogo no seu quarto, lembrando-me do quanto é horrorosa a vingança e que podia haver quem se persuadissem que eu lhe aplicara o fogo, pois ele cruelmente me quisera castigar da culpa que eu não tinha, sem temer mais a morte que os juízos temerários das gentes, entrei atrevidamente, rompendo pelas chamas, a buscar Aldino: e quiseram os Deuses (que sempre costumam amparar os acertos) que, tomando-o às costas, tirando-o de entre as chamas, se ouvisse o estrondo da ruína apenas saí do perigo. Toda aquela família, que julgava obrar em mim a exasperação, vendo que eu trazia Aldino, com incrível alegria uns me apertavam nos braços, outros se me lançavam aos pés, outros intentavam beijar-me as mãos, e outros, balbucientes, com lágrimas de gosto, não podiam formar palavras. Eu me aplicava em usar de alguns segredos para o tirar do letargo em que estava, o que consegui logo, porque se lhe restituíram os sentidos; e contou que acordara ao primeiro rumor que eu fizera; e que de uma luz, que deixara junto à porta, pegara o fogo, e se achara sem mais remédio que esperar a morte, pois já não podia respirar, nem tinha mais saída que a que via embaraçada com as chamas. Voltando para o Rei, que ali se achava, disse:

“Agora sou constrangido a confessar-vos, Senhor, o que pode a minha maldade. Antionor, vosso escravo, me tirou das mãos da morte, rompendo pelas chamas, por valer-me a nobreza de seu ânimo para maior confusão da minha vileza; e, como o remorso, a dívida e a razão sempre obrigam, não posso deixar em silêncio o meu delito: não me negue ao castigo a vossa justiça; que, quando a culpa é conhecida, deve ser tão abominável aos estranhos quanto horrorosa ao que a comete; e, se os Céus e a vossa clemência me conservarem este alento que respiro, e a distância do perigo ou me afaste dos bons propósitos, ou me retire de ser grato ao benefício, vos peço, Senhor, que a vossa grandeza me sepulte nesse abismo de penas.’ Aganimedes, desejando saber o fim daquele estranho caso, lhe ordenou acabasse de dizê-lo, o que todos com a maior admiração esperavam. ‘Sabei, Senhor’, lhe respondeu,

⁹⁵ Contíguo, na acepção antiga, atualmente em desuso.

‘que é tão agigantada a minha maldade quanto são sublimes as virtudes de Antionor, porque é sábio, é prudente e é elevada a generosidade de seu nobre peito. Eu sem causa o fiz reduzir à masmorra, onde viu de perto os seus últimos dias, sendo falso o delito que lhe imputou a minha cavilosa indústria; porque, pedindo-me licença para ir ver os seus compatriotas, eu lhe aconselhei, com a mais vil maldade, que se fosse e não tornasse ao vosso serviço, pois era a fuga o único remédio de sua triste servidão. A esta proposta me respondeu que nunca saberia fugir quem havia sustentado os braços de tantos vencedores, quando se persuadia que os Céus o não ordenavam. Tornei a instar que, como devemos morrer pela liberdade, aquele fugir era vencer. Respondeu, com mais severo semblante, que os que temem os Deuses não fogem aos trabalhos, porque, se a eles o destinaram, também ordenariam o seu descanso. Perguntei como não amava a vida? e me respondeu: Os homens como eu mais devem conservar a honra que resguardar a vida. A estes exemplos da mais rara constância instei, dizendo: Pois, como a compaixão me obrigou a aconselhar-te, e a tua ingratidão despreza o que te ofereço, não será justo que venhas causar a minha ruína, comunicando a outros o que te aconselhei: assim te advirto que não tornes a voltar, ou te há de custar a vida. A isto, mais sábio, me respondeu: Eu não devo obrar mal, porque tu não obres pior, pois nem é bastante a tua sagacidade para diminuir a minha obrigação: quanto mais o que é verdadeiramente bom, tarde ou nunca é infamado; e, assim como regularmente a má fama é companheira da má consciência, sendo tu aqui também acreditado, ninguém culpará a tua fidelidade, pois são incontrastáveis as forças da virtude e as da boa opinião; e, como justamente nos não devemos fiar de quem não defender a própria honra, e eu resguardo-a mais que a mesma vida, não temas que te destrua pelo que me confiaste. Assim me deixou, traçando a sua ruína. Esta é a culpa de que me está acusando Antionor na vida que me deu: e com que chego a pedir que me seja perdoado o escândalo; que aos que conhecem a fealdade do próprio delito é mais horrorosa a vida que os rigores do castigo.’

“Aquelas e outras muitas palavras que se haviam dito, ele as repetiu puramente, e eu não as digo por me faltar o tempo. Todos ouviam com grande admiração o acordo e lembrança de Aldino, em quem os

Deuses (parece que para culto da verdade) inspiraram todas as minhas palavras, se acaso o remorso lhas não tinha presentes na lembrança. O Rei, voltando para mim, disse: 'É verdade o que diz Aldino?' 'Não tenho mais que dizer-vos', lhe respondi. 'Pois como', me disse, 'arriscaste a vida por quem te havia prometido a morte e te fazia suspeito contra a boa-fé? Não sabes que não se deve conservar a vida do que é prejudicial ao público? E que sempre o é o mal-intencionado? E que a própria vida devias resguardar ainda apesar da do contrário? E que a ruína do crédito é mais sensível que os golpes da morte?' 'Não receia o poder dos homens', lhe respondi, 'o homem que só teme os Deuses; nem obrigam os resguardos da própria vida quando as manchas do sangue do contrário tomam as cores da vingança: e ao que prejudica o público só pode castigar o que tem a incumbência de administrar a justiça. As suas maldades não me desobrigam de valer-lhe, pela mesma compaixão, a que me deve mover, quando determina vilmente a minha ruína. O crédito, que me quis abater a sua falsidade, assaz restituído fica pela ocasião de receber a vida daquele a quem havia prometido a morte. Quanto mais, Senhor, que o primeiro conselho de Aldino parece filho de um coração sincero; e o desacerto nasceu do muito que teme a vossa ira.' Aqui, furioso, Aldino em mais alta voz disse: 'Não é assim o que diz, Senhor, porque sabe que os monstruosos partos da inveja me arrebataram àquela abominável esfera de desacertos: e para ser, ó Antionor, maior a tua vitória, e bem-vista a minha confusão, será a minha morte o instrumento do teu triunfo. Oh, quem rendera já o espírito nos braços do arrependimento!' E como o pálido semblante se lhe fazia cadavérico, e os olhos se lhe cobriam de sangue, a voz era trêmula e rouca, não quis responder-lhe e pedi ao Rei o mandasse a descansar; o que logo se fez. A este tempo já a gente do campo e parte da família haviam apagado o incêndio, que não ateou mais que naquele quarto; nem se falava no que havia padecido aquela parte do palácio, porque a novidade do que se havia descoberto em Aldino ocupava a admiração de todos, pois não só era servo antigo, mas tido pelo mais verdadeiro e zeloso; sendo que a estes, os Deuses os conhecem e os mostra o tempo. O que lhe causou tanto dano foi o receio de que chegasse aos ouvidos do Rei que os companheiros lhes estranhavam não ser eu posto em melhor ocupação, pois dava mostras de ser na

verdade sábio, pelo bem que instruía os filhos daqueles rústicos; e que, sendo oferecido por Filósofo, era odioso o emprego de guardar rebanhos: estas ponderações lhe introduziram o veneno nas entranhas.

“No dia seguinte fui conduzido à presença da Majestade, que me disse: ‘Agora sei as virtudes de que és ornado; e, se queres a liberdade, confia-me verdadeiramente quem és, na certeza de que te saberei tanto estimar como guardar os teus segredos.’ ‘Não queirais saber quem sou’, lhe respondi, ‘pois jurei não o revelar jamais; mas sabe que vos sirvo, Senhor, obediente ao meu destino, que temo aos Deuses e que amo as letras.’ ‘Eu igualmente me obrigo ao teu juramento’, me replicou, ‘e, como também me deves ser obediente, não é razão que não respondas ao que te pergunto.’ E, vendo-me com mostras de aflito, mudando de parecer, disse: ‘Mas não o digas, que é vil maldade emprender que se ofendam os Deuses sem mais causa que uma curiosidade inútil. Quero que te exercites em dar escola a estes a quem principiaste a instruir; e que o castigo de Aldino seja ao teu arbítrio.’ ‘Que maior castigo’, lhe respondi, ‘quereis que se dê a um triste que correr com a tormenta da sua culpa, entregue ao conhecimento das gentes, passando de estimações a vitupérios?’ ‘Pois sabe’, me respondeu, ‘que, para se conservar como troféu da tua vitória, já eu lhe havia perdoado; e agora só quis tirar mais uma prova da nobreza de teu coração; e ultimamente te digo que te não dou liberdade, por não tentar o teu retiro, mas que consideres tê-la em os meus Domínios, onde te não faltará cousa alguma.’

“Com estas palavras me deixou contente e descontente, pois os descansos de bem-visto me tiravam a esperança aos meus desejos. Quando quis recolher-me, conforme o costume, fui conduzido a umas casas da vizinhança, que achei bem ornadas e com criados que me servissem.”

A este tempo, Delmetra estava ouvindo com grande alegria aquela repentina mudança da fortuna; e, como quase era chegada a noite, Antionor, fazendo aqui ponto, se despediu; e Delmetra lhe rogou quisesse no dia seguinte continuar a sua história, já que a havia principiado; pois, como ferida de trabalhos, se consolava em ouvi-lo. Antionor se retirou, prometendo satisfazê-la. Delmetra toda aquela noite vacilava entre mil considerações, lembrando-lhe quanto aquele grato modo de falar era semelhante ao de seu querido Diófanes, que havia quatorze

anos perdera. Também lhe ocorria o ver-lhe um sinal pardo na barba, semelhante a um que tinha o suspirado consorte; mas estas considerações despersuadia o reparar que tinha a cabeça e o rosto cheio de cicatrizes, era totalmente falto de dentes e tinha muito avermelhada a cor e diversa da de Diófanes; e não se persuadia que tanta mudança e estrago pudessem obrar os trabalhos e o tempo. No dia seguinte, saiu a esperá-lo antes de manhã, gastando aquelas horas nas mesmas considerações em que havia passado a noite; e, ainda que a fontezinha com seus risos cristalinos e aquelas agradáveis representações a convidavam para alegrar-se, como desconfiava da fortuna, se persuadia que tudo era alívio imaginado, para sentir novamente os rigores da saudade: e assim tudo quanto havia reparado lhe tornava a parecer pelo contrário; e, cheia de nova tristeza, adormeceu encostada sobre uma pedra da mesma fonte.

Chegando Antionor e vendo que descansava, não a quis despertar, para com mais individuação examinar o que lhe havia parecido em Delmetra; e, conhecendo ser sua perda Climeneia, com imensas lágrimas de prazer explicava mudamente seu desmedido contentamento, como frase mais discreta dos que na verdade se amam; e, assim imóvel, por lhe não usurpar o descanso, parecia dizer-lhe:

– Adorada consorte, se os Deuses benignos me confiam a incomparável consolação de ver-te, como prêmio da veneração que consagro às tuas virtudes, permita-me o teu amor que eu me negue ao teu conhecimento, por que não vejam os teus olhos os golpes a que está aqui exposta a minha vida, se acaso as ruínas que tem obrado em mim o tempo te não têm deixado ver quem sou; e já para acabar consolado, não me falta mais que ver uma só parte da minha pena em a filha que em ti adoro.

E, como a diminuição que tinha na vista o obrigou a ajoelhar para melhor a ver, quando foi a erguer-se, tocando na pedra a que estava encostada, a despertou; e, cheia de alegria, depois de agradecer-lhe a atenção e repetido alívio, lhe pediu quisesse continuar a contar a sua história, pois desejava com ânsia saber se continuara a experimentar prosperidades quem tanto as havia merecido nas adversidades; e, tornando-se-lhe a excitar as espécies da semelhança:

– Não sei – disse –, ó sábio Antionor, que oculto destino ou simpatia me influi o amar-te, e me não ocorre mais causa que as semelhanças que em ti observo, pois são de sujeito que possuiu o meu coração.

– E como vos afastastes de quem tanto amáveis? – lhe perguntou Antionor.

– Porque da minha cruel sorte – lhe respondeu – fez entre nós o fado igual partilha; pois o laço, que só podia desatar a fria mão de Átropos,⁹⁶ quebrou a tirania dos homens. Ah monstros de crueldade, que não sabem que é a morte menos dura que separar a uma infeliz daquele que lhe destinou a sorte!

A estas palavras acompanhavam correntes de lágrimas, que eram novas prisões para o coração de Antionor, com as quais se sentia desfalecido para se lhe não dar a conhecer; e, quando ia quase a declarar-se, se reprimiu,⁹⁷ dizendo:

– Se eu, Senhora, não tenho palavras para conciliar a vossa alegria, ao menos mereça a vossa conformidade e consolação a semelhança que em mim achastes; e suponde que sou o mesmo que o que é origem de tantas lágrimas, em desejar que se modere o rigor da vossa pena para glória dos Deuses, merecimento vosso e justa vaidade minha. Ouvi meus trabalhos, porque os alheios conciliam forças para tolerar os próprios.

“Já ontem ouvistes como de servir passei a ser servido, e que com aqueles camponeses estive cinco anos bem assistido e estimado; e, lembrando-me daquela sabedoria que ensinara aos rústicos a terem cuidado na agricultura, que desprezavam por preguiça e ignorância, e que Apolo instruíra outros a gozarem mais docemente do sossego e fertilidade de seus campos, eu os fazia colher os frutos com que a terra enxuga o suor dos Lavradores e aproveitar as flores da melhor Primavera nos anos que os ajudam, para recolherem com que passem no Inverno de suas velhices; e, como no mesmo trabalho guardavam a boa ordem e proporções, eram estas agradáveis à vista, servindo-se dos deliciosos rios e fontes, com o que parecia haver ali acabado o

⁹⁶ Mít. gr.: uma das moiras, a inflexível, que corta o fio da vida.

⁹⁷ Na 1ª edição, constava “reprimia”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

rústico e que aquela montanha se transformara em deliciosos jardins. Os Lavradores, vendo-se abundantes, esperavam no campo que os alegrasse a Aurora, prometendo-lhes o dia: assim cantavam alegres no trabalho, que os descansava, e cobriam os montes com seus rebanhos.

“Também os admitia a fazerem ofertas aos Deuses e lhes protestarem nas vítimas a candidez de seus corações. Ordenei que em dias determinados tivessem seus jogos e danças pastoris, porque o moderado e público divertimento faz que se não aborreça a fadiga quotidiana; pois, se aos moços aplicados não se permitirem divertimentos públicos, os buscarão particulares, talvez com escândalo; porque não é possível que todo o tempo se gaste em estudos e ações heroicas: quanto mais que estas mesmas se aprendem nas ilustres que se representam.”

– E não tem o perigo – lhe perguntou Delmetra – de também aprenderem o pernicioso nesses divertimentos?

– Não – lhe respondeu Antionor –, porque os lances de amor a natureza os ensina; e os da fidelidade, constância de ânimo, honra, valor e temor dos Deuses assim se infundem no ânimo da plebe, como me mostrou a experiência, pois não havia ódios, murmurações, nem ociosos, porque suavemente os havia feito aplicar a exercícios de que se utilizavam; e lhes consentia divertimentos, em que também se instruíam no que lhes convinha: e assim faltava o tempo aos mordazes e não havia ociosos que estabelecessem a escola dos vícios.

“Os meninos, em que eu observava habilidade, também se aplicavam a estudos, tirando uma grande parte do tempo às suas travessuras; e os outros iam com seus pais dar princípio a desconhecer a preguiça. Assim me conservava sem mais trabalho que as penosas recordações de meus primeiros infortúnios, quando me chegou um aviso para ir à presença de Anfiarau, que me ordenou o acompanhasse para a Corte, ao que muito resisti, mas sem efeito, e não tive mais remédio que deixar a flauta aos Pastores; e, depois de dispor a alguns, chamei a todos e lhes disse: ‘Já sabeis, ó mil vezes ditosos, que estais gozando as flores e colhendo os frutos desta amável soledade, que sois mimosos aos Deuses, pois vos livram dos tumultos das Cortes, onde uns se alimentam do mal de outros, e que eu vivia em sossego e vós experimentáveis a fertilidade com que as terras, sem descansarem todo o

ano, repartiam convosco os seus deliciosos frutos, que trabalháveis para lhos merecerdes. Já tem sido tão grande o meu descanso que sou obrigado a deixar-vos, ó ditosos Pastores, que em paz e alegria ouvis repetir ao eco as vossas sonoras vozes: Oh quanto é feliz o povo que é sujeito a Senhor sábio, pois busca todos os meios para lhe conservar a sua felicidade e, amando a causa do bem que logra, come desoprimido o fruto de seus trabalhos, assim como o Rei que despreza o amor dos vassalos tem mais que temer na falta deste que os súditos no poder'; e, lembrando-me daqueles vínculos da natureza, que intentara destruir a crueldade das gentes, dizia, mais triste: 'Ai de mim, que nem cheguei a lograr inteiramente este amável sossego, pois já entro em pensar em máximas de governo; mas, se nos trabalhos nasce da conformidade o merecimento, os Deuses sempre justos me hão de restituir a minha primeira felicidade. Bem vedes como entre vós acabou o rústico e estais costumados a obedecer, a trabalhar e a amar a aplicação: conservai-vos com fidelidade, desinteresse, desejo de honra e temor dos Numes; diverti-vos inocentemente sobre a verde relva à sombra dos deliciosos arvoredos; e, quando, coroados de flores, festejardes a Ceres⁹⁸ e a Diana,⁹⁹ lhes fareis a melhor oferenda em lhes levardes os corações despídos de afetos nocivos e conhecereis quão doces e suaves são estes inocentes prazeres: não canseis de cultivar as terras e conservai a singeleza para gozardes felizmente a formosura de que estão adornados estes campos.' Com recíprocas lágrimas me apartei triste, aflito e saudoso. Tanto que cheguei à Corte, fui levado à presença de Anfiarau, que com demonstrações de urbanidade me recebeu.

“São estimáveis, ó sábio Antionor,” me disse, “as tuas prendas e direções que, experimentando-se nos bem morigerados costumes dos rústicos e nos campos fertilizados com a tua assistência e prudentes reflexões, foi justo que se pusesse de parte a conveniência daqueles a quem com mais vontade acompanhavas; porque é razão que prevaleçam os interesses do público aos do particular, e aos do particular também os do Soberano; já as camponesas sabem como devem fa-

⁹⁸ Mit. rom.: deusa das colheitas e agricultura (gr.: Deméter).

⁹⁹ Mit. rom.: deusa da caça e da lua, filha de Júpiter e de Latona, e irmã gêmea de Febo (gr.: Ártemis).

zer sacrifícios ao decoro, já a agricultura experimenta os benefícios da natural Filosofia, ficam remediados os produtos da ociosidade e, entre aqueles camponeses, bem estabelecidas as tuas doutrinas; que os documentos que se ouvem com afeto são leis que jamais se viram quebrantar: é tempo para que as tuas máximas, que estiveram tão desconhecidas, venham a ter exercício entre a estimação das gentes. Bem sabes que as ciências são o prêmio de si mesmas, como bens que o tempo respeita; mas eu me lembrarei sempre que os merecimentos só os exalta quem vê bem as suas luzes, aos quais tanto ama a virtude como teme a maldade.’ ‘Sinto, Senhor’, lhe respondi, ‘que vos dessem de mim uma ideia que eu não saberei desempenhar; e, como seja tão arriscado o perto do Soberano quanto desconhecida a felicidade do rústico sossego, sem que seja o meu intento negar-me ao vosso serviço, vos peço que me escuseis às estimações da Corte.’ Não dando ouvidos a isto, principiou a fazer-me muitas perguntas, com sutileza e engenho.

“Em gostosos discursos se passaram os primeiros dias e, entre outras muitas perguntas, me disse queria saber qual fora o primeiro Rei. E, depois de lhe haver respondido, continuei, dizendo: ‘Conforme a variedade de nações, costumavam nomear os povos aos seus Príncipes, os Argivos¹⁰⁰ lhes chamavam Reis; os Bitínios, Ptolomeus; os Egípcios, Faraós; e os Sículos, Tiranos, e assim as mais nações; mas é certo serem mortos os que foram e que morrerão os que vierem, porque a morte tanto respeita o arado no campo como o trono em Palácio. No princípio do mundo, ao mau Governador chamavam tirano e ao bom chamavam Rei: daqui vereis, Senhor, como este nome de Rei está consagrado a pessoas que são úteis ao bem público; os Romanos, que trabalham para senhorearem o mundo, fazem Reis para os regerem e Capitães para os defenderem. Entre os Gregos, Persas, Assírios, Medos,¹⁰¹ Troianos, Palestinos, Partos¹⁰² e Egípcios houve príncipes muito ilustres; e estes não punham a sua glória em títulos, mas sim nas ações heroicas.’ ‘Já que me tens dito o princípio dos Reis’, me disse, ‘quero ouvir-te como devem conservar e reger o seu Reino, e

¹⁰⁰ Naturais ou habitantes de Argos.

¹⁰¹ Naturais ou habitantes da Média, região da Ásia, atualmente parte do Irã.

¹⁰² Relativo à Pártia, antiga região da Ásia que se estendia do mar Cáspio à Índia.

qual é o mais glorioso Império?’ ‘O mais glorioso’, lhe respondi, ‘é o que os Príncipes alcançam conquistando justamente; e contra o Real decoro o que com sem-razões possuem, assim como lhes é injurioso largar a pacífica posse quando as razões não são convincentes; pelo que é muito preciso fazer aplicação na arte de reinar, por não dilatar com os domínios o peso dos encargos ou os não aumentar, largando com descuido o abrigo dos vassalos; porque se os Principados tirânicos se alcançam por força e com as armas se sustentam, os que são bem possuídos com a razão se sustentam e com os povos se defendem. São tão pesadas as obrigações dos Soberanos que, ainda que tenham o valor de Aquiles,¹⁰³ a riqueza de Creso,¹⁰⁴ a prudência de Platão e a constância de Catão,¹⁰⁵ se a estas virtudes faltarem outras de que também se alimenta o bom nome entre seus súditos, lhes fará mais guerra a inveja, que se não descuida em procurar os descuidos dos que têm virtudes.¹⁰⁶

“Não repugna à prudência, mas a acredita a bondade do Rei que comunica as cousas árduas a seus fiéis e sábios familiares; porém, de sorte que, sabendo-se que os ouve, não se entenda que o governam, assim como é preciso ouvir aos vassalos e não os tratar com desabrimento; porque não consiste a Majestade na aspereza de tratar as gentes, pois, enquanto não são despachados, não é justo que vivam queixosos, e porque o Soberano se faz amável pela bondade e não pela autoridade. Também é preciso refletir que a demasiada soltura tem arruinado muitas Repúblicas; pois nunca os Gregos, os Epirotas e outras nações puderam sujeitar as que assolou e perdeu a muita liberdade, porque esta não carece de menos prudência para conservar-se que de valor para se ganhar. Nas Repúblicas, mais bons infamam e mais furtos fazem dous homens livres que duzentos sujeitos. Não há riqueza na

¹⁰³ Filho de Peleu e da nereida Tétis, morto por Páris. Herói grego, um dos participantes da Guerra de Troia.

¹⁰⁴ Rei da Lídia, séc. VI a.C.

¹⁰⁵ Catão de Útica (séc. I a.C.), político romano.

¹⁰⁶ A referência aos atributos de Creso, Platão e Catão foi possivelmente extraída pela autora da obra *Libro primero de las epístolas familiares*, de Antonio de Guevara (c. 1481-1545), na seção “*Razonamiento hecho delante la serenísima reina de Francia doña Leonor, en un sermón de cuaresma, en el cual se tracta de cómo no hay cosa más preciosa que es la honra*”.

vida humana que se iguale à liberdade; nem há também coisa mais perigosa, se não a sabem mediar. Esta sim se deve ganhar, comprar, procurar, amparar e defender; mas é preciso que só se consinta usar dela, não como convida a vontade, sim como permite a razão, por que se não perca em poucos dias pelo muito uso, podendo conservá-la a moderação em toda a vida. A liberdade de Falaris perturbou os Gregos e a de Catilina scandalizou os Romanos. Muitos são os que deixam de fazer mal porque não podem, e poucos porque não querem.’ Com estas e outras semelhantes ponderações determinava acabar o meu discurso; mas, como Anfiarau me ouvia gostoso, ordenou que continuasse a discorrer sobre como se devia haver o Rei amável, e os costumes que mais prejuízo fazem às Repúblicas. ‘As despesas demasiadas’, lhe respondi, ‘e as praças guarnecidas de vagabundos. O que não devem consentir os Soberanos, porque hão de dar conta aos Deuses imortais dos costumes e bens das suas Repúblicas, não como senhores, mas como tutores: e assim devem castigar aos que mal otram e premiar aos que bem servem; porque, ainda que não foram companheiros dos vassallos nas culpas, o serão nas penas. A perpétua estabilidade de um Reino só costuma conservar a reta distributiva de prêmios e de castigos; porque assim como estes são remoras da maldade, costumam aqueles obrigar as vontades e conciliar amor, animando para as heroicidades; e, em se premiarem os merecimentos, se publicam leis para criar beneméritos; e, castigando um réu, se põe o mais forte padrão para que ninguém o seja; assim como ao Soberano tanto devem amar os bons como temer os maus, fazendo que se não persiga a humildade e que a ambição e vingança acabem logo no suplício com que os favorecidos da fortuna conhecerão que esta não é segura, não a afixando boas obras; e aos que injustamente perseguir a desgraça animará alguma justa esperança; e, como é preciso mais ânimo para vencer os vícios que valor para acometer os exércitos, o Rei que não for casto é preciso que seja cauto,¹⁰⁷ para não dar escândalo aos vassallos, com o que aumentaram as glórias de seus nomes Alexandre,¹⁰⁸ Marco

¹⁰⁷ “Si non caste, tamen caute”, provérbio latino.

¹⁰⁸ Alexandre Magno, rei da Macedônia, séc. IV a.C.

Aurélio,¹⁰⁹ Cipião e outros varões admiráveis. Também me lembro que aconselhava Platão aos Atenienses que elessem Governadores que fossem justos, constantes, verdadeiros, prudentes e generosos, porque os grandes Senhores são temidos pelo poder e amados pelo dar: pois é certo que os não seguem tantos pelo que devem quantos pelo que esperam, assim como o bom exemplo e as grandezas igualmente recomendam aos vassalos que os sirvam de boa vontade.

“Um dos trabalhos dos que governam a República é o ajuizarem-lhes o que pensam e repararem-lhes em tudo o que fazem: os Atenienses reparavam em Simônides,¹¹⁰ que falava muito alto, e não se lembravam que vencera a batalha Maratona;¹¹¹ os Lacedemônios,¹¹² que Licurgo não andava direito, e lhes esquecia que reformara o seu Reino; os Romanos, que Cipião dormia roncando, e não faziam memória de que vencera Cartago; porque os homens que vivem sem emprego nem ocupação não sabem conhecer o que os seus Soberanos heroicamente empreendem, porque só os descuidados conhecem. Vós bem sabeis, Senhor, que deveis eleger vassalos para os empregos, conforme seus talentos, porque o supremo governo só consiste em governar os que governam e escolher os que tenham verdadeira ideia de governo, que sejam sábios e bem morigerados, por que tendes neles instrumentos hábeis para efetuarem os vossos desígnios, recomendando-lhes sempre que reparem que dos pequenos receios alguma vez nascem os maiores acertos; e, como sabeis o referido, parece escusado que eu o repita, sabendo que nem sempre é a verdade bem aceita.’ A isto me respondeu com enfado: ‘Para usares da licença que te dou e obedeceres ao que ordeno, não é preciso que apures o meu sofrimento.’ ‘Continuarei, Senhor, em dizer-vos a verdade do que alcanço’, lhe respondi, ‘porque nos vassalos de honra ainda depois de mortos devem as memórias de seus nomes responder sempre as verdades.

¹⁰⁹ Imperador romano, séc. II.

¹¹⁰ Simônides de Ceos (c. 556-468/64 a.C.), poeta grego a quem se atribui uma elegia aos mortos na Batalha de Maratona.

¹¹¹ Batalha de Maratona (490 a.C.), ocorrida no âmbito da Primeira Guerra Greco-Persa, com vitória grega sob a liderança de Milcíades.

¹¹² Naturais ou habitantes da Lacedemônia. Usado também para referir-se aos espartanos.

“Os melhores Reis não são os que melhor discorrem, mas sim os que trazem no coração escrita a Lei, sendo as suas obras a melhor prática da mesma Lei; assim como não devem permitir as regalias de valido aos sujeitos a quem inabilitou o nascimento, se este se não enobreceu com as ciências, porque ordinariamente não são criados com horror à mentira e, estando fora dos encargos da nobreza, mentem sem receio e assim destroem os honrados e, de toda a sorte que podem, fazem mal aos bons; e porque poucas vezes deixa de ser soberbo o que chega a um auge de fortuna que não espera nem merece; estes, por mais incapazes, dão ideias de governo como as podem dar os que ignoram as Leis, que são as que costumam governar; e, como precisamente vos haveis de servir de homens, não vos esqueça que estes quase sempre são enganosos: e vede, Senhor, que os Deuses vos não fizeram Rei com outro fim mais que para serdes pai deste povo, a quem deveis dar o tempo com amor; que o que mais sacrifica o seu gosto ao bem público é o que é mais digno de reinar, tendo mais confiança nas suas obras que nas suas palavras, porque estas assustam e as obras animam, pois é o bom exemplo o que melhor excita o exercício das virtudes e mais severamente repreende os vícios: o que com inteireza só pode fazer quem não dá causa aos reparos. Oh quanto é feliz o Rei que triunfa dos vícios, para que convidam os descansos, porque todos o amam e servem de boa vontade! E, se alguma vez erra, não o estranham como culpa, porque o veem como descuido.’ ‘Jamais se viu acertar’, disse Anfiarau, ‘quem se não aconselha com a suma razão que nos inspira os acertos e nos ensina a usar do entendimento: eu não tinha refletido em seus admiráveis efeitos, agora o conheço, vendo resplandecer a verdade no que me hás dito; e ordeno que te informes do que há no meu Reino, porque só quero que se conserve no antigo estado o que for conveniente.’

“Com estas palavras me deixou cheio de susto pelo que me encarregava; e, como para dúvidas ou recursos assim me negou todos os meios, me recolhi a meu aposento, triste, aflito e perturbado, pois devia condescender com a sua vontade em uma empresa tão árdua como digna de receio. No dia seguinte, saí com dissimulação a informar-me do que diziam os pobres e como viviam os ricos e os que administravam a justiça; depois de haver concluído esta diligência,

procurei instruir-me nos livros e Leis do Reino. Passado todo o tempo que me foi preciso para averiguação tão importante, fui à presença de Anfiarau e lhe disse: ‘Sabei, Senhor, que o vosso Reino, que há pouco mais de três anos que governais, se acha reduzido a um estado miserável; não há nele caminho algum que seguro seja; não há lugar privilegiado nem quem queira cultivar os campos; o comércio está arruinado, porque se lhe quebrantam os privilégios e não há verdade; os que admitis no vosso agrado servem-se da vossa autoridade, arruinando os créditos e corrompendo as vossas Leis: acudi às balanças da justiça, fazei mercês aos naturais, mandai que não saia para fora a vossa moeda, aliviái os tributos e não deis crédito às vozes da vileza ignorante.’ ‘Se tens considerado’, me disse Anfiarau, ‘os meios para evitar os danos, quero ouvi-los.’ ‘É certo, Senhor’, lhe respondi, ‘que não só nasce o Rei para defender os seus domínios com a lança, mas também para governar os seus vassallos com prudência; não só para destruir inimigos, como também para extirpar vícios; e não só para ir à guerra, como também para resistir na República, mantendo em boa ordem a justiça; e assim mandai guardar inviolavelmente as vossas Leis sobre os pleitos civis e, nos criminais, que se moderem; porque as severas e rigorosas se fizeram mais para terror que para se executarem sempre, pois que os justos Deuses mais nos remuneram serviços que castigam delitos. Não consentais que sirvam as ocupações homens ambiciosos, pois não há na República animal mais pernicioso que o que a serve com a ambição de se lhes comprarem as dependências. Também deveis cuidar em que só se deem os cargos da justiça a homens doutos e de conhecida prudência; porque os que principiam a exercitar as letras só têm a ciência nos lábios e, antes que acertem, perturbam a República; porque, sabendo o que dizem os livros e não o que ensina a experiência, serão bons para advogar, porém não para julgar. Os Juizes, de quem se deve fiar a República, devem ser retos no que sentenciam, compassivos no que mandam, honestos no viver, sofridos nas injúrias e comedidos nas palavras. Entre os Romanos só podem servir os Censores os que passam de quarenta anos e são casados, tidos por honestos, medianamente ricos e experimentados em outros ofícios da República, porque a arte de governar se acha com a prudência, se defende com a ciência e com a experiência se conserva:

não só devem ser sábios os Ministros como também nobres; porque, assim como aumenta a ciência o lustre da nobreza, também é esmalte da nobreza a ciência que a acompanha. Para haver bons soldados na guerra, basta que os homens sejam valerosos; mas, para governar e administrar bem a República, é preciso que tenham sabedoria, nobreza e prudência, porque esta virtude sabe discernir entre o claro e o escuro, entre o nocivo e o útil, o que se deve apetercer ou desprezar; e é tão própria virtude do Soberano quanto precisa no que reger a justiça, assim como é da nobreza um grande efeito o vencer as paixões próprias. A primeira classe de nobres criou Teseu em Atenas,¹¹³ e lhes deu as máximas de bizarras a que a nobreza excita; e o que se esquece de executá-las tanto se desmente de nobre como desmerece a sua classe, que não consiste só nas preclaras prosápias,¹¹⁴ pois o descansar na antiga origem, vivendo entre os vapores dos vícios, é ofuscar as glórias dos antigos; e, para empregos de alta ponderação, os que fazem vida com as maldades, ainda que sejam filhos de Júpiter, se devem reputar por indignos; porque a nobreza, que não declina, é costumada a dar o melhor lugar à razão, sendo obrigada a executar o mais sublime que a ilustra. Radamanto e Minos¹¹⁵ foram tidos por dignos desempenhos do Céu pelas ações com que glorificaram a nobreza; mas, para se gozarem seus privilégios, é preciso que com as obras se mereça o ilustre esplendor da fidalguia. Não é regra geral que todos os mecânicos¹¹⁶ se ensoberbecem com os grandes aumentos, mas os bem-nascidos são mais hábeis para tais empregos; muitas cousas se devem levar com o rigor que pede a justiça (como já disse) e em outras se devem moderar as leis, para o que é preciso que o Juiz seja sábio para determinar com acerto e nobre para moderar o rigor do Direito. Muitos varões ilustres primeiro serviram as Repúblicas, administrando justiça, que empunharam os cetros distribuindo tesouros, pois se não devem prover as

¹¹³ Mit. gr.: Teseu é o fundador mítico da democracia ateniense. Teria dividido os cidadãos em três classes: eupátridas (aristocracia), artesãos e camponeses.

¹¹⁴ Linhagem, progênie, ascendência.

¹¹⁵ Mit. gr.: filhos de Zeus e Europa. Radamanto era famoso por sua equidade e sabedoria. Minos, rei de Creta, reinou com equidade e brandura. Juntamente com Éaco, os dois irmãos foram elevados à categoria de juizes dos mortos.

¹¹⁶ Operários, artesãos, trabalhadores manuais.

peessoas de ofícios, mas os ofícios de pessoas. Os Soberanos podem dar riquezas, mas não a vara da justiça, que só se deve entregar a quem mais a merece. Se os jurisconsultos forem ignorantes, como poderão julgar os vossos vassalos?’ ‘Mas poderão ser sábios, ambiciosos e mal-intencionados’, disse Anfiarau. ‘Se forem apaixonados’, lhe respondi, ‘em arruinar os inimigos ou favorecer os amigos contra justiça, será conjuração de maus e não confederação de bons, como devem ser; e, se os erros nasceram da sua má intenção, só eles serão culpados; mas, se errarem por ignorantes ou dementes, não será só sua a culpa. Havendo muitos sábios, não se consentirão nas ocupações os que forem mal-intencionados, o que se não pode executar quando faltam ou são poucos, porque é necessário sofrê-los à custa do povo, pois há ocasiões em que se fazem precisos; e, como todas as leis humanas estão fundadas mais sobre a razão que sobre opiniões, muitas vezes mais acertará o rústico do campo que alguns graduados nos estudos; pois há casos em que mais se devem governar pelo que a verdade lhes ensina que pelo que as leis determinam; para o que são precisas as circunstâncias que vos hei ponderado e que estas sejam regidas pelo temor dos justos Deuses, para que façam viva reflexão, em que só tem lugar o desobedecer ao Rei unicamente para cumprir com a mais alta lei, e faltar às leis só por obedecer ao Rei naquelas que ele anima; e, ainda que ordinariamente, quando o Rei é justo no que empreende, são os vassalos retos no que julgam, sempre é preciso que lhes deis ordenados com que sustentem o respeito e esplendor de seus lugares.

“Se quiserdes, Senhor, conservar a posse de distribuir riquezas, reger estados e animar o Cetro, deveis acudir ao vosso Reino, mandando como Soberano, e não isento de ouvir os vossos vassalos e ver algumas vezes as provas da sua justiça; porque não consiste a grandeza da Majestade em os ter com a maior submissão aos seus pés, mas sim no vigilante cuidado de muito bem os governar, porque só os tiranos procuram ser temidos, e o melhor Rei também deve querer ser amado, vendo o muito que tem e quanto deve dar às obrigações de seu ofício, tendo o maior prazer em socorrer a pobreza, fazer amar as virtudes e conhecer os homens astutos, e avaros, que o rodeiam, pois que aos seus enganos estão sujeitos os mais sábios Monarcas; e,

como não basta para operar nos ânimos das gentes a autoridade Régia e submissão dos vassalos, é preciso senhorear suavemente as vontades, para que os homens conheçam a grande vantagem que levam os que melhor servem.

“Os homens grandes nas ciências se fazem com regalias, isenções e boa renda. Se os Mestres não tiverem grandes aumentos, estimações, riquezas e privilégios, como haverá moços que gastem os melhores anos de suas vidas em contínuos estudos, se para tanto trabalho os não subornarem grandes esperanças?

“Também conseguireis facilmente haver muitos peritos nas artes e em todos os empregos mecânicos, fazendo-lhes maiores conveniências que os mais Príncipes; e os que ou morrerem em vosso serviço ou chegarem a um certo número de anos vão a descansar com bastante de que mantenham suas famílias e com aumento à proporção de suas ocupações; e, determinando¹¹⁷ prêmios e regalias para os que chegarem a um certo auge de perfeição em seus ofícios, todos se hão de esmerar para os merecerem, e desde o berço ensinarão os filhos a seguirem os passos em que vão alcançar a sua felicidade; e a outros trará a fama de Reinos estranhos, vindo buscar os aumentos e estabelecimento que tiveram os primeiros que lhes serviram de estímulo, e os discípulos aplicarão todo o cuidado por chegarem ao estado de seus Mestres.

“Ordenai que se castiguem os falidos, como réus de temeridade; e que ninguém possa comerciar arriscando bens alheios, nem mais que ametade¹¹⁸ dos próprios; porque o meio para ter muito é não querer demasiado. Ajudai o aumento dos vassalos, privilegiando as companhias e pondo penas aos que se lhes opuserem: daí inteira liberdade ao comércio com favoráveis direitos e prêmios a quem o aumentar, de sorte que os vassalos sejam ricos e os estrangeiros contentes; e que estes levem uns gêneros e tragam outros; e entre os comerciantes elegeri alguns mais capazes para governarem o comércio e a estes deveis honrar e ressarcir a falta da sua negociação, pois toda lhes deve ser proibida; e ordenai que se castiguem severamente os enganos, as negligências e demasiado fasto, porque de tais imprudências se

¹¹⁷ Na 1ª edição constava “deterando”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

¹¹⁸ Metade.

aproveitam as outras nações: favorecei as fábricas e premiai aos que as intentarem, animando-os, para que não desmaiem e para terem efeito os melhores inventos, e a estes defendei-os da inveja; mandai erigir outras, em que os cegos e aleijados trabalhem nos lugares onde forem postos, que assim se faz em alguns Reinos onde florescem as artes, vivem melhor os pobres e não se experimentam tantos efeitos da ociosidade; e vede que de repente se não podem emendar os erros da República, que se introduziram pouco a pouco; e não consintais que se alterem os costumes que não ofendem os Deuses nem prejudicam ao bem comum, pois é preciso haver grande cautela em empreender novidades no governo; porque são os plebeus tão fáceis em se inquietarem, como as inconstantes¹¹⁹ águas do mar, que, se com qualquer vento se alteram, a plebe com um pequeno motivo se perturba, pois é composta de muitos sujeitos que, ignorando os preceitos de honrados e fazendo-lhes as forças da nobreza, lhes sobram as das línguas para temerários delírios. Há muitos políticos que dão arbítrios mais por conveniência própria que pelo bem público: pois, se são ambiciosos, procuram só fazer bom o partido de seus interesses; e, se vingativos, cuidam sempre em satisfazerem os desejos de seus maus corações; e por esta causa havia uma Lei entre os Atenienses, pela qual não tinha voto na República o que queria ter conveniência no que aconselhava.

“Vede, Senhor, que por mar e por terra é preciso que se tema o vosso poder, se respeitem os vossos vassalos e deseje a vossa amizade; e, para melhor se conseguir este fim, mandai que os vossos artífices trabalhem com mais cuidado nos estaleiros, porque é preciso que uma grossa armada conserve o vosso respeito; e porque, se houver alguma ocasião em que dissimuleis com os mais Príncipes, conheçam que sois prudente e generoso, certos em que não sofreis falta de forças; e mandai que os soldados sejam atendidos e bem pagos, pois assim se formam exércitos de voluntários, que são os que melhor costumam servir.

“Também é preciso que honreis os Templos, temais os Deuses e ampareis os pobres, que mais sentem que se não conservem em fiel equilíbrio as balanças da justiça; porque o Rei em que resplandecem

¹¹⁹ Na 1ª edição constava “constantes”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

estas virtudes dá exemplo aos amigos e o não podem destruir os inimigos; e fazei que haja constância nos negócios que forem convenientes ao bem público, porque não consiste a boa direção em se determinarem, mas sim em que tenham boa execução e estabelecimento, revestindo-vos de sofrimento para com os importunos e de prudência para dissimular com os descomedidos, porque o bom Príncipe há de perdoar as ofensas próprias e as injúrias da República; e, aconselhando-vos com a Majestade, sentireis grande prazer pelos que enriquecesteis e perdoastes, pois são condições do vosso ofício reger com amor os vassalos, perdoar-lhes e remunerar serviços, recomendando sempre que não oprimam os pobres com a cobrança dos tributos, porque é maior a culpa de roubá-los que o mérito de socorrê-los. É certo que o melhor Rei não cuida em adquirir tesouros, mas sim em assistir aos seus vassalos, tomando as armas só contra Príncipes soberbos e exércitos formados, mas não contra o General fugitivo, pois só devem pelejar com os que resistem e dissimular com os que fogem; porque não é para os generosos perseguir o pobre tímido, que não se anima a esperar nem se atreve a acometer.

“Também deveis, Senhor, reparar que o governo que só faz a vontade é mais cheio de desacertos; e que o estilo mais alto de emendar é saber ser exemplar; e que o melhor modo de estabelecer um suave Império está em mandar como quisera ser mandado, e não obrar em tudo como senhor absoluto; porque entre os mortais não há autoridade tão grande que não tenha sobre si os Deuses imortais, pois quem tem domínios para possuir também tem uma só morte para esperar. Oh quantos lisonjeiros têm profanado a vossa presença com enganos, não a sabendo gratificar com a verdade! E refleti, Senhor, em que os que ignoram as obrigações de bem-nascidos desconhecem a grandeza da Majestade, e por esta razão os grandes e a nobreza são destinados para servi-la.’ ‘Logo, não me hei de servir’, disse Anfiarau, ‘com outra casta de homens, ainda que dignos sejam?’ ‘Não só são grandes’, lhe respondi, ‘e nobres os que procedem de antiga e preclara geração, porque também as ciências fazem grandes e enobrecem os sujeitos; e o admitir e engrandecer estes é preciso, para inspirar a todos o amor das letras e infundir-lhes, suavemente, espírito estudioso; e destes

sábios¹²⁰ também os tereis, mandando moços nobres e bem instruídos para Reinos estranhos, onde se apliquem ao político e ao Militar, e assim achareis sujeitos capazes quando vos forem precisos, usando da cautela de os mandar, à vossa custa, para os Reinos que não sejam dos vossos confinantes. A¹²¹ Monarquia que é falta desta qualidade de grandes, há muitas ocasiões em que com desaire dos nacionais se lhes conhece a falta de tais forças, pois são tão precisos os Jurisconsultos para os cargos da justiça como os políticos estadistas para o governo no que lhes toca, porque não basta que haja soldados para formar exércitos, é preciso também o maduro conselho para arriscar os vassalos, defender os domínios próprios ou castigar os alheios. O homem que é valeroso, se lhe faltar a prudência, muitas vezes se arriscará, degenerando a valentia em temeridade; mas o que é prudente e valeroso é invencível. E, não havendo aquela qualidade de sábios, a quem ouvirá o Rei quando for obrigado a fazer a paz ou declarar a guerra? Não consiste só a felicidade do Soberano em ganhar vitórias, pois é a maior a conservação e aumento do bem adquirido; para o que é preciso que as armas tenham pazes com as letras, pois onde assim não sucede poucas vezes se cantam os triunfos; e pela mesma razão as palmas são tidas por gloriosas insígnias das mãos que maneam as armas e das cabeças que dão o maduro conselho, o que se nos ensina quando em Minerva também adoramos Palas;¹²² porque, invocando a Deusa das batalhas, nos assistirá também a da sabedoria, que conduz para as vitórias.

“No que vos disse sobre as distinções, só quis mostrar que são indignos de verem de perto os Soberanos aqueles a quem as primeiras doutrinas não fizeram aptos para lhes assistirem, pois que o serem bem-vistos lhes infunde tal autoridade que tratam mal as gentes, aborrecem as ciências, destroem a justiça, são livres no falar e dissolutos no obrar; e, por estas e outras razões que tenho ponderado, domina o ódio e a inveja na maior parte dos corações; as fábricas estão paradas, o comércio está arruinado, labora a ociosidade, os sábios se retiram,

¹²⁰ Palavra inserida por meio de errata da 1ª edição.

¹²¹ Na 1ª edição constava “Na”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

¹²² Mit. gr.: epíteto de Atena, deusa da sabedoria e da estratégia em batalha. É identificada com Minerva, na mitologia romana.

os bem-morigerados se escandalizam, os pobres padecem, os vícios se aumentam e os Militares se desconsolam; sendo que uma sentinela fiel é a mais forte muralha de uma Cidade, pois não teme a praça invasões inimigas se estão vigilantes os soldados. Não resplandece a verdadeira proximidade que distingue dos brutos aos racionais, nem aquele santo temor dos justos Deuses, que é remora das paixões dominantes e mais preciso tesouro dos corações das gentes, com o qual se adquirem os prazeres mais puros, a abundância que é permanente e aquela ditosa sinceridade que infunde prudência, paz, justiça e alegria. Oh quanto é feliz o povo a quem governa um sábio Rei! E quanto é mais feliz o Rei que é autor da sua felicidade e que está vendo na virtude dos vassalos resplandecer a sua, sendo muito mais que temido quando é amado, pois todos servem gostosos aos que dilatam docemente o seu domínio nos corações que suspiram pela sua conservação, o que conseguem sendo fiéis aos Deuses, cautos nos perigos, afáveis para os seus, benignos para os estrangeiros e desprezadores dos próprios apetites e, imortalizando assim os seus gloriosos nomes, governam com tranquilidade as suas Repúblicas; e quanto também é mais feliz que o Rei aquele vassalo que descansa livre de tão pesados encargos e se contenta de uma vida inocente, aborrecendo¹²³ os prazeres da Corte, no melhor recreio de cultivar com as ciências o próprio entendimento, que a qualquer parte para onde o arroje a desventura leva consigo os cabedais que se transportam sem risco, pois é incomparável a felicidade dos que em sossego tomam o sabor ao que acham escrito. Não entendais, Senhor, que no que digo pretendo estabelecer-me no vosso agrado, quando sei que a verdade anda fugitiva porque é malvista; mas, como não pude negar-me ao vosso preceito, não devo faltar em dizer-vos o que sinto, o que ouço e o que convém; perdoai-me, se acaso vos desagradam as minhas ponderações, despidas de adornos e cheias da mais brilhante verdade, que, como é vil e horrorosa a mentira, antes quero sujeitar-me a que me sepulte a vossa indignação nas ruínas de tal tempo que ser cúmplice no vosso engano; e, se me julgais algum merecimento, deixai-me, Senhor, fugir dos homens, por que me não enganem, que eu estimo renunciar às riquezas (no caso de mas prometer o vosso

¹²³ Tendo horror ou aversão.

agrado), por que me não corrompam, e darei de mão às honras, por que me não ensoberbecam; e, se acaso tenho sido demasiado, ainda que as minhas palavras nascem de um coração sincero e verdadeiro, a vossa bondade me desterre de uma Corte desordenada.’

“Com estas e outras muitas cousas que não repito, acabei aqueles discursos. Anfiarau, com as lágrimas nos olhos, me apertou entre seus braços; e, ainda que de enternecido não pôde proferir palavra alguma, deu mostras de seu bem-disposto ânimo. Foram conhecidos os adula-dores, remediadas as opressões do público, desterrados os vagabundos, os empregos repartidos pelos beneméritos, punidos os malfeitores e amparados os pobres; as terras já se cultivavam e abundantes repartiam com seus filhos os frutos, à proporção de suas fadigas; contentavam-se as gentes em lhes não faltar o preciso, observava-se a paz, alegria e concórdia com que todos viviam; os pais ensinavam os filhos, costumando-os desde sua primeira infância a aborrecerem o ócio e desprezarem o supérfluo; e só os que se haviam mantido de enganos traziam nos semblantes a culpa. As vozes do povo parecia quererem chegar à presença dos Deuses, pedindo-lhes me conservassem no agrado de Anfiarau, que até então havia perdido o tempo de se fazer amar, e com repetido contentamento diziam: ‘Bem-aventurada é a nossa pátria, que já nos vê fartos, amando as virtudes, temendo os Deuses e obedecendo suavemente às Leis! Bem haja quem se arriscou para favorecer aos pobres, que padeciam; aos ricos, que se despenhavam; e se castigar a maldade, que florescia oprimindo a todos, e nos tem feito amar a vida sincera e aborrecer os vícios.’ Assim diziam os que haviam chorado, oprimidos e necessitados. Os soldados viviam tão contentes que parecia desejarem a guerra para se mostrarem gratos ao seu Rei, desprezando os perigos e sacrificando a seu respeito as próprias vidas.

“Não se ouvia falar em ladrões, falsários ou homicidas, porque os primeiros foram logo castigados e tirada na ociosidade a primeira causa de tais efeitos; era desconhecida a afeminação, que aos homens faz indignos, desprezados os soberbos, desterrados os efeitos da ambição e avareza e abominada a ingratidão.”

– Não era culpa do Soberano – disse Delmetra – a desordem que chorava o povo, mas sim dos que lhe ocultavam as luzes da verdade.

– Os Céus – respondeu Antionor –, que sempre são providos, criam aos Príncipes com alta capacidade para reinarem; mas é tal a maldade dos homens que com seus enganos fabricam a sua própria ruína. Anfiarau era dócil, compassivo, magnânimo e entendido; mas a estas e outras virtudes escureciam o ser demasiadamente crédulo e inconstante, o que produzia inclinações e aversões pueris que lhe deslustravam o talento; erros que haviam introduzido em seu ânimo os que com atrevimento iam à sua presença cheios de vícios; e, ainda que aqueles povos se consideravam naquela ditosa era de ouro, não sei dizer-vos, Senhora, os grandes trabalhos a que me reduziram os produtos da inveja e os impulsos da maldade que, rompendo blasfêmias, conferiam uns com outros a minha ruína; e assim persuadiram a Anfiarau que as gentes se riam de que ele me estivesse sujeito e sem liberdade pela muita confiança que me permitia, para atrever-me a falar-lhe com demasiada soltura e inteireza, transformando a ousadia e repreensões em serviços do bem público. Como Anfiarau os atendia, pouco a pouco lhe foram introduzindo o aborrecer-me, pelo que já me não ouvia com o antigo agrado, que este é um dos males que fazem os Príncipes em ouvirem os que totalmente ignoram quais sejam as mais importantes máximas e primeira glória do Soberano. Uma noite, indo da Real câmara para o meu aposento, ao passar de um jardim me saíram quatro homens; e, como logo vi que iam a encontrar-se comigo, lhes disse ainda distante: ‘Quem sois, amigos, e que quereis? Se intentais tirar-me a vida, sabeis que me usurpais o que eu menos estimo; e, se quereis vilmente obrar alguma ação em meu ultraje, crede que a morte me é tão pouco horrorosa quanto amável a honra que sempre vereis em mim, enquanto no mundo existirem as minhas cinzas.’ Sem tomarem a resolução de investirem comigo, estiveram algum tempo imóveis; e eu instei com sossego: ‘Se quereis de mim alguma cousa’, lhes disse, ‘eu não vos fujo nem vos temo; quando não, deixai de tomar-me os passos, porque nem vós aí estais bem, nem eu aqui.’ A estas palavras, se resolveram; e, depois de largo tempo de pendência, me feriram gravemente, de que logo caí sem acordo. Acudiu gente, retiraram-se aqueles bárbaros, e eu, ainda fora de sentidos, fui levado para curar-me.

“Tanto que Anfiarau soube esta novidade, me honrou visitando-me e, com as maiores instâncias, quis saber quais haviam sido os agressores daquele delito; e, supondo que eu os conhecera, buscou todos os meios para obrigar-me a dizê-lo em confiança; mas, como o abuso havia ali introduzido que as Majestades podiam ceder os créditos da palavra a favor do seu gosto e interesses, depois de lhe resistir quanto pude, me resolvi ultimamente a dizer-lhe: ‘Nunca podereis, Senhor, obrigar-me a dizer-vos quais foram os que me feriram; eu pudera dizer-vos que os não conheci, mas nem em tal caso posso faltar à verdade; vós me prometeis honras e riquezas para que os entregue; as riquezas seriam padrões da minha injúria e as honras estátuas para castigo de tal vileza, o que bastaria para dar forças aos meus inimigos, que sempre me verão constante para lhes valer e perdoar; porque mais devemos amar a honra e temer os Céus que estimar as vidas e buscar indignos aumentos.’ ‘Se és zeloso do bem público’, disse Anfiarau, ‘como não concorres agora para que se castiguem os malfeitores?’ ‘Não consiste só o castigo daqueles’, lhe respondi, ‘o conservar-se limpa a espada da justiça; se o Palácio estivera reparado da guarda Real, que é precisa distinção dos Soberanos, pois se deve compor dos melhores, a quem a nobreza faz fidedignos, não haveria temerários que usassem profanar o sagrado de vossos jardins; quanto mais que, se quereis castigar aqueles, reforçai as penas para a observância das novas Leis, e não vos deixeis persuadir de ignorantes, que este é o castigo mais próprio e sensível que podeis dar aos maus, que eu não só lhes perdoo mas lhes farei todo o bem que couber nos dias que me restarem de vida, pois foram o motivo de que agora me honrásseis e o serão de tomarem mais forças as vossas Leis a favor dos bons costumes, ciências, governo e pobreza; e, se estas feridas me entregarem à morte, darei graças à mão de quem as recebi, vendo que os Numes se servem de instrumentos vis para empresas de glória.’ Com demonstrações de compungido, me disse Anfiarau: ‘Estas foram as mais qualificadas provas da tua virtude e constância; e, por não cansar-te mais, me retiro, novamente confuso e admirado de tanta prudência.’ Com estas palavras me deixou Anfiarau consolado, pois fiquei crendo que outra vez se esforçaria a ser verdadeiro pai de seus vassallos.

“No largo tempo da minha moléstia se não descuidava a maldade, buscando o gênio do Rei para traçarem melhor os seus enganos (que a tanto se expõem os que deixam conhecer os seus dominantes) e, como naquele tempo se fingiram com falso zelo pela compaixão que mostravam terem de mim, lhe pediram que me não admitisse em sua presença enquanto não sossegassem os malignos efeitos do ódio e inveja; quando acabei com os remédios de tão prolongado padecer, vendo-me quase cego e coberto de lepra, mandei pedir que me deixasse ir para os montes, onde acabariam de curar-me a pureza do ar, a doçura das águas, os manjares inocentes e rústica tranquilidade; logo me concedeu a pedida licença e me mandou para a casa de campo, na qual fosse assistido com todo o preciso. Não tolerei as assistências mais que os primeiros meses; tanto que principiei a ver alguma cousa e tive forças para poder dar alguns passos, logo despindo o que da Corte me haviam levado, fui habitar para os bosques, onde via pouco as aves, as fontes, as flores, e mal os compassivos Pastores, que me socorriam mais do que eu havia mister, pois com a vida austera se curam os achaques da abundância; vestido de peles de brutos, principiei a mudar a que tinha corrupta com as matérias da Corte; e, refrigerando-me em uma fresca ribeira, curei a lepra; ou porque para curar o meu mal bastava tirar-lhe a causa, ou porque os Deuses para ocultos fins me querem vivo. Assim estive por aqueles desertos em paz, enquanto Anfiarau se não lembrou de me consultar sobre esta guerra, o que vos comunicarei na certeza de vossa prudência e bom juízo; e, se jurardes aos eternos Deuses ficar imóvel, guardando o maior segredo a quanto vos descobrir.”

– Crede – lhe respondeu Delmetra – que, se preciso é, o juro e vos não culpo a cautela escusada, pois me não conheceis.

– Mandou Anfiarau – continuou Antionor – um confidente seu comunicar-me que o soberbo Ibério, seu confinante, lhe mandara propor que, se logo não fizesse conduzir com decência a seus Estados o grande Diófanes, Climeneia e Hemirena, de quem se servia com soberba e ultraje, havendo-se buscado tantos anos pelo mundo com justa mágoa de seus vassalos e amigos, passariam os seus exércitos a arrasar-lhe as praças e assolar-lhe os povos; e, suposto que havia lem-

brado o buscar-se aquela família por todas as Comarcas de Anfiarau, ainda que não havia indício algum de que vivessem em seus domínios; como aquela proposta acompanhava muita soberba e falta de civilidade, havia votos que, se aparecessem, se lhes cortariam logo as cabeças e, postas sobre as muralhas, iriam as tropas senhoreando-lhe as terras e passando à espada quantos se lhe opusessem, pois só esta era a melhor resposta de tão injusta arrogância; mas que sempre queria ouvir as prudentes reflexões que eu sobre este negócio faria, e vos repetirei o que me lembrar de uma carta que no dia seguinte me escreveu.

“‘Esta é a ocasião em que mais careço do teu conselho’, me dizia, ‘as tuas sábias ponderações me faltam para resolver com acerto. Já te fiz saber a arrogância do soberbo Ibério; agora te digo que me fales com liberdade e não te lumbres de algum desabrimento meu, porque deste seria causa o desprazer do mal que eu obrara e não do bem que tu me aconselhavas; porque sempre conheci que os Príncipes interessam mais em um sábio que na verdade é virtuoso que em possuir mais um Reino; pois mais conservam os bons sábios com o conselho a República que o aumentam os valorosos com o que conquistam; e agora vejo que os que tenho sobram para afligir-me e para o conselho me faltam; porque, vivendo muitos de os dar, os acertam muito poucos. Dize-me o que entendes, pois os Deuses te infundem o melhor e me inspiram o ouvir-te.’

“Eu lhe respondi: ‘Estimo, Senhor, as mercês com que a vossa grandeza me atende no que me confiais; mas espero dever à vossa alta compreensão que vos não ofenda em responder-vos, guardando as proporções à honra com que devo obrar, pois é o mais alto bem da natureza, em cujas sagradas leis não têm império as Majestades, que, sendo árbitras das vidas e bens de seus vassalos, o não são só daquele que a tudo o mais leva excelente vantagem. São grandes as consequências de um erro em negócio tão importante. Pelo que, contemplando na minha obrigação e estado em que me acho, só farei algumas reflexões, porque é justo o cuidado que me dispensa de dizer-vos tudo o que entendo.

“Os Monarcas da mais elevada prudência não receiam a guerra pelo que obrarão os seus exércitos, mas sim pelo que ordenará a

fortuna, a qual não quer outro alvo para o seu cruel emprego senão o que mais seguro se considera; porque a todos toma contas e não as sabe dar a ninguém; nem se lembra dos vencidos, pois apura o seu rigor com os vencedores. Lembrai-vos de que os Príncipes que no mundo houve mais ilustres mais nome tiveram por clementes que por triunfantes, pois não há vitória completa se não traz lances de clemência; porque o vencer é de humano e o perdoar de Divino. Isto me lembra, Senhor, a respeito da inocente família que, onde quer que se acha, padece e não tem parte na soberba de que tanto vos ofendeis: quanto mais que usar de piedade, quando o rigor é incitado, aumenta a glória do generoso. Preparai-vos para as batalhas, tendo exércitos numerosos e boas naus para as armadas; que poderá ser que isto baste para vos livrar da guerra; porque o Rei que por mar e por terra está pronto para ofender e se defender, muitos concorrem para as suas satisfações e alianças, pois que a todos serve a sua amizade, disfarçando algumas cousas de que tomariam vingança se o vissem enfraquecido. Não sei que contenha glória, valentia ou razão o parecer de que se tirassem as vidas aos que mudamente padecem, quando na vossa e dos vossos vassalos não só experimentaríeis os golpes da eterna justiça como também as forças de seus súditos e aliados. Eu morrerei sempre pela verdade, mostrando-vos com a razão que o sangue clamará pedindo o castigo da tirania.

“Também não é justo que sofraís ultrajes que se opõem ao soberano culto da Majestade; mas, antes que vos resolvais a castigar naqueles vassalos a imprudência de seu Rei, vede primeiro se lhes fizestes algum agravo com que provocásseis a sua arrogância; porque o fazer guerra aos homens algumas vezes ensina a honra; mas o fazê-la à justiça é loucura: e, se justamente sois queixoso, eu me persuado que, fazendo saber ao mundo a vossa ofensa, depois de bem preparado para castigar a Ibério, este vos há de satisfazer, alcançado da sua indiscrição, admirado, e corrido da vossa moderação. Com este arbítrio se aumentará a vossa autoridade, respeitando-se a vossa clemência e temendo-se o vosso poder, sem que se arrisquem os vassalos, nem estes passem pelo susto do vosso perigo, pois sabem quanto é difícil o conseguir um bom Príncipe; e que, se as suas vidas

se comprassem, muito dariam os Assírios pela de Belo,¹²⁴ os Persas pela de Artaxerxes,¹²⁵ os Troianos pela de Heitor,¹²⁶ os Gregos pela de Alexandre, os Lacedemônios pela de Licurgo e os Cartagineses pela de Aníbal;¹²⁷ e que mais se devem reverenciar os sepulcros destes que os palácios que os maus habitam. Enfim, Senhor, eu me vejo perplexo para responder-vos: e mereça-vos o desvelo com que vos hei servido o livrar-me de tão grande embaraço, porque para aconselhar me é preciso fazer muitas reflexões: e há ocasiões em que é mais conveniente pegar nas armas que esperar pelo conselho; quanto mais que para este, em matéria tão importante, é preciso prudência, bom juízo, lição, anciandade e desinteresse. Algumas circunstâncias destas se podem achar em mim; porém, como me faltam as mais precisas, não levareis a mal a minha escusa e receio; pois, pelo que já vos aconselhei, creio estar hoje entregue ao conhecimento e ódio das gentes; e só vos digo que resguardeis as regalias do trono, de que são custódios os Soberanos: e juntamente vos lembre que o tirano põe o seu direito nas armas para fazer crueldades e senhorear o alheio, e o Rei justo na Lei para castigar só os delinquentes, conservar-se e pedir o que se lhe deve.’

“Com estas e outras semelhantes palavras dei fim à minha resposta; e, como os meus inimigos temiam que esta ocasião novamente me introduzisse com Anfiarau, quando se rompeu a guerra lhe disseram que seria mais conveniente que eu viesse para aqui para observar e o avisar das desordens que houvesse, porque o viam inclinado a levar-me em sua companhia para as fronteiras, onde se acha; quando me chegou o aviso, chorei com os cristalinos regatos, suspirei com as aves, despedi-me das flores, queixei-me dos montes que se não abriam a esconder-me das gentes; e, perdendo a sombra dos bosques, triste, confuso e vacilante, troquei o vestido que me curou por este, que talvez me acabe a vida.”

Delmetra, aflita, disse:

¹²⁴ Rei lendário da Assíria.

¹²⁵ Refere-se a um dos reis da Pérsia, entre os séculos V ao IV a.C., anteriores à conquista de Alexandre Magno.

¹²⁶ Mit. gr.: herói da Guerra de Troia. Filho mais velho de Príamo e Hécuba, reis de Troia.

¹²⁷ Aníbal Barca (247-183 a.C.), militar e estadista cartaginês.

– E tendes notícia que se busquem os que são a causa da guerra?

– Não – lhe respondeu Antionor –, mas estou certo que os Deuses têm à sua conta o livrá-los das mãos da tirania, porque são obrigados a defender a inocência; e, se acaso tiverdes deles alguma notícia, não os façais conhecer, mas antes será justo avisá-los, para que, se ouvirem falar de si, estejam tão advertidos que os não acusem os semblantes ou algum intempestivo retiro.

– Não sei, nem saberei onde vivem – respondeu Delmetra –, ainda que muito os tenho ouvido nomear; e tomara saber qual foi a razão por que Ibério tomou tão grande parte no que experimentavam?

– Entende-se – lhe respondeu Antionor – que faria liga com o Príncipe Arnesto, quando saiu a buscar Hemirena, com quem estava desposado.

Delmetra, não podendo reprimir um efeito da sua pena, se banhava em lágrimas e, querendo disfarçar o que sentia:

– Não sei – disse – como Anfiarau em tal ocasião se deixou persuadir dos teus contrários.

Antionor, por lhe consentir o desafoço, passando pelo reparo das lágrimas, que bem entendia, lhe respondeu:

– Buscaram Armelinda, que era uma dama perniciosa, a quem o Rei, por sua beleza e vivacidade, atendia, não lhe lembrando que os homens que seguem os passos de tais mulheres os dão para as suas ruínas, contentes de seu engano; porque, quando entendem que os amam pelos dotes da natureza, elas só lhes estimam as generosidades; e assim, livres das cruéis cegueiras do amor, os enganam, escarnecem e entregam.

– Mas reparo – lhe disse Delmetra – que muitos dos que dão remédios para os que amam jamais souberam curar-se.

– Eu não falo – lhe respondeu – nos que lícita e reciprocamente se amam, sim nos que primeiro se perdem inteiramente, que conheçam o fingimento com que são enganados, podendo inferi-lo de que os tratem com mais carinho quando mais recebem ou muito pedem: assim Armelinda foi obrigada, com dádivas, a dizer a Anfiarau que se compadecia do estado em que me considerava; porque, se eu fosse

chamado para a Corte, seria entregue aos meus inimigos com grave perigo da minha vida; e, se ele me levasse em sua companhia, também não era menor o risco, porque se ajuntaria matéria para o fogo que se havia atalhado com o meu retiro; mas que se condoía de que eu estivesse fazendo vida tão áspera, sem mais causa que amar a verdade e desejar os acertos do Soberano. Anfiarau, dizem que ficara triste e pensativo, por lhe não ocorrer o remédio ou a providência que se devia dar em ocasião que necessitava servir-se de mim. Armelinda, que com lágrimas havia acompanhado as suas ponderações, fingindo que lhe ocorrera meio próprio e conveniente, disse que me mandasse conduzir a este porto para o avisar de tudo o que se passasse, não chegando à notícia das gentes que eu viera mais do que curiosamente. Este enredo e outras mais circunstâncias dele me contou Balênio, criado de Armelinda, que para aqui me acompanhou a fim de ganhar alvíssaras quando levasse a certeza de que eu aqui ficava; desta sorte se traçavam os enganos da Majestade, que entendia assistir naquele coração em que só tinha lugar o interesse.

“Esta é a menor parte de meus trabalhos e a que vos posso comunicar; e, como não sei se me dilatei mais do que devia, perdoai o incômodo e permiti que eu me retire, e em outro dia me contareis o que aqui vos trouxe, com a mesma pureza com que eu vos disse os meus passos.”

Delmetra não consentiu que se retirasse, dizendo que repartiriam entre si o que as serranas para ela houvessem reservado. Antionor aceitou a inocente oferta; e, conhecendo-a melhor do que era conhecido, se sentia arrebatado de gosto e consolação. Foi Delmetra a casa; e, tomando o que lhe estava reservado, buscou algumas frutas e preveniu o mais que era preciso para hospedar Antionor, que não achara menos a Corte e grandezas de Tebas, pois o servia Delmetra, que com o inocente asseio das serranas fazia competir o prazer de Antionor e a sua tão pobre quanto sincera vontade. Não lhe deu manjares delicados semelhantes aos que lhes haviam servido em Tebas, mas sim dos inocentes, em que não periga a saúde: compunha-se finalmente o jantar de ervas, frutas, leite e favos de mel.

– Agora vejo – lhe disse Antionor – qual é o gosto dos que com alegria comem, porque estes manjares, que me permite a vossa bon-

dade, me são mais saborosos que os delicadíssimos que de sua Real mesa me fazia participar Anfiarau, quando me havia recomendado o acautelar as desordens de seu Reino. Dizei-me: como viestes dar a estes domínios? Pois creio que sois de país distante, pelo muito que vos queixais da fortuna.

– Tenho jurado aos Deuses – lhe respondeu Delmetra – não revelar todos os meus infortúnios, e só te digo que têm sido tantos que a vida já me é pesada, porque o meu cruel destino, retirando-me às grandezas, me entregou à crueldade dos bárbaros; pelo que, fugindo das gentes, habitei as brenhas, fiz sociedade com os brutos, que me fizeram melhor companhia que me haviam feito os racionais, e persuadida deixei as feras, que haviam sido compassivas, como se entendessem que se deve ter compaixão de quem, perseguida de todos, busca abrigo debaixo das pedras.

“Acompanhei a Belino, que com semelhante fortuna me havia encontrado entre os rochedos. Chegamos a Esparta, onde, por ignorar um estilo, foi entregue aos trabalhos de Militar e rapidamente o negaram à minha companhia: venho aqui só vê-lo; e, como consegui o que muito desejava, sou obrigada a voltar para a mesma Cidade e deixar a alegria destes montes, onde, não obstante as vizinhanças da guerra, eu sentia o espírito em paz; e, se houvesse acaso tão venturoso que me confiasse aqui a companhia de dous sujeitos, dos quais há muitos anos que ando ausente, sem mais esperança ou alívio que o que permitem os tristes suspiros e lágrimas ardentes com que infelizmente lhes sacrifico a mais viva saudade, eu me retirara consolada, pois maior felicidade não espero nem desejo; mas, como com duplicados pesares me desengana a minha cruel fortuna, e poucos dias me restam de aqui estar, porque está acabado o tempo em que prometi retirar-me, será preciso que do alívio de ouvir-te principie a despedir-me.”

Assim esperava Delmetra tirar uma última prova com que totalmente desenganasse a sua quase perdida esperança, pois a desanimava o parecer-lhe que aquelas poucas semelhanças que a inquietavam eram aqueles doces enganos com que sempre sonha o desejo.

– Que pode obrigar-vos – lhe disse Antionor – a voltar tão apressadamente a Esparta?

– Não me obrigam os parentes – lhe respondeu –, porque dos que tive só conservo as imagens na memória, para instrumentos da minha mágoa. Não me levam as amizades, porque, como é difícil conhecer as verdadeiras, vivo conforme à vontade que de todas me separou, por que não fosse enganada; não me chamam os bens, porque tenho experimentado que o maior de todos é, depois de os possuir, perdê-los com igual semblante; nem me levam negócios ou dependências, porque, depois da desgraça de perder tudo, tenho a felicidade de não desejar coisa alguma, conhecendo que é mais importante servir aos Deuses no estado que eles determinam, pois são as felicidades uma vaidosa lisonja do tempo, que tem pronta a vontade para descuidos e loucuras, sendo de todos bem aceitas enquanto não têm inteiro conhecimento ou do pouco que duram, ou do muito que é estreita a vida para possuí-las; e, ainda que estas, enquanto não chega a morte, pintam a vida com as mais agradáveis cores, apenas os dias se terminam, mostram entre sombras que as que foram estátuas para idolatrias se transformam em obeliscos para sentimentos, sendo igual ao peso de como se possuíram a dor penetrante de as deixar; pelo que vou só a cumprir a palavra, que é todo o bem que me abona, porque esta não só obriga aos homens, pois, ainda que estes ordinariamente a sustentam para resguardo de seus interesses, não há entre eles e as mulheres mais diferença que terem eles mais forças para o trabalho e campanhas, sendo tão dissolutos em suas ações que já se lhes dispensou o reparo público, e elas naturalmente dóceis, compassivas, mais sujeitas a encargos e mais fortes e constantes na modéstia.

Antionor, que a ouvia com gosto, sentindo o desprazer da sua ausência, lhe rogou não apressasse tanto a sua partida e ajustou tornar a vê-la no dia seguinte. Delmetra ficou sentindo de cada vez mais viva a sua saudade; e, sem poder averiguar a verdadeira origem daquele excesso, dizia aflita:

– Qual é a causa da nova revolução que dentro em meu peito sinto? Eu não tratava os racionais e por isso os não amava? Mas não pode ser este o motivo, porque eu já havia tratado outros e mais me inclinava a temê-los que a amá-los. Pois qual é o incentivo deste afeto que me prende para não continuar os passos do acerto? Será a semelhança que nos trabalhos tenho com Antionor? Também não, que de

perseguidos está o mundo cheio e eu jamais me vi arrastar tanto do afeto como agora me vejo, mas eu também amo intimamente a Belino; porém, com os seus trabalhos têm mais conexão os meus infortúnios, e somos companheiros. Ah que se os meus anos não fossem a melhor prova do inocente amor que sinto, com razão me disputara sossegos o decoro!

“É certo que Vênus¹²⁸ e Cupido¹²⁹ só admitem moços que os sirvam, liberais que dispendam, néscios que sofram, discretos que falem, prudentes que calem, fiéis que agradeçam e constantes que perseverem; em mim não há circunstância alguma destas, e sei que amo puramente a Antionor. Que juízos formaria eu se visse, entre os perigos dos poucos anos, crescer tanto a violenta paixão do amor entre sujeitos estranhos? E que mal consideram as gentes, que dos interiores só podem julgar bem os Céus, que, sabendo qual é o risco de ajuizar pelo semblante a culpa do coração, só para si o reservaram, pois ao mal muitas vezes oculta um aspecto agradável, e o bem, debaixo de um melancólico semblante, se aborrece; e é certo que as virtudes são costumadas a desmentir sinais. Oh quanto são errados, algumas vezes, os juízos que se formam pela estreita amizade dos sujeitos! Ave inocente, que em teu suave canto passas de um a outro raminho, gozando felizmente a fresca tarde e os cândidos orvalhos da bela Aurora, sem que o teu amor perturbe o teu descanso; fonte cristalina, que, murmurando corres, ameno prado, monte alegre, bosque sombrio e belas flores, quando vos verei sem que as lágrimas contínuas tirem a luz aos meus olhos? Consorte amado, queridos filhos, Belino, Antionor, ai de mim! Que estrela cruel é a que sempre vai acrescentando mais causas para o meu mal? Pois parece que a suave convivência das gentes degenera no meu tormento. Ó Júpiter poderoso, se nessa esfera luminosa tendes poder nos Deuses, e o orbe estremece com os sinais da vossa vontade, como não amparais uma infeliz que não acha lugar no mundo? Mandai que Minerva, como parto da vossa cabeça e em vós mesmo gerada, encaminhe os meus passos, como já fez, livrando aos bons mortais. Eu amo em Antionor as virtudes que nele resplandecem e não sou,

¹²⁸ Mit. rom.: deusa da beleza e do amor (gr: Afrodite).

¹²⁹ Mit. rom.: deus do amor, filho de Vênus e Marte (gr.: Eros).

nesciamente, como Narciso¹³⁰ era de si namorado, ainda que ambos somos estímulo da desgraça e muito semelhantes na desventura; mas em tudo quanto vejo e quanto alcanço encontro desassossegos, pesares e cuidados. Não receio que tenha o filho amado nas brenhas a cruel morte de Adônis,¹³¹ mas sempre o choro, contemplando nas suas cinzas frios despojos da sua vida. Esposo amado, se descansarás nesse ditoso Olimpo ou andarás pelas brenhas como Alcides,¹³² devorando as feras? Querida filha, a que extremo te haverá chegado a crueldade das gentes? Se te lembrará que te adverti valerem mais os créditos da modéstia que as posses de todo o mundo; e que, antes que perigue o decoro, convém primeiro acabar a vida, em que são contínuos os combates a que ordinariamente é sujeita a formosura e discrição, ainda quando resiste às lisonjas com discreta e prudente vivacidade, e que mais grata se conserva e zomba do tempo, que intenta o seu deslustre, conservando a singela moderação que sublima a beleza e esforça o coração para as virtudes, pois o não admitir muitos adornos da vaidade é repreender as que se fazem escarnecidas, fugindo com eles nas asas do tempo; e, se acaso te esquecem, querida filha, os meus documentos, e deixas de servir a Diana, sejam destruídos pelos seus servos, que castigaram a Actéon,¹³³ os instrumentos do teu desassossego. Ai de mim! Onde ficou a tranquilidade com que eu gozava a sociedade dos meus? Onde está a que então era e donde veio a que hoje sou? Com quanta mágoa se haverá lamentado em Tebas o meu trágico fim? Quem lhes dissera o estado para que éramos destinados? Amado consorte, eu quis crer que te via, porque sempre a imaginação representa aquele bem que se deseja; mas fui como o triste que, se acaso alguma vez sonha lances de alegria, quando acorda mais chora o mal que sente. Eu sonhava que te via, para renascer de um engano mais viva a mágoa de perder-te; mas,

¹³⁰ Mit. gr.: filho do deus-río Cesifo e da ninfa Liríope. Jovem de beleza excepcional, inebriou-se pela própria imagem refletida nas águas, onde se afogou. No local surgiu a flor que toma seu nome.

¹³¹ Mit. gr.: rapaz de grande beleza, disputado por Afrodite e Perséfone. Ferido por um javali, morreu ainda jovem.

¹³² Mit. gr.: patronímico original de Hércules, herói grego; identificado pelos romanos com Hércules.

¹³³ Caçador que, tendo visto a deusa Ártemis (Diana) durante o banho, foi por ela metamorfoseado em cervo e caçado e morto pelos próprios cães.

se acaso hás passado a gozar o descanso imenso, mereça-te o ardente amor que te consagro, que, atraindo a ti este espírito atribulado, acabem as lágrimas de tão dilatada separação e seja eu conduzida a ver-te entre os descansos.”

Com estas lastimosas vozes parecia que Delmetra desafiava a compaixão dos mesmos irracionais no desconcerto com que ora se lembrava de uns, ora de outros, tornando outra vez àqueles mesmos, mostrando assim que a memória lhe ministrava de cada vez mais de que magoar-se; e, recolhendo-se a casa, se lhe descontaram as horas de alívio pelos risos com que as paisanas ou zombavam de sua ociosidade, ou sentiam mal de tão larga conversação; mas, como não achava em si que acautelar, fez que não as entendia, por se não privar do último alívio, que só esperava ter no dia seguinte.

FIM DO QUARTO LIVRO

LIVRO V

Sumário

Hemirena como Belino busca repetidas vezes a Climeneia, que tinha por Delmetra; e, como o ódio não sabe descuidar-se para fazer suas presas, prendem a Diófanos e Climeneia por traidores; foge Climeneia da prisão por indústria de Hemirena; e a Diófanos o permitem seus inimigos, que o mandavam ao suplício, por temerem as averiguações da verdade. Hemirena salva de um naufrágio a Climeneia e a Arnesto, que com disfarce saíra a buscá-la; e continuam a caminhar para a pátria sem se conhecerem, fugindo sempre aos inimigos da virtude, que por todo o Mundo andam dispersos.

Cantavam docemente as aves, festejando a Aurora, quando Delmetra, não obstante o que se lhe havia dado a entender sobre a conversação de Antionor, saiu buscando o benigno Zéfiro, que com a fragrância das flores conciliava alívio a seu triste coração; foi ao lugar do dia antecedente e toda a manhã esperou com susto e cuidado; voltou a casa a buscar alguma coisa em que se ocupasse, porque abominava a ociosidade, a primeira origem dos vícios; e, chegando Antionor, fizeram tréguas as suas apreensões.

– Bem sei – lhe disse – que estaríeis persuadida a que eu vos faltaria, pois vos vejo tanto de assento neste lugar; e, ainda que tardei por vos diminuir o incômodo, perdoai-me, se julgais culpada a minha atenção.

– Seria mais sensível a demora – lhe respondeu Delmetra – a não estar eu costumada a negar-se-me todo o gênero de alívio; e, como este é estimável pelos documentos que tiro da tua conversação, será justo o meu pesar quando me falte.

Estando nestas palavras, chegou Belino, a quem o afeto obrigava a usurpar ao descanso as horas que podia tomar para que visse a Delmetra; passaram os três com grandes contentamentos o resto da tarde, Antionor perguntando a Belino donde era.

– Não te direi donde sou – lhe respondeu –, porque basta que te diga que nasci como um monstro a quem a mesma natureza parece que desprezou, porque, conjurando-se com a fortuna contra mim, me entregaram aos mais cruéis contratemplos: fui usurpado dos meus e perseguido dos estranhos; mas achei um coração tão nobre que, movendo-se à compaixão de tantas perseguições pelo mesmo, que me favorecia, entendo que experimentou o duro golpe da morte, e fiquei assim como com alma eterna para sentir, com razão imensa para chorar: fugi das gentes e encontrei com os encargos Militares; e é tão igual a minha desventura que, não fazendo tréguas os meus pesares, conservo a vida para contínuos combates da desgraça.

Antionor, vendo como o gentil soldado deixava cair algumas lágrimas, a que acompanhavam as de Delmetra, com grande compaixão o consolou; e, como os retiros do Sol anunciam os pertos da noite, se despediram ambos de Delmetra, que, determinando fazer no dia seguinte a sua viagem, se recolheu a casa, de cada vez mais triste e saudosa.

Como o tempo da guerra é favorável para os desgraçados, a quem domina o espírito de vingança, os inimigos de Antionor, que se não descuidavam em excogitar meios para a sua ruína, sabendo que havia ido àquele lugar e que se apartava largo tempo a comunicar Delmetra, o acusaram por suspeito de inconfidência. Na madrugada daquela mesma noite, dando repentinamente em casa dos paisanos,¹³⁴ que haviam concorrido para tanto mal, pelo que murmuraram os seus reparos, prenderam Delmetra, que foi levada a um cárcere privado, e na mesma hora foi preso Antionor, não porque entendessem haver nele culpa nem porque assim o pedissem as cautelas da guerra, sim porque com a sua última ruína conseguiam os maus a sua vingança e outros ficavam livres de seus justos arbítrios. Deram conta a Anfiarau, que era fácil em crer e transformar em ódio o afeto, o que ordinariamente consegue a maldade das gentes, quando se não descuida

¹³⁴ Compatriota, da mesma terra.

de recomendar a fingimentos e enganos a ruína de seus próximos; mandou o Rei que uma esquadra o acompanhasse até à Corte, onde, vistas as provas da sua culpa, fosse justificado: chegou com aplauso de seus inimigos e justo pranto dos que conheciam e amavam as suas virtudes; determinaram logo tirar-lhe a vida, sem mais culpas que o haver estado em conversação particular com Delmetra, que sabiam era mulher estrangeira, que não declarava a sua nação e a quem falava largo tempo e com cautela; e, ainda que Antionor dizia o que continham os seus discursos, não lhe admitiam estas confissões nem queriam dar crédito ao pouco que lhe ouviam. Ao quinto dia de sua prisão, foi avisado de que no seguinte iria ao suplício, para o que se dispôs com incrível ânimo; e, vendo na sua fatal desgraça ser a desonra mais cruel que horrível a morte, porque, se nesta esperava os descansos, na causa sentia uma dor intolerável e, perdendo o acordo, dizia:

– Ó tiranos, que perseguis a verdade, se intentais matar-me, não percais a ocasião de fazer bem a um desgraçado; aqui estou, não invulnerável como o forte Aquiles, pois tendes em meu peito o lugar mais pronto para as feridas: não demoreis os golpes da horrenda vingança, pois não sou invencível como o Grego Alcides; mas, se quereis matar-me com desonra, não poderá tolerar esse golpe o grande Diófanes, pois já vos confesso haver corrido a tormenta do mais cruel destino, a qual me entregou aos bárbaros, que me venderam; e, sabendo estes quem eu era, e que o Príncipe Arnesto me buscava, receando as circunstâncias deste caso se o segredo se descobrisse pelo mesmo Capitão que me cativou, davam importante prêmio a quem me tirasse a vida, o que me disseram se executara com os poucos de que tiveram notícia e que existiam na minha comitiva, crueldade de que só reservaram o marinheiro que lhes descobriu quem eu era; e, como para maior infortúnio me reservou o fado, não se animando Pafo a fazer aquela impiedade, me ofereceu ao serviço do Rei; e, ignorando a razão por que intentavam matar-me, pediu que me ocupassem fora da Corte, onde bastaria a proteção da Majestade para me defender daqueles contrários. Padeци mil infortúnios, sofri os contrastes a que me sujeitou a maldade dos homens, não tendo alívio na mágoa com que me lembrava da crueldade que experimentaria minha amada filha, que havia ficado em casa do mesmo indigno Capitão, e igualmente havia

chorado a desgraça da consorte, que é essa a quem chamais Delme-tra. Não me foram insuportáveis os enredos com que fui perseguido nem as falsidades com que já em outro tempo me culpavam; mas não poderei tolerar que me tireis a vida padecendo o meu crédito, porque o sagrado culto, que se lhe deve, defenderei até ao último instante que tiver este alento que respiro, pois nasci recomendando-se-me os brasões soberanos de meus antigos; e sou ilustrado, para que as minhas ações resguardem as glórias de seus nomes, o que consiste em não consentir manchas na honra e grandeza de ânimo, em temer só aos Céus, em amparar os perseguidos e valer aos inimigos.

“Eu não sei alterar a paz nem perturbar a posse dos Monarcas, pois o defendê-los é o primeiro encargo da mais ilustre nobreza; eu estou inocente no que falsamente me imputais; se intentais matar-me, torno a dizer-vos que espero sem susto a morte; mas, se cuidais destruir o que só conservo de meus antigos predecessores, acabarei inseparável deste lugar, lutando convosco, ó bárbaros, que determinais dar-me afrontosa morte, pois sei que primeiro se deve entregar a vida que conspirar contra um soberano, e que mais que o Rei só a honra se resguarda, e assim vede o que determinais; e sabeis que minha consorte Climeneia ignora que em Antionor se oculta Diófanes, pois eu, conhecendo-a, lhe não revelei o segredo, por lhe não duplicar os sustos e cuidados a que dava causa a maldade dos que me perseguiram; e não creiais que vos digo quem sou para negar-me à morte, pois buscáveis a Diófanes para lhe tirar a vida, mas sim para justificar a minha inocência, pois, pelo mesmo que descobro, intentareis fazer corpo ao delito que não tenho; os justos Deuses, que me assistem, punirão a vossa crueldade e se justificará ser bem-nascida a resistência que farei por não morrer como vil, obrando sempre como Soberano.”

A estas vozes de Diófanes não davam atenção alguma, dizendo serem sutilezas com que esperaria que o mandassem passar para o inimigo com a capitulação da paz. Estando já com poucas horas de vida, chegou um aviso de Anfiarau, que, movendo-se aos clamores do povo, ordenava que se não justicasse sem que fossem à sua presença as provas do seu delito. Com esta impensada novidade ficaram os malévolos cheios de susto e terror; uns diziam que se lhe desse veneno,

outros lembravam o perigo de ser conhecido e, enfim, assentavam que só lhe seria conveniente dar-lhe lugar a fugir, o que com grandes despesas conseguiram; e, como Diófanes não era sabedor do aviso de Anfiarau, logo que da prisão foi ajudado para a fuga por mãos que fingiam piedade, cuidou em retirar-se com pressa e cautela. Neste tempo se achava Delmetra no cárcere privado, a fim de dizer o que continham as suas conversações, sem que fosse possível darem crédito à verdade que lhes confessava; e, como lembrasse que na última tarde lhe assistira também o soldado Belino, e crescia a curiosidade de investigar-se aquele segredo, concorreram os bem-intencionados para que se fizesse algum gênero de careação, para o que foi levado a um aposento vizinho ao em que estava Delmetra, e pela justiça lhe eram determinadas as perguntas, sem que houvesse incoerência alguma que acusasse Delmetra, que ultimamente perguntou se sabia o que era feito de Antionor. E ordenaram se lhe respondesse que fora logo preso para a Corte e que, vendo-se condenado à morte, declarara ser o grande Diófanes, que, sendo cativo pelos bárbaros, estes tiraram as vidas à mais gente de sua comitiva, pelo que também passara Hemirena, sua filha, e que isto descobria para que por outro motivo o matassem, porque os homens bem circunstanciados primeiro davam as vidas que deixavam de ser fiéis aos Soberanos; e, como ele se achava experimentando os rigores da mais baixa fortuna, só estava em estado de antepor (como Príncipe e bem morigerado) os resguardos da honra aos da vida; pelo que não o veriam ir ao suplício como réu infame, vil e indigno, pois em todo o evento era grande, tão soberano como infeliz.

– Qual foi o fim de tão cruel injustiça? – perguntou Delmetra.

– Que àquela hora seria morto – se lhe respondeu.

A estas palavras, rompeu aflita com o mais triste pranto; e, sufocando-se em lágrimas, dizia:

– Como será possível que eu possa tolerar este golpe maior que todos? Ó inumanos, qual foi o poder que vos deu a tirania para me usurpares o que me haviam confiado os Deuses? Ai, amado consorte, eu temia amar em ti uma pequena sombra tua, e agora vejo que o mudar a vida e descansos dela destruiu a galhardia ilustre de teu amável semblante, e que eram em mim os receios delírios do gosto; e

quem senão tu falaria com tanta erudição e acerto? Como, ó Ministros do triste Reino de Plutão,¹³⁵ deixais de tirar-me este pequeno resto de vida, que me deixastes? Confortem-me os Céus benignos ou me sepultem os montes.

Belino, que até ali ignorava o que se havia descoberto em Antionor, sabendo tão importante novidade, deixava cair de seus olhos infinitas lágrimas: os circunstantes se retiraram certos na inocência dos consortes; mas, como a inveja e ódio maquinavam estabelecer os seus enredos, disseram a Belino que não destruísse a sua boa opinião em lastimar-se daquele pranto, porque os soldados valerosos se distinguem pelo sangue que mostram, e os cobardes, pelas lágrimas que choram; e que, se era Delmetra mulher de Diófanes, não provava a sua inocência, mas dava mais forças para a suspeita do seu delito, e que brevemente veria executar em Delmetra a mesma sentença de Diófanes, ou Antionor. Ouvindo estes opróbrios contra a verdade, imaginava Belino traças¹³⁶ para valer a Delmetra; e, aquela noite, introduzindo-se com um servo daquela casa, que parecia compadecer-se do lastimoso caso, havendo-lhe observado os sentimentos, lhe rogou o encaminhasse para valer àquela infeliz, que perderia a vida inocente; e, como a boa persuasão tem grande poder e acode o Céu com prodígios aos corações sinceros, conseguiram ambos mover o ânimo a Barnaxe, a quem estava recomendado o resguardo e cautelas da prisão, para que na noite seguinte dessem liberdade a Delmetra, o que executaram com felicidade. O resto da noite caminharam com a pressa que pedia o caso; e continuaram a ordem de caminhar de noite e descansar de dia. Saindo daqueles domínios, já iam com menos susto, sem que em todo aquele tempo deixassem as lágrimas de dizer a mágoa com que lamentavam a morte de Antionor. Uma noite (pela decadência de forças de Delmetra), tomaram o acordo de pedir agasalho a uma Pastora, que as recolheu para uns currais de gado, a qual era tão pobre quanto generosa, e com incrível agrado as rogou para que ali se demorassem, oferecendo os seus cabritos e cordeiros.

¹³⁵ Mit. gr.: reino de Hades, a terra dos mortos. Plutão é um epíteto de Hades, deus dos mortos.

¹³⁶ Artifícios, manhas, ardis.

Determinando Belino conciliar algum alívio à magoada mãe, lançando-se-lhe aos pés, rompeu nestas palavras:

– Senhora e amada mãe da minha alma, não dura a desgraça mais que enquanto não chega ao último grau a que fomos reduzidas: eu sou a vossa filha Hemirena, os infortúnios me obrigaram a usar deste vestido, eu vos não conheci até o dia que na prisão vos falei, e assim também ignorava quem me ocultava Antionor. As últimas desgraças de meu estimável pai me mostraram as luzes que em vós escondiam as impressões de tão calamitoso tempo, tendo juntamente por certo que já ambos descansavam em Tebas; e, quando nele choro a maior de nossas infelicidades, alcanço, para consolar-me, a fortuna de beijar-vos a mão.

Delmetra, absorta com o gosto de ver ressuscitada a filha que havia chorado morta, e com a mágoa do trágico fim de seu consorte, emudeceu, sem saber resolver se era sonho ou realidade o que ouvia, até que o gosto, mesclado com a pena, decidiu a questão com um mar de lágrimas, a que correspondiam os apertados laços e alegre semblante.

– Que nova primavera – continuou Belino – é a que em vós vejo, pois como Sol e chuva ao mesmo tempo acompanham tantas lágrimas a vossa alegria.

– Como é possível – respondeu Delmetra – que possa eu explicar-te o que sinto, ó filha querida, se ainda estou duvidando que para mim se guardasse um prazer tão grande? Quem dissera que a dura mão que desuniu de Antionor o feliz espírito de Diófanes viria a mostrar-me a suspirada filha! Mas tu não és Belino? Sim, que a Hemirena já sepultou a crueldade dos bárbaros. Não zombes de mim, gentil mancebo, que eu te amo desde o primeiro dia que os teus infortúnios te mostraram aos meus olhos; e, se tantos excessos devo à tua compaixão, para que me escarneces? Bem sei que as desordenadas ações a que me obriga uma dor violenta te poderão segurar a minha loucura e esta desculpar as tuas graças; não te admires de ouvir-me, admira-te de que eu viva, quando recebo golpes no coração. Levanta-te, Belino, que te suspende?

E, reparando mais nele e temendo alguma traição, continuou:

– Qual é a causa dessas lágrimas? Oh infeliz! Não sei que sinto, que a cada instante me anuncia o temor novos trabalhos. Que crueldade te infundiria a maldade dos homens? Quem me acode? Ai de mim!

– Não vos alieneis, Senhora – lhe respondeu –, com o que vos parece dissimulação; não deis vozes, temendo que eu seja algum traidor, que, como me destes o ser, eu devo defender-vos à custa da própria vida. É possível que tal conceito façais de Belino? Como vos esquecem as qualidades que dizíeis haver em mim e em que tanto confiáveis?

Estas palavras ouvia Delmetra com tanta atenção que, espantando os olhos, com o rosto pálido e toda trêmula, ainda temia que ali executassem alguma tirania por mãos daquele mesmo de quem tanto se fiava, pois ouvira que, se aparecessem aqueles por quem se fazia a guerra, se lhes tirariam as vidas.

– Vós me havíeis chorado morta – continuou Belino –, essa chaga quase havia curado o tempo; e que maior anúncio para novos cuidados vossos que a vida que eu ainda conservo? Lembrai-vos que me leváveis desposada com o Príncipe Arnesto para assistir aos seus jogos; que o vosso primeiro filho caiu ferido no mar que o sepultou; que eu fiquei desmaiada no porto dos bárbaros; que me recomendastes o conservar a candidez do decoro e tivesse constância nos trabalhos; que eram muitos os da comitiva com que saímos de Tebas.

– Basta, basta – respondeu Delmetra, mudando inteiramente de semblante e ações –, filha minha, já vejo que, assim como a muita alegria mata, eu saí do letargo de um prazer desmedido com os delírios de aflição. Graças aos Céus poderosos que chega a bonança de tão larga tormenta e se alegra o coração, em que só têm achado lugar, há quatorze anos, mágoas, sustos, horrores e saudades. É possível que te vejo? Sim, que já vou descobrindo os vestígios da tua formosura, que escondia o traje e ocultava a indústria. É possível que chegas a ser restituída à minha companhia? Já não temo os poderes da fortuna inimiga, pois me conforta, para mais combates, um alívio sem igual. Mas ai! – dizia, mudando de cor e deixando cair os braços, que apertavam a filha, a qual com susto receava que aqueles intervalos fossem princípios de loucura. – Ai, consorte adorado – continuava –, como pode ser inteira a alegria de quem foi a origem da tua injuriosa morte?

Ah, que na vida de um infeliz sempre se alimenta a desgraça, se acaso impressa na alma não é com ela sem limite!

– Senhora – lhe disse Belino –, chegou a nossa desventura a dar os últimos passos, cheguemos também a dar as últimas provas da nossa resignação; e venham sobre nós os montes ou se abra a terra para tragar-nos, e não se perca um escrúpulo de constância para tolerarmos com fortaleza as eternas determinações; e acabem as lágrimas, porque o prosseguir no desafogo é querer a debilidade apressar os descansos com a morte; a minha dor é a medida da vossa mágoa, eu sei sentir as infâmias, como quem de vós nasceu, mas também conheço que o vencer as paixões é o triunfo mais ilustre; e, para buscar-vos alguma consolação, ouvi, Senhora, o que me há sucedido, e conhecereis que não há mal tão grande que não possa haver outro maior; e refleti nos perigos, de que me resguardaram as Estrelas, para lhes serdes grata em moderar o vosso pesar. Já sabeis como fiquei entregue aos bárbaros naquele cruel combate de desgraça, onde a perda dos sentidos eram bloqueios com que o destino quis mostrar vencida a minha constância. Quando se me restituíram, as lágrimas eram contínuas, sem igual o medo e inexplicável a dor pelo que nos havia sucedido; continuamente chamava por vós e só repetiam, como ecos da minha saudade, os magoados suspiros; as mulheres me maltratavam, os homens se compadeciam de minha aflição e cansaço, pois eu fui destinada a trabalho grosseiro; mas, como em cada hora ouvia repetir no meu coração os vossos documentos, não me afligia tanto o aborrecimento das mulheres quanto me atormentava a piedade dos homens, e também observei fazerem-se elas escarnecer pelo muito que falam e pouco que sofrem, sendo que pelo calar se amam e pelo sofrer se veneram. Pelas contínuas desuniões que havia a meu respeito, entre os homens e mulheres daquela casa em que fiquei, me venderam a uns forasteiros, que me levaram a Atenas e me ofereceram ao serviço da Princesa Beraniza. Foram tantos os favores e estimações a que me chegou o agrado daquela Heroína, que eu já não sentia mais que os trabalhos e ausência dos que me haviam dado o ser; e que tivesse aquela felicidade tão desgraçado princípio, que perdia de vista as em que eu havia nascido. Beraniza, vendo-me sempre triste, instou para que lhe dissesse a causa; e, ainda que eu não tinha certeza do que ordenastes

em a nossa separação, me determinei a comunicar a minha pena, pedindo a liberdade de meus progenitores, a qual as Princesas Beraniza e Argeneia pediram ao Rei seu pai, e com os sinais que eu de vós dei se passaram ordens para vos buscarem e que com toda a decência fosseis restituídos ao nosso país, comprando-se a vossa liberdade ou tirando-vos violentamente, onde quer que o impugnassem, e que fôsseis conduzidos, por mar ou por terra, onde determinásseis, com a grandeza e fasto que pediam tais pessoas.

– Mas qual foi a razão que tiveste – perguntou Delmetra – para não pedir também a tua liberdade?

– Não foi outra – lhe respondeu – mais que não querer Beraniza separar-me da sua companhia; e suposto que me ofereceu mandar-vos levar àquela Corte, onde fôsseis tratados com o maior esplendor, eu o não admiti, porque só quis conduzir-vos ao trono, porque, distante dele, sempre ficáveis sujeitos às contingências do tempo, e assim me sacrifiquei a servir toda a vida, por que não houvesse alguma ocasião que vos disputasse o descanso, pois o não pode ter quem vive sujeito em Corte estranha, havendo nascido para fazê-la em domínios próprios; assim determinei que a minha saudade incurável remediasse o pranto dos que talvez vos choravam morta, lembrando-me de vos ouvir dizer que era nobreza de ânimo o arriscar o descanso próprio a favor do sossego público. Com esta razão vos considerava no estado que havíeis perdido; e, quando se me apresentavam os aplausos com que sériéis recebidos na minha suspirada pátria, a alegria que em todos me parecia ver me obrigava a banhar em lágrimas de gosto e ternura, e na pena que me restava daquele bem que eu jamais lograria, só me animava a inocente vanglória de haver cumprido com os preceitos de minha obrigação; porque, assim como devemos o ser aos pais, somos obrigados a tolerar todo o trabalho que conduz para mais os honrar. Beraniza era sumamente agradável, tinha excessiva graça, desgarre e afabilidade para com as gentes, e tão sabiamente ligava a estas amáveis qualidades o ânimo varonil e os Reais pensamentos que, nos negócios políticos daquele Reino e dos estranhos, não se determinava coisa alguma sem que o seu parecer afiançasse os acertos; porém, tanto se entregava à dominante paixão dos estudos que na gostosa conversação

dos bons livros e astronômicas observações passava insensivelmente os dias e muitas noites, o que me obrigou a dizer-lhe:

“Não sei, Senhora, como não temeis uma aplicação tão excessiva, que suposto seja com moderação o mais decente realce da formosura, é no excesso insensível perigo da vossa vida; e, já que a vossa bondade me permite o desfogo do que sinto, espero que a vossa benigna grandeza me desculpe, porque, enquanto o afeto discorre, quase sempre o respeito esquece. O contínuo estudo em que se emprega a vossa discreta curiosidade tem degenerado em susto nosso; e, ainda que parece que o tempo e seus atrevimentos respeitam as heroínas que jamais sabem temê-los, também não é razão que façais desperdícios da formosura, maltratando a vossa amável delicadeza, a que sempre é oposta a fadiga e o desvelo com que vos negais a todo o gênero de descanso. Compadecei-vos, Senhora, deste povo, que ama tanto as vossas virtudes quanto teme os vossos perigos, porque em vós descansam as esperanças que lhes negam as moléstias de Ibério, e me perdoai se acaso vos ofende a verdade que me animo a dizer-vos, sendo oposta às ações do vosso gosto; e, ainda que assim satisfaço às obrigações que me impõe o vosso agrado, se mereço castigo pelo ardente e verdadeiro zelo que me obriga a falar-vos com tanta liberdade, eu me não nego aos estragos, contanto que não perca a vossa graça.’ ‘Conheço’, me respondeu, ‘que é bem-nascido o zelo que te obriga, e assim farei ao público sacrifícios do meu gosto, moderando o meu primeiro divertimento, que, como todos os dias dos mortais têm termo certo, não me devo conter por acautelada, mas sim como agradecida.’ ‘Porém, vede, Senhora’, lhe repliquei, ‘que ao adorar o precipício se segue o cair nele, e que as vidas podem ter maior e menor termo pelos decretos condicionais. Ultimamente conheceu que de uma vida precisa devem ser tantos os resguardos quantos são os prejudicados na sua falta.’ Antes que se concluísse o discurso, chegou o Príncipe Ibério, que também a persuadiu a moderar os excessos; e, por não deixar em silêncio as admiráveis máximas e documentos que daquela conversação recomendei à memória, vos repetirei parte daqueles discursos, que, trocando a natureza de precisos à carência particular com a conveniente utilidade pública, fizeram gostosíssima a conversação. ‘Creio, Senhora’, lhe disse

Ibério, ‘que a vossa prudente vontade dará o melhor lugar ao vosso claro entendimento, para que não haja circunstância que dê a entender às gentes que as vossas prendas singulares sejam vaidoso desprezo da vossa vida.’ ‘Eu sou insensível à ambição dos aplausos’, lhe respondeu, ‘mas não ao horror das violentas paixões que tomam corpo com o hábito da ociosidade; do exercício da útil aplicação se alimenta a mais segura virtude; a esta mestra de acertos anda unido o espírito de prudência e providência, o valor intrépido e a moderação aprazível, pelo que pouco temo um perigo remoto e muito receio um despenho¹³⁷ próximo.’ ‘Prossegui no que vos diverte’, lhe disse o Príncipe, ‘porém moderai o que pode prejudicar-vos; assim como reconhecendo eu que é desonra dos Príncipes o escusarem-se ao trabalho das campanhas, porque, não sendo razão que se ponha em dúvida a valentia do que manda e deve ser modelo dos que obedecem, pois é o seu esforço o que infunde valor aos seus exércitos, também devo refletir que é igual a obrigação de não buscar os perigos quando o não requer o Real decoro e a utilidade pública; pois, sendo virtude o valor, muda de natureza se mais parece temerária vaidade que zelo de honra e amor dos povos; o que valerosamente se precipita, mais que bizarro, é furioso e, como o louco que despreza a vida, jamais é senhor de si; altera a boa ordem Militar, dá exemplos de temeridade e arrisca exércitos, antepondo à segurança da causa comum a sua vangloriosa ambição, pelo que mais merece estátuas para o seu castigo que padrões para as memórias das suas façanhas; e, se conforme a precisão se desprezam os perigos e aumentam as providências, pela mesma razão se vos dispensam estes trabalhos e cuidados, e a vossa delicadeza requer a moderação nos estudos.’ ‘Eu não ignoro’, lhe respondeu Beraniza, ‘que, sendo em vós muito preciso o estudo, é em mim aplicação curiosa; mas, como para os encargos dos Soberanos não há distinção de sexo, pois que o tempo, casos e acasos costumam repartir domínios, não deixa de ser conveniente que, se com a Astronomia me divirto, com a História também me instrua, pois nela observo que nem nos melhores homens se acha tudo o que é preciso para o bem público, porque em cada um deles há diversidade de gênios, ideias, inclinações e aversões; e,

¹³⁷ Queda, ruína.

quanto mais povos há para reger, mais pessoas se necessitam para se lhes confiar o bem comum e a real autoridade, sendo inexplicável a dificuldade que há em conhecê-los, ao tempo de repartir os encargos; assim como a condição privada tem tal cautela em ocultar os próprios defeitos, que ordinariamente só a morte os descobre, e pela mesma razão resplandecem os talentos dos que procuram dever à indústria o ocultar a própria ignorância e sentimentos, enquanto não alcançam os lugares a que aspiram; mas, como a autoridade põe em prova toda a capacidade dos sujeitos, esta é a que descobre a maliciosa cautela que os inculcou, porque os grandes postos e lugares multiplicam os objetos do merecimento ou do escândalo; este só o tempo conduz à presença dos Soberanos, porque as perniciosas políticas não dão todo o lugar à verdade.

“Também admiro como as ações dos que regem Impérios todo o mundo as observa e as julga com o maior rigor, supondo-os com mais forças e neles, juntas, quantas perfeições a natureza repartiu por todos os homens do universo, sem refletir que, suposto sejam semi-deuses as Majestades, também as rege influxo infinito que as sujeita a impossibilidades e embaraços, porque assim castigam os Deuses poderosos aos povos ingratos, e que ainda o mais prudente, virtuoso, entendido, valente, generoso e sábio sempre é homem, tem limites o seu entendimento e mais virtudes, tem humores, costumes e paixões, não é senhor absoluto delas, porque vive rodeado de pessoas astutas e ardilosas, e que as forças humanas alguma vez hão de render os enganos e trabalhos que traz consigo a doce fadiga de reinar; e que Ulisses,¹³⁸ que foi o exemplo dos Reis da Grécia, teve erros e defeitos que muito mais avultariam se Minerva o não levava pelos caminhos da virtude para fugir aos rigores da contrária fortuna; e que, não obstante os defeitos que teve, foi pasmo de toda a Ásia; pelo que basta que, quando empunhardes o cetro, procureis imitá-lo, lembrando-vos sempre que as Majestades ou de todo perdoam ou com mágoa castigam, e que com os inferiores é o perdoar o mais sublime estilo de repreender, e se desmente de generoso o coração que se não abrande às

¹³⁸ Forma latina do nome de Odisseu, rei de Ítaca, herói mitológico presente na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Homero.

lágrimas humildes do arrependido e aos discretos rogos do atribulado, pois sem demora ensinam as aflições a melhor Retórica; mas também é preciso ver que nem sempre a compaixão é virtude, porque a alguns agravos será igual o mérito de os castigar à culpa de os cometer, porque, quando as injúrias são públicas e repetidas, para exemplo se castigam e pelo escândalo se não perdoam.

“Para conservardes a opinião de ter amável docilidade, nunca desprezeis o conselho dos que tiverem, para o dar, as qualidades precisas; mas, para os aceitar, consultai primeiro em vós aquela vigorosa virtude que sabe separar do útil o pernicioso; e reparaí que da excessiva aspereza alguma vez tem sucedido haver mais homens que sirvam que fiéis que guardem; e que os que sem zelo servem, sem afeto assistem, só por interesse defendem, ou por medo pelejam, nem com dádivas se aplacam, nem com pouco se contentam, porque os que se não animam com o escudo da justiça ou com o valor que o brio infunde, a cobardia os perturba ou a ambição os muda. Vós sois bem instruído e tendes aquela alta capacidade com que profundamente contemplam os Príncipes no seu Reino, quando se dispõem para o possuir; mas, assim como, com respeitosa atenção, me repreendeis os excessos, quis mostrar-me agradecida com o que vos lembro; e, porque sabeis que é igual a pena da culpa que se comete à do bem que se detesta, as minhas reflexões alguma vez hão de servir-vos para não ser inútil parte da minha aplicação, que prometo moderar, mais por amar o conselho que por temer as ruínas.’ Ibério, que com inexplicável gosto ouvira a Beraniza, a satisfez com demonstrações do mais discreto carinho e singular respeito, concluindo assim aqueles admiráveis discursos. Argeneia, segunda Princesa, também me amava e moderadamente se divertia com a música e com a caça, em que Diana bela se exercitava. Assim passei cinco anos, consolando-me com entender que havia sido a causa do vosso descanso. Principiou Beraniza a padecer de uns acidentes, que não puderam moderar os remédios, pois não impediram os cruéis passos da morte; e, em uma tarde, estando nos meus braços, rendeu o espírito, deixando-me recomendada ao Príncipe Ibério, para que me fizesse conduzir a Tebas; e, não obstante este motivo da minha consolação, as invencíveis correntes das minhas lágrimas eram anúncios de que o coração antevia que com aparato de fortuna se mascarava

a minha desgraça. O Príncipe foi o instrumento de todas as que se seguiram, porque continuou a ver-me com excesso tal que temi que do círculo imperfeito que formava o seu cuidado e compaixão fossem os extremos viciosos; pelo que me resolvi a retirar-me, desprezando indecentes esperanças; no silêncio da noite, saí como o homem mais desprezível. Padei sustos, fomes, perigos e aflições; e, quando buscava onde escondida pudesse descansar, encontrei convosco, e principiastes outra vez a tomar parte nos meus infortúnios. Não me culpeis o haver usado da dissimulação de tais vestidos, porque, como os maiores trabalhos e desgraças que acontecem às mulheres são originados pelos enganos dos homens, que, ou cegos de amor, ou de seus desordenados costumes, lhes prendem a liberdade e as encaminham aos precipícios, pareceu-me que só escondendo-me assim aos seus olhos caminharia com menos risco.”

– Tampouco tenho de culpar-te, querida filha – lhe respondeu Climeneia¹³⁹ –, que dou graças ao astro benigno que te infundiu esse acerto, pois é sem dúvida que o recato é o melhor dote das mulheres, com que as formosas adquirem adorações, as bem parecidas amor, e as feias estimação; e assim como a modéstia deve ser o primeiro adorno, também os mesmos a quem não lisonjeiam os escrúpulos da sisudeza, apenas lhes conhecem a facilidade, as tiram das mãos da fineza e as entregam ao rigor do desprezo e esquecimento: entre os resplendores do decoro se contemplam na formosura vislumbres de divindade; porque, quando as mulheres pela loucura se facilitam, não só perdem o ser, a beleza e a glória, mas se fazem abomináveis e escarnecidas dos mesmos a quem servem; pois é tão melindrosa a estimação de uma discreta dama que de muitos anos de cuidado perde o merecimento em um dia de descuido; e, quando não houvesse razões tão nobres para conservarem a senhoril gravidade, bastaria que refletissem que, em deixando de desprezar as oblações dos rendimentos, passam logo a ser indignas de bem-nascidos sacrifícios, sendo nelas infame desaire o que é neles timbre da mocidade. Já me não será dura a morte, pois sei como te houveste pelo mundo, entre bárbaros, sem amparo nem

¹³⁹ Na 1ª edição (1752) constava o nome de Delmetra, alterado para Climeneia a partir da 2ª edição (1777).

conselho de que sempre carecem os poucos anos e mais quando lhes assiste a formosura; lembravam-me as desgraças que te podiam acontecer, os riscos a que podiam conduzir-te os dotes da natureza. Entre estas e outras muitas considerações rompia os Céus com lastimosos suspiros e lhes dizia: “Ó Estrelas benignas, como me encaminhastes a tão grande tropel de aflições? Não me seria cruel a servidão se não tivera de sentir mais que a dureza das prisões onde só me quebranta o pesado grilhão que na alma sinto, neste profundo pélago de penas e cuidados em que flutuo. Perdi o melhor consorte de quantos havieis destinado a todas as mulheres; talvez porque eu não sabia merecê-lo, não o quis conservar a vossa grandeza: perdi o ser, de tal sorte que eu quase duvido se fui sempre a que estou sendo. Não participa das minhas saudades aquele fasto em que sempre se respiram venerações, porque a opulência, o trato da Corte, os parentes, os servos e divertimentos, passou tudo por mim tão velozmente que lhes não reserva lugar algum a minha memória, pois toda ocupa a filha, que dos meus olhos arrebatou o mais tirano destino, temendo mais do que a Parca os seus desacertos. Oh quem pudera aconselhar-te, para que soubesses temer o venenoso afeto dos homens! Quem pudera dizer-te em que consiste a melhor formosura, para não ouvires lisonjas, desprezando a indiscreta vaidade! Quem pudera chegar com estas vozes a teus ouvidos, para que fosses na verdade desenganada do pouco que vale uma vida inconstante se se não adquire um descanso imenso! Ai, filha das minhas entranhas, quanto é limitado o sensitivo dos pais, ainda para recluir os desacertos dos filhos! Quem dissesse que os regalos com que foste criada haviam de degenerar em misérias e desamparos, pois te considero escrava desprezível: em que parou o recato e gravidade com que foste educada? Eu te resguardava dos olhos das gentes, porque sabia que, no teu estado, são tão sublimes os esplendores da beleza em uma Senhora que mais se contemplam que se comunicam; agora sem resguardos, te choro em mãos inimigas.” Nestas considerações e tristes vozes, uma dor veemente ou paixão radicada me rendia a Morfeu; mas, como o cuidado é oposto ao descanso, tornava logo a despertar, dizendo: “Mas como dos meus braços te arrebataram, sem acordo? Talvez que o susto te usurpasse de todo o brando alento. Ó dura Parca! Uma vez séreis benigna, se cortásseis por uma vida tão su-

jeita a contratempos.” E assim só me sossegava o julgar-te nas mãos da morte; mas já vejo que os Numes compassivos te resguardaram, para que uma infeliz viesse a ter o maior alívio. Mas que digo se morreu como vil o que tão adornado de virtudes me havia tocado por sorte? Quem me dissera que aquele venerando ancião atraía a si o meu afeto, não só pelo que parecia, mas sim pelo que era? Quem poderá mais crer nos enredos do mundo, que, apenas acaba um susto, já vai dispondo outros maiores? Se haverá tempo que me alegre quando vejo que este só conserva a constância nas cruéis mudanças? Quem estimará as distinções com que uns nascem de nobres, outros de humildes, se todos são igualmente sujeitos aos contrastes da fortuna? Quem desejará riquezas e estimações, se mil anos de tempo para as possuir têm tanto ser como um dia que passou para deixar tudo? Assim chorava, até agora, também as tuas ações; agora que te vejo, e me satisfaço de como viveste, já me parece que aquele pesar não senhoreava o meu ânimo; porque as razões que encontro na morte de Diófnes parece que intentam arrancar-me do peito o coração.

“Não se choram as mortes dos que deixam vinculados à posteridade os seus gloriosos nomes, só se sente a saudade que de um dia para outro vai curando o tempo. Oh quanto se ultraja a inocência que deixa padrões para o escarmento!¹⁴⁰ Ah cegos Ministros da maldade, que lhes não lembra que serão severamente julgados pelos que puniram sem mais culpa que as que lhes imputaram a inveja, avareza e ódios! Como não advertem que o rigoroso Averno¹⁴¹ os ameaça com uma eternidade de penas em cada erro que autorizam com a justiça? Como roubam a honra das gentes, se é furto que não tem restituição? Como castigam falsos homicídios por paixões particulares, se as vidas e desamparos nunca podem ressarcir? Como chegam a mandar ao suplício por estranhos interesses a um pai inocente, se a falta que experimentam os órfãos traz danos irreparáveis?¹⁴² Como vendem a justiça dos que não têm meios para os subornos, se a verdadeira Justiça

¹⁴⁰ Desengano, ou emenda à custa de trabalho, ou castigo próprio.

¹⁴¹ Mit. gr.: Inferno.

¹⁴² Na 1ª edição constava “nunca tem restituição” em vez de “traz danos irreparáveis”, alterado por meio de errata na mesma edição.

os vê para os castigos? Ah cegos, mais desgraçados que eu e todos os que sofrem as suas injustas crueldades, satisfazendo-as, como famintas feras, no sangue inocente de seus próximos, a quem tiram os créditos, vidas e bens, tendo a maior ventura os que sofrem com ânimo constante! Ah desgraçados, que não advertem quanto é estreita a vida para o logro de tão grandes roubos, e se contentam de que continuem os seus maus nomes nos filhos, que ficam abundantes e introduzidos, como se não houvesse Juízes superiores que lhes arruinem os seus mal fundados edifícios! Diófanes, sem culpa, acabou vilmente, porque menor castigo não mereciam a minha soberba e desordens; e, como falta a nobreza do ânimo em quem se consola com a destruição dos inimigos, e em mim se executou o maior golpe naquela crueldade, os Céus queiram haver piedade com os que cegamente o mandaram ao suplício, para que, conhecendo agora os seus atrozes desacertos, administrem a verdadeira justiça.”

Belino, que suspenso ouvia as magoadas vozes da mãe, com muitas lágrimas lhe disse:

– Bem sabeis, Senhora, que os bons são no mundo desconhecidos enquanto nele existem, e que desde seu princípio foram sempre os virtuosos perseguidos e invejados os merecimentos, e que a resignação nos trabalhos é o que move a compaixão dos Céus: a vossa mágoa não ressuscita mortos, e da vossa vida depende a minha. Não vos seria mais violenta esta mágoa se chorásseis, com a injusta execução, também a notícia de que eu estava servindo ao recreio daquele Príncipe? Diverti essa triste recordação e contai-me os passos que destes para eu tornar à fortuna de assistir-vos.

– Os Céus me amparem – lhe respondeu Climeneia¹⁴³ –, que eu quero dispor-me para resistir ao pesar do que eles determinam.

“O dia em que nos dividimos, me levaram a uma casa humilde, pouco distante daquele porto; aquela gente incivil zombou toda aquela noite de minhas lágrimas, fazendo-me muitas visagens, como parece que entre eles era costume. Logo no dia seguinte me fizeram caminhar em companhia de um deles e cinco marinheiros nossos; e, depois de

¹⁴³ Novamente, apenas na 1ª edição (1752) constava o nome de Delmetra, alterado para Climeneia a partir da 2ª edição (1777).

três dias de jornada, em que passamos muito mal os dias pelo cansaço e fomes, e pior as noites, porque também faltavam as camas, chegamos à Cidade de Argos. Aqueles inumanos procuraram inteirar-se de quem eu era; mas, como já o tinha prevenido, conforme o havia ajustado com Diófanos, não o puderam conseguir; os meus tinham o cuidado de me pouparem ao trabalho, dizendo ser perseguida de vários achaques e que em me fatigando caía gravemente enferma. Com este pretexto, eles me serviam, e assim ia passando entre os muitos da numerosa família daquela casa, que era uma das mais distintas da Cidade, sendo eu o desprezo de todos; e, como me tinham por inútil, se lembraram de me mandarem para uma casa de campo, com o emprego de tratar de cães e mais bichos curiosos. Não me era estranho o vil exercício em que me via, mas sim que eu houvesse de gastar tão mal o tempo, vivendo sem aplicação alguma, lembrando-me das muitas vezes que te dizia terem muito pouco espírito as mulheres que se empregavam em cousas pouco úteis e em contínuos atos de divertimento, ou em alistarem os que passam pela rua, não se lembrando de que as que pouco se deixam ver não só logram privilégios de deidades mas dão lugar aos clarins da fama, que as recomenda aos repetidos votos da veneração; e, pelo gosto de serem vistas e melindres da ociosidade, arriscam o bom conceito que só alcançam as aplicadas e as que gravemente se retiram; e, como das ações das Senhoras se revestem as servas, as que se não sabem regular ficam inibidas da severidade com que repreende quem não concorre para o mal com o exemplo. Quando tudo isto me lembrava, tinha a consolação de estar livre de alguma parte daqueles encargos, pelo muito que é difícil conservar a perfeição da verdadeira mãe de famílias; ou seja pela educação dos filhos, em que todo o cuidado é pouco, ou pela modéstia e bons costumes das pessoas de quem se servem, de que muito dependem as grandes casas, para que o respeito as tenha por sagradas. Tanto que me costumei àqueles com quem vivia, busquei modo de ganhar-lhes as vontades, conforme seus gênios, para os persuadir a se governarem com melhor economia, para os filhos se sujeitarem aos pais, os moços respeitarem os maiores e se aplicarem, e para as mulheres darem maior preço à sua estimação no resguardo de suas pessoas, em se acautelarem no falar e nos exercícios quotidianos, e eu as ensinava ao que elas podiam admitir, por

ser grande a sua rusticidade. Assim ocupava o tempo que me sobrava do que me haviam encarregado; e tanto lhes granjeei os ânimos que, quando as lágrimas caíam de meus olhos, não só se entristeciam mas buscavam meios para consolar-me. Os campos, pela maior parte, não os cultivavam, porque os seus moradores fugiam ao trabalho; as mulheres usavam com muita demasia dos adornos e não sabiam mais que cantar os louvores de Vênus; a formosura, graças, delicadeza e alegria igualmente brilhavam nos seus olhos; e tudo tão afetadamente que não se via a nobre severidade e o estimável pejo, que é o que se faz mais agradável na beleza, porque tudo eram artificiosos enfeites e adornos profanos, com os quais olhavam, buscando quem visse os graciosos desdêns com que nos corações acendiam a mais violenta paixão; enfim, quanto nelas se observava era desprezável,¹⁴⁴ demasiado e enfadonho.

“Fui ver o Templo de Vênus com os mais daquela casa, que todos os anos lhe iam fazer ofertas, onde admirei o primor da arquitetura. Ali concorria inumerável gente a fazer suas oferendas, e se queimavam sempre odoríferos aromas; usavam todos de tanta desenvoltura que eu, fugindo de vê-los, me recolhia a casa, enquanto não fui para Argos, onde se haviam moderado muito os maus costumes. Poucos dias depois de haver chegado de Citera,¹⁴⁵ estando uma noite na pobre cama a que me via reduzida, em uma casa sem luz, entraram duas pessoas daquela família e acaso se chegaram para a parte onde eu estava, e inadvertidamente trataram certos negócios que requeriam tanto segredo que buscaram aquela hora para os comunicarem; mas os Céus, que a todos veem, não quiseram que se retirassem com a certeza de não serem ouvidos; porque, representando-lhes o medo que entrava gente na casa, quiseram chegar-se mais para o canto em que eu estava e caíram, tropeçando em mim; e, quando se certificaram de que havia sido ilusão o que se lhes representou, me perguntaram se eu ouvira o que eles haviam tratado. Bem via eu que lhes seria duríssima a verdade; mas, como sei que, a todo o risco, sempre se deve usar dela, que a mentira não se conserva, que a verdade é esmalte de

¹⁴⁴ Na 1ª edição constava “desprezível”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

¹⁴⁵ Ilha grega para onde Afrodite foi levada logo após nascer. O templo dedicado à deusa, neste local, data do séc. VI a.C.

bem-nascidos, nobreza de humildes e sustento de pobres, ainda que algum tempo me demorei em lhes responder, quase tentada a mentir, ou porque o trato dos indignos principiava a mudar-me os costumes, ou porque, com a falta da conversação dos bem morigerados, que suavemente ensina a bem obrar, principiavam a esquecer-me os bons hábitos, quando irados repetiram a mesma pergunta, respondi: ‘Eu tenho ouvido o que falastes e me pasmo da traição que havíeis urdido: rogo-vos que deixeis passar alguns dias antes de executardes os vossos intentos, porque nesse tempo chegareis a abrir os olhos da razão; e reparai como quis o Céu que eu fosse informada das vossas maldades, para mostrar-vos que a nenhuma cautela esperem dever as gentes que no silêncio as¹⁴⁶ oculte ao castigo de seus delitos; o rigor do tempo me tirou da casa em que sabeis que eu me recolhia; a bondade dos mais servos me consentiu em um canto desta; a minha pequenez me tem aqui, sem mais luz que a que tenho para mostrar-vos os feios despenhos para que vos encaminham os vossos desígnios: temei a ira dos Deuses e vede que não deve viver no mundo o que com acordo erra tão horripelmente, desprezando os avisos da razão, que costuma representar a fealdade dos delitos.’ Ouviram, imóveis, estas palavras; e, afastando-se, estiveram falando, sem que eu lhes percebesse palavra alguma, até que, em desunidos pareceres, dizia um: ‘Não, não há mais remédio que tirar-lhe a vida.’ Respondia o outro: ‘É muito violento e faltam as forças quando a cólera não ajuda.’ E se lhe respondia: ‘Eu serei o executor, basta que o consintais.’ A que tornava o outro a replicar: ‘Não vos digo que o façais, mas dai-me tempo para retirar-me, e obrai o que quiserdes; mas vede que o sangue inocente algum dia há de acusar-vos.’ A estas palavras, fiquei sem ouvir mais rumor algum, a cada instante esperava a morte, fechando os olhos; e, abaixando a cabeça para os golpes, via com o maior horror o fim da minha tragédia e ultimamente me resolvi a dizer: ‘Onde estais, ó cegos, que, para que nunca acerteis, as sombras vos escondem o alvo que busca a vossa tirania? E já cansada de esperar-vos, chamo: Aqui está quem não cometeu mais culpas para a vossa crueldade que o nascer ditosa para viver infeliz convosco: acabai de aliviar-me do mal imenso que na vossa companhia

¹⁴⁶ Na 1ª edição constava “os”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

padeço; e sacrificai uma vida inocente, oferecendo o meu sangue nos altares da vossa bárbara ferocidade.’ Ficaram ainda imóveis, e em tal silêncio ou falando com tal cautela que, estando eu persuadida a que se haveriam retirado, se chegaram a mim e me disseram que, se queria a vida, havia de ausentar-me dali, e me livrasse de ser vista, porque em qualquer lugar onde fosse conhecida seria entregue à morte mais cruel, e que em parte alguma me acontecesse falar no que lhes ouvira. Eu o prometi com verdadeiras expressões e lhes disse: ‘Fugirei com o maior cuidado, não por me livrar da morte, que em toda a parte lhe serei sujeita, mas para que vivais sem a inquietação dos receios; nem revelarei o que vos ouvi, não só por conservar os juramentos que faço, mas por não aprenderem a idear os que só têm má inclinação e lhes falta a sutileza para urdirem os seus enredos, que este é o perigo que tem entre os maus a especulação da maldade, e entre os bons o muito que os scandaliza.’ Interromperam o mais que ia a dizer-lhes, segurando-me que os seus sequazes estavam espalhados e a todos informariam com as circunstâncias para me tirarem a vida, e que logo logo saísse dali, pensando bem em não ser vista: e, pegando em mim com tirania, me levaram às cegas, sem mais vestido que a coberta da pobre cama, que me davam; assim me levaram à porta de um jardim e me puseram na estrada.

“Fui caminhando o mais que pude no pouco tempo que restava da noite: recolhi-me em um bosque solitário, onde a fraqueza e cansaço julguei dariam fim a meus infortúnios; porém, não o consentiu assim o fado, pois não era ainda satisfeito de meus trabalhos. Continuando a fugir, não podia andar sem grande incômodo, porque, pelo muito que cansava, me era logo preciso buscar onde me escondesse. Era tal o medo com que me via no escuro da noite pelos campos que algumas vezes me parecia ouvir desordenados gritos, extraordinários assovios e medonhas vozes, tudo efeitos do medo, e esperava nas noites de luar não ir tão aflita; mas, chegadas que foram, me sucedeu pelo contrário, porque via fantasmas, com que as deliciosas sombras dos arvoredos aumentavam o meu horror; enfim, a fome era contínua, enquanto ela me não ensinou a comer frutas agrestes e ervas, conforme as produzia a terra. Também me aproveitava de alguns bichos que se criavam nos rios, comendo-os logo que podia apanhá-los; os olhos, transformados

em vivas chagas pela contínua corrente das lágrimas, iam perdendo a luz que me encaminhava; a cor do rosto estava tão destruída pelo contínuo pavor e aflição de espírito que uma tarde, chegando a um regato para refrigerar a sede que me atormentava, e reparando no semblante que mostrava o líquido cristal, gritei aflita: ‘Ai, triste!’, crendo ser alguém que se chegava a mim; e, voltando logo, sem ver pessoa alguma, assentei ser eu a mesma que me desconhecia pelo deplorável estado em que no pálido semblante se copiavam os meus trabalhos. Assim passei cinco meses daquele inexplicável tormento, até que achei a gruta em que me viste, onde fiz assento, entendendo ser aquela a minha sepultura, pois me faltava o alento para continuar o caminho e ignorava se ia a encontrar-me com os meus contrários ou se me retirava deles; e nesta dúvida, sentindo vizinha a morte, me recolhi ao centro daquele rochedo, que se achava então livre das feras; mas, quando principiou a ser intenso o calor do Sol, me vi em novos sustos, porque começavam a entrar os moradores, que eu não esperava.

“Não sei dizer-te o medo que me causavam quando reparavam em mim; uns rapavam a terra, outros, como rosnando se chegavam tanto que, pegando com os dentes no pano que me cobria, me voltavam de uma parte para a outra, e ficava eu imóvel no mesmo lugar onde havia caído. A este tempo vinham outros, que me passavam por cima; ora saltavam brincando, ora davam bramidos horrendos e, principiando a morder-se enfurecidos, me representavam todas as Fúrias e horrores do triste Reino de Plutão. Acabou aquele mais feio dia e com as sombras da noite me foram deixando pouco a pouco: melhorei-me da figura em que tinha ficado imóvel, porque o medo nem me deixava respirar com liberdade. Desejava antes caminhar que sujeitar-me à ira daqueles brutos; mas não só me embaraçavam a decadência de forças e falta de vista mas também a incerteza da situação em que estava e o caminho que deveria tomar, e escolhi aquela morte por me faltar todo o remédio.

“Na casa em que fiquei na Cidade chorando a tua ausência, me encarreguei, como sabes, da educação de uns meninos que, suposto lhes buscavam os meios que lhes concilhassem a boa inclinação, os domésticos da mesma casa destruíam todo o efeito daquele trabalho, como ordinariamente sucede. Também quiseram ali saber, na verdade,

quem eu era, dizendo não se acharem nas mulheres humildes as circunstâncias que para aquele emprego em mim se admiravam; como se para a educação dos filhos tivessem aquelas menos pesada obrigação; não me entregaram a filha, porque é tesouro tão importante que sem muito larga experiência não se confia mais que ao vigilante cuidado das mães. Saí a buscar-te e encontrei o chamado Antionor, de cujos discursos renascia de cada vez mais viva a minha saudade pela semelhança que tinham com os de meu amado Diófanos; mas no semblante o achava muito diverso, sem refletir que a natureza não nos parece que pinta com as mesmas cores a todos, porque a uns dota com regalos, descansos e Palácios magníficos, e a outros só com forças para resistirem aos rigores do tempo, sem mais reparo que o da rústica choupana; sendo que não há mais diferença entre uns e outros que uma antiga posse de fortuna, que faz o estabelecimento e recomenda aos respeitos e resguardos as pessoas a que chamamos ilustres e nobres; e aqueles que destituídos foram sempre de bens, na contínua fadiga do trabalho que os sustenta, os maltrata o tempo e os faz encanecer mais cedo, são tidos por humildes, ainda que todos tivemos a mesma primeira origem; assim mo ocultaram as impressões do tempo, que também conduziram para o estado em que me vês: agora convém determinar o caminho que devemos seguir, ainda que me falta o alento para dar mais passos, porque em todos parece que me chego para os precipícios. Ó feras cruéis, que se me houvésseis tirado a vida, já teria eu encontrado com aquele magnânimo espírito que nos Elísios descansa! E agora sem alívio choro a morte infame que padeceu; e não sei se é menos crédito da mágoa não sacrificar a vida nas aras¹⁴⁷ do sentimento.”

– Consolai-vos, Senhora – lhe disse Belino –, e reparai que os Deuses vos defendem e poderão ofendê-los as vossas vozes: parece-me que continuemos este caminho, a ver se encontramos com algum descanso nas vizinhanças da pátria, ou se cansa a desgraça que nos segue.

A graciosa Pastora, que com o romper da manhã saía a apascentar o seu rebanho, chegou ali a cumprimentá-las e com galanteria lhes ofereceu sua pobre choupana, para que se demorassem todo o tempo que quisessem.

¹⁴⁷ Altares.

– Dizei-me se descansastes – lhes disse – e se vos agrada ficar na minha companhia? Eu me hei de alegrar muito, e agora bem sabeis que eu não posso estar convosco, porque hei de mister ir para o monte com os meus cordeirinhos, ou vinde comigo: tomareis o fresco, ouvireis dos Pastores as melhores cantigas e a graça com que, também cantando, as Pastoras lhes respondem; vereis as lindas aves, que alegres vão para os seus ninhos, e adormecereis ao som que faz o correr da fonte: eu repartirei convosco da minha pobreza, fiaremos a lã para o que nos for preciso, e assim em paz, sem a soberba dos ricos, nos costumaremos a viver contentes.

Delmetra lhe respondeu agradecida:

– Por alguns dias aceitaremos o que o vosso bom ânimo nos oferece; e, passados estes, iremos obrigadas só a continuar a nossa jornada, porque os Deuses poderosos não querem que tenhamos muito descanso.

Assim se demoraram só três dias, e, no fim deles, saudosas se apartaram da agradável Pastora, continuando ambas a fugir das vizi-nhanças da maldade. Quando chegavam a alguma povoação, punham todo o cuidado no retiro e não descansavam enquanto se não viam longe dos ajuntamentos, que sempre conduzem para inquietações; já principiavam a ver, como uma pequena luz que lhes mostrava a esperança, no perto que já estavam de Tebas; e, como para este fim, a que só aspiravam, lhes era mais conveniente fazer um pequeno embarque, esperaram alguns dias que houvesse embarcação; e, cuidando que assim terminavam suas peregrinações e infortúnios, viram que ainda não havia cansado a desgraça; porque, tendo embarcado, deu logo a embarcação fortemente contra uma rocha, em que acabou a maior parte da gente. Sobre umas tábuas se salvaram algumas pessoas, e entre estas escapou Belino, que, reparando que Delmetra havia acabado com os mais que faltavam, levantou os olhos aos Céus, dizendo:

– Ó Deuses poderosos, como ainda se não aplacou a vossa indignação? Como consentistes que acabasse uma vida tão precisa,¹⁴⁸ e na minha sustentais a mais inútil? Eu me ia costumando a perder o horror que os primeiros dias senti na companhia dos homens dis-

¹⁴⁸ Necessária, indispensável.

solutos; e agora, que já me envergonho de vê-los, como me tirais a mais precisa companhia? Ah que parece que zombais cruelmente de meus trabalhos! Oh infeliz mocidade, que entre perigos se passa! E consentem os Deuses em uma vida enfadonha, para apurar merecimentos? Ó bárbara estrela, fazei que eu descanse já na sepultura; pois que, assim como a cerva ferida corre com a força da sua dor, levando consigo o dardo que a atormenta, sem alívio levarei impressa na alma a justa causa do meu pranto; mas uma e mil vezes tornarei a pedir-vos que me livreis, por qualquer modo, do ar que é corrupto pelos vícios, pois são males que se têm introduzido para oprimir o Mundo, onde os enfraquecidos, que se envergonham da virtude, querem tomar o lugar dos constantes, para que a virtude não cresça.

Com estas justas considerações estava Belino naquela praia, continuamente olhando para a rocha em que havia acabado a sua consolação; e, observando que sobre a mesma estavam dous pequenos vultos que se moviam, ora lhe pareciam enganos da vista, ora queria persuadir-se que não eram corpos que formava a sua fantasia, mas sim realidades o que observava; e, vendo que aqueles penedos tinham estado mais descobertos de água e que a enchente lhe fazia parecer de cada vez mais pequenos os objetos, comunicou o seu reparo a algumas pessoas que ali ainda se achavam, uns chorando pelo que haviam perdido, e outros consolando-os, pois que tinham escapado com vida; e tanto que assentaram que era gente que para ali arrojariam as águas, correram aflitos a buscar quem os ajudasse a acudir aos que estavam vendo, como se lhes chegava a morte; e em uma lancha¹⁴⁹ se aventuraram a sair, lutando com as ondas; e suposto que o vento, que causara aquela desgraça, estava muito mais brando, os mares estavam ainda tão levantados que muitos tiveram por temeridade a resolução de irem salvar aqueles, com o perigo de se perderem todos; pelo que só quatro se animaram a irem com Belino a executar aquela ação de piedade e louvável desprezo da vida: foram com grande risco; e, quando com muito trabalho tinham vencido meia parte da distância, já temiam perder as próprias vidas e não terem remédio os que intentavam livrar da morte, porque os mares, de cada vez mais soberbos, cruelmente os ameaçavam, e os

¹⁴⁹ Termo náutico antigo. A maior das embarcações miúdas, movida a remos ou vela.

penedos com pressa iam acabando de cobrir-se de água: eram contínuos os clamores que já ouviam dos pobres aflitos, que de uma para outra parte andavam sem sossego, pois a morte de cada vez mais se lhes avizinhava com a enchente; o perigo dos compassivos de cada vez era maior, porque lhes faltavam as forças para continuarem a manear os remos. Não parecia Belino dama delicada; porque, como robusto soldado, animando os companheiros, se pegava com incrível valor ao seu remo, até que permitiu o Céu que abrandassem os mares; com inexplicável trabalho, tiraram os aflitos daquele lugar infausto, porque o rochedo em partes escorregava tanto que não podiam segurar os pés; e em outras, de muito ferido das águas, tinha pontas agudíssimas e conchas de mariscos, que os maltratavam. Achou-se Carpache, filho de um dos que se haviam animado para ir também valer-lhes, e o outro era um gentil mancebo chamado Albênio: voltaram todos para terra e com menor trabalho chegaram a desembarcar. Belino, havendo já satisfeito à nobre ternura de seu ânimo, tinha de alívio só a parte que à sua mágoa acrescentavam aqueles dous, pois lhes valera, não valendo à sua dor, e sem esperança alguma chorava a infeliz morte de Delmetra, a quem ele havia conduzido àquele naufrágio, pois não consentira em ficar gozando em sossego a companhia da inocente Pastora; e, encostado a um tronco, junto ao qual descansava Albênio das fadigas e sustos que tão de perto lhe haviam mostrado a morte, com lágrimas e soluços moveu a compaixão de Albênio, que, intentando diverti-lo com algumas histórias que o podiam consolar, também lhe perguntou os mais sucessos de que o ouvia lamentar-se, dos quais não conseguiu mais que ouvir uma limitadíssima parte, porque os suspiros e arrancos do coração magoado não davam lugar a proferir muitas palavras, pois, quando a dor é intensa, a mudez melhor a explica; e, vendo que se aumentavam as demonstrações do pesar, que no princípio estiveram reprimidas pelo pasmo, susto e desacordo:

– É tal a vossa mágoa – lhe disse Albênio – que já tenho tomado nela uma grande parte; e, se não posso servir-vos de alívio, vos servirei de companhia, sendo de vós inseparável.

– Não posso admitir o que me oferece a vossa bondade – lhe respondeu Belino –, pois me resolvo a buscar uma brenha onde acabe os meus tristes dias.

– Não podereis conseguir – lhe replicou – que eu de vós me aparte, pois é impiedade grande o desamparar um triste, deixando-o entregue aos estragos da pena; e assim vos digo, que eu estou de ânimo de sofrer os impulsos da vossa repugnância, contanto que de vós me não aparte: vede para onde determinais caminhar, ou se quereis ficar aqui.

– Como vejo que a vossa porfia é tão nobre – respondeu Belino –, serão sem efeito as demonstrações da minha repugnância; eu determino continuar por estas praias, buscando o cadáver de quem é filha a minha mágoa, por que ao menos possa beijar-lhe a generosa mão e dar-lhe sepultura; e vamos, que eu assim, louco e perdido, nem mais terei um leve pensamento de alegria.

Partiram ambos, e a poucos passos lhes anoiteceu; ficaram naquelas praias, em que toda a noite Belino suspirava e Albênio discretamente o procurava consolar, lembrando-lhe (com histórias muito próprias) quanto somos sujeitos à inquieta rota da fortuna, ou vela que busca as mudanças do tempo; e que aos magnânimos não apoucam infortúnios, nem afligem desgraças, vendo com fortaleza laurear-se-lhes o sofrimento com o aplauso dos prudentes; quando os principiou a favorecer a luz da Aurora, continuaram o seu caminho.

Passados sete dias, lhes disseram umas serranas que ali tinham saído os cadáveres de umas mulheres, que pelos sinais entendeu Belino seria uma sua amada mãe, o que novamente chorou; e, determinando ir ao lugar onde se haviam sepultado, para seu inteiro desengano, não o consentiu Albênio, ponderando-lhe o estado em que já estariam. Despersuadido desta diligência, e sem determinação da parte para onde iria, continuou a prolongar-se por aquelas tristes praias, sem esperança alguma de alívio; e, não se animando a deixá-las, se demorou dezessete dias; e, em uma noite, descansando sobre a areia, quando a mágoa lhe despertava mais os sentidos, pois sempre aflito conversava com a sua pena, lhe parecia ouvir ao longe uns lastimosos gemidos. Comunicou o seu reparo a Albênio, e toda a noite vacilaram, sem assentarem donde

vinham: corriam para a parte da terra a ver se os ouviam, como de mais perto, conheciam que mais se lhes retiravam; continuavam para uma e outra parte da praia, igualmente lhes parecia que sempre ouviam os tristes ecos: e, sem saberem formar juízo, só assentavam que vinham da parte do mar, o que tinham por impraticável; e, com a luz da manhã, aplicando mais as diligências para verdadeira averiguação, fizeram reparo que ali havia ao longe várias Ilhas; mas, como eram muito distantes, não podiam divisar se havia nelas cousa alguma, e juntamente lhes parecia que já não ouviam as ditas vozes, sem o reparo de que esta falta sucedia quando totalmente tinha acalmado o vento, o que, não obstante, se resolveram a demorarem-se ali aquela noite, para se certificarem se fora ilusão, e as tornaram a ouvir ainda antes de noite; porque, refrescando a tarde, o brando Favônio¹⁵⁰ as tornou a conduzir aos seus ouvidos; porém, se lhes representavam mais distantes, talvez por ser mais brando o vento. Assim passaram com igual confusão; e, ouvindo o mesmo todo o dia seguinte, se determinaram a buscar modo de aportarem àquelas Ilhas, pois lhes não ocorria que de outra parte pudessem nascer as tristes vozes. Os rústicos daquela montanha tinham por delírios o que diziam terem ouvido; e muito mais que esperassem achar gente em tais lugares, onde diziam não haver cousa alguma em que se alimentassem mais viventes que algumas aves que esperavam o que lançava o mar; mas, de toda a sorte resolutos, foram em uma embarcação que remediaram como puderam, e na primeira Ilha não acharam pessoa alguma. Indo aportar às outras com igual diligência, quando já quase viam que fora inútil o seu trabalho (na penúltima que faltava de averiguar), acharam a Delmetra; e um homem, que parecia estar dando os últimos alentos, também o trouxeram para terra, onde, em poucos minutos, faleceu. Os montanheses, que esperavam na praia, zombando daquele delírio, admiraram tão raro sucesso e ajudaram a dar sepultura ao cadáver, sendo as honras funerais o cantar daqueles rústicos, que com fúnebres canções o conduziram à sepultura. Quando Delmetra entrou em si, disse:

¹⁵⁰ Mit. rom.: deus do vento do oeste; Zéfiro na mitologia grega. Refere-se ao vento suave que sopra do poente.

– Filha querida, eu já não esperava mais golpes que o que em mim estava para executar a morte. É possível que torno a ver-te, quando tinha por certo que acabaras no naufrágio? Não sei dizer-te como me salvei em tão horrendo estrago, porque, desde o instante em que deu a embarcação contra a rocha até que me vi sobre aquela Ilha, tive perdido o acordo ou a memória; entendo que, pegados a um remo, fomos arrojados àquele lugar; dous homens, que é um o que sepultamos agora, e outro, que logo faleceu, achando-se com uma ferida na cabeça, e com a maior pena o vi acabar sem remédio, alimento ou consolação alguma; as aves de rapina foram logo ao frio cadáver e lhe comeram os olhos e mais carne do rosto e mãos, pois não faziam caso da pouca força com que eu as enxotava; e assim fui vendo, com indizível horror, tirar os galhardetes da gentileza e ficar em árvore seca a horrenda figura da morte; já me sentia sem ânimo para aquele que eu pensava ser o último trabalho da minha triste vida, e quase desfalecida dizia ao infeliz que me acompanhava: “A ira dos Deuses não tenho ainda aplacado com as lágrimas de outros pesares, que sempre choro, pois castigam minhas maldades com a vista deplorável desse horrendo espetáculo; e não sei se o que estamos vendo, com tanto pavor e desengano da vida, nos acusará de negligentes; e, posto que nos faltam as forças e instrumento para abrirmos sepultura, trabalhemos como pudermos para que se execute esta ação de piedade, que os Céus nos hão de confortar, já que não foram servidos que acabássemos no fatal conflito, para que em cada minuto de vida sentíssemos a mais dilatada morte.” E, lembrando-me a causa de meus cuidados, dizia: “Ai, filha querida, consorte amado, que oculto arcano é este que dilata a mais desgraçada vida se, enfraquecido, o peito já não pode tolerar a força de tantos golpes?” Com estas e outras semelhantes vozes se explicava a minha pena; e, bebendo lágrimas, fui trabalhando na sepultura como pude. O triste companheiro, que de susto julgo havia emudecido, tendo o pálido semblante cadavérico e os olhos sempre espantados, explicava a sua bárbara dor com ações que me atormentavam; porque, sendo sujeito a estar algum tempo como em letargo, quando tornava a si levantava os olhos ao Céu e ora punha as mãos na cabeça, ora batia no aflito peito, e assim arrancava das entranhas os mais ardentes suspiros. Dous dias gastamos em abrir a sepultura, o corpo já com terrível

fétido e grande multidão de bichos, que também estavam nos lugares que haviam escarnado as rapinas, com grande trabalho o sepultamos; e, recordando eu o nosso último fim, via como se arruinam os edifícios da vaidade naquele hediondo padrão, em que melhor estavam gravadas as letras do desengano. Os dias passava clamando aos Céus; as noites, com medo inexplicável, ouvindo os bramidos dos monstros marinhos e os soberbos roncões das ondas, que, quando ali quebravam os montes da cristalina espuma, me faziam temer a sua soberba; e, quando ouvia o severo rumor que faziam ao longe, se renovava a minha sem igual saudade; a fome nos obrigava a comer toda a casta de bichos que lançava de si o mar, sem mais esperança de alívio que o que nos prometia a morte; então conheci ser aquele trabalho o maior de todos, pois quase tinha extinto a lembrança dos que no primeiro dia chorava, queixando-me do fado que nos dividira, e ultimamente só me lembrava a feia presença da morte, que, ao mesmo tempo que a desejava para termo de tão cruel desamparo, a temia como último estrago do mesmo tempo; e, à proporção com que o gritar me enrouquecia, perdia também as forças; até que a sabedoria dos Numes, que assistem aos viventes e acodem aos que desampara a fortuna, te inspirou o valer-nos, amada filha, meu único remédio e alento da minha esperança.

A estas palavras, com que se explicava a alegria de Delmetra, apertando nos braços a bela filha, que reparava em que o desacordo e alvoroço da mãe quase faziam conhecer aos circunstantes o seu fingimento:

– Consolai-vos, Senhora – lhe disse –, que aqui está o vosso querido filho Belino: já não há causa para os delírios; eu sou o mesmo que sempre vos assistirá, enquanto o permitirem os Deuses: descansai para podermos continuar a buscar a desejada pátria, porque a constância no empreender é costumada a obrar prodígios; mas, se acaso vos determinardes a desprezar a pouca distância que nos convida, aqui poderemos passar os últimos dias, gozando o amável sossego destes desertos; e, suposto que conheço ser aqui a paz mais permanente, desejara também que não perdêssemos o fruto de tão agigantados trabalhos, que tanto tem adiantado a nossa esperança.

– Não sei, filho – lhe respondeu Delmetra –, se castigam os Céus a nossa porfia, pois vemos que com desventuras atalham os nossos passos.

– Antes com infortúnios – lhe disse Belino – costumam experimentar os mortais para os fazerem mais dignos de felicidades.

– Como foste quem agora me deu vida – disse Delmetra –, e estou paga daquela que em mim tiveste, governa os meus passos, que eu seguirei o que te for inspirado.

Os montanhesez ouviam, admirados, estes discursos, e Albênio mudamente observava as bem-ajustadas palavras da mãe e do filho e quanto se fazia amar o agradável semblante de Belino; e, desejando não deixar a sua companhia, lhe disse:

– Já que vos tenho acompanhado estes dias, e também vos devo a vida, sou obrigado a caminhar convosco e seguir os vossos passos.

– Não queirais – lhe respondeu Belino – participar de nossas desgraças; os nossos passos vai sempre contando o fado, e não será justo que também tome parte nos vossos; eu sou o que devo confessar-vos toda a consolação que aqui tenho, pois me tirou a vossa companhia das mãos da exasperação; e, para vos ser agradecido, não consentirei que nos acompanheis, para não tomar parte nas nossas infelicidades.

– Não temo – lhe respondeu Albênio – os rigores da sorte mais adversa, porque dos maiores já eu tenho larga experiência e me recolho para um país que não é daqui distante; e, quando chegar ao lugar que seja oposto ao vosso caminho, serei obrigado a deixar-vos.

– Não poderemos fazer caminho continuado – lhe disse Delmetra –, nem talvez próprio para os vossos intentos, porque nos havemos de demorar onde nos convidar a soledade com as sombras para o descanso; e não só vamos fugindo à desgraça, que nos segue, mas também como delinquentes nos retiramos dos que nos buscam; este segredo vos confia a minha agradecida vontade, pois nos convém não levar mais companhia ou rumo que o que nos permitirem as Estrelas; mas sempre levaremos na memória a bondade com que nos quereis acompanhar.

A estas palavras cedeu Albênio, despersuadido de que o admitissem na sua companhia, e no dia seguinte se despediram, continuando Delmetra e Belino a sua trabalhosa jornada.

Em poucos dias chegaram a uma grande povoação; e, ignorando onde estavam, lembrados do que lhes havia sucedido em Esparta, se houveram com a maior cautela; mas não bastou todo o cuidado para evitar o que lhes faltava de padecer. Junto às muralhas descansavam e, não passando dali, entendiam livrarem-se das gentes; mas, como havia grande cuidado e cautela em averiguar quem entrava naquela Cidade, chegaram duas sentinelas para reconhecê-los; e, julgando ser Belino desertor, o levaram logo à prisão, em que ficou para descobrir quem eram, donde vinham e que queriam. Delmetra, com lágrimas, dizia estavam descansando e que lhe soltassem Belino para poder continuar a viajar sem fazer ali demora; e, como se não moviam a tão justas súplicas, lhes disse Belino:

– Vós me haveis reduzido a esta prisão injustamente, pois não advertis que aos que vão correndo o mundo não deveis castigar, porque ignoram os vossos costumes, e por isso nós descansávamos àquela sombra sem malícia; eu sou filho de Delmetra, vimos de um país amigo vosso; e, se ainda assim nos quereis maltratar, é mais abominável a vossa porfia e sem razão que insuportável a nossa desgraça e trabalhos. Onde nos levareis, que os justos Deuses não vejam a nossa inocência? Onde iremos, que com justa causa nos não possamos queixar da vossa iniquidade? Nós não prosseguimos a nossa peregrinação, mas vós caminhais para os castigos que esperam as injustiças.

A estas palavras, enfurecidos, tratando-o muito mal, o deixaram na prisão, onde mais sentia o susto de Delmetra que o próprio incômodo; ainda que tinha por um novo gênero de tormento o estar entre um ajuntamento de malfeitores, dos quais eram as ações e palavras indícios de suas depravadas vidas; pelo que chegou a temer que conhecessem o seu disfarce; e, reduzida a uma nova pena e consternação, se resolveu a dizer ao Ministro Arnézio:

– Bem quisera eu, Senhor, conservar um segredo que me tem defendido da maldade dos homens; porém, vejo-me precisada a estar com estes, que não temem a justiça, não amam os Deuses nem respeitam o Soberano, já perderam os bens e não desejam a vida; e, como da companhia dos maus se faz contagiosa a maldade, receio demorar-me aqui; e assim sabeí que eu nasci a que não pareço, que um naufrágio me trouxe aqui e que a mulher com quem fui achada é minha triste

mãe; que ali descansávamos, para no dia seguinte continuarmos a nossa jornada; assim vos peço que, se quereis demorar-me na prisão, me tireis da companhia destes a quem temo imitar, ainda que seja mais escura e estreita outra qualquer, para onde me mandeis.

– Como é tão nova – lhe respondeu Arnézio – a ideia com que me intentas persuadir, não devo admitir a tua súplica.

– Vede, Senhor – respondeu Belino –, que não pretendo escusar-me às averiguações do fim que nos trouxe, pois só me aflige que se me faça preciso ouvir a especulação de toda a casta de maldade entre rebeldes e malfeitores.

Já Arnézio voltava, fazendo pouco caso, quando Belino, com mais resolução:

– Ouvi-me, Senhor – lhe disse –, e me valha a vossa compaixão: Eu sou uma mulher desgraçada, que me vali de vestido impróprio para viajar com menos perigos; não permitam os Deuses que vós reveleis a pessoa alguma este segredo, nem me deixeis entre culpados e perversos: ampare a vossa compaixão os meus bem-nascidos sentimentos e se vos inspire o meu resguardo e a minha liberdade para consolação de quem mais aflita me espera.

Arnézio, ouvindo tão ajustadas reflexões, lhe disse passaria para sua casa (o que logo se executou), onde seria assistida com o preciso, enquanto se não determinava a sua soltura. Delmetra foi em seu seguimento e ficou inseparável da porta daquela casa para onde a recolheram. Arnézio, que só sabia que o gentil Belino era a belíssima Hemirena (ainda que ignorava este nome e mais prerrogativas dele), persuadido de uma violenta paixão, uma tarde, em que já a vontade perdia de vista o entendimento:

– Adorada Senhora – lhe disse –, eu sacrifico à tua beleza o domínio de meu alvedrio,¹⁵¹ e serei com grande excesso satisfeito se me não negares a tua benigna atenção.

Belino, com severidade e arrogância, lhe respondeu:

– Os vossos sacrifícios jamais serão bem aceitos nem podereis desculpar para com os Céus o haver assim abusado do segredo que

¹⁵¹ Livre vontade; arbítrio.

vos confiei, não como a homem frágil, mas sim como a quem só deve empregar-se em incensar os altares da justiça; não vos demoreis em ver-me, porque me será menos violento o viver com os maus, que estão em caminho de pagar a sua culpa conhecida, que com os que, fingindo retidão, os reveste a hipocrisia.

A estas palavras se apartou dali Arnézio, triste e confuso; no dia seguinte, ainda que lhe não fez mais confissões do seu néscio rendimento, para fugir daquele perigo se lançou Belino de uma janela, com tanta felicidade que, sem receber moléstia alguma, encontrando-se logo com Delmetra (que era inseparável daquelas paredes), prodigiosamente saíram da Cidade; e, continuando a caminhar com cautela e cuidado, davam graças a Minerva, a quem atribuíam aquele admirável sucesso.

FIM DO QUINTO LIVRO

LIVRO VI

Sumário

Continuando Climeneia e Hemirena a caminhar ainda como Delmetra e Belino, conforme costumavam, se recolheram a um bosque, onde acharam a Diófanes, que se lhes deu a conhecer, e com inexplicável alegria continuaram a viajar juntos; e, estando para concluírem as suas jornadas, se encontraram com Arnesto, que, fazendo completo aquele gosto, foram todos para Tebas. Os Tebanos, com infinito prazer, festejaram os seus Soberanos, e Arnesto se recolheu para Delos com sua consorte Hemirena, que com iguais demonstrações de afeto e contentamento foi recebida, e principiaram nos descansos a colher os frutos de tão agigantados trabalhos.

Tendo caminhado Belino e Delmetra com o vagar que requeria a declinação de forças, que lhe faziam sentir os anos e trabalhos, pois ou já violento o espírito o animava, ou as destruídas forças não a deixavam andar mais que muito poucas horas do dia, uma tarde se recolheram a um delicioso bosque, onde determinavam demorar-se, vendo-o agradável e solitário. Sentadas junto a uma fonte que docemente corria, recordavam seus passados infortúnios; depois, de noite, sentiram um rumor, como que da espessura saía uma grande fera; ouviram uma voz suave que cantava os louvores de Ceres e Pomona,¹⁵² que fertilizam a terra; as glórias de Astreia, que sustentara a justiça; a origem de Minerva, que com sua sabedoria vinha a instruir os mortais; os cultos de Diana, que castigou a Actéon; e os horrores do Reino de Plutão; e, querendo fugir de um vulto que vinha buscando a fonte, foram sentidas, e lhes disse aquele fantasma com voz alta e rouca:

¹⁵² Mit. rom.: ninfa que preside ao crescimento dos frutos.

– Quem sois, que a esta hora vos atreveis a entrar na minha morada sombria?

Não se animaram a responder-lhe, porque de medo quase perdiam os sentidos, pois, entre as sombras, o mais que podiam ver era um vulto preto que lhes parecia ser de espantosa estatura e que em uma das mãos trazia um curvo cajado; depois de um pequeno intervalo, continuou em cantar os sustos de Galateia, que desdenhava a Polifemo;¹⁵³ a desgraçada morte de Prócris, a quem Céfalos¹⁵⁴ tirou a vida, e os receios de Psiquê,¹⁵⁵ tendo em seus braços Cupido; e, finalmente, invocava o poder de Júpiter, queixando-se dos homens; assim chegou à fonte e, encostando-se a uma pedra, adormeceu.

Quando o princípio do dia desterrava os horrores da noite, viram (daquela distância para onde se retiraram) um homem todo coberto de peles de ursos, menos os braços, que os tinha nus, crespa e branca a barba, e de aspecto venerando: muito devagar, chegaram a vê-lo; e, quando observavam a muita semelhança que tinha com Antionor, despertou e, assustando-as com o repente de se erguer, não as deixou fugir; e, fazendo um pequeno reparo em Delmetra, lhe disse:

– Esposa amada, que favorável acaso te conduziu aos meus braços? Graças a Júpiter soberano que chego a ver-te sem as prisões que me obrigavam a negar-me ao teu conhecimento.

Delmetra emudecida de gosto ficou por alguns minutos, sem que a sua alegria se explicasse, e só com demonstrações de imenso prazer se saudavam os amantes consortes, até que Belino, lançando-se aos pés de Antionor, ou Diófanos:

– Aqui tens, Senhor – lhe disse –, a tua filha infeliz, que os Deuses compassivos, depois de tão repetidos trabalhos, encaminharam impensadamente à tua presença.

¹⁵³ Mit. gr.: Galateia é uma ninfa do mar, filha de Nereu. O cíclope Polifemo apaixonou-se pela ninfa, sendo por ela repudiado. Ao ver Galateia com seu amado Ácis, o cíclope enfurecido o esmagou com um rochedo.

¹⁵⁴ Mit. gr.: Prócris era casada com Céfalos. Desconfiada de estar sendo traída, Prócris segue às escondidas o seu marido em uma caçada, sendo alvejada acidentalmente por ele, que julgou tratar-se de um animal que se movia atrás de uma moita.

¹⁵⁵ Mit. gr.: jovem mortal por quem Eros (Cupido) apaixonou-se.

Diófanes, tão gostoso como admirado, advertindo ser Hemirena o chamado Belino, parecia que em seu peito não cabia prazer tão desmedido; e, olhando para a consorte e para a filha, mostrava não dar crédito à grande consolação que estava recebendo. Depois de dar graças ao Céu por tão especial benefício, disse a Hemirena lhe contasse os sucessos de sua peregrinação. Ao que respondeu até o tempo que na gruta fez liga com Climeneia, ignorando os vínculos da natureza. Climeneia lhe disse desejava muito saber como se tinha livrado da morte.

– Já sabeis – lhe respondeu Diófanes – os trabalhos que padeci por acudir ao bem público e boa administração da justiça. Também não ignorais quais sejam os inconvenientes que se seguem a ser o Rei frouxo e de ânimo inconstante; os Deuses me livraram da morte por um guarda que, afetando compaixão, me pôs em liberdade, jurando-lhe eu, pelas frias águas da Estígia, não ser visto e guardar sempre o segredo de como tivera liberdade naquele Reino. Passando às vizinhanças daqueles domínios, uma fresca madrugada, querendo refrigerar os ardentes efeitos do cansaço, cheguei a uma fonte e juntamente uns serranos que, falando em mim, sem me haverem nunca visto, me contaram a minha mesma história; e, tendo eu levado impresso na memória aquele que me livrara com tão rara compaixão, cheguei a conhecer que tudo foram máquinas da maldade para se não averiguarem as falsidades com que me queriam tirar a vida; e como agora já nos favorecem tanto os altos Deuses, parece que com este mimo querem mostrar-nos que se aplacou a sua indignação.

Assim continuou Diófanes os mais dias que tomaram para o descanso, pois com a sua agradável conversação divertia a consorte e filha, por quem tanto havia suspirado, e as fazia ouvir os deliciosos frutos dos bons documentos e gozar com alegria o mimo das flores: entoavam suavemente as três vozes o louvor da primeira causa de todas as cousas. Climeneia lhe contou os trabalhos de que fora perseguida no largo tempo da sua ausência, dizendo:

– Já em Corinto ouviste meus estranhos infortúnios, e agora direi como, depois de Hemirena me persuadir a deixar as brenhas, fiamos as vidas à rústica sinceridade e ficamos em uma aldeia servindo a uma serrana que me encarregou o cuidar de sua mãe, velha paralítica, e a

Hemirena os seus rebanhos. Ali recordamos quanta semelhança tem com os bem-aventurados campos do descanso o saudável retiro das montanhas; a maior parte daqueles rústicos viviam de seus gados e colheitas e eram de gênios dóceis, compassivos, livres de malícia e naturalmente alegres; as mulheres tinham amável sinceridade, eram honestas e cuidadosas. À proporção do conhecimento que iam tendo de nossos gênios, crescia o afeto e respeito com que nos tratavam, e em nós a compaixão de sua mal empregada rusticidade, porque desejavam acertar e não era invencível a sua ignorância; as horas que são destinadas para o descanso em alguma parte do dia vinham buscar-me para uma sombra perto da minha assistência, onde as Pastoras cantavam as mais inocentes canções, e os Pastores alegremente prosseguiam em tocar os seus rústicos instrumentos entre as flores e fragrâncias que difunde a primavera, assim me lisonjeavam, para que os instruisse no conhecimento do quanto é feliz a vida rústica: uns discorriam sobre o Favônio agradável à vida humana; outros, com termos próprios e inocentes, figuravam as fadigas de quando a terra sequiosa espera que o inverno a satisfaça; outros, com mais engenho, discorriam nos frutos com que o outono enxuga o suor dos lavradores; e outros, com mais graça, se lembravam de como no inverno se recolhiam molhados e, descansando ao fogo, cantavam em desafio; assim se regozijavam com o gosto do que é mais admirável nas obras da natureza. Eu instruía as donzelas a contemplarem na modéstia e recato, dizendo ser nelas tão igual a glória da sisudeza quanto prejudicial e desprezável qualquer pequeno descuido; às outras advertia que a mulher que mais estimação merece é a que menos faladora se ostenta; porque os mesmos que celebram as graças e desembaraço as murmuram de chocarreiras;¹⁵⁶ e que é tão delicada a nossa gravidade que não só devemos conservá-la nas obras e em não falar o indecente, mas em não admitir a conversação do ilícito. Acabado este melhor divertimento, iam continuar o seu trabalho, e eu me recolhia a ver a minha enferma. Hemirena, na fresca madrugada, saía com seus rebanhos e, cantando suavemente, louvava a sabedoria ditosa que interrompeu a glória dos deleites, as virtudes dos heróis e a sublime grandeza dos Deuses: acudiam a ouvi-

¹⁵⁶ Chocarrices, gracejos insolentes.

-la as Pastoras, que também cantavam com agradável singeleza, e as instruía para entenderem as poesias heroicas em que se exercitava.

“A bela Atília, filha de Leda, a quem servíamos, enganada pela gentileza da que supunha ser Belino, lhe comunicou amantes pensamentos, determinando com ele seus desposórios; e, como eu não era sabedora daquele disfarce, Hemirena me comunicou o que se lhe havia dito, dizendo que recusava a aceitação daquele favor, porque não queria sujeitar a liberdade aos contínuos cuidados do consórcio; e que, para se livrar do perigo a que podia conduzi-lo o afeto de Atília, seria conveniente fazer um retiro repentino: o que executamos logo aquela noite, deixando o amável sossego, antes que o amor tomasse mais forças.

“Com os costumados incômodos de fugitivos, fomos até Esparta, onde Hemirena, por entrar em um jardim, foi levada para servir na campanha dos Corintos, a quem os Espartanos ajudaram antes do sítio (que os fingimentos, ainda quando são precisos, não deixam de dar trabalho); daqui por diante, sabes o que passamos até que fomos presos. Eu te não tinha conhecido; e, quando Hemirena me disse quem eras, o que ela também não saberia se lho não dissessem os bárbaros Ministros de Corinto, novamente chorei os nossos infortúnios; e Hemirena, conhecendo as maiores razões que lhe cresciam para valer-me, conseguiu por um escravo a minha liberdade; passamos alguns dias sem descanso nem alívio, chorando sempre a tua morte; embarcamos com o projeto de buscarmos a pátria, pois já não tínhamos esperança de que tu nos buscassem; e, como por ter estado Hemirena em Atenas era preciso que tivéssemos grande cautela, fazíamos aquele embarque para mais depressa fugirmos ao cuidado e susto com que ali devíamos estar; um naufrágio me conduziu a um lugar onde perdia a esperança do socorro; mas, como Hemirena havia escapado, me tirou daquele sítio infausto, onde os esqueletos da morte eram fiéis espelhos da minha pouca vida: continuamos no antigo projeto; e, quando temíamos o que em ti se nos representava e recordávamos os nossos contínuos infortúnios, o conhecer-te parece que acabou de afugentar a desgraça.”

Assim acabou Climeneia a sua larga história, e Diófanes determinou a Hemirena contasse o que lhe tinha sucedido, ao que obedeceu

com a graça e suavidade com que costumava explicar-se; e muitas vezes os pais, com lágrimas de sólido gosto, ouviam como a filha se desembaraçara de lances apertadíssimos. E, acabando a narração de tantos trabalhos e combates:

– Os Deuses te defenderam – lhe disse Diófanes – e têm tomado à sua conta a nossa felicidade; eles jamais desamparam aos que sabem glorificar as suas obras. Quem dissera que, esperando eu neste lugar solitário que a cada instante me chegasse o último trago da morte, me esperava o primeiro prazer da minha vida?

As lágrimas, com que a ternura explicava o seu incomparável júbilo, não davam lugar a continuar com a expressão das palavras: e com a mais elegante frase de um brando coração dizia com os olhos o que para expressar não chegam a dizer os termos. Depois destes primeiros efeitos do gosto, se lembraram de Almeno, que falecera no combate, e do que haveria recorrido Arnesto sobre a sua desgraça; que não pode haver tão seguro contentamento que não envolva alguns pesares. Principiaram a caminhar, determinados a embarcar; quando chegaram ao porto, conheceram ali Albênio, que tinham deixado nas praias do naufrágio; fizeram sociedade aquela noite, em que ele fez as maiores expressões de contentamento a Diófanes, contando-lhe como devera a vida ao que supunha ser Belino. Climeneia e Hemirena, lembrando-se de seus trabalhos, suspiravam por concluir aquela parte que lhes faltava para chegarem a Tebas. Albênio, que não podia já encobrir os efeitos da mágoa, deixou cair algumas lágrimas, dizendo:

– Não seriam tão grandes os vossos trabalhos, não sendo Tebanos; eu choro e chorarei sempre as memórias de alguns; os vossos infortúnios poderão corresponder a menor parte dos meus, mas serei contente se os Deuses se servem do meu sofrimento.

Diófanes, cheio da curiosidade que originaram estas palavras, lhe fez diversas perguntas; e, vendo que Albênio lhe não respondia a algumas, como que o oprimia o receio:

– Não temais – lhe disse –, ó Albênio gentil, o homem que em mim vedes, pois sou um desgraçado que, indo a ligar-se com um dos do vosso país, fui reduzido a este estado; e, como não foi tão forte a pobreza que pudesse arruinar aquele ânimo, que ainda conservo,

se buscais abrigo, eu juro aos Céus amparar-vos, se me restituírem a Tebas.

Albênio, mudando inteiramente de semblante, lhe disse:

– Vós sereis, acaso, algum dos da comitiva do infeliz Diófanes, que há mais de quinze anos que foi entregue aos bárbaros? E, entendendo-se que fora sepultado nas cavernas do mar os primeiros oito, não fizeram os seus vassalos e confederados mais que chorar a sua desgraçada morte; e, depois de se passar todo aquele tempo, havendo indícios de que era vivo (pelo que descobria a sua alta capacidade, sabedoria e virtudes), se espalharam alguns a buscá-lo.

– Eu sou – lhe respondeu – o mesmo Diófanes, que depois de tantos anos de letargo torno a mim, pois já me considero em Tebas, onde há muito poderia estar se tivera notícia de Climeneia e Hemirena, que sempre buscava saber onde as tinha a desventura para me retirar e tornar sobre os Argólicos, que mas deveriam fazer entregar, satisfazendo-me com o próprio sangue tão avultadas injúrias.

Albênio, dando-lhe os braços, disse:

– Agora vejo que as nossas culpas foram semelhantes na presença dos Deuses, ou estes igualmente nos amam, pois com iguais trabalhos nos purificaram, para que víssemos renascer também aqui igual a nossa esperança de felicidade.

Diófanes, que com a maior suspensão ficou admirando o que podiam conter estas palavras, e não conhecendo Arnesto, pelo muito que estava quebrantada a sua gentileza, que também destruíam algumas cicatrizes, deu lugar ao reparo de Albênio,¹⁵⁷ que continuou dizendo:

– Como não conheceis o infeliz Arnesto? Que, depois de haver chorado uma perdida esperança, entendendo (como todos) que a tormenta do infausto dia de vosso embarque vos teria dado no mar a sepultura, sabendo que em Esparta havia quem dava notícias vossas e que vos acháveis com vossa família em uma cruel servidão, fui consultar o luminoso Deus para sair a buscar-vos, o qual me respondeu, como Júpiter, quando saíste para Delos, conforme se divulgou: “Vai,

¹⁵⁷ Nas duas primeiras edições (1752 e 1777), consta o nome de Arnesto, alterado para Albênio na 3ª edição, uma vez que, até este momento, Diófanes não o teria reconhecido.

que o silêncio e a fortaleza te hão de dar a vitória.” Ajuntando mais esta causa a meus bem-nascidos extremos para oferecer de cada vez mais vivos sacrifícios, embarquei em Atenas encoberto, indo para Esparta; como os que a impulsos de seu amor desprezaram as vidas, deixaram as pátrias e abandonaram Impérios, cheguei a Esparta, onde gemiam os povos oprimidos com uma cruel fome e peste. Achava-se aquele porto guarnecido de gente que, indo logo às embarcações, alistavam a todos os que vinham por seus nomes e pátrias; quando foram à minha, perguntaram donde eu era a Anteu, meu especial confidente, que lhes disse era Cretense;¹⁵⁸ e, principiando a desgraça a tomar-me os passos com fatalidades, apenas o ouviram trataram de meu desembarque e me levaram a Palácio com festivas demonstrações, acompanhado de sonoros instrumentos e inumerável povo, que, cheio de alegria, se regozijava dizendo que estavam acabadas as suas opressões, pois dissera o oráculo que a fome e peste se aplacaria com o sangue dos que tinham levado a peste, e que este enigma acusava três Cretenses. Neste cruel conflito, invocava eu continuamente os Deuses, para que me inspirassem o salvar a vida. Cheguei à presença da Majestade, que com agradável soberania me disse:

“Gentil Cretense, a quem os Céus haviam destinado para salvar ao meu povo, os do teu país trouxeram peste a Esparta; e tu, sendo amanhã sacrificado, nos deixarás saúde, fazendo caminho para os Elíseos bem-aventurados, pois foste aqui mandado para vítima de tão importante sacrifício.’ ‘Não se verificam em mim, Senhor’, lhe disse, ‘os Cretenses que esperáveis, pois conforme o que dizeis devem ser três.’ ‘Os deuses’, me respondeu, ‘costumam servir-se de que os mortais deem princípio a abrandar a sua ira; e, como há dias que observamos que os Céus com auspícios felices anunciam o nosso remédio, não venha a cobardia a disputar-te o merecimento.’ ‘Vede, soberano Senhor’, lhe repliquei, ‘que os Deuses não só se não servem deste sacrifício, mas com ele será mais crescida a sua indignação, pois são obrigados a defender-me; e que não basta que um astro me esteja prognosticando a morte e que outros muitos me vejam com igual aspecto, se ao mesmo ponto as Estrelas desconhecidas com opostas influências destroem os

¹⁵⁸ Naturais ou habitantes de Creta, ilha grega situada no sul do mar Egeu.

que à morte me conduzem. Qual seria a glória da grande Tebas se não nascera um Epaminondas,¹⁵⁹ que soube melhor livrar de opressões ao seu povo? E, se acaso determinais que se execute essa crueldade, vos juro pelos Deuses benignos que se hão de conjurar contra vós os Céus e virão sobre vós os raios que forjou Vulcano,¹⁶⁰ para que vejais que o meu sangue não só não aplaca, mas aumenta a sua ira.’ Estas palavras ouviu o Rei, como que lhe faziam impressão, e mandou aos guardas que me recolhessem; toda a noite se ouviram vozes acompanhadas de suaves instrumentos. No dia seguinte, me foram revestir para aquele ato e me levaram para o Templo de Júpiter, onde já se achava inumerável povo e o Sacerdote venerando que devia fazer o sacrifício. Em chegando o Soberano, não pôde Anteu suportar aquela violenta dor a que excita a verdadeira amizade e lhe disse: ‘Não permitam os Céus que a minha culpa entregue à morte Albênio. Eu fui, Senhor, o que disse que ele era Cretense, eu por ele me ofereço ao sacrifício, não só amigo, como Teseu, mas por ter faltado à verdade, conhecendo ser a minha vida tão inútil quanto a sua precisa; e assim juro, na presença de Júpiter soberano, que não é Cretense, como eu disse.’ Mandou-me perguntar quem eu na realidade era, donde vinha e se haveria ali testemunhas da minha verdade. Ao que respondi em alta voz: ‘Sacro Nume, vós que sabeis que não sou Cretense, que é preciso que eu gire o mundo em baixa fortuna, sem delito algum que me acuse, que não devo descobrir quem sou, que a decência soberana me ensina a calar, a não temer a morte e a sofrer contratempos, acudi pela verdade, pois sois a melhor testemunha do que sinto e do que digo.’ Todo o povo, principiando a inquietar-se, fazia um tal rumor que muito me afligia; o Rei e o Sacerdote estavam suspensos, não sabendo resolver-se. Pouco a pouco, foi o Céu cobrindo-se de feias nuvens que parecendo determinavam acabar o dia, com infinitos relâmpagos, e raios ameaçavam aqueles tiranos. Vendo eu que os Céus se dispunham a favorecer-me, disse: ‘Povo obstinado, como não temeis as vozes dos Céus, que repreendem o que determina executar em mim a vossa iniquidade? Eu não sou Cretense, mas, se quereis tirar-me a vida, acabai

¹⁵⁹ Militar e político tebano, séc. IV a.C.

¹⁶⁰ Mit. rom.: deus do fogo e da metalurgia (gr.: Hefesto).

com meu tormento, pois tenho menos que temer na morte que vós nos novos castigos que sentireis.’ A estas palavras respondeu o Céu com um raio, o qual, caindo pouco distante do Templo, com as ruínas feriu três homens que, banhados em sangue, recolheram a ele, porque com balbuciantes vozes pediam que os levassem ao Sacerdote. ‘Sacro Ministro’, disse um dos três moribundos, ‘aqui tendes as vítimas para o sacrifício, nós somos Cretenses; e, como nos negávamos a este ato de piedade, principiaram os Céus a executá-lo. Oh povo feliz! Que os Deuses se empenham pela tua tranquilidade.’

“Assim rendeu aquele os alentos, tendo já acabado os outros, que ali chegaram com poucos vestígios de vida. É inexplicável a admiração com que todos estavam em caso tão novo, que lhes acendia a curiosidade de indagar quem eu era. Com festivas demonstrações me levaram outra vez a Palácio, onde fiquei, e uns me veneravam e outros me contemplavam. No dia seguinte, me disse o Rei: ‘É tempo, amigo, de me confiares quem és. Eu sou obrigado a favorecer os teus desígnios e quero conservar a tua amizade, pois vejo que os Deuses te ouvem e os Céus te defendem.’ ‘Sou obrigado, Senhor’, lhe respondi, ‘a não revelar o segredo que me tirou do meu país e espero que não duvideis da pesada obrigação que mo recomenda.’ Deixou a empresa, e com demonstrações iguais me tratou o mês que ali me demorei.

“As gentes respiravam já aliviadas e me reverenciavam, tendo as minhas reflexões por predições infalíveis. Quando vi que já não existia ali quem desse notícias vossas, me ausentei, embarcando para Argos; e era tal a impaciência com que vos buscava que em cada minuto me parecia ver extinto o sofrimento, que há esperanças, às quais, nas dilacões, falsamente chamam enganosas. Assim fui, sem temer opostas contradições, como o Ateniese Codro¹⁶¹ rompia esquadrões contrários buscando a morte; lembrava-me que, não sem mistério, o meu Nume consentira que me ausentasse da pátria, pois que as plantas se fazem admiráveis transplantadas; e, recordando a sua resposta, que me recomendava o silêncio e fortaleza, que se figura na pesada coluna que, nos sanguinolentos assédios, antes que se largue se perde a vida, saí com a mais constante resolução. No segundo dia de viagem, uma

¹⁶¹ Mit. gr.: rei de Atenas, sacrificou a própria vida para salvar a Pátria.

densíssima névoa nos ocultou o rumo, e depois de alguns dias de contínuo susto deu a embarcação sobre a areia, pois não houvera forças, diligências ou clamores ao Céu que nos livrassem daquele perigo, de que só escaparam cinco pessoas. Quando vi que dos criados que me acompanhavam só existiam Anteu e Arsidas, lamentava com a maior mágoa ter sido eu a causa de sua desgraçada morte, e que talvez os Deuses já se ofenderiam de meus amantes excessos. Quisemos ver onde estávamos e nos achamos em uma terra montuosa de que não tínhamos conhecimento; fomos entrando por seu espesso arvoredor e topamos com gente agreste e tão inculta que se sustentavam de caça e frutos silvestres; abrigavam-se em mal armadas choupanas e viviam em contínua guerra entre si; os primeiros chegaram com fúria a nós, perguntando quem nos dera licença para irmos ali. E como a sua rusticidade eu¹⁶² entendia melhor, lhes disse que tivessem compaixão de nossa desgraça, pois havíamos naufragado e buscávamos remédio à fome que nos maltratava. Ao que responderam que quem ali entrava ou jurava viver com eles, ou logo se lhe dava morte, pois não queriam que, sabendo-se de sua livre habitação, fosse algum Rei avaro inquietar a sua liberdade, a qual não estavam em estado de defender; eu lhes segurei que viveríamos com eles, ao que me obrigou a falta de armas e de mais alguma gente. Sem consolação chorávamos o nosso desterro, pois não víamos meio algum que nos desse liberdade, e com ardentes suspiros me magoava da belíssima Hemirena, vendo castigados os delírios de buscá-la não sabendo merecê-la; assim passava, sem esperar mais alívio que a morte. A preguiça daquela gente era incomparável; e, como da ociosidade não só se geram os vícios mas se alimentam molestas cogitações, Arsidas e Anteu se ocupavam em tirar a lã de algumas das peles, de que eram ali quase todos os vestidos; e os outros, conforme puderam, a ensinaram a fiar às mulheres; eu me aplicava em tristes poesias e curiosas experiências das plantas, águas e frutos, que fazíamos recolher em estado de servirem de alimento, quando pelo rigor do tempo costumava padecer aquela agreste gente. O trigo, que só recolhiam do que no ano antecedente caía pela terra, guardávamos; e, semeando-o no seguinte, a fertilidade o tornava com

¹⁶² Pronome acrescentado por meio de errata da 1ª edição.

tanta abundância que o repartíamos com os vizinhos, que também assim aprendiam. Desta sorte fomos fazendo vida com os pesares, e conciliando tão suavemente aqueles ânimos que, no segundo ano de sua tristíssima companhia, já me ouviam com respeito e me buscavam para tirar as dúvidas que sempre tinham entre si; e, como eu lhes ia fazendo saber quanto é importante a sujeição da gente que é doméstica pela razão, se foram persuadindo de ser mais conveniente sujeitar a uma cabeça que ponha as outras em ordem que terem todas a maior desordem na mesma liberdade absoluta.

“Já as mulheres fiavam e teciam, e tinham gosto de se ocuparem em úteis curiosidades, aborrecendo a antiga ociosidade. Nestes melhores produtos da minha desgraça, tinha eu por certo não teriam fim os meus suspiros; e, ainda que ali muito me amavam, não havia dia algum em que eu não procurasse mover a compaixão dos Céus, que viam meus internos sentimentos. Conhecendo aqueles bárbaros os danos da sua liberdade, me buscaram uma noite, e todos ao mesmo tempo queriam dizer-me que me queriam obedecer, pois me escolhiam para seu Rei; eu lhes resisti a tão pesada incumbência, porque sabia quais eram os seus inconvenientes, e lhes disse: ‘Já que assim vos ofereceis à sujeição, amando tanto a liberdade, não é razão que sejais por mim enganados, pois é certo que só o engano costuma trocar a seu gosto a ordem de todo o evento, a série da idade e os nomes dos heróis: se entendeis ser este o maior obséquio com que me agradeceis o ensinar-vos a viver, sabeis que, se não modera o rigor da contrária fortuna para com aquele que vive exposto a seus furores, se o não ordena essa esfera luminosa que eu experimento inimiga, sendo obrigado a sofrê-la; e que o motivo cruel das paixões, que fizeram assento em meu desgraçado peito, é e será sempre o único objeto de meu emprego, e que a tormenta de violentos afetos é só o que pode agitar meus tristes espíritos, que para todo o mais exercício estão enfraquecidos. Para se efetuarem vossos justos intentos, careceis de eleger entre vós um sujeito de espírito ilustre, que não sustente o orgulho da soberba, que despreze os iracundos, não alimente as chamas do amor nocivo, que aborreça a vingança, que tema os Deuses e seja capaz de sustentar a justiça e amar a clemência, aconselhado pela indústria que costuma emendar desprezando os erros e louvando os acertos; que, assim como

é objeto das Musas, no louvor dos merecimentos, convidar a merecê-lo, também há culpas que, de intentar pela violência a sua emenda, sucede que em lugar desta se acham maiores ruínas. A virtude costuma ensinar agradavelmente, pois é instrumento oportuno para separar o verdadeiro do falso; e, fazendo-se árbitra dos corações, empenha os afetos a obedecer docemente, e assim pelo melhor caminho encaminha, para que o bom não se oprima nem o indigno se exalte; e, levando a habitar com os Numes a quem dá forças a favor dos costumes ajustados para triunfarem da maldade, faz¹⁶³ que a fortuna ampare aos que não são dominados pelo ócio; pois não pode haver sagrado que resguarde a quem a malícia dos ociosos não corrompa: eu conheço que errais no conceito que formais de mim; e, ainda que do louvor injusto alguma vez nasce a mais vigorosa virtude, porque excita a merecê-lo, sempre o deve temer a cautela; porque é tão venenosa a lisonja, que com seu doce encanto penetra os corações, tirando-lhe o conhecimento do muito que é conveniente o aborrecê-la, e com extraordinária atividade se faz ofensa que agrada e engano que alegra ainda os mesmos que o conhecem.

“Se quereis viver em paz, ter forças, engenho, fama e respeito, pedi a Astreia¹⁶⁴ que vos inspire o que deveis eleger, não vos deixando ao arbítrio da fortuna, que iníqua e desigualmente costuma repartir, ainda que também seria danosa a igualdade entre as gentes; porque o que entendemos ser a origem do ódio e inveja é o que quase sempre mais fortemente nos liga; porque o muito que uns dependem dos outros faz que seja necessidade o nosso afeto, pois carece o forte do sábio, para que o ajude; o sábio do forte, para que o defenda; o pobre do rico, para que o sustente; e este do pobre, para que o sirva, e do que parece interesse nasce a união, porque os créditos, a fé, a paz e amizade, de tais princípios se geram; e, assim como os elementos são entre si diferentes, também somos entre nós discordes; mas desta mesma diversidade se deriva a concorde harmonia que com a eterna lei da razão nos conserva e rege, não obstante o fazer-nos a desigual-

¹⁶³ Na 1ª edição constava “o faz”. O termo “o” foi suprimido por meio de errata na mesma edição.

¹⁶⁴ Mit. gr.: filha de Zeus e de Témis (a Justiça), irmã do Pudor. Personifica a justiça. Desperta nas pessoas os sentimentos de paz, justiça e virtude.

dade réus, loucos e infelices: réus, porque o alheio desejamos; loucos, porque entendemos merecer mais do que possuímos; e infelices, porque não amamos a verdade e nas adversidades acusamos a natureza e o mundo, porque aos nossos danos se conjuram; e o que nasce de nos persuadir o amor-próprio a que nos são dívidas as prosperidades; mas este amor, que assim é indiscreto, seguindo o rumo da razão, é a fonte mais limpa de honestos desejos, pois quem a si não ama a quem poderá amar? Do próprio amor bem ordenado nasce aquele afeto que propaga tanto que passa à prole, à pátria, à amizade e aos conjuntos,¹⁶⁵ o qual em seus motos se alarga como quando na água se lança a pedra: formando um círculo, outros muitos se lhe seguem; que, ainda que o primeiro seja o maior, sempre é tão igualmente nobre que adorna o espírito; e, quanto mais se alarga, tanto é no racional mais próprio. O ódio, a ira, a inveja e outros afetos são os que nos fazem perversos e de que nascem as desordens que nos escondem o mais seguro porto, profanando o tribunal de Astreia, a escola de Minerva e a palestra¹⁶⁶ de Marte.¹⁶⁷ Mas, assim como estes afetos com a soltura nos condenam, seguindo-se o rumo da razão tudo é tranquilidade e mais esplendores da virtude, não sendo assim impossível que o homem viva contente da sua sorte, porque aos excessos opostos sabe conservar em paz, e, ensinando a tolerar desigualdades, dilata os ânimos, ordena o amor, mostra o semblante da mentira; a maligna inveja, que com a compaixão quer esconder-se, a cobardia, a que chamam prudência, a vingança, tida por zelo de honra, e o ardil temerário, que como valor se aplaude, pois não há forças para separar os vícios da virtude se não levam as luzes da razão, que sabem mostrar os danos, corrigir os blasfemos, amparar inocentes, castigar atrevidos, pagar bem a quem serve, defender a verdade e guardar fé aos amigos. Esta insigne mestra de acertos tanto me assiste como a vós, para elegerdes outro que faça estudo de muito bem vos governar; pois que mais vos pode enganar a pouca experiência que de mim tendes que a dos que nasceram dos que entre vós morreram.

¹⁶⁵ Parentela, parentes.

¹⁶⁶ Local para exercícios físicos, na Grécia e na Roma antigas.

¹⁶⁷ Mit. rom.: deus da guerra (gr.: Ares).

“Os que por geração ou doutrinas descendem de Catão em Atenas, de Licurgo em Lacedemônia e de Agesilau em Licaônia¹⁶⁸ são privilegiados não só pelo que merecem os vivos como pelo que obra-ram os seus, que já são mortos, porque as suas gloriosas memórias são vivos despertadores que os excitam às heroicidades; e, ainda que o blasonar¹⁶⁹ do que obraram os próprios antigos seja vaidade, e das próprias façanhas loucura, o blasonar destas é sofrível e das outras só tem lugar se servem de estímulo para os acertos, renascendo os novos créditos dos antigos; porque o trazer sempre à memória o descender de bons, e ser mau, é infâmia, e maior glória o ser bom, havendo herdado as virtudes; assim como os que têm ânimo para não fugir, generosidade para dar, moderação no falar e clemência para perdoar são os que se habilitam para dignamente subirem ao trono, dos quais deveis procurar um entre os vossos nacionais para vos reger, porque são grandes, e algumas vezes irreparáveis, os danos que se seguem de ser o Soberano estrangeiro; buscai quem seja capaz de conceber grandes pensamentos e tenha constância para os pôr em execução. Dizeis que minha sabedoria é só capaz de governar-vos; a isto com um sábio¹⁷⁰ vos respondo que não sei cousa mais certa que saber que pouco sei. É certo que os que na verdade são sábios costumam atrair a veneração das gentes, porque sempre neles resplandecem as luzes que por virtude de suas obras não pode apagar a morte; pelo que é tão lamentável nos sábios, como a vida nos néscios, o que nos ensinou Demóstenes quando o tirano lhe perguntou por que chorava a morte do Filósofo, sendo-lhe impróprio o chorar. Ao que lhe respondeu: Não choro que morresse o Filósofo, mas sim que tu vivas, porque nas Academias de Atenas mais choramos a vida dos maus que a morte dos bons.

“Vós venerais em mim as ciências que não tenho e as virtudes que não exercito, quando é tão arriscada esta aparência quanto seguro tê-las sem que o pareça. Os homens naturalmente são mudáveis

¹⁶⁸ Agesilau II (444 a.C.-360 a.C.), rei de Esparta (Lacedemônia). A referência à Licaônia foi possivelmente extraída pela autora da obra *Menosprecio de corte y alabanza de aldea*, de Antonio de Guevara (c. 1481-1545).

¹⁶⁹ Jactar-se, bravatear, gloriar-se.

¹⁷⁰ Alude a Sócrates, filósofo grego do séc. V a.C., a quem se atribui a frase “só sei que nada sei”.

nos desejos, vários nos pensamentos, inconstantes nos propósitos e nos fins indeterminados; pelo que, sendo fácil entendê-los, é difícil o conhecê-los; e os que correm o mundo, lamentando descuidos de sua fortuna, se vivem de si descontentes, como poderão ser constantes em contentar os estranhos, pois não suspiram mais que serem restituídos com honra ao seu país; porque a fortuna é mais cruel com aquele que não deixa gozar o que tem que com o que não tem o que lhe pede: mereça-vos, enfim, a compaixão de um desgraçado, que o não façais reduzir aos erros que costumam introduzir-se nas Cortes, onde as notícias ordinariamente são falsas, as amizades fingidas, sem termo as vaidades, as esperanças enganadoras e as invejas contínuas; os que mais se visitam, pior se tratam; os que melhor se falam, pior se querem; buscam-se os que fogem e menos se paga a quem melhor serve; mas, não obstante estes erros da Corte, são maiores os que devem obrigar-vos a buscar quem vos governe; porque onde não há superior não há lei, sem esta não há justiça; se não há justiça, não há paz, tudo é guerra e desordem: a autoridade, o poder e a grandeza do Soberano é a escola de bons exercícios, e é centro de vícios o lugar que é sem senhor. Não entendais que eu me escuso à pesada carga de cuidados, desvelos e mais trabalhos da Majestade, pois sei que não devo voltar a cara aos perigos; e, desconhecendo o medo, sempre me lisonjeio dos que fazem maior vulto, e sei que não é alvo dos empregos do magnânimo o buscar aplausos às suas heroicidades, porque para os acertos só busca o ponto de cumprir com o que deve, cuidando mais em merecer que conseguir louvores, assim como não viu Aquiles o luzido trono, porque só atendia às suas conquistas.’

“Com estas e outras escusas e reflexões passamos toda a noite; e, fazendo repetidas instâncias à minha renitência, se foram desconsolados, deixando-me ainda mais para temer novas prisões da minha tristíssima vida; mas foi inútil toda a minha repugnância, porque muitos dias e noites, em disforme alarido, procuravam persuadir-me, dizendo que o estranho sucesso de meu naufrágio lhes advertia que os Céus me mandavam para os governar e que eu havia de amparar seus desejos, pois lhes insinuara os admiráveis efeitos da sujeição. Com estas e muitas mais razões me obrigaram a dizer-lhes que lhes faria leis a que obedecessem, e conforme elas tomariam seu acordo. Com grande ale-

gria aceitaram este princípio do meu tácito consentimento; conforme pude e me ocorreu, as escrevi; e, quando se juntaram a ouvi-las, com incrível consolação se me lançavam aos pés. Passados os dias que lhes disse tomassem para se consultarem, vieram buscar-me para o pequeno palácio que lhes ensinaram a fazer os meus e outros que (como nós) desgraçadamente ali se achavam. Com muitas demonstrações festivas me levaram primeiro ao seu oráculo, que era dedicado a Nêmesis,¹⁷¹ e com seus rústicos instrumentos me ofereceram àquela deidade e lhe sacrificaram cândidas vítimas; em Palácio me esperavam as mulheres e filhos menores com repetidos vivas e, à proporção do afeto e respeito que me tinham, crescia a minha obrigação e se aumentava a dor com que me lembrava quanto eram diversos os fins para que eu encaminhara os meus primeiros passos, e com lágrimas, que eles julgavam expressivas de ternura, exalava pelos olhos a mais viva saudade naqueles produtos de uma perdida esperança.

“Assim tomei aquele encargo, a que não pude escusar-me, com a condição de que, em os governando quatro anos para os pôr em ordem, largaria o governo a quem eles elessem, e que, acabando o subsequente, me deixariam retirar. São inexplicáveis os admiráveis efeitos da união, pelo que observei no decurso de tão limitado tempo, todos se aplicavam com o maior cuidado aos empregos que entre eles repartiu: fiz que se transportassem a viver junto a um delicioso porto de mar; e, principiando a chegarem ali embarcações, os enriqueceram de artífices, levando os deliciosos frutos que a terra fértil lhes dava, agradecida à cultura que principiava a experimentar. Passo por muitas e admiráveis circunstâncias daquele prodigioso tempo, porque não quero que o incomparável gosto de comunicá-las¹⁷² degenerem em incômodo vosso.”

Diófanes, que com sua amada consorte e filha ouviam a Arnesto com inexplicável prazer, não lhes parecendo dilatada a narração daqueles sucessos, lhe rogaram continuasse em dizer-lhes como se

¹⁷¹ Mit. gr.: uma das filhas de Nix. Divindade que tem por função restabelecer o equilíbrio, quando a justiça não é equânime, castigando a presunção humana em suas demonstrações de excesso, arrogância e insolência.

¹⁷² Na 1ª edição constava “comunicá-los”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

tirara de tão suaves prisões, e deixaria o resto de seus trabalhos para o dia seguinte.

– Passados aqueles anos – continuou –, foi eleito Anteu, que sem dúvida tinha as mais próprias qualidades para a dignidade Real; e, conforme havíamos ajustado, consentiram no meu retiro, tão magoados como conformes: eu me regozijava de meus trabalhos, vendo-os sociáveis, laboriosos, aplicados e concordes. Anteu logo despediu os moços mais capazes a girarem o mundo, uns para aprenderem costumes e línguas, outros a náutica, outros as ciências, outros a milícia e outros as artes mecânicas.

“Para comerciarem com honra e felicidade, eu lhes havia introduzido o horror à mentira, ordenando que pela primeira vez que faltassem à verdade fossem advertidos; pela segunda, privados de metade dos seus bens, que se aplicariam às despesas das escolas públicas; e, pela terceira, perderiam tudo para o cofre do comércio ou companhia, obrigada a defender aquele porto com a proteção Real, sendo proibidos de comerciar e tidos por indignos de sociedade, e só se lhes permitiria agenciar de que se sustentassem em empregos vis. Naquele breve tempo lhes havia feito principiar Colégios para os distintos, pois sem eles não florescem em ciências as Monarquias; e também escolas para os inferiores, cujas distinções tinham princípio conforme os talentos, virtudes, aplicação, valor e fidelidade; e Anteu, seguindo as minhas máximas, mandou conduzir Mestres dos outros países. Quando me despedi no Templo de Minerva e no de Apolo, que foram as minhas primeiras empresas, lhes disse com lágrimas, obrigadas às muitas que derramavam: ‘Sabei, amados vassalos, que não sou ingrato em deixar-vos, pois devo ir honrar o próprio terreno, pelo que é preciso que de vós me aparte: rogai aos Deuses que me encaminhem, porque, se achar o bem que busco, vos saberei dizer quem sou; e, como o afeto com que me tendes tratado fez liga ofensiva e defensiva com a minha obrigação, tereis sempre como amigos a todos os que me seguirem.

“Quando os casos forem mais que as leis e máximas que vos dei, lembre-vos que são tão limitadas as providências humanas que, ainda que muito discorrâmos, não se podem prevenir todos os eventos futu-

ros; porque a ideia que buscamos para estabelecer fortunas muitas vezes em desgraças se transforma, no caminho da prosperidade se encontram adversidades, de alguns conselhos acertados observamos sucessos representáveis; o que premeditamos para ser feliz a liberdade nos conduz ao cativeiro; e o que trabalhamos pela paz muitas vezes fomenta a maior guerra, pois só as determinações do Céu são inteiramente perfeitas; e tende diante dos olhos que, se alguma vez erra quem se aconselha, raríssima vez acerta o que só pelo próprio juízo se governa.

“Lembraí-vos que os sucessos humanos seguem os passos do tempo e que este, como não é estável, não são aqueles seguros nem duráveis; assim como o homem é naturalmente mudável, porque de alegre passa a estar triste, de pacífico a irado, de apetecer uma coisa a amar logo a que lhe é contrária, pois não mudou Proteu¹⁷³ tantas vezes de semblante como em um dia muda o homem de conceitos. Para cumprirdes com os preceitos de vossas obrigações, tende presente que ao instante de nascer se segue o de acabar; que as delícias são inimigas da virtude; que só um prudente retiro de ocasiões pode acautelar erros futuros; que entre os inimigos é mais nobre a generosidade e fidalga a atenção, como com Dario¹⁷⁴ nos ensinou Alexandre; que os que tomam os encargos da amizade mostram que não há entre dous amigos mais que um só coração, de que devem fazer próprios os interesses da vida e honra, pelo que os Cretenses pintam Júpiter com três olhos, querendo simbolizar nele a verdadeira amizade; porque, tendo-os triplicados e dominando o Céu, a terra e o mar, significam assim que contra o poder da verdadeira amizade não prevalecem os adversários mais fortes. Lembre-vos também que nas ações dos pais de famílias não têm desculpa os descuidos, porque nos filhos reverbera a luz do vigilante cuidado, como a do Sol nos mais astros; e é tanto o que das boas doutrinas dependem os bons costumes que muito mais se alegrou

¹⁷³ Mit. gr.: deidade marinha dotada de poder divinatório. Buscava desvencilhar-se de eventuais consulentes metamorfoseando-se sucessivamente em diferentes animais ou elementos da natureza.

¹⁷⁴ Dario III (séc. IV a.C.), último xá do Império Aquemênida, vencido por Alexandre Magno na Batalha de Isso, em 333 a.C.

o Macedônio,¹⁷⁵ tendo Aristóteles¹⁷⁶ para instruir o filho, que quando viu nascido a Alexandre,¹⁷⁷ porque os documentos aperfeiçoam o ser ao homem, que nasce informe; e, para gozardes felicidades no bem que tanto procurastes, ultimamente vos digo que de um entendimento obstinado, que faz liga com a vontade sem freio, nascem a inobediência e a soberba de que são vapores temeridades e atrevimentos que chegam a pôr em contingências e perigos a glória e tranquilidade pública; e, já que a sujeição, a que vos oferecestes, vos vai mostrando quais sejam as regalias da nobreza, procurai fabricar estátuas que sejam por vós outros colocadas nos altares da honra, porque das heroicidades nascem os mais ilustres sujeitos, que como a Alexandre fez Magno o querer imitar a Aquiles, e as vitórias de Milcíades¹⁷⁸ elevaram a Temístocles¹⁷⁹ a tão superior esfera que lhe puseram a coroa entre os melhores de Atenas, não vos desanime, para aspirardes a grandes empresas, o não procederdes de preclaras prosápias, que, se esses são obrigados a se remontarem, como a Águia buscando a luz das mais altas façanhas, em vós serão mais vantajosos os créditos, buscando adiantar-vos em tão acreditadas glórias, sendo que, no conceito de Homero, são poucos os filhos que imitam as proezas de seus pais.’

“Com estas e outras muitas advertências, que conservo na memória, determinava dar fim à minha despedida; porém, Anteu, com saudosas demonstrações, lançando-se-me aos pés (não como o que era, sim como o que fora), possuído da veemente paixão que nos ânimos costuma radicar a união da verdadeira amizade, me disse: ‘Amado Príncipe, já que o meu oculto destino de vós me aparta, mitigai a minha dor confortando-me com as vossas virtuosas e soberanas máximas.’ Eu o tomei entre meus braços e, reciprocamente banhando-nos em lágrimas, lhe disse: ‘Amigo fiel, resguarda os meus segredos, e em a nossa divisão façamos o maior sacrifício aos Numes, pois aqui nos

¹⁷⁵ Filipe II da Macedônia (séc. IV a.C.), pai de Alexandre Magno.

¹⁷⁶ Filósofo ateniense, séc. IV a.C.

¹⁷⁷ Alexandre III da Macedônia (356 a.C.-323 a.C.).

¹⁷⁸ General ateniense que comandou a vitória sobre os persas na Batalha de Maratona (490 a.C.).

¹⁷⁹ Político e general ateniense. Venceu a frota persa de Xerxes I na Batalha de Salamina (480 a.C.).

encaminharam para remédio deste povo, que nos ama e com docilidade te obedece. Bem sabes que eu sou obrigado a deixar-te por aquela decente causa que ou espero merecer, peregrinando pelo mundo à custa de trabalhos, ou oferecer-lhe a vida, qual vítima desgraçada nos altares da constância, pois é a ausência o bloqueio decoroso que rende a fortaleza de um coração bem-nascido; e, como as chamas tomaram forças em matéria apta, se um assopro antes podia apagá-las, hoje, em cada minuto de saudades, um suspiro as acende. Quem diria a Páris¹⁸⁰ que, para reduzir Troia a infaustas cinzas, bastaria pôr os olhos para admirar a beleza de Helena? E quem advertiria a Dido¹⁸¹ que a cortesania de tratar o forasteiro lhe havia de dar a sua mesma espada para castigar no próprio coração as culpas da leviandade, porque as nódoas da honra só se tiram com o sangue? Mas, já que cheguei a tão infeliz estado, e é preciso que me ausente, não quero perder agora o tempo de ajudar-te, recomendando-te que advirtas a teus súditos que, para exercitarem o bem, se apartem do mal; e os que não caírem¹⁸² em público, repreende-os em particular; e, como não tens forças bastantes, procura as da união, que costumam vencer formidáveis exércitos; adverte que haja compaixão dos pobres forasteiros e vigilância em socorrer a quem buscar amparo, como em defenderem mais a pátria que os parentes; que os que quiserem a coroa trabalhem por merecê-la; que os que andarem com os prudentes chegarão aonde quiserem; que, quando as inimizades sossegarem, não as despertem; que, para refrear paixões, se lembrem de que hão de morrer; que não casem só pelas riquezas, que os que recebem benefícios saibam que vendem a liberdade; que gastem o preciso, e no que puderem vivam consigo; que não deem voto enquanto duvidosos pensam; que, para se saberem haver, reparem nas adversidades os que nas prosperidades foram fingidos; que desprezem os interesses em que o crédito se arrisca; que, quando escolherem mulher, vejam a que mais se retira e se adorna de silêncio; que cerrem os ouvidos à murmuração; que não se alegrem nos males dos inimi-

¹⁸⁰ Mit. gr.: príncipe troiano que raptou Helena, esposa do rei de Esparta, dando origem à Guerra de Troia. Na 1ª edição constava o nome de Príamo (pai de Páris), posteriormente corrigido por meio de errata na mesma edição.

¹⁸¹ Lendária rainha de Cartago. Virgílio, na *Eneida*, narra o mítico romance entre Dido e Eneias.

¹⁸² Cair em erro, em falta, cometer ação ruim.

gos, favorecendo-os ainda que o não peçam, pois quem quer o mais glorioso troféu perdoa ofensas, procurando para as injúrias o remédio do esquecimento; que, para gozarem os tesouros da paz, não ofendam a ninguém; que, para acabar bem, é preciso não principiar mal; que o calar tem seguro o prêmio, e que os maiores estão destinados para os que no bem persistirem; e não te esqueça que o Rei generoso é o que mais assiste nos corações, sendo mais rico e feliz o que muito dispende que o que muito recebe. Manda que o Pastor tire a lâ às ovelhas, não consentindo que lhes tire a pele, nem que os Templos herdem os mortos, porque as casas sagradas não carecem de mais reparos para se sustentarem que os alicerces da piedade, pois que os santos Ministros mais devem crescer em virtudes, com que edifiquem, que nos bens, com que ao povo enfraquecem. E, quando vires resplandecer o efeito dos bons documentos, sentirás aquela incomparável consolação que se reserva para o que sabe ser pai de seus vassallos, os quais, em se julgando seguros no amor de seus Monarcas, tanto lhe juram fé pelos aumentos com que os premeiam como lhe votam fidelidade abraçando os grilhões com que os castigam, para o que traz de diante dos olhos que, para conseguir o amor dos súditos, é preciso amar o bem comum e não fazer o que proíbes, medindo as forças antes que te declares, porque não cai temerariamente quem adiante olha.’

“Com estes e outros muitos documentos concluí a despedida de Anteu. E, porque era preciso que dali também saísse oculto, no silêncio da noite principiei a caminhar para um porto de mar, levando só Arsidas e quatro servos paisanos; e, como não era razão que me ausentasse sem as distinções que naquele estado eram precisas, vendo que muitos estavam determinados a acompanhar-me, fingi deixar a partida para o dia seguinte e, antes de ver a Aurora, cheguei a um porto de mar, donde saía uma embarcação para Atenas, em a qual no mesmo dia embarcamos com grande alegria.

“A primeira noite de meu embarque, como me ficava todo o tempo livre, pois não pensava em máximas de governo, principiei novamente a vacilar sobre o caminho que haveríeis tomado, e se seria certa a notícia de estardes no serviço de Anfiarau, conforme publicaram as vozes do vosso engenho e raras qualidades, pois não sabe o tempo

sofrer que um sábio esteja encoberto: lembrava-me se teríeis falecido, ou vossa consorte e filha, que arrastava sem desmaios as minhas venações, ou se vos haveriam separado os contratempos; e, discorrendo neste vasto motivo de minhas tristes memórias, adormeci: talvez que Morfeu, por compaixão de meu atribulado espírito, ordenasse aquele misterioso descanso; mas, como não descansa a alma que vigilante ama, nem dorme o coração amante, sonhei que desembarcava em uma situação solitária e que, seguindo um vale agradável, fora dar a um lugar agreste, onde não se viam aves nem plantas: tomado de fumo sulfúreo, que saía de uma horrorosa caverna,¹⁸³ e ouvindo um medonho estrondo, sentia tremer toda aquela terra, de que fora tal o meu pavor que, endurecendo-se-me os cabelos, coberto de frio suor, um tremor no corpo me precipitava na caverna, onde me falava o melancólico velho Caronte¹⁸⁴ e me dizia que o ter caído naquela escura habitação não fora sem que o determinassem os Deuses, para que ali também buscasse aqueles por quem suspirava; e, ainda que para este fim me oferecia a sua barca, eu não podia ver mais que multidão de mortos, e rogava a Caronte me encaminhasse a ver o trono de Plutão, ao que logo me satisfazia; e, chegando a ver o seu pálido e enrugado semblante, observava que seus úmidos e espantados olhos só empregava sem furor em sua esposa Proserpina,¹⁸⁵ que estava a seu lado; o trono daquele Deus terrível era colocado sobre as vinganças, que vertiam sangue; o ódio cego; a inveja bebendo o seu mesmo veneno; as vontades que incitam os danados zelos e os malnascidos desvelos; a um lado estava a cruel e pálida devoradora afiando continuamente a foice com as feias companheiras, que não cansavam em seus empregos; as espantosas visões e horrendos fantasmas, que maltratam os vivos, estavam ao outro lado, sempre inquietos; Plutão, fazendo-me estremecer com seu furioso olhar e triste aspecto, me dizia com rouca voz: ‘Se os que buscas foram separados dos corpos, só os poderás achar naquela parte do meu Reino que é destinada aos que foram poderosos; e, já

¹⁸³ A descrição indica uma atividade vulcânica na região. Neste trecho parece haver referência ao poema “Gerusalemme liberata”, de Torquato Tasso (1544-1595), IV, 8.

¹⁸⁴ Mit. gr.: gênio do mundo infernal. Barqueiro de Hades, transportava as almas cujos corpos houvessem recebido sepultura.

¹⁸⁵ Mit. rom.: filha de Júpiter e Ceres. Foi raptada por Plutão, que a desposou (gr.: Perséfone).

que chegas a violar este sagrado, não te demores em meus domínios.’ Fui com pressa para aquela parte; e, buscando um rio pelo impetuoso sussurro que ouvia, cheguei a vê-lo com inexplicável admiração, pois só se compunha de fogo e incendidas pedras e frenéticas serpentes que, ora submergindo-se nas chamas, ora voltando enfurecidas umas com outras, iam levadas do ardente incêndio: e eu invocava a Júpiter, Minerva e Apolo, para que me confortassem e defendessem. Indo adiante, via uma inumerável multidão de atormentados por haverem procurado as riquezas alheias com enganos, traições e crueldades; os adúlteros sem distinção de sexo, porque ali eram igualmente castigados; os filhos inobedientes e os traidores, os quais, ainda depois de venderem os preceitos da honra e violarem os juramentos, padeciam menores penas que os hipócritas, pois só as destes excediam a todas as outras, que assim o determinavam os três Juízes; porque, não contentes os hipócritas de serem tão maus como os ímpios, procuraram ser tidos por bons, arruinando os créditos das virtudes e os frutos do bom exemplo; e os Deuses, de quem zombaram, empregavam o seu poder no castigo daqueles insultos. A estes se seguiam outros, de culpas a que o vulgo chama políticas; e os que no mundo não são tidos por delinquentes, ingratos, mentirosos, lisonjeiros; e os que julgaram temerariamente ou falaram fingindo zelo ou compaixão, arruinando a inocência por paixões particulares; e os que aos Deuses foram ingratos tinham mais pena que as maiores iniquidades. Via finalmente os atormentados que abusaram do poder; de uma parte uma Fúria lhes representava seus vícios, ali viam as perversas inclinações com que amaram os adúladores; a excessiva magnificência tirada dos povos; a ignorante altivez com que maltrataram os homens que deviam fazer felices; a insensibilidade, a soberba e falta de caridade com que compraram com sangue ou o terreno alheio, ou o temor dos vizinhos e, ocupados só em regalos, não viam de que choravam os súditos. Logo outra Fúria os acusava, repetindo os injustos louvores que tinham recebido; tudo ali os contradizia, os desprezava e confundia, e nunca se livravam da tristeza e pavor que de si tinham, pois não podiam despir a própria natureza sem que fosse preciso mais, para castigo, que os seus mesmos delitos. Outra Fúria lhes trazia presente os condenados, que produziram os seus descuidos, fazendo-os atormentar com as penas de

todos eles, e assim estavam desgraçadamente divididos de si e unidos à raiva e dor que lhes comunicava a perdida esperança.

“Também via castigados os que antepuseram as delícias de uma vida afeminada ao trabalho e desvelo por que se comprem as dignidades, e com este motivo se improperavam uns aos outros, trazendo-se à memória os regalos, deleites e descansos em que se tinham persuadido que eternamente seriam respeitados; e, lançando-se as maiores maldições, eram severamente castigados, não pelo mal que fizeram, sim pelo bem que deixaram de fazer, imputando-lhes todas as culpas da ociosidade, negligência e esquecimento da lei. Muito me admirou o ver entre penas os que haviam acabado com boa opinião, uns por se terem deixado dominar de malévolos e outros pelos males que se haviam feito com o escudo da sua autoridade. Grande era a compaixão com que os via, lembrando-me quanto lhes é difícil conhecerem a verdade e a si mesmos, sendo sujeitos a tão pesados encargos em uma vida tão curta, em que também o foram a invejas, sustos, oposições e misérias. À vista daqueles espelhos do meu perigo, dizia: ‘Oh quanto é bem-aventurada a vida sincera dos que, estando perto do trono, não se apressam para subir a ele!’

“Assim ia buscando uma luz que de longe via, até que cheguei à bem-aventurada habitação dos justos, onde descansavam os bons Soberanos, que sabiamente governaram os vassalos e, separados dos outros justos, gozavam muito maior felicidade e em deliciosos bosques matizados de belíssimas flores, guarnecidas de líquidos cristais, onde a fragrância, a frescura e doce harmonia das aves formavam uma inexplícável delícia, assistiam aqueles bons Príncipes; ali parecia não chegar a aspreza do inverno nem o ardente rigor da Canícula. Não lembrava a guerra, pois tudo era paz, nem o dia se acabava, pois eram ali constantes os resplendores. Não se viam vestígios de ódios, vinganças, zelos, temor ou inveja: junto aos bem-aventurados se difundia a agradável luz que os alimentava, a qual tanto a eles se interna e incorpora que a respiravam, a viam e a sentiam, de que nascia aquela tranquilidade infinita, onde jamais se via a morte, enfermidades, aflições, temores ou remordimentos, nem podiam interromper aquela felicidade as esperanças, discórdias ou pesares, porque era imutável; a alegria eterna e

a glória Divina, que sempre neles se renovava, recordando o auxílio e favor dos Deuses, que os fizeram ir pela mão da virtude para acertarem o caminho entre tantos perigos. Todos lhes cantavam louvores e faziam uma só voz, uma só felicidade e um só pensamento; admirava-me ver os poucos que descansavam, o que entendo será porque poucos resistem ao poder e desprezam adulações.

“De uma parte para outra vos buscava; e, vendo cheio daquela ditosa luz a Almeno, dando-lhe os braços, com inexplicável respeito e regozijo: ‘Como te vejo aqui em figura mortal?’, me disse. E, querendo responder-lhe, não sei que ternura ou prisão me não deixava pronunciar palavra. ‘Já que os Deuses te amam e resguardam’, continuou, ‘adverte em seguir o estreito caminho das virtudes, prevenindo lugar nesta morada de interminável paz. Tu nasceste para reinar e não te entregues ao descanso e regalo, por não arriscares o bem eterno e Real reputação, porque esta não tem minuto de tempo que não seja obrigada aos pesados encargos de seu ofício, pois quem o serve é devedor de si mesmo, sendo de infinito peso qualquer pequeno descuido; não basta não fazer mal, porque é preciso fazer todo o bem a favor dos estados; pelo que, amado Arnesto, arma-te de valor contra ti mesmo, contra as paixões e lisonjas, sendo no teu governo um vivo modelo de heróis soberanos e bom pai dos súditos; porque os que enchem as suas obrigações, gozam aqui os maiores bens que lhes podem os Deuses outorgar.’ Perguntei-lhe quem eram os que estavam apartados dos que gozavam a mais soberana luz. ‘São os heróis’, me disse, ‘que recebem o prêmio do seu valor e gloriosas empresas; e os mais que estão por esses deliciosos bosques são os que nunca ofenderam os ditames da razão; os que deixaram os tumultos e nos retiros louvaram os Deuses e não ofenderam as leis; os que choraram seus delitos e os que a ninguém fizeram mal. Oh quanto serás feliz, se tiveres sempre lembrança das penas e dos descansos!’

“Com estas palavras, parecendo-me que de mim se apartava, fui a dar-lhe os braços; e, como a uma sombra, vi que não podia satisfazer meu interno afeto. Com este susto acordei, e tão fora de mim que me pareceu ver em uma claríssima nuvem a sábia Deusa,¹⁸⁶ que me ofere-

¹⁸⁶ Mit. gr.: Atena, deusa grega da sabedoria (rom.: Minerva).

cia palmas; e a da beleza,¹⁸⁷ que com o cego filho¹⁸⁸ nos braços de mim se riam. Tornando inteiramente aos sentidos, achei Arsidas e os companheiros, que com susto cuidavam em despertar-me, parecendo-lhes sombra da morte aquele dilatado descanso: logo me contaram que um célebre comerciante, que ali ia, lhes dissera que havia tempo que em Atenas se tinha descoberto uma Princesa Tebana em o¹⁸⁹ Real serviço; e que o Príncipe Ibério, encantado de sua rara beleza, determinava desposar-se com ela, ao que se seguira desaparecer repentinamente; e que todos diziam que a mandara matar o Rei, para se malograrem os intentos do filho, mas que a Tebana se achava com Ibério em um retiro; logo interrompi estas palavras com ardentes suspiros; e, apartando-me dos que tais notícias me davam, não havia crueldade que não me lembrasse, transportado em amantes delírios. Já me esqueciam as sombras horrendas e a luz brilhante dos bem-aventurados espíritos, e em meu lastimoso pranto dizia: ‘Oh tirana lei de amor! Qual foi o néscio que te deu de lei as sagradas forças? Que se a natural a todas as mais prevalece, e esta manda resguardar a própria vida e atender ao bem comum, ao mesmo tempo é transeunte à tua essência tirar a paz ao comum e ter ódio à mesma vida? Chore-se em Delos sem remédio a minha ausência, já que estas cruéis contradições me obrigam a desejar para alívio o instante de expirar neste instante que respiro. Qual será a serpente, basilisco¹⁹⁰ ou crocodilo que não se encerre em mim pelo veneno que introduzem os zelos em um triste coração, pois só exalo furores, respiro vinganças e mortes fulmino? Mas ai de mim! Se a ofensa não se prova, de que procede o que sinto? Oh vida infeliz, em que os contentamentos passam como as sombras velozes, que nem os vestígios deixam, e os tristes pesares só são permanentes! E neste pequeno teatro fazemos papel na tragédia da inconstância, que, quando de repente não acaba, o ter fim é infalível! E, se a solidade dos montes é alívio de pesares, que aos tristes diverte,¹⁹¹ os corações dilata, as aflições

¹⁸⁷ Mit. gr.: Afrodite, deusa grega do amor e da beleza (rom.: Vênus).

¹⁸⁸ Mit. gr.: Eros, deus grego do amor (rom.: Cupido).

¹⁸⁹ Artigo incluído por meio de errata na 1ª edição.

¹⁹⁰ Animal lendário. Possuía poder mortal através do hálito ou do olhar.

¹⁹¹ Desvia a atenção.

modera, os espíritos alegre e os olhos recreia, sairei daqui só a buscar esse último remédio da minha total ruína, onde, aprendendo a mais alta filosofia, me exercitarei naquela prática ciência que conduz para o melhor fim, e ponha-se de todo o parêntesis entre a Majestade e o associável de homem com os rústicos na sincera vida do campo. E tu, ó Nume infausto, que zombas dos mortais, negando assim as regalias de racional e os domínios da razão ainda aos que são mais sábios, se te abrandar meu conforme padecer, executarás em mim, na primeira ação da tua piedade, o último golpe da tua tirania.’

“Chegou Arsidas a lembrar-me que o dia se passara sem eu tomar alimento algum, ao que me queria obrigar o seu afeto e cuidado. Bem conhecia eu que aquela notícia não era bastante para sustentar em mim tão veemente paixão; mas é tão ativo o amor que é verdadeiro que basta sonhar com a ofensa para perder o sossego. Cheguei a desembarcar; e, determinando esperar a morte nos campos de Micenas, como o mal sem remédio de cada vez tomava mais forças, me persuadiram a fazer viagem para Atenas, onde a verdade acabasse de matar-me ou curasse os meus delírios; assim fui, de cada vez mais magoado, e só tinha alívio em retirar-me dos meus, que quando me buscavam não podia dizer-lhes mais que: ‘Retirem-se’; pois a tão cruel tormento¹⁹² era desaforo o meu pranto sucessivo; que os que são feridos de amor entendem que só é alívio o chorar, e assim com estes indícios cobar-des me dava a conhecer amante, sem que fosse possível entrar em mim, por mais que em mim refletia, conhecendo que era oposto às minhas obrigações o afeminado afeto a que me via rendido. Cheguei a Atenas, onde conheci que uma Fúria, para me abrasar o incêndio da ira, outra para acender em mim a vil inveja e viva dor de perder a suspirada fortuna, e outra para acusar impureza onde assistia inocência, se haviam transformado no comerciante que deu tão falsas notícias, pois era ali indisputável a virtude de Hemirena, e fui informado da causa por que Ibério declarara guerra a Anfiarau; que, ainda que era indício de seu rendimento, a fuga de Hemirena me segurava que não fora correspondido; pelo que tão pouco respirava eu já pelo coração da vingança que me levava a tirar-lhe a vida que, como aventureiro, fui

¹⁹² Na 1ª edição constava “tormenta”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

ao campo onde (debaixo das bandeiras de Ibério) tomei armas contra Anfiarau; e, acompanhado dos meus, busquei satisfazer as vossas injúrias, lavando as armas no sangue dos Coríntios,¹⁹³ aos quais me chegava com tão temerário esforço que, matando muitos, também muitas vezes fui ferido; e, como ali se observasse o ardor com que os buscava, entrando o Generalíssimo na dúvida do que faria para concluir o último sítio e supondo em mim ocultas qualidades que lhe lembraram ouvir-me, me fez conduzir à Real tenda para dar meu parecer; e, depois de atenciosos cumprimentos, lhe disse:

“São atendíveis as razões que originam a vossa dúvida; mas os sitiados têm perdido já uma grande parte de gente, pois tem sido contínuo o fogo; e, como não têm tido socorro, ainda que era muito grande a guarnição, por força está diminuta. Bem considero quais são as suas muralhas, e que fazerem frente sem resguardo a um exército crescido mais que valor será temeridade, e contra o pundonor¹⁹⁴ das nossas armas dar lugar a que entre socorro; e porque poderão julgar ser fraqueza não os servirmos desta ocasião, a todo o risco me parece que o assalto se deve dar sem demora.’ Assim se determinou para a madrugada do dia seguinte, em que os Céus com rios de água parecia que nos despertavam; e, vendo eu que havia alguma omissão por causa daquele tempo, fui resoluto à presença de Ibério (que mal sabia quem eu era) e lhe disse: ‘Os Céus, Senhor, não querem tomar-nos os passos, mas antes nos chamam a tão soberana empresa, porque, assim como Júpiter com os soberbos Titãs¹⁹⁵ pelejou com raios, e nos nossos corações infunde o bélico ardor, com celestial água e fogo também nos adverte que não devemos perder tempo: eu vou à muralha, mandai que me sigam.’ E, tomando a minha bandeira e espada, e Arsidas uma escada, subindo por ela reparei que os assediados se tinham recolhido da tempestade. Apenas me vi sobre a muralha, batendo a bandeira, aclamei a vitória por Ibério, e em breve tempo se achou por várias partes coroada da nossa gente. Deixei cair a escada

¹⁹³ Naturais ou habitantes de Corinto, cidade grega.

¹⁹⁴ Ponto de honra, aquilo de que não se pode abrir mão, sob a ameaça de ser ou sentir-se desonrado.

¹⁹⁵ Mit. gr.: nome genérico dos filhos de Urano e Geia. Pertencem à geração primitiva das divindades gregas.

para morrer, ou vencer, os outros me imitaram; e, para que o inimigo não desse¹⁹⁶ junto sobre os que demos o assalto, partiram várias esquadras para diverti-lo¹⁹⁷ por outras partes, e a mais gente se empenhava na brecha em que muito já se havia trabalhado. Entretanto que se disputava esta empresa, se adorava em Ibério uma animada imagem de Mavorte,¹⁹⁸ pois, não resguardando a vida, tomava sempre o lugar onde havia maior risco. Era tal a gritaria que aqueles bárbaros faziam que bastaria para assombrar o ânimo mais forte se, da nossa parte, os estrondos Marciais das caixas e dos clarins não nos avisassem o mais ilustre furor, sendo Cupido o Comandante da parte superior do exército: mais de nove horas durou o sanguinolento combate; o inimigo, deixando-nos vencer, acudia só à brecha; e os nossos não só com ânimo incrível se empenhavam em continuar na entrada, mas se haviam repartido, como bem disciplinados. Conseguimos entrar vitoriosos; e foi tal a mortandade que andávamos sem reparos sobre os mortos. Celebrada a vitória com Reais demonstrações, publicavam dever-se a mim o triunfo: pediram os inimigos os preliminares da paz, e Anfiarau mandou justificar na presença de Ibério que vós não existíeis em seus domínios e que quando vos conhecera fora depois da vossa fuga, a qual se provou, ficando bem castigadas as vossas injúrias. Na seguinte noite, caminhei para seguir meu destino, pois se demoravam os exércitos para se concluírem as satisfações: querendo sair de Atenas, fui preso e reduzido a ferros,¹⁹⁹ enquanto não se justificaram as minhas ações: continuei meu caminho, embarcando para Tebas com grande consolação, pois tinha por certo que já lá estaríeis, por oculta insinuação de Anfiarau. Um naufrágio, que me teve entregue à morte, me deu a conhecer a Belino, a quem devo a vida, e Delmetra vos poderá contar os maravilhosos sucessos daquele contratempo. Estes foram alguns de meus trabalhos, que os repito para satisfazer-vos, e não os poderei numerar, nem agora é justo recordá-los mais, pois já permite

¹⁹⁶ Encontrasse, achasse.

¹⁹⁷ Divertir, neste contexto, se refere a uma tática diversionista, que em jargão militar é uma manobra falsa para desviar a atenção do inimigo do ponto que se ataca.

¹⁹⁸ Mit. rom.: Refere-se a Marte, deus romano da guerra (gr.: Ares).

¹⁹⁹ Encarcerado.

o fado que o prazer tome para si algum tempo, ainda que entendo que Hemirena e Climeneia acabaram nas mãos dos bárbaros.”

E, sufocado da mágoa, ficou sem poder proferir mais palavra.

– Pois sabeí – lhe disse Diófanes – que em Delmetra se oculta Climeneia, e em Belino a que para vossa esposa estava preconizada, que, fugindo de horrorosos perigos, se valeu da dissimulação que vedes.

Arnesto, com vivas demonstrações de inexplicável alegria, tendo ainda por impossível que para tanta ventura estivesse destinado, se lançou aos pés de Climeneia e Hemirena, cheio de regozijo, amor e respeito. O repentino contentamento lhe embargou a voz, de sorte que, convertido em admiração, não fazia mais que admirar como aquela beleza o havia conservado no engano, sem lhe confiar alívio em seu amante cuidado, quando naquelas praias a acompanhou; e, refletindo nas novas obrigações que lhe acresciam para adorá-la, pois lhe havia dado a vida, rompendo em discretas expressões de seu júbilo e justo amor, concluiu com os sentimentos de não ser eterna a sua vida, para com ela lhe renunciar uma felicidade infinita, em que recebesse imortais cultos a sua formosura.

No dia seguinte, cheios de imenso contentamento embarcaram ainda incógnitos: chegaram a Tebas, onde continuava Diófanes, por sua Real sucessão, em um filho pequeno que tinha deixado, ao qual entre os aplausos acharam com dilatada prole. Foram ali os festejos os maiores que se podiam considerar; já as lágrimas dos que choravam continuamente por aquela amável família tinham cessado; as gentes saíam de suas casas, rompendo os Céus com as vozes dos vivas com que iam ver aqueles que choraram sepultados nas margens do turbo Lete; os parentes ofereciam vítimas para os sacrifícios em reconhecimento do benefício que dos Deuses recebiam; Diófanes e Climeneia estavam patentes para serem vistos dos que não davam crédito ao que sucedia; ali lhes contavam as repetidas diligências que por eles se haviam feito; e que, não achando notícia alguma, uns diziam que teria a nau ido a pique na tormenta que naquela ocasião houvera; outros, que teriam dado em mãos de bárbaros que lhes tirariam as vidas depois de os roubarem; e as demonstrações fúnebres que publicamente se haviam feito, ao que acompanharam as lágrimas e clamores de todo aquele povo.

Diófanes, com inexplicável consolação, vendo tão bem sazoados os frutos da sua ausência nas excessivas demonstrações de gosto com que o recebiam e estavam governados por Bireno, lhes recomendava que, para serem conduzidos às felicidades, conservassem nas adversidades a constância do ânimo e a resignação com a vontade dos Deuses; que as empresas justas, não as desamparassem por se lhes dificultarem, porque só o que é pernicioso não costuma ter muitos opostos; que temessem os Deuses, amando a lei e aumentando os cultos da justiça e fidelidade dos Soberanos, que, enquanto lhes demoram os prêmios, lhes acrisolam os merecimentos, sendo a demora dos aumentos realce da felicidade, que chega quando menos se espera, ainda que o desejo impaciente os anos transforme em séculos. Foram perdoados os delitos e postos em liberdade os delinquentes, menos os que estavam em pena de morte, porque estes foram exterminados; e se ordenou que, apresentando seu passaporte na raia, ou ao sair daquele porto, se lhes desse certa porção de dinheiro para continuarem suas viagens ou jornadas, e que a sentença de morte teria vigor se algum dia tornassem a entrar naqueles domínios. Repartiram-se pelos órfãos e viúvas grandes porções de dinheiro; deu-se liberdade a todos os escravos²⁰⁰ que ali se acharam, que a uns a compraram os Soberanos e a outros a deram os senhores com aquele exemplo; pagaram-se todas as dívidas aos vassallos que mostraram não terem meios para satisfazerem a seus acredores;²⁰¹ dotaram-se²⁰² as donzelas pobres e os meninos da mesma qualidade foram tirados às viúvas e repartidos pelos Colégios de artes e ciências.

Todo aquele mês em que com um bando²⁰³ se noticiaram ao povo as mercês que lhes fariam, continuamente estavam entrando na Corte os que viviam distantes, os quais chegavam tocando seus instrumentos e cantando com agradável suavidade os triunfos de seus Soberanos e as felicidades de Tebas, e com lágrimas de alegria apostavam fazer expressivas demonstrações do mais terno contentamento. Os rústicos,

²⁰⁰ Note-se que o ideal abolicionista é aqui declarado.

²⁰¹ Credores. A quem se deve dinheiro ou qualquer outro valor.

²⁰² Concederam dote. Refere-se ao dote das noivas por ocasião do casamento. Esta prática era mantida em Portugal por algumas organizações, principalmente religiosas, visando ao resguardo da honra feminina.

²⁰³ Anúncio público; proclamação.

à vista de Palácio, formavam com singeleza os seus bailes, ao som de suas flautas, e logo depois se encaminhavam para o Templo, levando inocentes ofertas, onde os da Corte haviam oferecido grande parte de seus tesouros, e iam assistir aos cultos, queimando continuamente preciosíssimos aromas. A estas demonstrações gratulatórias assistiam de manhã os Soberanos, e de tarde a Academia das ciências, que em Palácio se fazia, onde eram admitidos homens e mulheres a darem conta do progresso de seus estudos, sendo premiados conforme a vantagem que se levavam, e uma parte da noite se passava em outros divertimentos, em que o prazer competia com a grandeza e luzimento; os estrangeiros concorriam a admirar tão estrondosa festividade. Passados alguns dias, chegaram os de Delos com uma esquadra Real e, com igual admiração que regozijo viram o seu Príncipe, e concorreram para os aplausos, formando jogos em que, com Marcial destreza e bizzarria, levavam os prêmios e davam os vivas aos seus Soberanos, que, acabado aquele mês, foram embarcar acompanhados da Corte, milícia e povo, que mesclava com a precisa saudade o discreto contentamento; depois de militares movimentos, com uma salva geral se concluiu a despedida.

Chegando felizmente a Delos, eram esperados com iguais demonstrações de prazer; a marinha não só se guarneceu logo de soldadesca, mas de magníficos carros de triunfo, onde suavemente se cantava, e de bem ordenadas danças, que se compunham de figuras ricamente vestidas; em se fazendo o desembarque luzidíssimo, foram assim acompanhados aqueles Príncipes, formando as vozes dos clarins, dos mais instrumentos e dos vivas, uma tão celeste melodia que representava o Céu na terra; em iguais distâncias estavam arcos bem formados, onde parecia que agradavelmente as Musas se exercitavam; e de alguns que guarneciam os vassalos, em cujos corações havia Arnesto depositado os mais seguros tesouros, se lançava dinheiro ao povo. Foram ao Templo de Apolo, que com admirável grandeza e pompa se achava adornado e iluminado; e, por não fazer enfadonha a narração daqueles cultos e obséquios, se deixam à melhor consideração.

Depois de jurarem os Príncipes e grandes que jamais naquela Ilha se consentiria que houvesse escravos, porque seriam restituídos à

inteira liberdade os que, como cativos, ali chegassem, se encaminharam para o Palácio, e as mais festas se repetiram todas as que se haviam feito em Tebas, e pelo mesmo tempo todas as referidas mercês. Passado aquele mês, destinado às graças e festejos, se retiraram para Tebas os que tinham saído a acompanhar os Príncipes, e saiu Arnesto a visitar os hospitais,²⁰⁴ que ficaram ricos, pois deu o Príncipe generoso exemplo à piedade. Concluindo esta louvável diligência, foi ver os arsenais, onde repreendeu severamente os descuidos e despertou os negligentes, para que se melhorassem. Quis ver as suas Tropas e, fazendo-as exercitar na sua presença, acrescentou os Militares e despendeu com eles tanto que mais parecia pai liberal que senhor esquecido; pois conhecia com larga experiência que a grandeza dos exércitos faz indeclinável o respeito das Majestades, a glória dos Soberanos e a opulência dos vassalos; e a estes suave o peso das armas, o agrado do seu Rei, os honrados adiantamentos e o soldo, que os sustenta; porque, suposto que não haja cousa alguma que possa ser inteiro equivalente da vida, o supre a honra e a fidelidade, quando a fome não quebranta nem o crédito padece.

Depois deste louvável e mais preciso empenho, ou desempenho de suas máximas admiráveis, ordenou que o ministério devassasse dos Militares, e estes do ministério, na sua presença, para que fossem menos suspeitas as averiguações da verdade; e, vendo que a vara da justiça, muitas vezes se torcera com o peso dos subornos, e que os que se aproveitaram de uma injusta autoridade haviam desprezado os ameaços da culpa e os vaticínios da razão, ordenou que fossem logo acabar no suplício, pois tinham sido o flagelo dos pobres, o escândalo dos bons e o terror dos povos; porque, como bramam aos Céus os clamores da verdade, ainda que o castigo se difira, sempre o perverso tem a pena dos seus delitos. Com as cabeças daqueles se guarneceram as muralhas da Cidade, sendo padrões do exemplo aqueles despojos da vida, onde, existindo as geladas cinzas da culpa, falava a mudez do horror aos corações compreendidos. Os que tinham dado inteira satisfação às suas obrigações foram premiados com honras e riquezas

²⁰⁴ Na aceção da época, hospital era, conforme Bluteau (1789): “Onde se curam doentes pobres. Onde se agasalham hóspedes e viandantes pobres.”

tão avultadas que parecia querer aquele soberano reservar para si só o prazer de repartir os tesouros, ou que apostava exauri-los, depositando-os no amor dos seus vassalos, onde o Rei justo e generoso tem o mais firme trono e o Império mais seguro; e, assim como contemplando em os aumentos excitava as vozes com que o povo pedia aos Numes que lhe eternizassem o seu Príncipe, também se ouviam os vivas quando, pelo patíbulo, se desocupava o mundo daqueles a quem a ausência do soberano dilatara os castigos; pois é a morte dos maus a vida dos bons, e a prontidão dos remédios o melhor remédio para o mal.

Tendo Arnesto concluído todas as cautelas com que o seu vigilante cuidado causava admiração aos estranhos e animava o exemplo dos seus, pois distribuía gloriosos prêmios e executava justos castigos, chegaram ali três naus vindas da Ilha de Naxia,²⁰⁵ que com vozes de sonoros clarins vinham publicando contentamentos. Logo fizeram aviso da chegada de Íficles, Embaixador que Anteu mandava a cumprimentar Arnesto, e oferecer-lhes ursos e leões em tributo dos benefícios de que era devedor aquele²⁰⁶ povo. No dia seguinte se deu solene embaixada com grande luzimento e pompa, tornando-se a renovar os júbilos da chegada de Arnesto, porque os vassalos, contentes com o seu soberano, não sofriam as recordações do mal passado sem que, expressando o bem presente, repetissem votos da mais pura fidelidade e festivas demonstrações do mais vivo contentamento. Depois que as Majestades foram cumprimentadas de formalidade, Arnesto, com lágrimas de saudosa consolação, recebeu uma carta de Anteu, a qual era escrita na forma seguinte:

A vós, Príncipe Arnesto, enviamos nosso contentamento, amor e respeito, pois vos devemos a nossa felicidade e rogamos aos Deuses consoladores que vos assistam.

Ouvindo-se aqui as notícias da vossa chegada a Tebas, se revelaram todos os vossos segredos, e que os seus soberanos acharam bem experimentada a fidelidade dos vassalos e bem crescidos os

²⁰⁵ Naxos, a maior ilha do arquipélago das Cíclades, no norte do mar Egeu. Nas primeiras edições é grafado “Nácsia”, da forma medieval “Naxia”. Segundo Vilarelhe (2002), simbolizaria o Brasil.

²⁰⁶ Na 1ª edição constava “àquele”, corrigido por meio de errata na mesma edição.

frutos de os ter governado com amor, paz e justiça (que tudo Bireno mantinha em boa ordem), e qual fora a vossa entrada em Delos e a celebridade do vosso suspirado consórcio. Julgai qual seria a consolação com que eu me lembrava de nossos misteriosos infortúnios, quando este povo agradecido rompia em vozes expressivas do mais fiel contentamento, dizendo na presença da sacra estátua de Apolo:

“Ó Deus luminoso,²⁰⁷ já vemos que eram vossos os influxos com que amávamos a Arnesto! Já vemos que era imagem vossa a luz com que nos atraía! Já vemos que eram suaves raios do Céu as vozes com que nos persuadia a bem obrar! Já vemos que era influxo Divino o ardor com que amávamos as suas virtudes! E quem senão uma imagem vossa, assistida de Júpiter e Minerva, nos faria amar a concórdia, que é origem do aumento, e desprezar a discórdia, que tudo consome? Quem nos faria estimar a brilhante espada da justiça? Quem com a capa de uma desgraça fora argumento da mais elevada virtude? Só o que nascendo para reinar, e nos foi por vós enviado para remédio de nossas dilatadas tribulações.

“Donde viria homem mortal que sem vislumbres de Divindade nos fizesse tão suavemente obedecer às leis, amar as letras, exercitar as virtudes, buscar a sujeição, contemplar nos soberanos, sujeitar aos trabalhos e honrar os Deuses, mais que aquele que, concebendo os maiores pensamentos, não perdia instante de cogitar sobre o bem deste povo, que parecia respirava pelo coração de Arnesto? Ó luz eterna! Ó Deuses benignos! Assisti-lhe e o defendei da contrária fortuna, para que seja sempre honra da pátria e glória dos vassalos!” Com estas exclamações saíam do Templo e não descansavam a cantar louvores vossos, reconhecendo as causas de que procediam as vossas amáveis circunstâncias.

Muito me alegro quando me lembra que vos exercitei nas armas e ciências, que como honrado vos servi e como fiel vos acompanhei; e assim me lisonjeia a fama, publicando as vossas supremas virtudes, e me suavizam o pesado encargo de governar

²⁰⁷ Mit. gr.: Apolo.

estes vassalos, porque vos reconhecem por senhor supremo; e, já que vós me elevastes ao lugar em que me vejo, é razão que façais felizes as minhas resoluções, pois juro aos eternos Deuses seguir sempre os vossos ditames. Bem sabeis que os varões que admiraram as gentes se fizeram dignos mais pelo pouco preço que deram aos grandes lugares que pelas vitórias que tiveram; porque, para vencer inimigos na guerra, muito concorre a fortuna, mas para desprezar a própria grandeza só a heroica magnanimidade: pelo que vos peço, senhor, que atendeis à opressão em que vivo, ajudando-me a descer do trono onde o desvelo é contínuo, é pouco o mais dilatado tempo, o trabalhar é dívida, o descanso é culpa, o acerto é obrigado, o desacerto é sem desculpa, o perigo é sem limite e é limitada a humana capacidade para o encargo, que finge doces fadigas para o possuir, sendo amargosíssimas para o responder. Oh quanto é indesculpável a vaidade dos homens, pois esta os encaminha àquela sublime esfera onde mais se encontram precipícios do sossego que firmeza dos favores da fortuna! E quando não houvesse maior causa para fazer horror o falso prazer de reinar, basta ver que ordinariamente os de quem mais nos fiamos são as brechas por onde se rende a fortaleza do mais justo Monarca, os sentinelas que vigiam os nossos descuidos, os espias do engano, os escudos dos maus e as armas dos indignos. E como é possível que resistamos ao fogo que nos faz a malícia destes, se nos acham descuidados? Com a boa-fé nos enganam e com fingimentos nos prendem, conspirando contra os nossos créditos, lisonjeiros, mentirosos, traidores e fingidos; porque (entre outros motivos) o degenerar a justa veneração que se deve às Majestades produziu o veneno do respeito, que desfigura a verdade em chegando à presença dos soberanos, que a desconhecariam despida, porque se a veem é com adornos.

Onde irei, senhor, que encontre quem desconheça a grandeza e me diga quanto sente? Onde acharei um amigo tão nobre que me aconselhe sem se haver aconselhado com o próprio interesse? Onde acharei um homem tão leal que, amando só os meus acertos, suspenda o peso que me oprime sem que faça maior peso arrastado pelo ódio? Onde acharei um sábio prudente que creia o

muito que amo a verdade e que a mentira aborreço? Onde acharei um justo compassivo que me avise de que choram os pobres, de que se lastimam os que não têm valedores²⁰⁸ e de que se doem os queixosos? Oh mil vezes infeliz grandeza, pois afugenta as luzes da verdade e consiste em não desatar os laços do engano em que docemente respira! Eu não posso ver tudo; e os que melhor vejo menos merecem; os que menos se retiram mais me afastam de acertar; os que mais amo, melhor me enganam; os mais capazes se me ocultam; e os incapazes, os conheço quando os danos os descobrem.

As vossas doutrinas e o meu desvelo têm produzido aqui homens excelentes; mas inteiramente perfeitos os não há ou são raríssimos; porque o sábio soberbo parece que quando é mais preciso menos convém ocupá-lo; o que tem contra si o ódio do povo, não sei se é mais útil entregá-lo ao esquecimento que chamá-lo para que sirva; o que estuda mais sobre a própria conveniência que sobre o que convém à República, duvido se é menor a falta que me faz que o engano a que me arrisco; e o que ou há de ser bem visto ou há de maquinar vinganças, entendo que é mais conveniente buscar meios de contentá-lo que dar-lhe emprego. Enfim, disse-me, senhor, o que entendeis, que eu desejo trocar a suprema grandeza da Majestade pelo simples sossego do livre pastor, pois que os Deuses nos criaram livres e é em todos natural o amar a liberdade, ainda que a cegueira dos homens introduziu no mundo que era mais para apetercer a escravidão mandando que a liberdade obedecendo. Os Príncipes, até a decência os sujeita, pois não consente que estejam ou andem sem guarda, e assim são docemente prisioneiros dos seus, tendo liberdade para a dar, mas não para a tomar. Oh quanto é menor o trabalho de obedecer a um que o de mandar a muitos debaixo dos preceitos de amparar, castigar, favorecer, sustentar, defender, aumentar e dar exemplo! Mas, sendo os homens em tudo inconstantes, só o não são em buscar cegamente os Impérios e procurar aquela falsa liberdade; pois é certo que os que mandam vassalos passam de livres a es-

²⁰⁸ Defensores, protetores.

cravos de sua pesadíssima obrigação, porque só os abomináveis tiranos pretendem reinar para terem descanso entre os regalos e põem em esquecimento o cuidado de velarem sobre o bem de seus povos, sendo-lhes assim devedores da fiel obediência que lhe juram, pelo interesse de que os governem e amparem; e, se aqueles ingratos incitam os Deuses para que os castiguem e despertam as gentes para que os aborreçam, eu vou à vossa presença clamando aos Céus para que me descansem; e pois mais desejo servir-vos do que estimo o ser servido, atendei-me, senhor, e como benigno me ajudai a entregar o cetro, porque é de peso tão excessivo que me faltam já as forças para o poder sustentar; e vos juro sobre os Altares de Minerva conservar a obrigação da mais pura nobreza em vos ser fiel, a honra ilustre em dizer-vos a verdade, e os créditos de bom vassalo em me não afastar dos vossos ditames, pois que os Numes vos assistem e ireis felizmente a habitar com eles.

Com estas atendíveis perturbações se mostrava o grande espírito de Anteu e se enchia de prazer o coração de Arnesto. Íficles se demorou ali por tempo de dous meses, admirando o muito que florescia os bons costumes pelo amor e humildade com que se obedecia ao Rei; a concórdia com que viviam os vassalos; a opulência, para que concorria o comércio; e a mais forte coluna de fidelidade em cada soldado contente; porém, mais que tudo o admirou a inteireza com que se administrava a justiça e a brevidade com que esta evitava as desordens; porque ouvia que se os pleitos duravam mais de um ano, se castigavam rigorosamente os Ministros que o consentiam, e assim os Advogados, os Solicitadores e o litigante, que era interessado na demora; e, querendo instruir-se na boa ordem com que se defendiam, soube que quando a causa era tão grave que no termo determinado não podia concluir-se, passavam para Tribunal supremo todas as alegações e documentos de uma e de outra parte, e assim em tempo de dous meses se determinavam as maiores contendas, ao que, com admiração, dizia:

– É possível que parece que venho achar neste pequeno distrito feita a paz entre a verdade e a mentira, e que, sendo estas inteiramen-

te contrárias, se tratem sem que a confusão dos recursos ponha em dúvida qual tem mais força, e sem que por muitos princípios possa a mentira opulenta afugentar a verdade, quando é pobre? Sim, porque todo o amargo se adoça onde um Príncipe prudente sabe amar o seu povo e este cuida em merecê-lo. Eu tenho girado grande parte do mundo e visto admiráveis Monarcas, porém nenhum que a este iguale; porque os que são famosos por vencedores se cansaram para adquirir glória; e os que são pacíficos se desvelam por descansarem; mas Arnesto soube vencer, sustentar a paz e moderar a mais danosa guerra que pode haver e se permite nas Repúblicas, pela qual as despesas são contínuas, a fadiga excessiva, o fogo cruel, a fome certa, e, quando a honra periga ou a ambição se interessa, com desordens se acometem os contendores, sendo de toda a sorte prejuízos, ódios e desaires os despojos daquela guerra, em que rara vez é vencido quem a pode sustentar e sabe estudar-lhe os lances; nem jamais vi que acabasse se a parte que queria eternizá-la tinha mais dinheiro para sustentar o enredo daquele jogo que justiça para vencer a contenda (conforme sucede em toda a parte), pois nem o mais reto Ministro pode algumas vezes evitar as dilações, negando-as aqui a vigilante prudência do soberano para ser o primeiro que inteiramente mereça os altares que lhe consagram os seus vassalos, pois são os dilatados pleitos a ruína dos bens, deslustre do brio e desmaio da honra; porque, se nos casos pouco importantes é conveniente não mostrar o direito para evitar as despesas, não o permite o brio, não só porque parece frouxidão do ânimo, ou falta de meios em que a estimação padece, mas também porque se entende que os que não têm constância para prosseguir não tiveram razão para negar ou pedir, e assim pelo muito tempo degenera a carência de justiça em empenho do pundonor. A honra periga porque os homens se costumam a sofrer que publicamente os tratem de falsários, ladrões, mentirosos, etc., e, se há alguma vez em que tudo isto se diz com termos colorados,²⁰⁹ nem assim perdem tais palavras o amargo que sempre devem os honrados sentir nas calúnias, pois todos sabem qual é a valentia do conceito, e naquele prolongado

²⁰⁹ Coloreados, coloridos, aqui no sentido figurado de disfarçados, com boa aparência.

tempo muitos perdem a sua esperança morrendo de cansados, e outros ganham as horrendas cavernas do Cocito.²¹⁰

Assim dizia Íficles, com tão viva quanto justa admiração. Poucos dias antes que se despedisse, teve das Majestades um mimo especiosíssimo,²¹¹ e o fizeram condutor de outro, em que Arnesto enviava a Anteu um admirável vestido de armas, onde com o primor da arte estavam abertos ao buril os sucessos das suas peregrinações, a sua efígie, a de Hemirena, Diófanos e Climeneia, os sacrifícios que celebraram em Tebas, e os carros de triunfo que houvera em Delos, concluindo tudo no fúnebre espetáculo dos justicados, para que se acabasse o escândalo divulgando-se o horroroso efeito dos seus delitos; e também se viam as palmas que se distribuíram pelos beneméritos, por que, quando os conduzisse a morte à mais dilatada vida, se acabassem de viver, não cessasse a Fama de os louvar. Com este vestido de armas iam também de todos os petrechos de guerra e alguns oficiais capazes para o exercício deles, e também leis tiradas das melhores que se praticavam em toda a Grécia, proporcionadas ao país e corretas pela prudente discrição e experiência de Arnesto, e para a execução delas quatro sábios, que eram nobres, virtuosos e independentes, que tanto é preciso para que tenham as leis boa execução. Arnesto, satisfazendo as razões de generoso, quis que não ficassem diminutas as demonstrações de amigo, respondendo à carta particular, em que depois dos primeiros cumprimentos continuava, dizendo:

Já sabeis que os mesmos infortúnios que me afastaram de Delos procuraram que as casualidades me restituíssem à amável causa de minhas peregrinações. Logo que de vós me ausentei, ouvi venenosas notícias que, ferindo-me com a seta inflamadora, me reduziram aos delírios de uma invencível tribulação; e, como aqueles a quem o Deus vendado²¹² destina a cruel esfera de fingidos prazeres têm por lances do entendimento as atrações da vontade, suspirei zeloso e aflito busquei a morte; mas tomei alento com as armas que por desagravo de Diófanos banhei no

²¹⁰ Mit. gr.: um dos rios dos infernos. Seu nome significa rio dos gemidos.

²¹¹ Belo, atraente, delicado.

²¹² Mit. gr.: Eros, deus grego do amor (rom.: Cupido).

indigno sangue dos Coríntios. Encontrei Hemirena, salvando-me de um naufrágio; e, ocultando a formosura aos cultos do rendimento, me deu vida, sem saber que eu lha havia consagrado. Tiramos a Climeneia das mãos da morte, mas sem que nos conhecêssemos; porque, como é o amor aquele doce tormento da alma, que no desejo consiste, não dispensava nas cautelas o disfarce. Encontramos também Diófanes nas vizinhanças de Tebas, e chegamos a ver quanto interessam os Soberanos em que os amem os vassalos, e que estes nem com lágrimas contínuas acabam de chorar a falta de um Príncipe que com amor e justiça os governa, pois admirei o imenso prazer dos Tebanos: vi a inexplicável alegria deste povo e a razão com que na minha ausência se lamentava enfraquecido.

As vossas letras me enternecem e me admiram as vossas resoluções, que, sendo filhas legítimas de um espírito puro, também é preciso atender a que, se é grande a glória de adquirir, não é menor a virtude de conservar; e, como é preciso que eu vos aconselhe, tendo atenção ao respeito que me confessam os que vos obedecem e às doutrinas que me destes, devo primeiro lembrar-vos que as Estrelas benignas quiseram que tivésseis emprego para que vos servísseis da sabedoria, despertando os vassalos para que a amassem; das virtudes, para que fôsseis modelo de um Príncipe justo; do entendimento, para que o tempo admire um governo perfeito; da magnanimidade, para que dêsseis exemplos de fortaleza; e do esforço, para que animásseis os soldados mais com ações de generoso valor que com palavras de vaidoso capricho.

Os homens admiráveis que tem havido no mundo, quase todos se fizeram com os trabalhos, com os livros, e nos Reinos estranhos, porque os infortúnios dispõem para compadecer e moderar as paixões: os bons livros fazem que o entendimento abra os olhos, que o homem se veja e que aprenda a merecer; e a ausência da pátria castiga os ânimos afeminados, ensina com a experiência, faz crescer os homens para que conheçam e sejam conhecidos. Sócrates não consentia que os seus discípulos dis-

sessem qual era a sua terra;²¹³ e os bons Insulanos²¹⁴ Agitas não declaravam serem nacionais daquela Ilha enquanto não faziam alguma ação admirável;²¹⁵ assim que é mais louvável que não torneis à pátria, trabalhando para que ela de vós se preze, que, como é tão severamente nobre a lei da verdadeira amizade, não permite que vos aconselhe como quero, mas só como devo; reconheço que é maior a grandeza do encargo que a fausta pompa de reinar; mas, onde a empresa é difícil, é mais glorioso o triunfo. A vaidade, a cegueira e o engano dos homens têm feito no mundo as maiores guerras, não para obedecer mas sim para mandar; e por este costume, ao que larga o cetro bem possuído sem que as armas o disputem, o avaliam por demente ou covarde; e, se o deixa por não cair em erros de um ofício, de que depende a boa ordem de todos os outros, troca pelo descanso de prudente vassalo a glória de bom Monarca. Não penseis em deixar o governo, sim em ser grato aos Deuses, para que vos confortem; liberal com os vassalos, para que bem vos sirvam; prudente no obrar, para que vos imitem; comedido no falar, para que bem falem; e amai o bem comum, para que vos amem; pois que o varão justo não há de perturbar-se, impaciente por não ter tudo no estado que deseja, mas sim se em alguma cousa não obrou como devia: e vede que os nossos antepassados não adquiriram em descanso a glória que herdamos, porém servindo na guerra os seus Príncipes; e que, sendo mais nobre o mostrar o próprio merecimento que contar ações alheias, também é mais sublime ornar o palácio com armas ganhadas que a casa com escudos herdados. Isto vos digo, para que vos não vençam os embaraços que pensais, pois não experimenta o homem tanto dano quando a fortuna o desampara como quando o ânimo lhe falta. Se quereis que não seja o tempo estreito, cuidai muito em reparti-lo, não tirando para vós do que tocar aos vassalos; nem vos perturbe que seja dívida o

²¹³ Citação da obra *Epístolas familiares*, de Antonio de Guevara (c. 1481-1545), na carta intitulada “*Letra para don Pedro Girón quando estaba desterrado en Orán*”, de 16 de abril de 1524.

²¹⁴ Habitantes de uma ilha; ilhéus.

²¹⁵ Citação da obra *Epístolas familiares*, de Antonio de Guevara (c. 1481-1545), na carta intitulada “*Letra para don Pedro Girón quando estaba desterrado en Orán*”, de 16 de abril de 1524.

nosso trabalho; porque, assim como a este é obrigada a sujeição, a fidelidade e os bens dos povos, também não somos devedores mais que do que permitem a nossa possibilidade e forças.

Se o Príncipe não se descuida, o seu descanso é virtude e não é culpa; e basta que trabalhe por acertar e vencer as paixões próprias para que as gentes conheçam que, quando assim desacerta, os Deuses o determinam para castigar os vassalos.

Não julgueis que só para os Soberanos não tenham limite os perigos, pois é o seu distrito o mundo, onde todo o racional deve temê-los; mas é certo que é limitada a humana capacidade para que um se encarregue de responder por muitos; porém, os Numes inspiram, as virtudes animam e os bons ajudam. Estes, se quereis conhecê-los, observai profundamente os homens como falam, se têm nobre lisura no que tratam, se usam verdade, se acompanham com os melhores e não são orgulhosos, porque rara vez deixará de ser bom aquele em que resplandecerem estas virtudes.

Nem vos aflijam os enganos a que somos arriscados; porque, se é gênio antigo dos homens o irem sempre contraminando²¹⁶ para bem lograr os seus intentos, também a ingenuidade das virtudes sabe penetrar fingimentos e conhecer a condescendência dos lisonjeiros; e, como sabeis que há este gênero de guerra, mais vezes os haveis de concluir que eles vencer-vos; porém, é certo que todos erram e não há algum que não tenha defeitos, por mais sábio e entendido que seja. Assim como não há senhor tão poderoso que não possa ser vencido, nem sábio que não ignore muito, nem benquisto que não tenha inimigos; pois que todos podem menos do que desejam, têm menos amigos do que entendem e sabem menos do que presumem.

Também é certo que o respeito é um inimigo doméstico de que a Majestade precisa, ainda quando é oposto aos seus acertos. Nós giramos o mundo e sabemos o que nos ensinou a plebe com quem conversamos; vivemos entre os bons e os maus; observamos os que tinham mais ou menos nobreza; assistimos com os

²¹⁶ Usando de recurso artificioso para desfazer uma intriga, uma trapaça, ou uma traição.

pobres e choramos com os perseguidos; e, quando agora chegamos a reinar, sabíamos o que ignoram os que como nós obram na face do mundo. Ah que se pudessem despir por algum tempo a Real grandeza e a presentânea majestade, veriam os Soberanos provada a identidade da razão! Nós padecemos fomes, frios, sustos, desprezos, injustiças e imensos perigos; isto conduz muito para servirmos melhor os nossos ofícios que os que entendem que é fantasia o pranto dos que padecem; que todos os homens do mundo só nasceram para os servirem; que não há mais que o que podem alcançar com a vista; e assim o haver trabalhos, desamparos, pobreza e injustiças não lhes faz no ânimo impressão, pois alguma vez o ouviram de tão longe que apenas lhes chegaram amortecidos ecos de alguns dos que suspiram aflitos; e, tudo bem ponderado, não tendes tanto que temer nos cuidados, como eu razão para desejar-vos no trono.

Bem sabeis que os sábios soberbos, quando eram mais precisos, maltratavam as gentes e desfrutavam mais que o Rei a autoridade Real, sem que jamais fossem castigados os seus maus procedimentos; porque os que rodeiam aos Soberanos o calam por política, quando não por interesse ou medo; ou também porque, se há algum que despreze o temor pânico para dizer o que sabe, ou o Rei se desgosta, ou os servos o arruinam; e, de toda a sorte, melhor serve quem menos presume; se se desvela por acertar, tem bondade nobre; e mais teme os remorsos internos que os ameaços de morte.

Os que são malvistos do povo também sabeis que fazem ser o Rei suspeito nos erros que lhe condenam e que são a causa de que desmaie o zelo e fervor com que os vassalos se empenham nas empresas quando têm fé nos que dão o conselho; e assim se malogram os bons arbítrios, porque são postos em prática por mãos do ódio; porém, estas e outras muitas circunstâncias são menos ponderáveis que outros danos que podem resultar de servir-se o Príncipe (em cousas de alta ponderação) com homens que são odiosos ao público, pois não os ocupar não é mais que deixar de

aproveitar-se de alguns homens capazes; e de atendê-los algumas vezes têm procedido sucessos lamentáveis.

Os que estudavam mais a própria conveniência que em servir como honrados sempre vimos que vendiam tão caro o fruto de seus estudos que nunca entendiam serem pagos, ainda quando mais recebiam: estes em toda a parte roubam sem susto, e são como os que no tempo das dissensões procuram agradar a ambos os partidos, que nem a um, nem a outro servem.

Os que deixando de ser bem-vistos maquinavam perturbações, lembre-vos que para eles eram reprovados os remédios brandos e suaves; porque, como é duvidoso o seu efeito em casos graves, sempre obram melhor os que são ásperos e fortes, pois não se deve encomendar ao tempo o que toca à violência. Se assim recordardes o que vimos pelo mundo, conhecereis os homens, servir-vos-ão os melhores e vivereis com eles gostoso, tendo cuidado em evitar os danos antes que sejais obrigado a castigá-los, e obrando como quiséreis que tivessem convosco obrado os Soberanos: advertindo sempre que não honrar a quem o merece, negar o que com razão se pede e não premiar a quem com desvelo serve, muitos vimos que o sofriam, porém nenhum que o deixasse entregue ao silêncio: pelo que é também preciso ver a quem dais, para que o tenha merecido; o que dais, por não dar pouco; e quando dais, por não ser tarde; porque, ainda que de toda a sorte se aceita, poucas vezes se agradece.

Cuidai em que os vossos exércitos andem bem disciplinados e os soldados contentes, porque estes são as melhores muralhas das Cidades; fazem a grandeza do Rei, conservam-lhe o respeito, defendem-lhe os domínios, resguardam-lhe os povos, seguram-lhe a coroa, castigam-lhe inimigos e estão prontos para dar por ele a vida; e, quando se admira o bem formado corpo de um exército poderoso, não só se contempla como respira o Soberano, mas parece que o respeito chega a ver com assombro o grande espírito da Majestade.

Também deveis pensar na educação dos filhos dos vassalos, pois pelo que servem mais o são da República e da vossa esperança que dos seus próprios pais.

Vós não procurastes reinar, oprimir, sujeitar e preferir a todos, como ordinariamente desejam os homens que tomam aquele vaidoso empenho da soberba com que destroem a sua felicidade; e, suposto que para bem obrar não careceis dos meus ditames, como as paixões costumam escurecer os mais claros entendimentos, vos torno a lembrar que os Deuses vos escolheram para que fôsseis amparo dos bons, terror dos maus, alento de virtudes e pai dos vossos vassalos, pelo que vos rogo que os animeis como Príncipe virtuoso, pois eu vos respondo como verdadeiro amigo, vos aconselho com expressões de legítimo afeto, vos animo com leis de boa razão e justiça, com armas e homens que vos descansem e com memórias de meus trabalhos, para que vejais que, se as fadigas fazem o descanso, também este entre nós faz guerra às virtudes, que em vós sempre aumentem os Deuses consoladores.

Assim terminou Arnesto a sua admirável resposta, em que se ostentavam gloriosas as doutrinas de Anteu, para quem se reservaram estes sazoados frutos.

Íficles, determinando a sua partida para Naxia, se despediu das Majestades, e juntamente os Oficiais de guerra e os Jurisconsultos que deviam embarcar. Arnesto, com suaves expressões e discretos ditames, os enriqueceu de admiráveis máximas, que nos vassalos radicaram amor e nos estrangeiros veneração.

Embarcando Íficles, se repetiram festivas demonstrações e muitos vivas àqueles Soberanos, até que, entre o estrondo das salvas e as sonoras vozes dos clarins, perderam de vista a Delos, levando a notícia do gosto e paz com que ficavam gozando o verdadeiro afeto dos súditos, e os descansos para que haviam concorrido as fadigas, conhecendo todos que sempre é vencedora a verdade e que a formosura triunfa quando é constante a virtude.

Fim

PROTESTAÇÃO

Declaro que nesta Obra uso das palavras Deuses, Numes, Fado etc., no sentido em que as têm usado muitos Católicos, somente para imitar e fingir as fábulas e termos dos antigos Gentios, que não chegaram a conhecer o verdadeiro Deus Trino e Uno, nem os admiráveis efeitos da nossa Santa Lei, posto que muitos souberam exercitar algumas virtudes morais; e nesta forma quero que sejam entendidos estes meus escritos, que com a mais profunda e rendida obediência aos Decretos Pontifícios sujeito humildemente à correção e censura da Santa Madre Igreja Católica e Apostólica Romana, e seus Ministros.

LICENÇAS

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO¹

Censura do M. R. P. M.² Rodrigo de Sá,
Qualificador do Santo Ofício

Eminentíssimo Senhor:

Em observância ao preceito de V. Eminência vi o livro intitulado *Máximas de virtude e formosura*, que compôs Dorothea Engrassia Taveda Dalmira. É obra toda de engenho, porque ao de sua Autora deve todo o ser. Este felicíssimo engenho lhe ministrou a matéria nos fabulosos sucessos, que em sua alta compreensão soube discretamente idear. Este mesmo engenho lhe introduziu a melhor forma na boa ordem, dedução e coerência com que introduz, como na realidade acontecidos, esses parabólicos, sim, mas bem ideados sucessos; e, revestindo este nobre composto, como de primorosos acidentes, de uma limada frase, natural eloquência, bem aplicada erudição e (o que é mais estimável) de morais ditames para abraçar virtudes e desterrar vícios, fez com que resultasse um todo tão especioso e agradável que após se leva suavemente arrebatados os ânimos dos que atentamente o chegam a contemplar. Falo com experiência própria; porque, principiando a ler este livro obrigado da obediência, brevemente senti trocada a força do preceito em atrativos da vontade, estimulando-me a prosseguir a leitura, não tanto a superioridade do império quanto a recreação do ânimo. Bem empregado tempo o que a Autora gastou nesta composição e estudos para ela conducentes! Não mereceu menor louvor,

¹ As licenças concedidas para a publicação da obra foram publicadas apenas na 1ª edição (1752), figurando no início da obra.

² Mui Reverendíssimo Padre Mestre.

governando com os dedos a pena, que o que conseguiu outra grande matrona, voltando com os dedos o fuso: trabalhou esta com o fuso para vestir de duplicadas vestiduras aos seus domésticos; trabalhou a Autora deste livro com a pena para vestir não só os seus domésticos, mas também aos estranhos, de vestiduras tão multiplicadas quanto o são os hábitos das virtudes, que a todos persuadem³ e em todos vestem bem. A matrona de que fala Salomão⁴ teve por primeiros e principais Panegiristas dos seus louvores a seus próprios filhos; a Escritora deste livro, quando lhe faltassem filhos que a louvassem, nos períodos desta obra, partos legítimos de seu fecundo entendimento, teria e terá sempre os mais fiéis pregoeiros de seus louvores. Grande lugar se fez com esta composição entre as heroínas insignes em sabedoria que lhe antecederam no tempo, não no talento; e grande lugar se fez também no aplauso e estimação dos heróis mais ilustres nas ciências, os quais não deixaram de confessar que devem subir de ponto os elogios desta Escritora, por isso mesmo que nesta sua obra chegou com felicidade a tocar aquele subido ponto de acerto a que nem todos chegam, qual é ajuntar o doce com o útil, o doce de uma jucunda elegância, aprazível discrição e erudição amena com o útil de sólidos ditames para a moralidade das virtudes. Eu, sem ser do número desses grandes heróis, assim o confesso, acrescentando (o que já se podia supor de tão Católica e douta Escritora) que nada contém este livro contra a nossa Santa Fé e bons costumes, pelo que o julgo por muitos títulos digno da estampa. Vossa Eminência mandará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratório, 17 de novembro de 1750.

Rodrigo de Sá.

³ Na 1ª edição constava “persuade”.

⁴ Alusão à passagem bíblica de Provérbios 31,28-29.

Censura do M. R. P. M. Fr. José de São Gualter Lamatide,
Leitor Jubilado, Qualificador do Santo Ofício, Consultor da Bula e
Examinador das Três Ordens Militares.

Eminent.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor⁵

Estas *Máximas da Virtude*, que em matéria fabulosa ideou com artificioso engenho Dorothea Engrassia Tavadeda Dalmira, e V. Eminência me manda ver, estão deduzidas com estilo tão lacônico e sublime que não fica devedor o alinhio do estilo ao argumento da obra, que coloca a sua eruditíssima Autora no teatro das heroínas mais celebradas; e se neste teatro fez já figura outra Dorothea,⁶ por ler publicamente medicina na Universidade de Bolonha e ditar remédios com que se saram os corpos, esta eloquente Dorothea, que na elegante obra que oferece ensina documentos com que se alentam os espíritos nas adversidades da fortuna, se pode introduzir por figura principal no mesmo teatro, que, sendo dedicado à Sereníssima Senhora Rainha Mãe Dona Mariana de Áustria,⁷ com coerente razão devia oferecer-se à Sereníssima Senhora Princesa do Brasil a obra desta Heroína, que não cedendo, antes excedendo, as mais celebradas no orbe literário e aplaudidas no mundo, se faz comparte do teatro dedicado.

Não faltaram maldizentes que chegaram a proferir e se atreveram a escrever que as mulheres eram uns erros da natureza e uns indivíduos infelices do sexo frágil; mas o certo é que, nas letras e armas, que são os dous polos de toda a glória varonil, podem as mulheres competir com os maiores homens do mundo, porque com prudentes conselhos de mulheres se têm remediado desordens a que os homens mais sábios não descobriram remédio; e todos os versados na História sagrada sabem o quanto deveram os povos à sagacidade e prudência de

⁵ Dirige-se a Dom Tomás de Almeida (1670-1754), cardeal patriarca de Lisboa no período de 1716-1754.

⁶ Dorotea Bucca (1360-1436), médica italiana.

⁷ Maria Ana de Áustria (1683-1754), esposa de D. João V, rainha consorte de Portugal e Algarves no período de 1708 a 1750.

Sara,⁸ de Débora,⁹ de Ester¹⁰ e de Judite,¹¹ que foram as libertadoras e restauradoras das suas pátrias, sendo sempre mais valente o entendimento que a espada.

À discreta obra desta Autora erudita fica deverdor o mesmo Paço, por ter nela documentos de como se devem reger os Reinos, conservar os estados e aumentar os comércios. Nela tem um jardim para divertimento, não como o de Tântalo¹² ou de Adônis,¹³ em que havia só caducas flores, sem sazoados frutos, mas cheio de tão belas flores de eloquência e copiosos frutos de doudas sentenças e prudentes ditames que merecia ser escrita com letras de ouro, servindo o mármore de papel e de pena o buril, porque não contém cousa alguma encontrada à nossa Santa Fé nem aos bons costumes, antes compreende indefectíveis regras com que se podem dirigir, e por isso é merecedora de que pelo artifício da estampa se passe à memória dos vindouros, para que se conserve na posteridade a fama da sua Autora. V. Eminência mandará o que for servido, no Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, 21 de dezembro de 1750.

Fr. José de S. Gualter Lamatide.



Vistas as informações, pode imprimir-se o livro intitulado: *Máximas de Virtude e Formosura*, de que é Autora Dorothea Engrassia Tavadeda Dalmira, e depois de impresso tornará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 5 de dezembro de 1750.

Fr. R. de Lancastre Trigozo

⁸ Personagem bíblica, esposa de Abraão, mãe de Isaac. Mencionada no livro do Gênesis.

⁹ Personagem bíblica, profetisa e juíza de Israel, mencionada no livro de Juízes.

¹⁰ Personagem bíblica cuja história é narrada no livro de Ester. Esposa de Xerxes I, rei da Pérsia.

¹¹ Personagem bíblica cuja história é relatada no livro de Judite.

¹² Mit. gr.: personagem castigado pelos deuses. A referência ao “jardim de Tântalo” indica um local que oferece apenas uma ilusão de prazer ou satisfação, sem a realização concreta desejada.

¹³ Mit. gr.: Adônis era um jovem de extrema beleza, associado à vegetação e à renovação da natureza. A menção ao “jardim de Adônis” remete a um jardim efêmero, fugaz.

LICENÇA DO ORDINÁRIO

Censura de M. R. P. M. Manoel Monteiro,
Acadêmico do Número da Academia Real, Árcade de Roma e Exami-
nador das Três Ordens Militares.

Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor.

Vi, como V. Excelência me ordena, o livro intitulado: *Máximas de Virtude &c.*, que compôs Dorothea Engrassia Taveda Dalmira, e fiquei certificado com a leitura, que é todo da sua Autora, circunstância tão rara e decorosa que, quando lhe não sobejassem outras muitas, não menos decorosas e raras, bastaria para singularizá-la entre os Autores mais célebres das ciências e das faculdades, pois muitos deles repetiram, como eco, parte do que disseram outros, que primeiro escreveram, como agudamente notou Owen:¹⁴

*Omnia scripserunt, nec, quae scribenda supersunt,
ipsorum, qui nunc scribimus, echo sumus.*¹⁵

Não se compreende, porém, nesta nota, a Autora, porque à sua pena nenhuma há que leve a primazia; nenhuma que preceda; nenhuma que se anteponha, nem na eleição do assunto, nem na proporção do estilo. Não repete, como eco, o que já se disse, tudo o que diz é

¹⁴ John Owen, ou Ioannes Audoenus (c. 1564-1622), poeta neolatino inglês. Autor de *Epigrammata* (1606).

¹⁵ Possível adaptação do epigrama de Owen: “*Carpimus extremas voces et verba priorum. Priscorum, qui nunc scribimus, echo sumus*” (Ioannis Audoeni. *Epigrammatum*. Liber X, 66). Este epigrama referia-se aos escritores contemporâneos a Owen (escritores deste século), dizendo que são ecos das vozes de seus predecessores.

com novidade. Não traslada os discursos estranhos, escreve os seus naturalíssimos discursos. Não usa de conceitos alheios, todos os de que usa são próprios. Enfim, a invenção, a disposição e a contextura desta obra preciosa, tudo é produção do seu entendimento, do seu juízo e do seu discurso. A invenção, com que a ideou; a disposição, com que a distribuiu, e a contextura, com que a entreteceu. Ideou o seu entendimento profundo a matéria, dispôs o seu perspicaz juízo a forma, e uniu o seu elevado discurso uma à outra, entretecendo-lhe as notícias mais recônditas, as argúcias mais engenhosas e as moralidades mais excelentes e importantes.

Deste modo faz a Autora seu este perfeito livro, este primoroso artefato e este bem organizado composto; e, quando quisesse encobri-lo, como Tétis a seu filho Aquiles, entre as filhas de El-Rei Licomedes,¹⁶ ele, como Aquiles, inflamado do espírito egrégio que influi o ilustre nascimento, havia de descobrir quem lhe dera o ser. Descobriria (como na verdade descobre) que é concebido e informado por quem se acha com uma lição vasta, com uma erudição copiosa e com uma notícia plena da Ética, da Filosofia restaurada, da História Eclesiástica e Profana, da Geografia e da Mitologia; e daqui se poderia inferir com certeza a Autora, porque por todas estas prendas se dá a conhecer, ainda sem apelar para a Poesia, em que é inspirada de Númen tão elevado que não só pode com as Musas fazer coro, mas competir no canto, no plectro¹⁷ e no entusiasmo, dotes que se fazem superiormente relevantes com os esmaltes de singulares virtudes. Tudo isto se pode inferir deste livro; e de tudo isto que dele se pode inferir se poderá utilizar quem o ler; porque a sua ideia engenhosa, a sua erudição amena e a sua sólida doutrina têm uma suave força com que se insinua e inflama os ânimos, os entendimentos e os espíritos: os ânimos, para se enobrecerem; os entendimentos, para se polirem; e os espíritos, para se aperfeiçoarem. Das suas máximas, das suas sentenças e das suas cláusulas se podem aprender os ditames políticos e econômicos, os documentos morais e ascéticos, e os meios oportunos, fáceis

¹⁶ Mit. gr.: Aquiles, herói da mitologia grega, foi disfarçado de mulher por sua mãe Tétis e ocultado entre as filhas do rei Licomedes para evitar seu destino trágico.

¹⁷ Inspiração poética.

e proporcionados, com que um e outro sexo não só viva felizmente, mas assegure a imortalidade, que é o fim altíssimo a que este livro se dirige, como quem só pretende que se abrace a formosura da virtude.

Por todas estas circunstâncias, que não só não são contrárias à Fé e bons costumes, mas antes se ordenam a que a Fé se avive e se exalte e a que todo o mau costume se reforme e se emende, me parece a Autora digna da licença que pede; e porque também com este monumento literário se acreditará muito este século e este Reino, vendo-se que em um e outro floresce um engenho tão distinto que, não professando o estudo, sabe tão egregiamente desagrar o seu sexo e fazer nobre a inveja com que lhe fica o nosso. V. Excelência mandará o que for servido. Lisboa, e Congregação do Oratório, 19 de dezembro de 1750.

Manoel Monteiro.



Vista a informação, pode-se imprimir e depois torne conferido para se dar licença para correr.

Lisboa, 22 de dezembro de 1750.

D. J. Arc.

LICENÇA DO PAÇO

Censura de Ignacio de Carvalho, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo e Acadêmico da Academia Real.

Senhor,

Esta história de Diófanes e Hemirena, que V. Majestade me ordena que veja, e que compôs e quer fazer pública Dorothea Engrassia Taveda Dalmira, é uma história ideada, e semelhantes histórias são uns Poemas incompletos da espécie épica pela falta do metro. Esta forma de compor é tão antiga que nas nações da Ásia lhe assinam o seu princípio, dela passou aos Árabes, deles aos Espanhóis e destes aos Franceses, e ultimamente todas as nações políticas e polidas as estimaram, praticando-a, e com frequente uso, com tantos séculos de duração e com tão multiplicadas composições, só três destas histórias unicamente conseguiram estimação e aplauso, porque foram as que só regularam, executando-a, a formalidade desta composição, sendo umas imitações absolutamente fantásticas e verdadeiramente verosímeis que se terminaram, completa a sua ação, narrando inteiramente a sua ideada história.

A primeira foi a história de Teágenes e Clariclea,¹⁸ foi a segunda a história de Leucipe e Clitofonte,¹⁹ escritas uma e outra no idioma Grego e traduzidas no Latino com diferentes interpretações e várias notas. A terceira foi a história de Argenis e Poliarco.²⁰ Em todos os idio-

¹⁸ *Teágenes e Clariclea*, ou *As etiópicas*, de Heliodoro de Emesa (séc. IV).

¹⁹ *Os Amores de Leucipe e Clitofonte*, de Aquiles Tácio (séc. III).

²⁰ *Argenis*, de Jean Barclay (1582-1621).

mas se têm traduzido estas histórias e têm sido imitadas por homens tão eminentes como os seus Autores, mas com infelicidade sempre.

Sendo tantas e tão várias as traduções em todos os idiomas, só no nosso idioma, com indesculpável descuido e culpável nota, se não lia tradução alguma destas histórias, ou alguma história semelhante-mente escrita. A advertir-nos deste descuido e a livrar-nos desta nota ideou e bem, com a sua alta compreensão, incompreensível engenho e sublime discurso, a Autora esta história, restaurando, gloriosa e incomparavelmente, o nosso crédito, atendendo, como devemos atender, à qualidade do sexo, à excelência dos dotes e especialidade das graças com que nele se singulariza, atendendo a esta história, que excede incomparavelmente em tudo à de Leucipe, à de Argenis e à de Teágenes, sendo esta a que julgou e propôs primeiro e único exemplar destas composições Júlio (★) César Scaligero.²¹ Que admirado ficaria este grande Mestre, e como mudaria de opinião se lesse a história de Diófanes e visse que nesta, e não na de Teágenes, estava o verdadeiro e até aqui não visto exemplar do decoro puro e eloquente dadição do esplêndido e artificiosamente sublime contexto da sentença, a proporção do seu laço e a propriedade da sua solução, os costumes civis, os políticos, com que se informa, as sentenças morais, descrições e outros acidentes de que se reveste. Não tem comparação esta história, os efeitos participam a natureza das suas causas; como havia de deixar de ser única esta história em tudo, sendo em tudo única a sua Autora? Por todas estas razões, e não ter cousa alguma que ofenda a Fé ou possa macular os bons costumes, me parece merecedora da licença que pede. V. Majestade mandará o que for servido. Lisboa, 10 de janeiro de 1751.

Ignacio de Carvalho.

(★) *Hanc disponendi rationem splendidissimam habes in Æthiopica Historia Heliodori quem librum epico poetæ censeo accuratissime legendum, ac quasi pro optimo exemplari sibi proponendum. (Scaligerus poetices, lib. 3 cap. 96.)*

²¹ Giulio Cesare Scaligero (1484-1558), escritor, filósofo e médico italiano, autor de *Poetices libri septem*.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir e taxar e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa, 19 de janeiro de 1751.

Ataíde. Almeida. Castro. Quintela.

Está coerente ao seu original. São Francisco da Cidade, em 9 de janeiro de 1752.

Fr. José de São Gualter Lamatide.

Pode correr. Lisboa, 9 de junho de 1752.

Fr. R. de Lancastre. Silva. Abreu. Sylverio Lobo.

Pode correr. Lisboa, 17 de junho de 1752.

D. J. Arc.

Que possa correr e taxam em cento e cinquenta réis. Lisboa, 20 de junho de 1752.

Marquez P. Vaz de Carvalho. Ataíde. Mourão.

POSFÁCIO

Vera Lamanno-Adamo¹

Anos atrás, tive conhecimento, por meio de um ensaio da escritora Ana Miranda, publicado na *Veja 25 anos: reflexões para o futuro*, que Dorothea Engrassia foi a primeira brasileira a escrever um romance, publicado em Portugal em meados do século XVIII. Era algo tão insólito que se atribuiu a autoria do livro a Alexandre de Gusmão, e Dorothea terminou seus dias encarcerada por ter desafiado o poder das leis e dos costumes femininos.

Essa história da mulher que termina seus dias numa prisão, por ter desafiado os costumes da época, foi relatada no meio de várias outras: a brava Maria Quitéria com seus próprios ideais, que se vestiu de homem para assentar praça na artilharia e lutar na guerra da Independência; a mártir Joana Angélica, morta a golpes de baioneta, numa versão nacional de Joana d’Arc; Inez de Souza, que ajudou o marido governador a expulsar os invasores franceses, e Anita Garibaldi, que abandonou o lar, fugiu de uma prisão e atravessou um rio a nado, agarrada à crina de um cavalo, para reencontrar seu amor em Vacaria, o revolucionário Giuseppe Garibaldi, 14 anos mais velho.

Ana Miranda faz uma viagem através da vida dessas mulheres para refletir sobre o desafio do feminino no Brasil de hoje e de amanhã. No entanto, entre todas essas mulheres, o breve relato sobre Dorothea Engrassia saltou aos meus olhos como em alto relevo.

¹ Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas. Psicanalista e escritora. Autora do livro *Teresa Margarida: a audácia de uma mulher no século XVIII*.

Por algum tempo quis saber mais sobre Dorothea, a curta narrativa de Ana Miranda aparecia e desaparecia no meu imaginário. Depois me esqueci dela quase completamente. Numa ocasião, anos mais tarde, em uma de minhas visitas a livrarias, encontrei o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*, de Nelly Novaes Coelho. Ali, de forma imprevista, encontrei mais sobre Dorothea. Em sua pesquisa, Nelly traça a trajetória de mais de 1.400 escritoras em três séculos de literatura brasileira, entre elas nossa primeira romancista, Theresa Margarida da Silva e Orta. Assim, fiquei sabendo um pouco mais sobre Dorothea, cujo nome verdadeiro era Theresa Margarida da Silva e Orta. Soube também que, em 1790, uma nova edição do romance foi lançada com a seguinte indicação: seu verdadeiro autor, Alexandre de Gusmão.

Ao longo dos anos, minha curiosidade sobre a vida e a obra de Theresa Margarida só fez aumentar. Quem foi essa mulher que viveu no século XVIII? Como eram sua alma, suas vertigens, seus amores? Casou-se? Teve filhos? Como teria sido sua vida no cárcere? Que romance escreveu? Foi presa por ter ousado escrever? Foi isso? Foi presa porque se disfarçou de homem para conseguir o seu objetivo, ter o seu livro publicado? Como seria o semblante de Theresa Margarida? Seria uma mulher risonha, uma mulher que ousava sorrir e mostrar seus dentes bonitos, apesar de muito provavelmente isto ser uma vaidade condenável?

Theresa Margarida da Silva e Orta nasceu em São Paulo, em 1711. Seu pai, José Ramos da Silva, emigrou para o Brasil muito jovem. Veio trabalhar como criado de servir na Bahia. A mãe, Dona Catarina D'Orta, era brasileira e filha de Matias Rodrigues da Silva, um dos homens mais ricos de São Paulo. Conta-se que São Paulo, no início do século XVIII, ainda era terra de pioneiros. Ouvia-se dizer que os paulistas eram uma espécie de bandidos, gente libertina, sem governo.

Dos filhos de José Ramos da Silva e D. Catarina três eram vivos. Matias Aires, o mais velho dos três, que era filósofo e escreveu *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Theresa Margarida, a filha do meio, e Catarina, que foi freira no Convento de Odivelas.

Nessa época, os nomes escolhidos para as meninas indicavam a santa que a mãe desejava que as protegesse. Segundo a lenda, Santa

Margarida foi engolida por um dragão e saiu intacta de sua boca. Essa santa protegia as mulheres na hora do parto e dava-lhes filhas saudáveis. Theresa invoca Santa Teresa de Ávila, uma freira que realizou uma grande reforma na Ordem das Carmelitas Descalças, fundou vários conventos, com uma rígida forma de vida, trabalho e silêncio, deixou várias obras escritas e é considerada a protetora dos escritores.

José Ramos da Silva partiu para Portugal com a família em 1716, quando Theresa Margarida estava com 5 anos de idade, e de criado a magnata ascendeu socialmente: foi feito Auxiliar do Santo Ofício, recebeu o título de Cavaleiro da Ordem e, logo em seguida, ocupou um dos postos administrativos mais elevados do Reino, o de Provedor da Casa da Moeda. Com uma riqueza sólida, nada poupou para dar aos filhos a instrução e educação que não teve.

Assim que chegou a Portugal, José Ramos da Silva destinou a Theresa Margarida e a Catarina uma vida religiosa, enviando-as para o Convento das Trinas, e a Matias Aires as posses e a descendência dos familiares. Numa sociedade portuguesa altamente hierarquizada, a carreira religiosa era praticamente o único meio de as mulheres receberem algum tipo de instrução igual à recebida pelos homens.

No convento das Trinas, onde Theresa viveu durante 9 anos, dos 6 aos 15 anos de idade, aprendeu a escrever poemas e a falar diversas línguas, como italiano, espanhol, latim, francês, além de ter sido instruída em música e astronomia. Naquela época, estudar astronomia significava romper as barreiras impostas à mulher, já que era uma área da ciência exclusivamente masculina.

Em Portugal do século XVIII as mulheres só podiam falar com frades e padres; quanto à recreação, só era permitido espreitar, através das janelas, quem passasse. Só podiam ser vistas nas igrejas e separadas dos homens. A liberdade vinha apenas na quaresma, quando podiam sair para visitar as igrejas, vestindo uma espécie de casaco que as cobria da cabeça aos pés, mostrando o rosto apenas a quem e quando queriam. A quaresma era a data propícia aos encontros amorosos, que iniciavam por meio da linguagem não verbal de sinais, substituída pelas palavras.

O rei concentrava em si todos os poderes e funções do Estado: a política, a justiça, a administração e a economia. Todos os grupos

sociais estavam subjugados ao poder dele. O monarca recebia o poder diretamente de Deus e, assim, todos os súditos lhe deviam respeito total e obediência.

No reino lusitano, a Igreja também tinha sob seu domínio e responsabilidade o Tribunal do Santo Ofício, conhecido por Inquisição. A Inquisição foi um tribunal eclesiástico destinado a defender a fé católica: vigiava, perseguia e condenava aqueles que fossem suspeitos de praticar outras religiões. Exercia severa vigilância sobre o comportamento moral dos fiéis, censurava toda a produção cultural e resistia fortemente a todas as inovações científicas. A sociedade era ensinada na doutrina da Igreja, que pregava submissão e proclamava a obediência sistemática: ser português no século XVIII era praticamente o mesmo que ser católico. A Igreja, com total apoio do rei, julgava os crimes dos homens e tinha o poder de confiscar seus bens, com receio de que as ideias inovadoras conduzissem os crentes à dúvida religiosa e à contestação da autoridade do papa e do rei.

A educação não tinha o propósito de ensinar o indivíduo a governar seus próprios pensamentos, mas sim de confirmar ideais já estabelecidos. Nessa perspectiva, a ordem estava fundamentada na conservação do estado eclesiástico e na expansão e propagação da doutrina. A vida era toda permeada de simbolismos cristãos, desde o nascimento de uma criança, com o batizado, até a morte, com o viático, confissão, unção dos enfermos, benção do corpo na igreja, enterro acompanhado do clero, com cânticos e orações em um cemitério religioso. As repartições públicas continham crucifixos ou imagens de santos. Nas ruas se encontravam oratórios. O calendário era balizado pela liturgia. O clero tinha destaque em qualquer cerimônia. As festas tinham marca religiosa. O público estava impregnado pelo sagrado, e a Igreja por toda parte se fazia presente. A Igreja fez com que Portugal se tornasse um enorme convento, as Ordenações do Estado se confundiram com as regras da Igreja, não se sabia mais onde começava e terminava o domínio da Igreja.

No entanto, na segunda metade do século XVIII o pensamento iluminista florescia na Europa, tendo como fundamento o racionalismo, o liberalismo e o desenvolvimento do pensamento científico. O

Iluminismo contribuiu para várias transformações culturais, entre elas o apoio na separação gradativa entre Fé (religião) e Razão (ciência). Foi um período singular da história europeia, caracterizado pela ampliação da alfabetização, pela construção de uma incipiente opinião pública e, especialmente, pelo começo de acalorados debates acerca do poder dos reis, da Igreja e das leis e do papel da justiça. Pessoas passaram a contestar o absolutismo do Direito Divino e a criticar os privilégios da nobreza e da Igreja. Favoráveis à liberdade individual do homem, propunham que a burguesia esclarecida integrasse o governo.

Os “estrangeirados”, uma elite de portugueses que residiam e estudavam no exterior, ao retornarem para Portugal, traziam fortes críticas sobre a atuação da Igreja na educação, na política e na economia. Demonstravam indignação diante da soberba e da arrogância da Igreja e dos padrões absolutistas do reino. Eram marginais à sociedade portuguesa católica, conservadora, autocrática, que ainda menosprezava os ideais da Europa.

Em 1728, com 16 anos de idade, Theresa Margarida, à revelia dos pais e possivelmente com a ajuda do irmão Matias Aires, abandonou o convento e se casou com Pedro Jansen Moller van Praet, 10 anos mais velho do que ela. Essa desobediência valeu-lhe as represálias do pai: foi deserdada.

Theresa Margarida e Pedro Jansen tiveram, provavelmente, 12 filhos. Ao primeiro deram o nome de Henrique, em homenagem ao sogro da autora, e ao segundo, o nome de José, em homenagem ao pai. Apesar de a haver deserdado, o pai fornecia considerável ajuda financeira à família, pois eram muitos os gastos com estudos para os filhos, as despesas decorrentes do luxo necessário a quem frequentava a corte e os investimentos na construção e manutenção do engenho de serrar madeira que Pedro Jansen possuía no Brasil.

Em 1743, quando Theresa Margarida tinha 32 anos, morreu o pai, dando início a uma luta feroz com Matias Aires a respeito da herança. Nessa época os ódios estavam acirrados. Em seu primeiro testamento, modificado posteriormente, Matias Aires considerava uma única irmã, Catarina, que, após a destruição do Convento de Odivelas pelo terremoto de 1755, foi morar com o irmão.

No entanto, o ódio parece ter sido dissipado e, muito provavelmente, os irmãos começaram juntos a escrever suas obras literárias. Em 1752, Matias Aires publicou *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, e Theresa Margarida lançou *Máximas de virtudes e formosuras com que Diófanes, Climinéa e Hemirena, príncipes de Tebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça*, oferecendo o livro a D. Maria, filha do rei D. José I.

Theresa Margarida inspirou-se no romance *As aventuras de Telêmaco*, de François Fénelon, publicado anonimamente em 1699. Fénelon era teólogo católico, poeta e escritor francês, nascido em 1651. Suas ideias liberais sobre política e educação se chocavam com o *status quo* da Igreja e do Estado da época.

Máximas de virtudes e formosuras com que Diófanes, Climinéa e Hemirena, príncipes de Tebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça é um romance com narrativa e prosa, personagens, tramas e diálogos repletos de paixões, pertencente à escola francesa. Em sua escrita, Theresa Margarida mostra-se uma estrangeirada. Nos diálogos entre as personagens, defende suas ideias insubmissas que repercutem o convívio da autora com os estrangeirados, entre eles Matias Aires e o diplomata Alexandre de Gusmão: educação igualitária entre meninos e meninas e trabalho para mulheres, independentemente da classe social. Tece severa crítica à ociosidade que lhes era imposta, principalmente às mulheres da corte. Deixa claro um posicionamento contrário ao absolutismo praticado por D. João V e seu fiel ministro Sebastião Carvalho de Mello, depois nomeado Marquês de Pombal; contrário a uma sociedade que enclausurava suas mulheres com o respaldo da lei e as maltratava de maneira totalmente impune.

A escrita de Theresa Margarida foi excepcional até mesmo na questão de gênero literário. Naquela época era incomum que mulheres escrevessem em prosa; mais incomum ainda uma mulher escrever um romance sociopolítico. Theresa Margarida rompeu com as imposições à mulher e escreveu um romance sociopolítico ousado, corajoso. Mas, enquanto Matias Aires immortalizou-se com *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, Theresa Margarida encontrou vários problemas com a publicação do seu livro. Na primeira edição, pressentindo certo perigo, utilizou o pseudônimo Dorothea Engrassia Tavadreda Dalmira.

Conta-se que Theresa Margarida era uma mulher bonita, de complexão robusta e de alegria vivíssima. Seus amigos diziam até que ela havia beijado a mão de D. João V em uma liturgia cristã em Odivelas, onde o rei se encontrava com sua amante, a freira Maria Paula, e que o soberano apreciava o comportamento exuberante da súdita Theresa. Era uma mulher com grande influência e articulação política. Supõe-se que tenha sido uma conselheira secreta de D. João V.

As mulheres em Portugal, naquela época, costumavam usar um penteado simples, um casaco de talhe masculino, bordado ou simples, dependendo de sua condição e fortuna. Por cima do vestido usavam um grande manto preto franzido na cabeça, de tal forma que o rosto e o corpo só poderiam ser vistos por aqueles a quem desejassem conceder este favor. Além disso, quando ousavam escrever, restringiam-se a textos conventuais ou religiosos.

Theresa Margarida insurgiu-se contra a imposição a uma vida no convento e casou-se com o homem que escolhera, à revelia dos pais. Ousou escrever um romance épico que dá mostras de sua erudição e pensamento de vanguarda na época.

Em 1770, viúva e com 59 anos, foi encarcerada por 7 anos no Mosteiro Santa Eufémia de Ferreira de Aves, por ordem do Marquês de Pombal, sob a alegação de ter mentido ao rei D. José sobre a gravidez de Teresa de Melo. Foi acusada e incriminada por acobertar os amores de Agostinho, seu filho mais novo, e Teresa de Melo, herdeira da Casa dos Melo, familiar do Marquês de Pombal. Acusada de perjúrio por ter contrariado interesses do Marquês de Pombal, que não queria ver alguém de sua família casada com um rapaz sem fortuna? Por interesses fraudulentos do tutor e do tio de Teresa de Melo? Crime político? Delito de família? Por ódio do Marquês de Pombal por tê-lo desafiado? Por ser uma mulher oriunda da nobreza, que o Marquês de Pombal desdenhava? Inconfidência? Quais os motivos do seu encarceramento? Apesar dos documentos, há sempre um silêncio na história...

No cárcere, sem luz e sem liberdade, Theresa Margarida escreveu o *Poema Épico-Trágico*, onde deixa entrever sua dor e sofrimento. Por meio de versos, relata que nas 56 léguas do percurso contaram-lhe

sobre seu destino: Mosteiro de Santa Eufêmia de Ferreira de Aves, que tem São Bento como patriarca.

Colocaram-na em uma cela de onde não podia ver nem o sol, nem a lua. Nesta prisão, o rigor do isolamento a colocou quase em sepultura; apenas deixavam na porta comida escassa. Toda companhia era denegada, para oprimir ainda mais sua alma. Nenhuma visita. Nenhum contato. Nem mesmo cartas à sua cara irmã. De missa e sacramentos foi proibida. Sentiu-se tratada como uma inconfidente.

No *Poema Épico-Trágico*, Theresa Margarida protesta contra os seus opressores, esclarecendo que foi injusto o intento, precipitada a violência da mão poderosa do Marquês de Pombal. Escreveu também, enquanto estava aprisionada, uma *Petição que a Presa Faz à Rainha N. Senhora*, pedindo a D. Maria I que a libertasse.

Em 1790 uma nova edição do romance *Aventuras de Diófonos, imitando o sapientíssimo Fénelon na sua viagem de Têlêmaco – por Dorothea Engrassia Távareda Dalmira* é lançada com a seguinte indicação: seu verdadeiro autor, Alexandre de Gusmão.

Muitos são os motivos apontados para que, com quase 80 anos, Theresa Margarida permitisse que o livro viesse a público em nome do seu amigo íntimo Alexandre de Gusmão, então já falecido. Por maior aceitação de um autor masculino? Estratégia comercial, pelo prestígio de Alexandre de Gusmão? Coautoria? Homenagem póstuma, por compartilharem os ideais expressos no livro? Por medo de uma possível retaliação? Por receio de sofrer futuras perseguições políticas e religiosas? Mesmo após a sua morte, em 1793, as divergências e querelas envolvendo sua obra continuaram.

Em 1818 é publicada uma nova edição com a seguinte folha de rosto: *História de Diófanos, Clyminea, e Hemirena, príncipes de Tebas, escrita por Huma Senhora Portuguesa*.

A obra foi publicada pela primeira vez sob o seu verdadeiro nome no Brasil, em 1945. Em 1993, passados 200 anos de sua morte, houve uma republicação pela Editorial Graphia, intitulada *Obra reunida*. Essa reedição contém *Máximas de virtude e formosura*, uma antologia de frases exemplares de acordo com as intenções originais manifestadas pela autora na primeira edição; o romance *Aventuras de Diófanos*; os textos

manuscritos na clausura do Mosteiro de Ferreira de Aves, em Portugal, e depoimentos da época, como o do qualificador do Santo Ofício que liberou o romance para publicação e o do bibliógrafo Barbosa Machado. Contém também estudos críticos realizados no século XX por Ernesto Ennes, Tristão de Athayde e Rui Bloem.

Em 2002, passados 250 anos da publicação do romance, uma nova edição vem a público em Portugal, pela Editorial Caminho. No entanto, essa publicação não contém, como na edição brasileira de 1993, os manuscritos feitos na clausura do Mosteiro Ferreira de Aves.

Alguns defendem *Aventuras de Diófanes* como obra brasileira, devido à nacionalidade da autora; outros, como uma obra portuguesa, pois Theresa Margarida viveu quase exclusivamente em Portugal. Alguns a consideram um romance luso-brasileiro, uma espécie de terreno misto, devido às condições políticas do Brasil colônia no século XVIII. Enfim, é uma discussão em que, por qualquer lado que se assente, Theresa Margarida é apresentada como estrangeira e estrangeirada.

Seu livro obteve quatro edições, todas raras e esgotadas.

Theresa Margarida, a mulher insurgente, destemida e determinada a enfrentar situações adversas, morreu em 1793, aos 82 anos de idade, recolhida na Quinta do Grajal, em Belas, onde vivera tempos difíceis e felizes com marido e filhos. O assento do óbito registra que “faleceu somente com o sacramento da penitência por não dar tempo a moléstia que faleceu”.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Sofia de Melo. *Aventuras de Diófanes*, de Teresa Margarida da Silva e Orta: os ideais de Climenéia e Diófanes à luz dos tempos. *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, Porto, v. 23, p. 325-359, 2008. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/rll/article/view/7965>. Acesso em: 29 jun. 2021.

ENNES, Ernesto. Uma poetisa brasileira. *Revista de história*, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 421-436, 1953.

FLORES, Conceição. *As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal*. Natal: Opção Gráfica, 2006. (1)

FURQUIM, Tania Magali Ferreira. *Aventuras instrutivas: Teresa Margarida da Silva e Orta e o romance setecentista*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/359886>. Acesso em: 28 fev. 2020.

LAMANNO-ADAMO, Vera. *Teresa Margarida: a audácia de uma mulher no século XVIII*. Guaratinguetá, SP: Editora Penalux, 2021. (2)

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993. (Série revisões, 4). (3)

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. *Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal*. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 2002. (4)

SILVA, Fabio M. da. Teresa Margarida da Silva e Orta: problemáticas em torno da nacionalidade da primeira romancista em língua portuguesa. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 19, p. 52–57, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/26198>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SOUSA, Moizeis Sobreira de. *As fontes setecentistas do romance português*. 2014. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

(1) Maria da Conceição Crisóstomo Gonçalves Matos Flores nasceu na Ilha do Faial, arquipélago dos Açores. Reside em Natal desde 1981. É formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Literatura Comparada e doutora em Educação.

Este livro é o resultado primoroso de uma pesquisa apresentada inicialmente como tese de doutorado em Educação e defendida em maio de 2004, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

(2) Romance histórico baseado na vida e na obra de Theresa Margarida da Silva e Orta.

(3) Este livro contém *Máximas de Virtudes e Formosuras*, frases exemplares publicadas pela autora no primeiro exemplar; *Escritos do Cárcere*; o *Poema épico-trágico*; a *Novena ao Patriarca S. Bento*; a *Petição que a presa faz à Rainha N. Senhora* e o romance *Aventuras de Diófanes*.

O livro inclui também estudos críticos sobre a autora e sua obra, elaborados por Célia Montez, Ernesto Ennes, Tristão de Athayde e Rui Boem.

(4) Arilda é Livre-Docente, Doutora e Mestre na área de História da Educação e Estrutura e Funcionamento do Ensino Básico Brasileiro, dedicando-se há muitos anos à pesquisa sobre Educação Feminina.

Este livro é fruto do seu pós-doutorado, a partir do seguinte questionamento: “Se uma das ênfases do Iluminismo é a importância da Educação, no conhecimento universal enciclopedista, quais foram as mudanças ocorridas na vida cotidiana dessas mulheres? Estariam frequentando escolas, publicando livros, atuando na vida pública?”.

Nesta busca, Arilda resgatou do esquecimento diversas mulheres com dotes culturais e artísticos, inclusive Theresa Margarida da Silva e Orta.

Campinas, agosto de 2023.

BIBLIOGRAFIA SOBRE A AUTORA E SUA OBRA

ALVES, Allan. Aventuras de Diófanes: a personagem de ficção no iluminismo lusófono. *Entheoria: cadernos de Letras e Humanas*, Itabaiana, v. 8, n. 1, p. 43–60, jul. 2021. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/4120>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ARAÚJO, Sofia de Melo. Aventuras de Diófanes, de Teresa Margarida da Silva e Orta: os ideais de Climenéia e Diófanes à luz dos tempos. *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, Porto, v. 23, p. 325–359, 2008. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/rll/article/view/7965>. Acesso em: 29 jun. 2021.

ATHAYDE, Tristão [Alceu Amoroso Lima]. Teresa Margarida da Silva e Orta: precursora do romance brasileiro. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 35, p. 4–31, maio 1941.

BLOEM, Rui. O primeiro romance brasileiro: retificação de um erro da história literária do Brasil. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanes*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945a. p. 271–318. (Biblioteca popular brasileira, 17).

BLOEM, Rui. O primeiro romance brasileiro: retificação de um erro da história literária do Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v. 5, n. 51, p. 47–66, out. 1938.

BLOEM, Rui. Teresa Margarida e o romance brasileiro. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanes*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945b. p. v–xvi. (Biblioteca popular brasileira, 17).

BROCA, Brito. As mulheres na literatura brasileira. *In*: BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 76–79. (Coleção estética. Série obras reunidas de Brito Broca).

CABRITA, Lúcia Maria Sánchez Coelho da Silva. *A representação da mulher no pensamento dos filósofos iluministas portugueses*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Românticos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/3708>. Acesso em: 28 fev. 2020.

CARDOSO, Beatriz Amazonas. A prosa transgressora de Theresa Margarida da Silva e Orta. *Revista Desassossego*, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 85–101, dez. 2017. DOI 10.11606/issn.2175-3180.v0i17p85-101. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/130907>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CARDOSO, Beatriz Amazonas. *Eu sou mulher e não tenho a pena de Homero*: Theresa Margarida da Silva e Orta e as origens da escritura feminina portuguesa. 2009. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. DOI 10.11606/T.8.2009.tde-18112009-142648. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-18112009-142648/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CHAVES, Vania Pinheiro. Nas origens do romance brasileiro: as primeiras narrativas de J. M. Pereira da Silva. *Navegações*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 147–153, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2018.2.33155>. Acesso em: 29 nov. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. Teresa Margarida da Silva e Orta. *In*: COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: 1711-2001*. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 611–612.

CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984. v. 3. (Obras completas de Jaime Cortesão; 23. História, 32).

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavareda [Theresa Margarida da Silva e Orta]. *Maximas de virtude, e formosura, com que Diofanes, Clymene, e Hemirena, príncipes de Thebas, vencêrão os mais apertados lances da desgraça*. Lisboa: Na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1752.

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavareda [Theresa Margarida da Silva e Orta]. *Aventuras de Diofanes, imitando o sapientíssimo Fenelon na sua viagem de Telemaco*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1790. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38930>. Acesso em: 4 dez. 2023.

DALMIRA, Dorothea Engrassia Tavareda [Theresa Margarida da Silva e Orta]. *Aventuras de Diofanes, ou maximas de virtude, e formosura, com que Diofanes, Clymene, e Hemirena, príncipes de Thebas, vencerão os mais apertados lances da desgraça*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1777. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=38929>. Acesso em: 4 dez. 2023.

DUARTE, Marta Marecos. Introdução. In: RIBEIRO, Bernardim. *História de menina e moça*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2015. p. 11–40. (Biblioteca fundamental da literatura portuguesa).

ENNES, Ernesto. *Dois paulistas insignes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. (Brasiliana, v. 236). Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/brasiliana/colecao/obras/282/dois-paulistas-insignes-jose-ramos-da-silva-e-matias-ramos-da-silva-eca-contribuicao-para-o-estudo-critico-da-sua-obra-1705-1763>. Acesso em: 29 nov. 2023.

ENNES, Ernesto. O primeiro romance brasileiro e D. Teresa Margarida da Silva e Orta. In: ENNES, Ernesto. *Estudos sobre história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947a. p. 211–228. (Brasiliana, v. 252). Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/obras/estudos-sobre-historia-do-brasil>. Acesso em: 29 nov. 2023.

ENNES, Ernesto. Thereza Margarida da Silva e Orta: primeira escritora paulista e primeira romancista brasileira. *Revista do Institu-*

to *Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. 35, p. 63–89, dez. 1938.

ENNES, Ernesto. Uma escritora brasileira do século XVIII: D. Teresa Margarida da Silva e Orta (1711 ou 12-1793). In: ENNES, Ernesto. *Estudos sobre história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947b. p. 13–61. (Brasiliana, v. 252). Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/obras/estudos-sobre-historia-do-brasil>. Acesso em: 29 nov. 2023.

ENNES, Ernesto. Uma poetisa brasileira infeliz (1711 ou 1712-1793). In: ENNES, Ernesto. *Estudos sobre história do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947c. p. 229–266. (Brasiliana, v. 252). Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/obras/estudos-sobre-historia-do-brasil>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FAEDRICH, Anna. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 11, p. 164-177, set. 2018. Supl. 1. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=a9h&AN=132597312&lang=pt-br&site=eds-live&authtype=ip,cookie,uid>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FLORES, Conceição. *As aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta em terras de Brasil e Portugal*. Natal: Opção Gráfica, 2006.

FLORES, Conceição. Histórias da educação feminina no século XVIII: Teresa Margarida da Silva e Orta, escritora brasileira. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 13., 2001, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: [s. n.], 2001. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais13/arquivos/seminarios/flores_conceicao.htm#_ftnref2. Acesso em: 13 nov. 2021.

FLORES, Conceição. Les genres littéraires et la question de genre dans l'œuvre de Teresa Margarida da Silva e Orta. *Lectures du genre*, [s.l.], n. 9, p. 67-74, 2011a. Disponível em: https://lecturesdugenerrefr.files.wordpress.com/2019/03/flores_r9.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.

FLORES, Conceição. Ousadia feminina no século XVIII: as aventuras de Teresa Margarida da Silva e Orta. In: SEMINÁRIO

NACIONAL MULHER E LITERATURA, 12.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA – GÊNERO, IDENTIDADE E HIBRIDISMO CULTURAL, 3., 2007, Ilhéus. *Anais [...]*. Ilhéus: Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2007. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminario-mulher/anais/sessoes.html>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FLORES, Conceição. Prelúdio para uma obra: as licenças para publicação das aventuras de Diófanes. In: CONGRESSO DE LITURAS DO BRASIL, 14., 2003, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: [s. n.], 2003. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antecedentes/anais14/Sem03/C03006.doc. Acesso em: 29 nov. 2023.

FLORES, Conceição. Teresa Margarida da Silva e Orta (1711-1793). *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 26, p. 189–189, 2011b. Disponível em: <https://convergencialusiada.com.br/rcl/article/view/139>. Acesso em: 10 out. 2022.

FLORES, Conceição. Teresa Margarida da Silva e Orta: uma escritora luso-brasileira do século XVIII. *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, Natal, n. 65, p. 66–80, 2020. Disponível em: <https://anrl.org.br/acervo/edicao-65/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FLORES, Maria da Conceição Crisóstomo de Medeiros Gonçalves M. *Uma mulher e um livro: Teresa Margarida da Silva e Orta e as aventuras de Diófanes*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

FURQUIM, Tania Magali Ferreira. *Aventuras instrutivas: Teresa Margarida da Silva e Orta e o romance setecentista*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/359886>. Acesso em: 28 fev. 2020.

HIPOLITO, Helaine Aparecida. *Aventuras de Diófanes: as aventuras do romance português*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/94148>. Acesso em: 29 nov. 2023.

HISTORIA de Diofanes, Clymenea, e Hemirena, principes de Thebas: historia moral escrita por huma senhora portugueza. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1818. Com licença da meza do desembargo do Paço. Vende-se em casa editor F. B. O. de M. Mechas, no largo Caes de Sodré, nº R. A.

HOLANDA, Sarah Pinto de. As desventuras de uma heroína: uma análise da condição feminina em as aventuras de Diófanos (1752), de Teresa Margarida da Silva e Orta. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS LITERÁRIOS, 15., 2018, Fortaleza. *Anais* [...]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018. p. 22–32. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40046>. Acesso em: 29 nov. 2023.

LAPA, Albino. *Dicionário de pseudônimos*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1980.

MACHADO, Diogo Barbosa. D. Theresa Margarida da Silva e Horta. In: MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora, 1967. t. 4. p. 271–272.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013.

MARTINS, Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues. *Entre as luzes e as sombras do iluminismo: uma edição crítica de aventuras de Diófanos ou máximas de virtude e formosura de Teresa Margarida da Silva e Orta*. 2002. 401 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MARTINS, Heitor (ed.). *The brazilian novel*. Bloomington: Indiana University, Department of Spanish and Portuguese, 1976.

MIRANDA, Ana. A dama estrangeira ou o mistério das letras misturadas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 4 fev. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/04/mais!/10.html>. Acesso em: 27 ago. 2021.

OLIVEIRA, Beatriz Linberger dos Anjos. *As ideias políticas em aventuras de Diófanos de Teresa Margarida da Silva e Orta (1752)*. 2019. Dis-

sertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39315>. Acesso em: 5 out. 2023.

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. Lisboa: Caminho, 2002. (Obras clássicas da literatura portuguesa. Século XVIII, 109).

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. (Biblioteca popular brasileira, 17).

ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Obra reunida*. Rio de Janeiro: Graphia, 1993. (Série revisões, 4).

PERAITA, Carmen. ¿Zenobia gobernante humanista o Zenobia domesticada?: la figura ejemplar de las “claras mujeres” gentiles en de institutione foeminae Christianae de Vives. *Bulletin hispanique*, Bordeaux, v. 101, n. 1, p. 19–39, 1999. DOI 10.3406/hispa.1999.4991. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1999_num_101_1_4991. Acesso em: 27 ago. 2021.

RIBEIRO, Bernardim. *História de menina e moça*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016. (Biblioteca fundamental da literatura portuguesa).

SANTA-CRUZ, Maria de. Aparato crítico. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. Lisboa: Caminho, 2002a. p. 239–251. (Obras clássicas da literatura portuguesa. Século XVIII, 109).

SANTA-CRUZ, Maria de. Brasílicos iluminados nas cortes de João V e José I. In: SANT’ANNA, Affonso Romano de; SANTOS, Gilda (org.). *Brasil e Portugal: 500 anos de enlases e desenlases*. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2000. p. 269–295.

SANTA-CRUZ, Maria de. *Crítica e confluência em aventuras de Diófanos, 1752*. 1990. 690 f. Tese (Doutoramento) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1990.

SANTA-CRUZ, Maria de. Introdução. In: ORTA, Teresa Margarida da Silva e. *Aventuras de Diófanos*. Lisboa: Caminho, 2002b. p. 11–42. (Obras clássicas da literatura portuguesa. Século XVIII, 109).

SILVA, Fabio M. da. Teresa Margarida da Silva e Orta: problemáticas em torno da nacionalidade da primeira romancista em língua portuguesa. *Revista Ártemis*, João Pessoa, v. 19, p. 52–57, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/26198>. Acesso em: 28 fev. 2020.

SILVA, Inocência Francisco da. D. Theresa Margarida da Silva e Horta. In: SILVA, Inocência Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez: estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972. v. 6. p. 317–318.

SOUSA, Moizeis Sobreira de; SILVA, Fabio Mario da. Problemas da autoria e da camuflagem feminina em as aventuras de Diófanos, de Teresa Margarida Silva e Orta. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 49, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/GVzHZYvPGvqPjcTwZMtrVWM>. Acesso em: 29 nov. 2023.

VIDAL, Barros. *Precursoras brasileiras*. Rio de Janeiro: A Noite, 1945.

VILARELHE, Eva Loureiro. Fabricação de ideias e identidade na historiografia literária lusa e brasileira: começa a literatura brasileira com um romance feminista e político escrito por uma mulher? In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., 2014, Coimbra. *Anais [...]*. Coimbra: [s. n.], 2014. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Eva_Loureiro_Vilarelhe.pdf. Acesso em: 29 nov. 2023.

VILARELHE, Eva Loureiro. Pioneirismos esquecidos e esclarecer o esclarecimento: o caso de Teresa Margarida da Silva e Orta e máximas de virtude e formosura. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 7., 2002, Providence, RI. *Actas do [...]*. Providence, RI: AIL, jul. 2002. Disponível em: <https://lusitanistasail.press/index.php/ailpress/catalog/book/25>. Acesso em: 23 nov. 2021.

FONTES CONSULTADAS

AGUILAR, Juan Bautista. *Tercera parte del theatro de los dioses de la gentilidad*. Madrid: Juan de Ariztia, 1738. [16], 356, [36] p. Disponível em: <http://www.iberioamericadigital.net/BDPI/Search.do;jsessionid=C7F41B33FED4F599B81D1DF79B590278?numfields=1&field1=docId&field1val=bdh0000169042&field1Op=AND&advanced=true&hq=true&important=T%C3%ADtulo%3A+Tercera+parte+del+theatro+de+los+dioses+de+la+gentilidad>. Acesso em: 5 abr. 2022.

BECKER, Udo. *Dicionário de símbolos*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 1999. 316 p.

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2 v.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 2 v.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1986. 3 v.

BULFINCH, Thomas. *O livro da mitologia: a idade da fábula*. Tradução Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2013. 412 p.

COMMIRE, Anne; KLEZMER, Deborah (org.). *Dictionary of women worldwide: 25,000 women through the ages*. Detroit: Thomson Gale, 2006. 3 v.

ENCICLOPÉDIA universal ilustrada europeo-americana. Madrid: Espasa-Calpe, 1907. 70 v.

FILHO-família. In: ENCICLOPÉDIA Saraiva do direito. São Paulo: Saraiva, 1977. v. 37. p. 213.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 27. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010. 548 p.

GIORDANI, Mario Curtis. *História da Grécia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 518 p. (Antiguidade clássica, 1).

GRAVES, Robert. *O grande livro dos mitos gregos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008. 874 p.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. 554 p.

GUEVARA, Antonio de. *Epístolas familiares y escogidas*. Barcelona: Daniel Cortezo y C^a, 1886. 358 p. (Biblioteca clásica española). Disponível em: <https://rodin.uca.es/handle/10498/10986>. Acesso em: 5 out. 2023.

GUEVARA, Antonio de. *Menosprecio de corte y alabanza de aldea*. Barcelona: Hieronymo Margarit, 1613. 70 p. Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/11347>. Acesso em: 5 out. 2023.

GUIMARÃES, Ruth. *Dicionário da mitologia grega*. 2. ed. São Paulo: Madamu, 2022. 364 p.

HARVEY, Paul (org.). *Dicionário Oxford de literatura clássica: grega e latina*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. 536 p.

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991. 167 p.

HOMERO. *Iliada*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020. 1048 p.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011. 813 p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008. 870 p.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 405 p.

LEFÈVRE, François; ABILIO, Rosemary Costhek. *História do mundo grego antigo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 485 p.

LÉVÊQUE, Pierre. *A aventura grega*. Lisboa: Cosmos, 1967. 654 p. (Rumos do mundo, 3).

MACHADO, Carla Manuela Sousa. Proteger a honra de órfãs pobres: os dotes de casamento do padre António de Abreu Faleiro na Misericórdia de Braga (séculos XVII e XVIII). In: CONGRESSO HISTÓRICO INTERNACIONAL: AS CIDADES NA HISTÓRIA: POPULAÇÃO, 1., 2012, Guimarães. *Atas [...]*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2012. v. 3, p. 231–250. Disponível em: <https://ch.guimaraes.pt/minutes/1chi>. Acesso em: 5 out. 2023.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *Dicionário etimológico do português arcaico*. Salvador: EDUFBA, 2013. 533 p.

MAXIMUS, Valerius. *Facta et dicta memorabilia*. Lipsiae: B. G. Teubneri, 1888. 672 p. Disponível em: <https://catalog.perseus.org/catalog/urn:cts:latinLit:phi1038.phi001.perseus-lat1>. Acesso em: 5 out. 2023.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. 520 p.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 1997. 352 p. (Os pensadores).

PLUTARCO. *As vidas dos homens ilustres*. Tradução Aristides da Silveira Lobo, Jacques Amyot. São Paulo: Ed. das Américas, 1951. 15 v.

SILVA, António de Moraes; CARDOSO, Júnior; MACHADO, José Pedro; MORENO, Augusto. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949. 12 v.

SOARES, Antonio Joaquim de Macedo; SOARES, Julião Rangel de Macedo. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*: elucidário etimológico crítico das palavras e frases que, originárias do Brasil, ou aqui populares, se não encontram nos dicionários da língua portuguesa, ou neles vem com forma ou significação diferente, 1875-1888. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. 2 v.

TASSO, Torquato. *Jerusalém libertada*: poema. Tradução José Ramos-Coelho. 2. ed. Lisboa: T. Cardoso, 1905. 548 p.

VARIAS noticias importantes a la humana comunicacion. Madrid: Tomas Iunti, 1621. 490 p. Disponível em: <https://patrimonioidigital.ucm.es/s/patrimonio/item/692824>. Acesso em: 5 out. 2023.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidário das palavras, termos e frases*: que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam. Porto: Liv. Civilização, 1962. 2 v. Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo.

VITORIA, Baltasar de. *Primera parte del theatro de los dioses de la gentilidad*. Madrid: Juan de Ariztia, 1737. 679 p.

VITORIA, Baltasar de. *Segunda parte del theatro de los dioses de la gentilidad*. Madrid: Juan de Ariztia, 1738. 590 p. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/segunda-parte-del-theatro-de-los-dioses-de-la-gentilidad/>. Acesso em: 5 out. 2023.

Coleção Escritoras do Brasil

Esta coleção, iniciada em 2018, foi idealizada e tem a curadoria da Biblioteca do Senado Federal

Títulos publicados:

v. 1 – *A mulher moderna*

Josefina Álvares de Azevedo

v. 2 – *Ânsia eterna*

Júlia Lopes de Almeida

v. 3 – *Opúsculo humanitário*

Nísia Floresta

v. 4 – *Mármore*s

Francisca Júlia da Silva

v. 5 – *A judia Raquel*

Francisca Senhorinha da Motta Diniz e A. A. Diniz

v. 6 – *Cancros sociais*

Maria Ribeiro

v. 7 – *Um drama na roça*

Carmen Dolores

v. 8 – *Dálias*

Auta de Souza

v. 9 – *A infanta Carlota Joaquina*

Chrysanthème

v. 10 – *Cantigas das crianças e do povo e danças populares*

Alexina de Magalhães Pinto

v. 11 – *Aventuras de Diófanés*

Theresa Margarida da Silva e Orta

Coleção Escritoras do Brasil

Biblioteca do Senado Federal

escritorasdobrasil@senado.leg.br

A Coleção Escritoras do Brasil busca divulgar o trabalho intelectual das escritoras brasileiras de escassa ou nenhuma presença nos cânones literários, valorizando, assim, as atividades, a produção e o pensamento da mulher na construção da história do Brasil. Também visa preencher uma enorme lacuna na produção editorial no que se refere à publicação de autoras brasileiras, continuamente esquecidas pela divulgação e estudos literários.

As versões digitais das obras da Coleção Escritoras do Brasil estão disponíveis, para download gratuito, na Biblioteca Digital do Senado Federal (BDSF) e na página da Livraria do Senado.



Disponível online

